

Corpos Movediços, Vivências Libertárias

a criação de *confetos* sociopoéticos acerca
da autogestão



Série
Sociopoética





UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

REITOR

José Jackson Coelho Sampaio

VICE-REITOR

Hidelbrando dos Santos Soares

EDITORA DA UECE

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Erasmio Miessa Ruiz

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Luciano Pontes	Lucili Grangeiro Cortez
Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes	Luiz Cruz Lima
Emanuel Angelo da Rocha Fragoso	Manfredo Ramos
Francisco Horacio da Silva Frota	Marcelo Gurgel Carlos da Silva
Francisco Josênio Camelo Parente	Marcony Silva Cunha
Gisafran Nazareno Mota Jucá	Maria do Socorro Ferreira Osterne
José Ferreira Nunes	Maria Salete Bessa Jorge
Liduína Farias Almeida da Costa	Silvia Maria Nóbrega-Therrien

CONSELHO CONSULTIVO

Antonio Torres Montenegro UFPE	Maria do Socorro Silva de Aragão UFC
Eliane P. Zamith Brito FGV	Maria Lirida Callou de Araújo e Mendonça UNIFOR
Homero Santiago USP	Pierre Salama Universidade de Paris VIII
Ieda Maria Alves USP	Romeu Gomes FIOCRUZ
Manuel Domingos Neto UFF	Túlio Batista Franco UFF

COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS

COMITÊ EDITORIAL

Lia Machado Fiuza Fialho | Editora-Chefe
José Albio Moreira Sales
José Gerardo Vasconcelos

CONSELHO EDITORIAL

Antonio Germano Magalhães Junior UECE	Isabel Maria Sabino de Farias UECE
Antônio José Mendes Rodrigues FMHU/Lisboa	Jean Mac Cole Tavares Santos UERN
Cellina Rodrigues Muniz UFRN	José Rogério Santana UFC
Charlilton José dos Santos Machado UFPB	Maria Lúcia da Silva Nunes UFPB
Elizeu Clementino de Souza UNEB	Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior UECE
Emanoel Luiz Roque Soares UFRB	Robson Carlos da Silva UESPI
Ercília Maria Braga de Olinda UFC	Rui Martinho Rodrigues UFC
Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento UNIT	Samara Mendes Araújo Silva UESPI



Sandro Soares de Souza

Corpos Movediços, Vivências Libertárias

a criação de *confetos* sociopoéticos acerca
da autogestão



1ª EDIÇÃO
FORTALEZA | CE
2018



**CORPOS MOVEDIÇOS, VIVÊNCIAS LIBERTÁRIAS:
A CRIAÇÃO DE CONFETOS SOCIPOÉTICOS ACERCA DA AUTOGESTÃO**

© 2018 Copyright by Sandro Soares de Souza

IMPRESSO NO BRASIL / PRINTED IN BRAZIL
EFETUADO DEPÓSITO LEGAL NA BIBLIOTECA NACIONAL

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará
CEP: 60714-903 – Tel.: (85) 3101-9893 – Fax: (85) 3101-9893
Internet: www.uece.br/eduece – E-mail: eduece@uece.br



COORDENAÇÃO EDITORIAL
Erasmio Miessa Ruiz

PROJETO GRÁFICO E CAPA
Carlos Alberto Alexandre Dantas
carlosalberto.adantas@gmail.com

REVISÃO DE TEXTO E NORMALIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA
Maria da Conceição de Souza Santos

CATALOGAÇÃO DA PUBLICAÇÃO NA FONTE
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
Bibliotecária: *Jocelania Marinho Maia de Oliveira* CRB 15/319

Souza, Sandro Soares de

Corpos movediços, vivências libertárias a criação de confetos sociopoéticos acerca da autogestão. / Sandro Soares de Souza. - Fortaleza, CE: EdUECE, 2018.

275 p.

Série Sociopoética

ISBN e-book: 978-85-7826-649-3

1. Vivências sociopoéticas. 2. Autogestão Libertária. 3. Con-
ceitos filosóficos. I. Título.

CDD 300.72



A Caê, meu filho, pelo amor paterno que fez brotar inesperadamente em mim:

“...surpresa, beleza... já chegou, então, vem cá...”

(Caetano Veloso)

A Sandra Petit, por apostar no projeto de pesquisa inicial;

A Shara Adad, por confiar na minha potência criativa;

A tod@s que passaram pelo Coletivo 12 Macacos.





Jamais interprete, experimente...
(Deleuze, Conversações)







Os grupos libertários, as pessoas e os coletivos anarquistas citados ao longo deste trabalho, não comungam, necessariamente, com as concepções sobre autogestão e anarquismo expostas no corpo desta tese, uma vez que são de responsabilidade exclusiva do seu autor – com exceção dos confetos criados pelo grupo-pesquisador.







Sobre o Autor

SANDRO SOARES DE SOUZA

Pedagogo, Professor Adjunto da Faculdade de Educação da UERN e Doutor em Educação pela UFC.

Pesquisador sociopoeta dedicado à Educação Popular e aos Estudos Queer.

E-mail: sandrosoares@uern.br





Sumário

APRESENTAÇÃO — SÉRIE SOCIOPOÉTICA | 17

Shara Jane Holanda Costa Adad

PREFÁCIO | 21

Jacques Henri Gauthier

INTRODUÇÃO: A AUTOGESTÃO LIBERTÁRIA COMO POLÍTICA DO DESEJO MOLECULAR | 25

CAPÍTULO 1

ITINERÂNCIA, POIÉSIS, ANARQUIAS: DEVIR-LIBERTÁRIO COMO POTÊNCIA | 31

1.1 Implicações Libidinais | 32

1.2 Problematicando a autogestão libertária | 37

1.3 Objetivo | 38

1.4 A pesquisa: itinerâncias e pulsões do desejo | 38

1.4.1 Diário: o singular indeclinável | 40

1.4.2 Sociopoética: perceptos criativos, potência do afeto | 44

CAPÍTULO 2

ANARQUIA & ANARQUISMOS: CONTROLE, RESISTÊNCIAS E LINHAS DE FUGA | 51

CAPÍTULO 3

VIVÊNCIA SOCIOPOÉTICA I: MACACO-ANARCO – DEVIR-RAIZ, DEVIR-ANIMAL... | 85

3.1 Vivências sociopoéticas da pesquisa | 86

3.2 Vivência Macaco-Anarco | 87

3.2.1 Mangue do Caça e Pesca, Fortaleza, 16 de dezembro de 2007 | 87



- 3.2.2 *Vivência Macaco-Anarco: Técnica Raízes Expostas* | 91
- 3.2.3 *Listagem de confetos surgidos na técnica Raízes Expostas* | 100
- 3.2.4 *Estudos Transversais: Técnica Raízes Expostas* | 101
- 3.3 *Comunicado Extraordinário da AAO [Associação do Anarquismo Ontológico]: da Autogestão Libertária & de Suas Mutações Macaquinicas no Mangue do Rio Cocó* | 101
- 3.3.1 *Vivência Macaco Anarco: Técnica Escultura na Areia* | 108
- 3.3.2 *Listagem dos Confetos: Técnica Esculturas na Areia* | 117

CAPÍTULO 4

VIVÊNCIA SOCIOPOÉTICA II: O CORPO NÔMADE DO GRUPO-PESQUISADOR

- 4.1 **Vivência Corpo Nômade dos Orixás** | 125
- 4.1.1 *Serra da Pacatuba, Pacatuba-Ceará, 06 de julho de 2008* | 125
- 4.1.2 *Vivência Corpo Nômade dos Orixás: Técnica Narrativas Míticas* | 127
- 4.1.3 *Listagem de Confetos* | 137
- 4.1.4 *Estudo Transversal – Técnica Narrativas Míticas* | 137
- 4.2 **A Contra-Análise** | 143

CAPÍTULO 5

ANÁLISE FILOSÓFICA: AUTOGESTÃO E AS NOVAS SOCIABILIZAÇÕES LIBERTÁRIAS | 153

CAPÍTULO 6

DEVIR-LIBERTÁRIO: SOBRE AÇÕES POLÍTICO-LIBIDINAIS NO SENTIDO EXTRAMORAL | 191

- 6.1 **O Coletivo 12 Macacos: fotografia 3x4 para ficha criminal** | 192
- 6.2 **Foucault e o “sujeito anárquico”** | 196
- 6.3 **O 12 Macacos: um coletivo libertário não-ortodoxo** | 199
- 6.4 **Bicicleta ateia, toca fogo na Assembleia** | 206
- 6.5 **12 Macacos alados não podem trepar sossegados** | 213
- 6.6 **Terrorismo Poético** | 217



- 6.7 O Manifesto do Coletivo 12 Macacos | 223**
- 6.8 Entrevista do Coletivo 12 Macacos ao El Saleroso | 226**
- 6.9 Mais agenciamentos macaquínicos | 233**
- 6.10 Conflitos na cena anarquista local | 236**
- 6.11 Expansão & Autodissolução | 242**

CONSIDERAÇÕES FINAIS
MÁQUINAS DESEJANTES LIBERTÁRIAS:
O DE VIR-REBELDE NUNCA CESSA | **251**

REFERÊNCIAS | 257

GLOSSÁRIO | 265



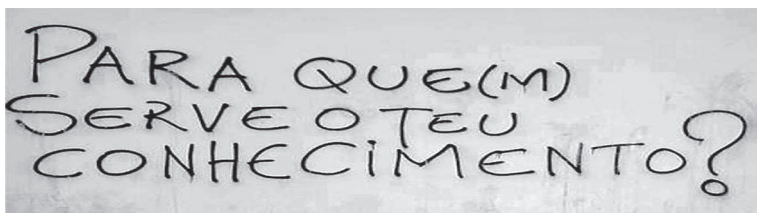


APRESENTAÇÃO — SÉRIE SOCIOPOÉTICA

SHARA JANE HOLANDA COSTA ADAD

Cientista Social de Formação. Especialista em História do Piauí. Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Piauí – UFC. Professora de Sociologia e Antropologia da Educação. Professora da Pós-Graduação em Educação – PPGEd. .Arte terapeuta.

E-MAIL: shara_pi@hotmail.com



Fonte: Santiago Cao, 2014.

Com a editoração da Série Sociopoética no selo Práticas Educativas, o desejo é fazer centelhar nossa produção acadêmica proveniente de estudos e pesquisas, desde a graduação às pós-graduações *strito* e *lato sensu*, em diferentes universidades brasileiras e internacionais. Há mais de duas décadas, saberes e confetos (conceitos + afetos) foram tecidos a partir de diferentes problemas e potências do corpo, ressaltando outros modos de produzir conhecimentos. Com a Série, esses tecidos topológicos podem, a qualquer momento, ser acessados novamente, apesar de contextos diferentes.

Em meio a esse movimento, uma pichação provoca, desloca: **Para que(m) serve o teu conhecimento?** Com ela, as paredes falam e fazem falar! Ao me atravessar, inquietou-me ao chamar atenção para o lugar que habito e me habita há tempos, provocando-me a pensar sobre o meu fazer de pesquisadora da Educação. Para quem estou, como sociopoeta, pesquisando, escrevendo e publicizando os conhecimentos? Para mim, o “para quem” mobiliza, imediatamente, o princípio sociopoético do cuidado com as culturas invisibilizadas, subalternizadas e/ou de resistência.

O que é feito de pedaços é para ser amado.
(MANOEL DE BARROS)

Neste caso, na Série Sociopoética, “Para que(m) serve o conhecimento” está também relacionado aos outros



princípios de pesquisar em grupo, com o corpo todo e com a arte. Esses propiciam o redirecionamento do olhar e o transformar a matéria da ciência do grandiloquente para o *ínfimo*, para o *menor*, para o *abandonado*, para o *traste*, para o *infame*, para o *cisco*, atravessados pela espiritualidade e pela ética no pesquisar, no ensinar e no aprender.

Assim, ao pretender realçar potências do corpo agenciadas nas oficinas, os trabalhos da Série Sociopoética abrem passagem para a produção do conhecimento coletivo, no qual o que se conta não são os indivíduos, mas as relações infinitesimais de repetição, oposição e adaptação que se desenvolvem entre ou nas pessoas do grupo-pesquisador.

Portanto, as escritas desta Série fraturam palavras fadigadas de informar. Quem sabe produzir silêncios na língua e dar passagem aos afetos daqueles que experimentaram palavras que ainda não estão no idioma, apalpando as intimidades do mundo, prestando atenção e desaprendendo oito horas, instituindo outras possibilidades de olhar o mundo, num plano onde não faz sentido distinguir gerações, gêneros, sexualidades, o social e o individual, dentre outros marcadores.

São práticas de criação mestiças que, para estranhar o mundo e criar linguagem, desterritorializam o sujeito pessoal de modo a ampliar os limites do ser humano.

*Tu me abraças matizada, eu te solto chamalotada;
eu te abraço rede, tu me soltas feixe.*
(MICHEL SERRES)

Chamalote sobre chamalote, mestiçagem. Somos uma multidão!

Prof.^a Dr.^a Shara Jane Holanda Costa Adad
Teresina, julho de 2018





PREFÁCIO

JACQUES HENRI GAUTHIER

Formado em filosofia, com mestrados na área e em ciências políticas, e doutorado em Educação pelas Universidade de Paris 8 e Universidade Popular anticolonialista de Kanaky. Com iniciação no candomblé e em reiki xamânico, atua na Acupuntura Tradicional Chinesa. Criador da sociopoética, pesquisa nas áreas de saber e sabedoria, conhecimento e espiritualidade, inter e transculturalidade. E-mail: jacques.jupaty@gmail.com



Talvez seja paradoxal o criador da sociopoética redigir o prefácio de um livro libertário e anarquista, etimologicamente, sem *arkhé*, pois, a criação é *arkhé*, origem, princípio. Esse paradoxo pede para refletirmos sobre, precisamente, a origem da sociopoética que, como nos lembra Sandro Soares, não caiu já pronta do céu, mas se beneficiou de várias práticas prévias, entre as quais, a Assembleia Geral de tipo libertário e instituinte tão valorizada por René Lourau na Análise Institucional e descoberta por mim, na época dos meus 16-17 anos no período de luminosa loucura chamado de “eventos de 68” e as poéticas sociais do Teatro do Oprimido, em que me formei quando ensinava como formador de professores/as, principalmente, em pedagogias que respeitam a diversidade das pessoas e a pluralidade dos caminhos que encontramos-criamos quando devemos resolver uma questão que nos excita e queima, por ser interessante ou, de maneira menos feliz, por ser apenas imposta pela academia.

No Brasil, sem que eu mesmo tivesse consciência, esses dispositivos ecoavam com os Círculos de Cultura do grande pedagogo Paulo Freire. Outra fonte foi a minha militância política contra a colonização francesa da terra de Kanaky (Nova-Caledônia), lá no Pacífico-Sul, luta na qual aprendi muito dos/as companheiros/as indígenas e de sua forma de organização anarco-sindicalista, não por herança da tradição francesa do século 19, e sim de sua própria cultura “sem Estado” nem exploração de classe, apesar de hierarquizada, mas dentro da circulação de reciprocidades.

Sempre resisti às pressões para a sociopoética registrar uma patente, pois ela é propriedade coletiva, tanto no espaço (todxs xs sociopoetxs são cooperadorxs na criação sociopoética contínua, na invenção de novas técnicas de pesquisa e dispositi-



vos instituintes) como no tempo (nossos antepassados também participam do nosso agir atual e talvez, nossxs filhxs e netxs...).

Assim, posso só agradecer Sandro por ter idealizado vivências originais, dentro das energias da natureza e a partir da dinâmica dos corpos, de raízes expostas em esculturas de areia, na movimentação de trilhas entre água e terra, entre o visível e o invisível.

O que me toca é particularmente a *impermanência* dessas realizações estéticas plurais e coletivas, que possuem assim uma forte cor crítica, frente ao fantasma da perenidade acadêmica, à solidez um pouco ridícula dos referenciais teóricos em vigor no pequeno mundo universitário.

Assim se revelou o *singular indeclinável* dos percursos sociopoéticos de alguns macacos e macacas, nas suas itinerâncias pouco acadêmicas e cheias de desejos: assim foi devorada a “autogestão”, num banquete meio conceitual meio vegano. Devorar é bem uma prática animal, um saudável canibalismo paradoxalmente vegetariano das práticas acadêmicas instituídas, com suas justificativas arbitrariamente consensuais do consumo naturalizado das nossas potências de vida.

Vejo este livro como um exemplo de ativismo lúdico e prazeroso, que proclama o absoluto direito de as matilhas externas ou internas ao nosso corpo invadirem nossas pretensões à ordem e ao poder. Ativismo sem cessa repetido, pois o próprio meio libertário sempre fica exposto a negar suas orientações e se transformar naquilo que combate: criar modelos de comportamento, etiquetas moralizadoras, abençoar e condenar, dizer o certo e o errado, ou seja, se metamorfosear em “nudez castigada”.

Trata-se, como queria Foucault, e muitxs outrxs com ele, de não poder ser localizado, localizada pelo poder. O poder como poder de localizar... no tempo e no espaço! Aqui vêm os orixás, com mitos sempre em devir, abertos a interpretações que os transformam em linhas de fuga que nenhum saber acadêmico pode capturar. Parece-me que há no movimento liber-



tário uma luta entre uma forte vontade de pureza revolucionária “sem Deus nem Mestre”, com tendências moralizadoras difíceis de serem combatidas, e a exaltação das impurezas, do Banquete das impurezas na explosão orgástica das pluralidades indeclináveis. Daí o pouco assustador “sexo anal contra o Capital”, onde uma onda de dominação e poder traz por trás o gozo no capitalismo *embundado*. Será que o capitalismo não tem capacidade de gozar das penetrações que sofre? Já que chama para toda forma de sedução? Não teria um inconsciente predador no movimento libertário, sempre envolvido em lutas e lutas de lutas, infinitamente, até as dissoluções e recomposições, e novas dissoluções?

Máquinas de guerra, máquinas desejanter... Sínteses sempre disjuntivas, sem triangulação possível... a não ser que sejamos desde antes do útero já formatados e formatadas pelo terceiro-termo do triângulo? Acho que a questão realmente é de tirar o nome-espaco do Pai, do terceiro que está aqui sem estar realmente, que de maneira falsamente solar mas bem escondida manipula nossas falas, desejos, comportamentos, esperanças e desesperanças. Vejo Guattari devorando Lacan num mangue do Ceará, potencializado por muitos seres trans. Transexuais sem transcendência, transexuais, precisamente, porque sem transcendência. Pervertendo as purezas, além da pureza e impureza.

Neste livro descobriremos tensões - talvez características da realidade libertária - entre os devires diferenciais produtores de singularidades indeclináveis e a ligação comunitária amplificadora e criadora, “longe do equilíbrio”, de harmonias e harmônicas ainda desconhecidas.

Talvez os ancestrais negrindios e negrindias possam nos ajudar e apoiar na nossa autodescoberta e autoconquista das linhas de fuga dentro do corpo coletivo chamado de grupo-pesquisador? Sem perder os devires-criança que Sandro soube muito bem evidenciar, na ludicidade e lucidez de todos os cantos e encantos da natureza.

Jacques Henri Gauthier



INTRODUÇÃO: A AUTOGESTÃO LIBERTÁRIA COMO POLÍTICA DO DESEJO MOLECULAR

O desejo que se vire como puder!
(Guattari, *Revolução Molecular*)

Se o desejo deve se virar, que ele encontre espaços onde sua realização seja intensa, mesmo que breve. Que engendre mil outras pulsões, disseminado ainda mais outros desejos mil. Mil devires, mil platôs...

Esta Tese aborda, nos limites de sua formatação, como uma política do desejo molecular transitou e fez emergir miríades de agenciamentos maquínicos libertários contra as modelizações da subjetividade capitalística. Ou, melhor dizendo: como pessoas e grupos libertários, saturados de relações sociais heterogestoras, construíram espaços e situações de convívio coletivo em que suas vidas foram e, enfim, puderam ser, de fato, autogeridas.

Esta pesquisa trata dos conceitos de autogestão produzidos por pessoas vinculadas a grupos libertários contemporâneos, dentro da cena anarquista local [Fortaleza/CE], e aponta para a emergência de conceitos diferenciados e singulares sobre a autogestão, os quais traçam linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 1997) frente às concepções instituídas.

A pesquisa foi realizada a partir da abordagem metodológica da Sociopoética (GAUTHIER, 1999), com o auxílio do Diário de Itinerância (BARBIER, 2007) como dispositivo de



registro da pesquisa e dos trajetos, às vezes difusos, do pesquisador-facilitador. O Diário de Itinerância, de caráter etnográfico, é o registro escrito dos processos de produção e análises dos dados, e das situações existenciais experimentadas pelo pesquisador institucional, vinculadas ao tema proposto. Esta abordagem revela as múltiplas vivências do pesquisador institucional com as pessoas e os vários grupos autogestionários contemporâneos.

A Sociopoética institui o grupo-pesquisador, corpo coletivo da pesquisa; é o grupo-pesquisador sociopoético, enquanto filósofo coletivo, que produz novos saberes sob a forma de *confetos* – expressão híbrida entre conceito e afeto (PETIT; ADAD, 2009). Isso significa, que a composição do grupo-pesquisador sociopoético teve a intenção de produzir conceitos filosóficos sobre a autogestão. A produção de dados da pesquisa ocorreu a partir de duas vivências de imersão na natureza (Mangue do rio Cocó – Fortaleza/CE; e serra da Pacatuba – Pacatuba, CE).

Eis os limites técnicos por onde reflito, dialogo, relato, e me situo frente ao tema central deste trabalho investigativo: A Autogestão Libertária.

O Capítulo 1 (Itinerância, *Poiésis*, Anarquias: devir-libertário como potência), dedico à apresentação geral do problema e dos objetivos relativos ao tema da pesquisa aqui apresentada, além de expor as abordagens metodológicas eleitas para a produção de novos conhecimentos; Para aproximar-me da conceituação de anarquismo, elaborei o Capítulo 2 (Anarquia & Anarquismos: controle, resistências e linhas de fuga). A trajetória da pesquisa sociopoética, os dados produzidos e a eclosão dos confetos filosóficos estão expostos no Capítulo 3 (Vivência Sociopoética I: macaco-anarco – devir-raiz, devir-animal) e no Capítulo 4 (Vivência Sociopoética II: o corpo nômade do grupo-pesquisador).



Finalmente, no Capítulo 5 (Análise Filosófica: autogestão e novas sociabilizações libertárias), abordo, ainda a trajetória da pesquisa e realizo uma análise filosófica, promovendo o dialogar dos confetos e dos devires produzidos pelo grupo pesquisador com os autores de referência em minha tese, tudo isso costurado com as páginas episódicas do Diário de Itinerância.

O Capítulo 6 (Devir-libertário: sobre ações político libidinais no sentido extramoral) é dedicado a uma reflexão sobre a trajetória errática do Coletivo 12 Macacos, uma vivência grupal que construiu o percurso da pesquisa.

O Diário de Itinerância foi sendo escrito desde 2006, quando ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC, e revela minhas vinculações com a cena anarquista local e nacional, minhas reflexões sobre a autogestão, além de descrever as atividades do Coletivo 12 Macacos, e o devir-libertário dos seus membros. Apenas uma parcela do Diário foi incorporada às páginas desta tese, tudo o mais permanece inédito e não publicado; a seleção do material do Diário – sempre ordenado sob a forma de episódios, com título próprio em negrito encabeçando as narrativas – foi pensada de maneira que suas folhas, distribuídas ao longo do corpo deste trabalho (excetuando-se os capítulo 3 e 4), dialogassem com o tema da pesquisa e revelassem os percalços da própria pesquisa.

Procedi, então, a uma classificação das folhas do Diário, observando os episódios vivenciados e suas vinculações com a autogestão libertária, com o Coletivo 12 Macacos, com o anarquismo, e com os confetos produzidos pela pesquisa sociopoética. Esforcei-me para manter uma relação harmoniosa das folhas do Diário com o todo da Tese, embora o Diário, em muitos casos, pareça rasgar os parágrafos.



Acima de tudo, o papel do Diário de Itinerância é fazer aparecer as singularizações do autor..., um singular indeclinável, pois constituído a partir do vivido e do intenso e, por isso, dito em primeira pessoa – longe de toda e qualquer tentativa de abstração! O desejo desta tese foi construir conceitos a partir do vivido, sem almejar abstrações e generalizações cristalizadoras. Não exatamente O QUE É a autogestão, mas COMO ela FOI POSSÍVEL para mim e para o grupo-pesquisador NAQUELE espaço-tempo, no qual produzimos nossos devires sociopoéticos...

Faz-se necessário falar, aqui, embora brevemente, sobre o Coletivo 12 Macacos, o qual surgiu entre os anos 2007 e 2010 e do qual o autor desta tese foi membro-fundador. Ele se firmou como um grupo-sujeito interessado em construir formas novas de resistência libertária aos dispositivos de disciplinamento e de controle, embora um coletivo libertário não-ortodoxo que produziu subjetividades libertárias criativas e singulares, influenciado pelos conceitos de Terrorismo Poético e de Zona Autônoma Temporária (**TAZ**), propostos por Hakim Bey; pelas experiências de libertação animal; pelo conceito *punk* do *Faça-Você-Mesmo*, pelo anticlericalismo dos anarquistas do início do século XX, pela Cultura Pop e pelo Rock'n Roll dos anos 1960 & 1970; pelo Veganismo (vegetarianismo político) marcante nesse abrir-se do século XXI; pela ancestralidade de matriz africana e indígena; pelas práticas permaculturais, e, fundamentalmente, pelo contato direto com a Natureza.

Durante seu curto período de existência, o coletivo deixou marcas na cena libertária, se aliou a outros grupos e movimentos sociais populares, foi execrado pela ortodoxia anarquista, ganhou admiração e apoio, expandiu suas ações, agiu clandestinamente, autodissolveu-se para não-mais-existir, TORNOU-SE UM ACONTECIMENTO (DELEUZE;



GUATTARI, 1997). O Coletivo 12 Macacos é o cerne desta tese, e pode-se observar isto lendo as folhas do Diário de Itinerância. Entretanto, apesar de ser medular nesta tese, deixo para explicitar melhor a trajetória errática do Coletivo 12 Macacos no último capítulo desta pesquisa, justamente para encerrá-la com o depoimento existencial de entrega a esse momento forte em minha vida: meu devir-libertário, meu sujeito anárquico, meu singular indeclinável...

No corpo da tese, transborda uma escrita entrecortada por outras escritas moduladas em planos sobrepostos, platôs, deslizando uns sob os outros, vinculando-se por ramificações. Uma escrita transversal, atravessando-se: ora diário, ora análise acadêmica, ora delírio, ora notações evasivas, ora glossário. Contudo, quase sempre, cada escrita com formatação espacial e visual distintas.

O leitor irá encontrar, ao longo da tese, palavras, termos ou expressões, destacadas em negrito, as quais carregam, geralmente, sentidos obscuros ou muito restritos a determinadas práticas grupais; ao final deste trabalho, listo estas expressões, sob a forma de glossário, afinando-as com o corpo da tese, para uma compreensão melhor dos seus significados.

A tese está, também, ilustrada com materiais iconográficos, que são o registro fotográfico dos percursos do grupo-pesquisador sociopoético conjugado com as experiências existenciais do pesquisador-facilitador. Gostaria, ainda, de dizer que alguns carimbos com as silhuetas de macacos escaparam do Manifesto do Coletivo 12 Macacos e espalharam-se indiscriminadamente nas páginas deste trabalho.

Enfim, peço, senão desculpas, ao menos compreensão, por minha indiscreta tendência e afinidade com o anômalo, com o herético e com o marginal, como se verá nos capítulos adiante...





CAPÍTULO 1

**ITINERÂNCIA, POIÉISIS,
ANARQUIAS: DEVIR-LIBERTÁRIO
COMO POTÊNCIA**





1.1 Implicações Libidinais

Toda pesquisa tem um início, mas, às vezes, é necessário começar pelo fim.

Fortaleza, 10 de junho de 2010

Singularizações abortadas

Abro aleatoriamente o *Micropolítica: cartografias do desejo* – entrevistas e fragmentos do Guattari –, meus olhos caem exatamente no parágrafo onde está ali escrito: “Há tentativas de singularização que são difíceis, problemáticas, e que acabam sendo abortadas.” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 47). Por alguma razão, me vêm à memória o Coletivo 12 Macacos. Eu paro ali mesmo, eu fecho o livro. Eu saio para tomar um açaí... e esfriar a cabeça. O Coletivo 12 Macacos não existe mais.

Sei disso porque o Tyler sabe.

Toda pesquisa tem um início. Por vezes, este início está situado num ponto ainda não bem definido. Numa espécie de névoa, que aos poucos vai se descortinando e mostrando um cenário rico de possibilidades para o pesquisador institucional. Talvez esse tenha sido o meu caso. No início, minhas implicações libidinais com a temática da autogestão libertária estavam associadas, ao menos parcialmente, com dois fatores que mais diretamente contribuíram para que esta pesquisa se realizasse: a existência do Espaço Cultural Comuna Libertária (2004-2006), em Fortaleza, e a minha participação no Coletivo Navalha (2005/2006), em Mossoró.

Ambas as experiências buscavam construir formas de agregar pessoas em torno de uma vivência libertária e das lutas sociais anarquistas. Foram experiências breves, mas inten-



sas em suas ações e consequências. Uma e outra colaboraram, com diferentes sons e cores, na composição da cena anarquista na região, notadamente no eixo Fortaleza-Mossoró. Frequentando o espaço cultural e participando do coletivo, fui vivenciando meu devir libertário, construindo uma resistência às sujeições capitalistas.

BN-09O Espaço Cultural Comuna Libertária se constituiu num grupo político anarquista contemporâneo que, buscando organizar-se autogestionariamente, agregava correntes e subgrupos diversos. Essa pluralidade ajudava a desenhar um caráter bastante heterogêneo àquele espaço social, uma vez que essa coletividade era composta por sujeitos pertencentes a diferentes tendências: *anarco-punks*, *anarco-vegetarianos(-vegans, freegans)*, ex-ativistas do movimento antiglobalização, protoprimitivistas, *anarco-federalistas*, anarquistas ortodoxos e simpatizantes da causa libertária; além de agregar membros de bandas de *hardcore*, praticantes do ***straight edges***, militantes *skins*. O ponto comum entre tantos grupos, e que possibilitava a agregação em torno da Comuna Libertária, era a noção de luta anticapitalista e anti-estatal. Eram pessoas e grupos que construíam uma resistência ao capitalismo.

Entre os anos de 2004 e 2006 o espaço cultural passou a realizar uma série de atividades, que espelhavam as discussões mais atuais no que tange ao anarquismo. Então, propuseram ações concretas sintonizadas com as ações ocorridas no contexto global – notadamente dos grupos anarquistas contemporâneos e seus enfrentamentos contra os organismos capitalistas internacionais (G-8, OMC, Banco Mundial). A proposta do grupo era a de somar esforços no sentido de criar um espaço de sociabilização de pessoas e coletivos que desenvolvessem estudos e ações em conjunto, tomando as decisões por consenso e encaminhando, coletivamente, o cotidiano do espaço.



A Comuna Libertária se permitia propor situações bastante criativas para agregar e sociabilizar as várias correntes anarquistas no grupo. Além da plenária deliberativa, instância decisória das ações da Comuna Libertária, organizavam-se momentos de sociabilização que permitiam trocas e contatos entre as diversas pessoas e correntes, que pertenciam ou transitavam no espaço cultural, além de possibilitar um contato direto com a comunidade do bairro onde eles se situavam.

Dessa forma, o espaço oferecia algumas atividades, tais como: oficinas (malabares, jornalismo alternativo, teatro da crueldade, capoeira, corporeidade, estêncil, *silkscreen*, culinária vegetariana), *gigs* (festas anarco-punks ou de *hardcore*), banca de vendas (livros, camisetas, cartazes, **patches**, *sticks*, CDs, DVDs), acesso a materiais de leitura, palestras e debates, feijoadas vegetarianas, exibição de filmes, curso de Esperanto. Para manter o aluguel do prédio, o Espaço Cultural Comuna Libertária realizava *gigs* e pedágios regulares, com a participação voluntária dos membros dos coletivos – e esse é um aspecto relevante, porque mostra o esforço de manter uma experiência autogestionária também nos aspectos da gestão financeira do espaço, de forma que as pessoas se sentiam, de fato, participantes e corresponsáveis; mantendo a autonomia da Comuna Libertária, frente aos mecanismos do Estado, às ONGs, aos grupos político-partidários e ao capital privado.

Entretanto, tendo participado das reuniões e outras atividades da Comuna Libertária, a qual era um espaço construído por jovens, pude perceber que este grupo, por mais que se propusesse a construir uma organização descentralizada, não estava livre das contradições que todo e qualquer grupo social pode vir a experimentar. Nas esse sentido, a Comuna Libertária também vivenciou suas e, em alguns momentos, mecanismos de centralização do poder se instauraram no grupo. Con-



ciliar ideários distintos, mesmo dentro de uma experiência autogestionária, é algo difícil de realizar-se. Assim, as relações de poder surgidas dentro do grupo, os efeitos hierarquizantes, que atravessaram as relações interpessoais e o acirramento de posicionamentos divergentes levaram a uma situação de desequilíbrio no plano das decisões e da sociabilização do grupo. Isto é, os conflitos foram tantos que o grupo não pôde se sustentar e as várias correntes e indivíduos procuraram outras formas de organização. Desse modo, as dificuldades em se gerir uma vivência autônoma e coletiva terminaram por inviabilizar a própria existência do Espaço Cultural Comuna Libertária.

O Coletivo Navalha, por seu turno, agregava pessoas por afinidades de interesses libertários e que se propunham a realizar intervenções urbanas de caráter contestatório, mas distinto dos protestos conduzidos por categorias trabalhistas ou partidos políticos de esquerda. Organizavam ações de *estêncil* nos muros da cidade, bicicletadas e protestos lúdicos como o *Buy Nothing Day* (Dia Sem Compras) e o *Festim do Bode* – intervenção-protesto ocorrida na Festa do Bode, contra a crueldade cometida aos caprinos, estudos sobre o anarquismo contemporâneo, e atividades culturais (oficinas, exposições de filmes, saraus literários, organização de *shows* de *hardcore*, organização de veganadas, feitura e publicação de fanzines); o coletivo se vinculava, em rede, a outros coletivos libertários.

As temáticas do Coletivo Navalha giravam em torno do veganismo, da libertação animal, da arte sabotagem, de protesto anticapitalista e anti-estado, da ação direta e da crítica à democracia representativa. As ações e as temáticas eram realizadas pelo coletivo, a partir de uma perspectiva lúdica e prazerosa. E, apesar de uma prática frequentemente descentralizada na gestão das atividades desse coletivo, havia, sub-



-repticamente, uma preocupação de que a heterogestão pudes-
se se apresentar no cotidiano das suas ações.

Como membro do Navalha, pude perceber e vivenciar algumas situações concretas que apontam para as dificuldades em se desenvolver uma experiência autogestionária, mesmo em grupos já iniciados nessas discussões e, portanto, com membros atentos à tendência à hierarquização das decisões. Percebi problemáticas que se apresentaram nessa experiência de gestão libertária: os membros fundadores do coletivo se apropriavam da condução dos processos decisórios, tanto para a seleção de temáticas a serem tratadas quanto para as ações a serem desenvolvidas no grupo; uma centralização nos sujeitos mais experientes nos temas anarquistas, ou naqueles que possuem uma formação escolar mais elevada.

Essa tendência diz respeito a aceitar como legitimadoras da verdade as assertivas elaboradas por aqueles que possuem o conhecimento instituído e reconhecido socialmente. As forças internas no coletivo apontavam para uma autodissolução não-negociada do grupo.

Nas vivências grupais autogestionárias ronda um fantasma: a heterogestão – a possibilidade, naturalizada pelas relações de poder na sociedade e nos grupos, de centralização do campo decisório; a reiteração do papel condutor do líder; a separação entre decisão e execução, a armadilha da representatividade. Ao refletir sobre a relação autogestão/heterogestão, René Lourau, fundador da Análise Institucional, afirma que:

Nós aceitamos, eu e vocês, [...], todas as racionalizações da heterogestão e, em geral, a pensamos insuperáveis. Talvez porque não tenhamos, ainda, conseguido efetivamente inventar a autogestão. A autogestão que existe, a que tem podido existir, acontece dentro de uma contradição total, já que a vida cotidiana, a minha e também



a de vocês, se passa no terreno da heterogestão (LOURAU, 1993, p. 14).

Isso acontece, porque não se aceita os fascismos cotidianos se instaurando sobre suas vidas, porque não se tolera o autoritarismo, e que as pessoas se permitam experimentar formas livres, participativas, colaborativas e autogestionárias de viver. Mesmo correndo riscos ao longo do processo, inclusive riscos de formas autoritárias e fascistas surgirem dentro das vivências libertárias.

1.2 Problematicando a autogestão libertária

Traçando linhas de fuga frente aos sistemas modelizantes da subjetividade capitalística, pessoas e grupos libertários, saturados de relações sociais heterogestoras, constroem espaços e situações de convívio coletivo nas quais suas vidas possam, de fato, ser autogeridas. Esses movimentos autogestionários reinventam revoluções operando no domínio do molecular, de sorte a questionarem o sistema em sua dimensão de produção da subjetividade e a construírem, no cotidiano, formas diferenciadas de estar no mundo.

A autogestão, nessas práticas contemporâneas dos coletivos libertários, é um corpo movediço reinventando-se ao sabor das experiências particulares. Entretanto, estas mesmas experiências não estão isentas de serem atravessadas, eventualmente, por situações de centralização de poder, pela emergência de práticas autoritárias e de personalismos, por momentos heterogestores, pela eclosão de armadilhas da representatividade e pela instalação de micro fascismos. Nesse contexto, que novos conceitos acerca da autogestão produzem esses grupos anarquistas, propositores de vivências autônomas?



1.3 Objetivo

Lidando com coletivos libertários contemporâneos, em suas experiências de sociabilidade autogestionária, a pesquisa buscou descobrir possíveis conceitos novos que estes grupos produzem acerca da autogestão, conceitos que tracem linhas de fuga frente às concepções instituídas.

1.4 A pesquisa: itinerâncias e pulsões do desejo

Não tinha por propósito, quando entrei no Doutorado em Educação, criar um coletivo libertário e realizar uma pesquisa etnográfica com este grupo. Em verdade, queria vivenciar uma experiência autogestionária, embora não soubesse como poderia acontecer isso, como articularia isso. Não poderia imaginar que a vida colocaria as suas engrenagens em funcionamento, de maneira a permitir que estas coisas acontecessem comigo, da forma como se deram. Tem a ver com as pulsões do desejo, tem a ver com os processos de singularização e de revolução molecular interpessoais, o desejo de inventar novas formas de sociabilidade e de combater a modelização da subjetividade de que fala Félix Guattari:

A revolução molecular consiste em produzir as condições não só de uma vida coletiva, mas também da encarnação da vida para si próprio, tanto no campo material, quanto no campo subjetivo.

O que estou chamando de processos de singularização é algo que frustra esses mecanismos de interiorização dos valores capitalísticos, algo que pode conduzir à afirmação de valores num registro particular, independentemente das escalas de valor que nos cercam de todos os lados.

[...]



O traço comum entre os diferentes processos de singularização é um devir diferencial que recusa a subjetivação capitalística[...]. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 46-47) ...

Isso tem a ver com as pulsões do desejo. Tem a ver com o devir-animal e, em meados de 2007, inspirando-me nos exercícios de alongamento com Norval, no Parque do Cocó (Fortaleza), quando subíamos nas árvores, aproveitando os espaços e os desafios naturais, e quando íamos fazer a trilha noturna da lua cheia na Sabiaguaba, pensei em produzir, com a ajuda de Sandra, alguma técnica sociopoética para usar com o Coletivo 12 Macacos. Alguma técnica que propiciasse ao grupo fazer aflorar um devir-animal, uma conectividade com a natureza.

No princípio, a ideia da técnica não envolvia quase nada muito metafórico, nada muito pretensioso. O propósito revelou-se bastante simples, mas ao mesmo tempo, com um potencial enorme de fazer crescer a noção de grupo – não no sentido de unidade, mas no sentido de pertencimento. Pensava que o grupo poderia construir, cada um dos seus membros, um avatar para si. Mas Sandra ampliou essa noção e propôs realizar uma vivência sociopoética na natureza, para a produção de confetos com o Coletivo 12 Macacos dentro da pesquisa; surpresa, eu topei, nesse momento de ousadia epistemológica, em trazer o grupo para dentro da pesquisa. E o coletivo entrou no grupo-pesquisador.

Mesmo assim, convidei para compor o grupo-pesquisador outras pessoas que não eram membro do coletivo, para garantir mais heterogeneidade na produção dos dados. E assim, elaborei um convite aberto direcionado a pessoas e grupos libertários que desejassem participar da pesquisa-vivência sociopoética. Mas o convite não foi bem aceito por uma parcela das pessoas da cena anarquista local, por ter sido feito justa-



mente num período em que afluíam muitos conflitos entre os militantes anarquistas, que se articulavam para compor um novo coletivo. Não se interessaram no meu convite, e ainda me expulsaram gentilmente da reunião. Então, dessa forma, o grupo-pesquisador foi se constituindo.

1.4.1 Diário: o singular indeclinável

Não imagino uma filosofia sem o romance autobiográfico que a torna possível. (Michel Onfray)

A pesquisa foi realizada a partir de duas metodologias distintas, embora estejam em campos proximais: a Sociopoética e o Diário de Itinerância (inspirado em René Barbier), como já dito na introdução.

Uma das metodologias adotadas por esta pesquisa se deu através do registro escrito dos processos de produção e análises dos dados, e das situações existenciais experimentadas pelo pesquisador institucional e que estivessem vinculadas, mesmo que erraticamente, ao tema proposto: o Diário de Itinerância, cuja função é:

(...) revelar a trajetória da pesquisa, os caminhos trilhados na tentativa de apreensão do objeto-tema investigado – as reflexões teóricas, os diálogos com os referenciais advindos das teorias que embasam o olhar do pesquisador-proponente ali vêm à tona. O Diário de Campo é um momento de, ou complementando o texto acadêmico e formal, ou muitas vezes negando sua estrutura rígida, é um momento de análise dos dados produzidos ao longo da pesquisa. Não é mero diletantismo teórico ou delírio estilístico do seu autor. E, acima de tudo, deve ser encarado como PRODUTOR DE DADOS da pesquisa. (SOUZA, 2008, p. 8, grifos do autor).



O Diário foi se constituindo o *locus* de manifestação do **Singular Indeclinável**(explosões!!!!!!), a minha singularização libertária. Para Barrenechea:

Quando Nietzsche, em *Ecce Homo*, fala de sua própria vida, das suas vicissitudes concretas – sua comida, sua dieta, seus livros e suas caminhadas, ele excede o simples exercício autobiográfico. Pronuncia o *singular indeclinável*, provocando, instigando, com sua escrita, outras singularidades. Nietzsche relata sua vida. A partir do vivido, do dito em primeira pessoa, do intenso, situa-se longe das abstrações. (BARRENECHEA, 2000, p. 108-109)

A narrativa memorística, presente no Diário de Itinerância, não quer produzir um expurgo dos episódios vivenciados no meu passado, mas construir ramificações subterrâneas entre o passado e o presente existencial, experimentado pela minha subjetividade para, então, traduzir o passado, produzindo uma narrativa escrita. O que descobri com Deleuze-Guattari me liberta para a escrita: “Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 13). Cartografar minha existência pela narrativa escrita não linear, buscando ramificações subjetivas em que significar é menos importante, porque agora significado e significante são transmutados por memórias pouco fiéis.

E, ademais, a memória é pouco palpável. Então, estou aqui para construir uma narrativa possível de minha vida, uma narrativa mítica de minha trajetória, minha ficção pessoal.

A memória é rizomática. Produz bulbos que se vinculam a outras ramificações, que por sua vez se esparramam e geram novos bulbos. Memórias tuberculares. A conectividade é o primeiro princípio do conceito de rizoma em Deleuze e Guattari,



quando dizem que: “[...] qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 15). Bulbos ocultos, bulbos à mostra, a memória nunca é uma coisa só, mas uma sobreposição de lembranças e um emaranhado de fatos, sensações, esquecimentos. As narrativas memorísticas são uma “dobragem de um texto sobre outro” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 14). Memória – memórias. Memórias são rizomas:

[...] os bulbos, os tubérculos são rizomas. Plantas com raiz ou radícula podem ser rizomórficas num outro sentido inteiramente diferente: é uma questão de saber se a botânica, em sua especificidade, não seria inteiramente rizomórfica. Até animais o são, sob sua forma matilha; ratos são rizomas. As tocas o são, com todas as suas funções de hábitat, de provisão, de deslocamento, de evasão e de ruptura. [...] Há rizoma quando os ratos deslizam uns sobre os outros. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 15)

Com o Diário de Itinerância explico uma espécie de, para usar um termo cunhado por Sandra Petit para esta situação específica, *Etnografia Implicada*, que desenvolvo ao longo da pesquisa. Etnográfica porque interajo, na qualidade de pesquisador, com o grupo no próprio ambiente onde o grupo se experimenta e se organiza; e Implicada porque interajo com o grupo sendo eu mesmo parte do grupo; portanto analiso o grupo e a mim mesmo dentro do grupo.

Evidente, que quando digo “grupo”, neste instante, refiro-me ao Coletivo 12 Macacos, o qual também faz parte do grupo-pesquisador sociopoético. Mas também analiso minhas implicações com a temática a partir de minhas vivências pessoais e analiso as práticas de alguns coletivos envolvidos com experiências de autogestão coletiva. Nas análises, busco poten-



cialidades e limites das práticas de autogestão desses grupos, as contradições, mas também as ações e as práticas diferenciadas que esses grupos vivenciam com relação à sociabilidade libertária e à produção de uma forma de vida mais autônoma, além de como estas experiências se diferenciam, ou não, de outros grupos e tendências de esquerda ou libertária. Apontar as linhas de fuga descobertas dentro dessas práticas com as quais convivi e interagi – foi construído na perspectiva de uma autogestão diferenciada.

[Olhar para o Coletivo 12 Macacos, depois de todas as experiências gostosas e dos momentos sofríveis de conflitos internos insuportáveis, principalmente saber que o coletivo não mais existe, e me lembrar das formas doloridas de sua autodissolução, tem, para mim, um aspecto dos mais terríveis, por conta dos dissabores e dos erros ao longo do processo...]

Fortaleza, setembro de 2009

Um tirano maligno

Conversando com André Moura, sobre as primeiras brigas que ocorreram entre mim e o R... até a grande ruptura, que, no final das contas, fez o grupo se dissolver... o André disse: – você não pode deixar essas coisas fora das análises de tua tese..., porque tem que ver que você tem envolvimento em tudo que está aí, tudo o que ocorreu... você também tem culpa, você agiu... tem todo um relacionamento, e você não pode deixar de fora de sua tese isso... você tem de refletir sobre isso...

Só que como eu estava afetivamente implicado nisso tudo, isso causou uma perturbação muito grande para mim... e não permitiu que eu me distanciasse... até hoje isso causa muitas dificuldades para mim; lembro-me que quando estava



voltando para casa, depois do bate-papo pesado com o R..., eu pensei, aliviado e até com certo entusiasmo, que aquilo tudo renderia páginas boas para o meu diário... mas o afetivo falou mais forte, e me tranquei, numa espécie de choro contido e autocomplacente... coloquei-me como pura vítima de um tirano maligno.

Então, percebi que deveria analisar o lugar que ocupo dentro do coletivo, distanciar-me dos eventos que marcaram a intensa e breve vida do Coletivo 12 Macacos.

1.4.2 Sociopoética: perceptos criativos, potência do afeto

Por que a escolha da Sociopoética como abordagem metodológica da pesquisa? Porque ela institui o grupo-pesquisador, corpo coletivo da pesquisa Sociopoética; porque potencializa esse grupo-pesquisador como filósofo coletivo; porque traz o diferencial de que o grupo-pesquisador sociopoético, enquanto filósofo coletivo, produz novos saberes sob a forma de *confetos* (expressão híbrida, um entre lugar, misto de conceito e afeto). De maneira que a Sociopoética se torna uma abordagem metodológica singular frente a outras práticas grupais de investigação, “notadamente com relação à pesquisa participante e à pesquisa-ação” (PETIT; ADAD, 2009, p.1). Ao tomar os co-pesquisadores de suas pesquisas como filósofos, mediante a instituição do grupo-pesquisador – é interessante realçar que não se trata de um pensar filosófico atomizado na figura do indivíduo, mas do sujeito coletivo da pesquisa –, a Sociopoética “percorre itinerários de invenção e adquire propriedades criadoras, pois ao filosofar, criando confetos, os membros do grupo-pesquisador traçam planos repletos de afetos, advindos de conceitos desterritorializados...” (PETIT; ADAD, 2009, p.12)



A Sociopoética é uma abordagem metodológica de pesquisa e intervenção proposto por Jacques Gauthier, filósofo francês, a partir das ideias de Paulo Freire e sua *Pedagogia do Oprimido*; das reflexões de René Lourau e Lapassade com a *Análise Institucional*; dos princípios do *Teatro do Oprimido*, de Augusto Boal e da *Escuta Mito-Poética* de René Barbier. Em síntese, a Sociopoética preconiza, na voz do seu fundador, alguns princípios, tais como:

(...) – a importância do corpo como fonte do conhecimento; – a importância das culturas dominadas e de resistência, das categorias e dos conceitos que elas produzem; – o papel dos sujeitos pesquisados como corresponsáveis pelos conhecimentos produzidos, “co-pesquisadores”; – o papel da criatividade de tipo artístico no aprender, no conhecer e no pesquisar; – a importância do sentido espiritual, humano, das formas e dos conteúdos no processo de construção dos saberes (GAUTHIER, 1999, p. 11).

O objetivo maior da pesquisa sociopoética é a produção de conceitos filosóficos, a partir das vivências experimentadas pelo grupo-pesquisador. Conceitos filosóficos deleuzianos, os quais são chamados *confetos*, na Sociopoética (GAUTHIER, 2001). Uma mistura gostosa entre a racionalidade e a fruição artística, entre Apolo e Dionísio, entre conceitos e afetos. Os *confetos* são produzidos coletivamente pelo grupo-pesquisador, partindo do princípio de que:

A filosofia consiste sempre em inventar conceitos. (...) A filosofia tem uma função que permanece perfeitamente atual, criar conceitos. Ninguém o pode fazer em seu lugar. Logicamente que a filosofia sempre teve seus rivais, desde os “rivais” de Platão até o bufão de Zaratustra.



A filosofia não é comunicativa, nem contemplativa ou reflexiva: ela é, por natureza, criadora ou mesmo revolucionária na medida em que não cessa de criar novos conceitos. A única condição é de que eles tenham uma necessidade, mas também uma estranheza, e eles as têm na medida em que correspondem a verdadeiros problemas. O conceito é o que impede o pensamento de ser uma simples opinião, um conselho, uma discussão, uma conversa. Todo conceito é forçosamente um paradoxo.

[...] Mas estes são os livros de filosofia. E que o conceito, penso eu, comporta duas outras dimensões, as do percepto e do afeto. É isto que me interessa [...]. Os perceptos não são percepções, são conjuntos de sensações e de relações que sobrevivem àqueles que experimentam. Os afetos não são sentimentos, são estes devires que desbordam o que passa por eles (ele torna-se outro). (DELEUZE in ESCOBAR, 1991, p. 1-2)

Para a Sociopoética tomar forma, ela carece iniciar-se a partir de alguns elementos metodológicos coerentes com os fundamentos teóricos. Penso que, para este caso específico, seria importante cumprir certos preceitos, não dogmatizados, que apontam para a garantia desta coerência. Um dos primeiros é a negociação da pesquisa junto ao público-alvo, que se dá no momento em que se apresenta a proposta e se convida os sujeitos a participar da investigação. Outro elemento metodológico é a própria instituição do grupo-pesquisador, por se tratar de uma pesquisa coletiva: “[...] na Pesquisa Sociopoética, os pesquisadores oficiais se transformam em facilitadores de oficinas e convidam o público-alvo a se tornarem copesquisadores de um tema gerador, a partir de uma negociação” (PETT, 2002, p. 35).



@ facilitador@ pretende ajudar o grupo a desformar o mundo desfazendo-se das referências e teorizações prontas, dos pré-conceitos que impedem formular o novo (produzir linhas de fuga); evitar que fiquem apenas na repetição das naturalizações dadas pelo instituído. (PETIT; ADAD, 2008, p. 8)

Após a composição do grupo-pesquisador inicia-se a produção dos dados através de oficinas. Chama-se produção e não coleta, porque acredita-se que numa pesquisa os dados não se encontram prontos para serem coletados, e sim produzidos pelos copesquisadores. Na sociopoética, o grupo-pesquisador é um filósofo coletivo, e, assim como Deleuze reporta-se ao filósofo como o criador de conceitos, o amigo dos conceitos, na sociopoética, o grupo-pesquisador é o criador dos confetos. Os confetos são criação coletiva.

A construção de dispositivos de produção e análise dos dados da pesquisa é outro elemento metodológico caro à sociopoética. Geralmente, os dispositivos de produção de dados na pesquisa sociopoética apresentam uma carga de estranhamento para os elementos participantes das vivências propostas. Esses dispositivos são construídos de modo a levar os copesquisadores a experimentar os cinco sentidos durante a pesquisa. O objetivo dos dispositivos é fazer com que o grupo-pesquisador produza conhecimentos novos acerca do tema focado. Esse processo ocorre da seguinte forma: ao iniciar as oficinas, o facilitador conduz os copesquisadores a produzirem conceitos acerca de um tema gerador, o qual tanto pode ser escolhido por ele, quanto ter sido sugerido pelo grupo-pesquisador.

Para concretizar este propósito, em primeiro lugar, o facilitador da pesquisa pode realizar um relaxamento, visando baixar as energias de controle da consciência dos copesquisadores, ou pode propor a ativação dos corpos dos membros do



grupo-pesquisador; em seguida, tendo escolhido uma técnica artística, ele a utiliza para fazer com que os copesquisadores construam associações livres entre suas produções artísticas e o tema pesquisado.

Depois de finalizadas as oficinas de produção dos dados da pesquisa, com o grupo-pesquisador, o facilitador distancia-se do grupo para efetivar suas análises acerca do material produzido no processo das oficinas. Em seguida, ele retorna ao grupo para apresentar as suas análises e submetê-las à apreciação do próprio grupo-pesquisador – na sociopoética, este momento é denominado de *contra-análise*.

Por fim, o grupo-pesquisador, junto com o facilitador da pesquisa, decide como vão socializar a experiência vivida na investigação sociopoética para um público mais amplo.

O grupo-pesquisador foi composto, em sua maioria, pelos membros do Coletivo 12 Macacos, além de outras pessoas afetivamente próximas do coletivo. Portanto, o grupo-pesquisador mantém certa familiaridade com o tema pesquisado. Embora tivesse conhecimento de que a sociopoética lida, preferencialmente, com grupos não-iniciados na temática da pesquisa, porque para ela é importante os momentos de estranhamento no grupo-pesquisador durante a produção dos dados da investigação, decidi compor esta minha pesquisa com um grupo de iniciados, porque desejava ver até que ponto os sujeitos iniciados na temática da autogestão, neste caso as pessoas vinculadas a um coletivo libertário ou que têm simpatia pela causa anarquista conseguiriam produzir visões diferenciadas acerca da própria autogestão. Dessa forma, a intenção desta pesquisa foi produzir *confetos* sobre a Autogestão, num Coletivo Libertário, no qual os sujeitos se encontram em um processo de subjetivação anarquista (AVELINO, 2004), um devir-anarco.



Uma pesquisa sociopoética sobre o conceito de autogestão com pessoas que estão próximas de práticas autogestionárias. Qual é o sentido de se fazer uma pesquisa com pessoas que já estão vivenciando, ou desejam vivenciar, a autogestão nas suas relações sociais e interpessoais? Porque há um potencial, dentro do grupo-pesquisador, que pode fazer com que produzam uma contribuição nova com relação ao conceito de autogestão.

Para uma visualização ampla dos momentos da pesquisa sociopoética, organizei as seguintes atividades:

I. **Oficinas Sociopoéticas** -Sob a forma de vivência na natureza, e fazendo uso de dispositivos artísticos para a produção dos dados da pesquisa pelo grupo-pesquisador, a pesquisa propôs duas vivências na natureza: a **Vivência Macaco-Anarco** e a **Vivência Corpo Nômade dos Orixás**;

II. **Análises Classificadoras**—Análise realizada pelo facilitador das produções verbais e escritas dos copesquisadores nas vivências, de maneira a encontrar expressões e ideias, reagrupá-los em categorias, e destacar os potenciais confetos da pesquisa; Para efeito desta publicação, não mantivemos os materiais da Análise Classificatória no corpo deste livro, por se tratar de algo bastante extensivo e pouco prático, sendo útil mesmo para o processo interno dos achados da pesquisa;

III. **Estudos Transversais** – Uma vez destacados os confetos, com seus significados, o facilitador reuniria as partes analisadas, sob a forma de um ensaio artístico-criativo, de maneira a permitir que os confetos possam deslocar-se em fluxos transversais na pesquisa;

IV. **Contra-Análise** – Momento de reunião do grupo-pesquisador para os copesquisadores analisarem os materiais produzidos na pesquisa, os estudos transversais e os confetos.



A Contra-análise envolve todos os dados produzidos nas duas vivências da pesquisa sociopoética;

V. **Análise Filosófica** –Refere-se ao instante de fazer-dialogar com os confetos com os referenciais teóricos do facilitador e o tema pesquisado, de maneira a produzir uma construção filosófica.

Vimos, assim, os passos que delimitei, a partir da Sociopoética, a fim de alcançar a construção de novos confetos.



CAPÍTULO 2

ANARQUIA & ANARQUISMOS:
CONTROLE, RESISTÊNCIAS
E LINHAS DE FUGA





Um velho espectro assombra a ordem capitalística, da Europa aos Estados Unidos, da Ásia à África, da América Latina à Oceania: o espectro do anarquismo. O velho anarquismo está redivivo, depois de tantas mortes. Arquitetaram sua primeira morte, em 1868, nas tramas da Primeira Internacional dos Trabalhadores, sabotado por Marx (SHANTZ, 2004), inimigo feroz de Bakunin; queriam vê-lo morto nas barricadas francesas, após o aparente fracasso da libertária Comuna de Paris de 1871, com o assassinato em massa dos *communards*; liquidaram o corpo do moribundo, em 1920, quando o vilarejo de Gulai-Polé foi atacado e os makhnovistas presos ou executados e, em 1921, quando do massacre dos marinheiros na “Comuna de Kronstadt”, ambos sucumbidos pelo Exército Vermelho, sob ordens diretas de Trotsky, nos primeiros anos da Revolução Bolchevique (ROCKER, 2007); atestaram seu desaparecimento, em 1939, no fogo da Guerra Civil Espanhola, quando a ditadura franquista instaurou a política fascista no mundo – a última morte oficial do anarquismo.

Tramaram contra o anarquismo todos os seus inimigos mortais: o Estado-nação, o fascismo, o cristianismo, o marxismo-leninista, os bolcheviques, os trotskistas, os nacionalistas, o capital transnacional, a “ditadura do proletariado”, a nobreza, as elites. Deus e o Estado. O próprio Marx – mas não necessariamente a obra marxiana.

O velho espectro ressurge em Paris, nas barricadas do desejo, naquele maio de 1968, no entanto, seu corpo não é fantasmagórico. É um corpo juvenil, e fala menos em revoluções e mais em rebeldias e rebeliões, em insurreições e levantes, em



barricadas e manifestações orgiásticas, em quebras de valores e em novas formas de fazer política. Esse corpo juvenil fala em expropriações da mercadoria e alienação do trabalho; denuncia as ditaduras e critica a forma-Estado; contesta a família nuclear e o consumo, ouve Rock'n Roll e experimenta novas drogas; subverte o cotidiano massacrante e reinventa os ideais libertários. É a época dos protestos contra a Guerra do Vietnã e o racismo estadunidense, a favor da libertação feminina e da liberação sexual; deseja o ambientalismo e as comunidades alternativas.

Ressurge, novamente, em 1999. Novos bulbos rizomáticos do anarquismo brotam nas manifestações da Ação Global dos Povos. São megamanifestações anticapitalistas, assombrando, novamente, o mundo adormecido pelo fascismo, pelo neoliberalismo, pelo *welfare states*, pelo socialismo soviético, pela democracia representativa, pelo livre mercado, pelas esquerdas capitalísticas, pelo liberalismo e pelo “nazismo universalizante”. Era a vez de Seattle (EUA) mostrar a força de um anarquismo juvenil insurgente e de enfrentamento. Vários grupos, na sua maioria libertários, protestaram contra a reunião ministerial da Organização Mundial do Comércio (OMC).

As manifestações ocorreram em mais de cem cidades ao redor do mundo, entretanto Seattle concentrou a maior manifestação e as mais impactantes ações contra a OMC. Os grupos de ativistas bloquearam quarteirões inteiros e cruzamentos, de maneira a impossibilitar que os delegados dos governos pudessem chegar ao local da reunião. A reação do Estado foi imediata, com a presença violenta da polícia, do aparato jurídico e da mídia oficial. Os manifestantes resistiram e contra-atacaram; o cenário de repressão e resistência se estendeu por um longo período de tempo. Bombas de gás lacrimogêneo e *spray* de pimenta de um lado, e barricadas e estilingadas de outro.



Foi decretado o toque de recolher, e a Guarda Nacional foi acionada. Entre os vários grupos libertários e simpatizantes, presentes nestas manifestações, destacam-se o **Black Block** e o **Reclaim The Streets** (LUDD, 2002).

Essas manifestações chamam a atenção do mundo, sob dois aspectos [leia-se: da Ordem Político-jurídico-econômica, mantenedora do Estado de Direito e do Contrato Social; logo, da ordem estabelecida pelo Estado Moderno – incluídas aí as esquerdas capitalistas]: 1. As manifestações barraram a reunião anual da OMC; e 2. Dois movimentos novos entravam em cena, (re)criando formas distintas de se fazer política – a festa como manifestação política e a tática de guerrilha urbana como contraposição efetiva à ordem estabelecida. Alguns intelectuais se apressaram para demarcar essas ações como definidoras do início do século XXI.

Foto 1: Membros do Coletivo 12 Macacos (Sandro, de óculos) e Ativismo ABC (Marina e Guilherme).



Fonte: Acervo do pesquisador: entrevista na Casa da Lagartixa Preta, Santo André.

Santo André, 08 de fevereiro de 2008 – Casa da Lagartixa Preta

No Coletivo 12 Macacos temos um **zine** libertário – aproveitei a estadia na Casa da Lagartixa Preta, espaço cultural autogestionário mantido pelo Coletivo Ativismo ABC e realizei



um bate-papo, depois publicado no NPPZine (*NeoPaleolítico Psíquico Zine*):

Entrevista com o Coletivo Ativismo ABC

Logo após o *Carnaval Revolução 2008*, em São Paulo, evento libertário que reuniu pessoas e grupos vegans, anarco-primitivistas, anarco-individualistas e outras correntes, fui conhecer o espaço da Casa da Lagartixa Preta, em Santo André. Foram dias de uma convivência fantástica, com uma galera disposta a construir uma experiência libertária autogestionária. Participei da construção coletiva da horta (permacultura), limpando o terreno no fundo do quintal da casa; ajudei a fazer almoço *freegan*, que a galera faz a partir da coleta de verduras e legumes na feira; doei uns livros para a biblioteca do Coletivo. Rolou também o debate com o John Zerzan, pensador norte-americano anarco-primitivista. Muitas trocas de saberes, muita afetividade, novas amizades, e novos vínculos. Numa tarde, a gente bateu esse papo:

NPP Zine – Como surgiu o Coletivo Ativismo ABC?

Guilherme – Várias pessoas entraram nas ações diretas antiglobalização da AGP (Ação Global dos Povos – uma série de ações mundiais articuladas entre grupos e pessoas anarquistas ou simpatizantes, que protestaram contra o Banco Mundial, a OMC, o FMI, o BID, e o G8.);Então, tinha uma galera do ABC lá em São Paulo nessas ações, de 2001, e ao mesmo tempo, algumas já se conheciam e começaram a fazer coisas juntos. Mas o coletivo não existia ainda. Uma pessoa que a gente não chegou a conhecer, porque não participou da manifestação que ela mesma chamou pela lista de discussão da AGP, organizou um protesto contra a destruição de um casarão histórico aqui, em Santo André, para dar lugar a uma lanchonete da McDonald. Ela colocou na lista e várias pessoas apareceram, cada uma trazendo uma coisa interessante para o grupo; por exemplo, eu e o Maurício (o Mao) fizemos um panfleto tipo “Santo André X McDonald” (uma coisa louca, meio que de jogo [de futebol]); tinha o Marcel, que também participou do coletivo, e a gente encontrou o Cabeção, o Parreira, o Paulo...,



o Suvaquinho (fala do Caio Mona) ..., com uma faixa contra a destruição do casarão e estavam pintados de Ronald McDonald – o palhaço que representa a empresa McDonald.... Aí, o Caio Juca e o irmão dele levaram outro panfleto e misturamos tudo e todo mundo ajudou naquele dia. Fizemos uma lista de discussão por *e-mail* e começamos a nos encontrar e, então, começamos a propor atividades aqui....

— “Aqui em Santo André”, completa Ellen...

— É, aqui no ABC... e desses encontros...

Caio Mona -surgiram outros protestos. Protestos contra o McDonald também. Me lembro que eles já tinham destruído o casarão, e eu participei de um protesto em frente ao McDonald com uma batucada.

Guilherme – Como é que a gente se sustenta hoje para o coletivo poder funcionar... tipo com a valorização da diferença, da liberdade, da solidariedade, da autogestão, da ecologia? A gente não definiu que era anarquista, até porque tinha gente que não era. Mas daí a gente trouxe os princípios, e assim a gente tá funcionando.

Caio Mona – Hoje em dia é quase todo mundo anarquista. Quer dizer, tirando eu, que sou monarquista e a Marina, que é fidel-lita (risos) e a Nathália, que é budista.

Ellen – Tinha um som *punk*, em São Bernardo, e aí o Coletivo foi fazer uma atividade e foi lá que eu entrei no Coletivo, oficialmente. Assim... Logo depois de algum tempo de coletivo, fazendo manifestações de rua, fazendo algumas intervenções urbanas, a gente pensou que queria um espaço, a princípio para nos reunir, para criar um espaço de convivência. A gente começou a procurar casa e organizar *shows* para fazer caixa... então, a gente fez assim uns cinco *shows*, que se chamavam-

Com Causa, Pela Casa. A gente alugava um galpão, organizava o *show*, cobrava a entrada, vendia comida. Foi uma fase bem legal, que aproximou bastante o pessoal do Coletivo. E a gente fazia um debate nesses *shows*.

NPP Zine – O Coletivo, nessa época, se definia como vegano ou vegetariano, ou algo assim?



Ellen – Não. O Coletivo tem pessoas que consomem carne, veganos e vegetarianos. **Guilherme** – No começo, na época em que a gente montou a casa, teve um pouco mais de conflito, porque tinha uns que achavam que não tinha nada a ver parar de comer carne, e outros que eram vegetarianos ferrenhos; mas acho que hoje as coisas sossegaram mais, porque não tão fazendo disso uma coisa muito problemática mais.

Ellen – Aqui, na Casa, nunca rolou de comer carne. Quando a gente faz comida aqui, a gente procura fazer comida vegetariana. Ficamos um ano fazendo *shows*, aí em 2004, alugamos essa casa. E foi uma época que eu tava afastada do coletivo porque tava estudando pro vestibular.

Guilherme – Então... foi uma época em que a gente aprendeu muito junto, trabalhando muito, reformando a casa, começando a fazer a horta... e começou a campanha de doação das coisas (livros, armários, móveis... tudo). Tinha pessoas que eram solidárias.

A **Batalha de Seattle** – conhecida como N30, porque aconteceu no dia 30 de novembro, é um marco político importante para a reorganização de grupos anarquistas e a disseminação de desejos libertários em todo o mundo... O que esta batalha representa, para ser tão referenciada no meio intelectual e político? Seattle significa a resistência política de grupos humanos aos ditames do capitalismo contemporâneo, a construção de uma ética libertária anti-poder.

Os eventos que se sucederam à Seattle, e foram vários ao longo daqueles anos, muitos noticiados pela mídia dominante, instauraram novos olhares e novas perspectivas para o mundo, notadamente para a Anarquia – Praga (S26), em 2000; Québec (A20), 2001; Gênova (J20), em 2001; São Paulo, em 1º de maio de 2000. Fortaleza faz parte desse momento importante por agregar inúmeros indivíduos e grupos anarquistas que chegaram a realizar protestos, entre os dias 11 e 13 de mar-



ço de 2002, contra a reunião do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento); durante este ato, cinco mil pessoas são reprimidas pela polícia, e o cantor Manu Chao faz um *show-protesto* contra a repressão policial e contra o BID; as pessoas cantam “Clandestino” e “Desaparecido” (RYOKI; ORTELLADO, 2004).

Durante as manifestações, liam-se frases que se reportavam a Maio de 68, pelo conteúdo contestador e pela criatividade: “Que a nossa resistência seja tão transnacional quanto o capital”, “Estamos vencendo!”, “Sejamos realista, exijamos o impossível!”, “Surrealista é a terceira guerra mundial”, “Se não há dança, não é a minha revolução”. O século XXI pronunciando sua potência anárquica nos fins do século XX.

Imagem 1:



Fonte: Acervo do pesquisador.

O anarquismo contemporâneo trouxe outras formas de ser da anarquia e das lutas políticas libertárias – novos devires anárquicos. O anarquismo, em verdade, só se pode compre-



endê-lo como anarquismos, como multiplicidade, como devir (DELEUZE; GUATTARI, 1997), pois abarca uma série distinta de experiências de autonomia e práticas de auto-organização que vão do anarco-sindicalismo às Comunidades Utópicas do século XIX; dos Sovietes Libertários ao pacifismo-cristão de Tolstói; das Escolas Livres da década de 1960 aos coletivistas espanhóis dos anos 30; dos comunadados do século XIX ao veganarquistas do século XXI; de Max Stirner a Bob Black, passando por Foucault-Deleuze; dos anarco-primitivistas estadunidenses aos eco terroristas globais; dos bakuninistas plataformistas à **TAZ** de Hakim Bey, dos mutualistas proudhonianos aos dissidentes de Maio de 68, dentre outras.

Todos se abrigam sob a bandeira libertária, embora para grupos e sujeitos esta bandeira tenha cores, tons, texturas, odores e pesos diferenciados. Para os anarco-sindicalistas, ela é preta e vermelha; para os anarquistas primitivos, ela será preta e verde; para os expropriadores, ela é negra, como a bandeira de um pirata – como assim o é para Bey. Guerreiros insurgentes, nômades:

[...] os anarquistas não cessam de acontecer. No campo e nas cidades, na produção e na cultura, na vida diária, eles inventam costumes libertários que desintegram hierarquias, abalam a propriedade, corroem o estado, estraçalham o indivíduo. (PASSETTI, 2008, p.110-111)

Proudhon foi quem primeiro usou o termo *anarchiste* (anarquista) para referir-se a si mesmo, quando a expressão tinha um desenho difamatório, especialmente usado para os que estavam à esquerda durante o processo conturbado da Revolução Francesa – *anarchistes* eram os que não deviam obediência às autoridades, os sem governo, os arruaceiros, os baderneiros, os sem princípios morais, os sem família. Ele percebeu



o potencial contestatório da palavra anarquia, enquanto negação da autoridade e das formas de governo. Em 1840, no seu famoso ensaio “O que é propriedade?”, Proudhon se intitula, então, anarquista.

Anarquia, na acepção etimológica do termo, significa “sem governo” (“na” = ausência + “archon” = governante; e “ia”, partícula que designa estado ou condição de). O anarquismo propõe-se a construir um novo ordenamento social sem Estado – pela crença de que o Estado representa a heterogestão (gestão de outrem) e de que é necessário aos homens e às mulheres livres gerirem suas próprias vidas (autogestão). Sem governo, desgovernados, ou como pontua Woodcock (2002) acerca de Proudhon:

Embora seu discurso a favor das expressões *anarquia*, *anarquista* e *anarquismo*, Proudhon preferia ser reconhecido como mutualista:

(...) Proudhon vivia voluntariamente isolado do mundo político do século XIX. Ele não desejava ter seguidores, rechaçava com indignação as sugestões de que teria criado qualquer tipo de sistema e é quase certo que se alegrava pelo fato de durante quase toda a sua vida ter aceitado o título de anarquista em virtual isolamento. Mesmo seus discípulos mais chegados preferiam ser chamados de mutualistas, e foi só nos últimos anos da década iniciada em 1870, depois do rompimento entre os discípulos de Marx e Bakunin, ocorrido durante a Primeira Internacional, que esses últimos – que eram, indiretamente, discípulos de Proudhon – começaram, a princípio com certa hesitação, a intitular-se [*sic*] anarquistas. (WOODCOCK, 2002, p. 11, v. 1)

Os anarquismos, ao longo dos séculos XIX, XX e o atual XXI, construíram-se como experiências políticas e existenciais, como proposição efetiva na construção de outros mun-



dos – não-hierarquizados, sem as distinções de classes sociais, sem as opressões da autoridade alheia, sem as pressões do capitalismo sobre a humanidade, sem a alienação do trabalhador pela fragmentação do processo produtivo, sem a propriedade privada dos meios de produção, e, principalmente, com a liberdade política e a igualdade econômica para todos. No centro do ideário anarquista estão a construção de vivências autogestionárias e a luta pela supressão de toda e qualquer autoridade que, heterogestionariamente, se sobreponha aos outros sujeitos, quer seja sob a forma de governo, quer seja sob a forma do capital, quer seja na forma de alguma instituição social – ou qualquer outra forma que venha a tomar a opressão, lembrando sempre que a opressão pode vir de dentro dos próprios grupos libertários, pois eles não estão isentos de serem atravessados por momentos fascistas.

Mas como apreender a ação política ao longo do século XX, e nele compreender o que se passou com os anarquistas? Para isso, é preciso apreender as mutações ocorridas naquele século quanto às estratégias organizacionais do capitalismo. Foucault (2007) nos fala de uma *Sociedade Disciplinar*, a qual opera por controles descontínuos sobre espaços delimitados – a organização de grandes meios de confinamentos (a prisão, a escola, a família, a fábrica, a caserna, o hospital) – e demanda concentrar, distribuir no espaço, ordenar no tempo, de forma a extrair o máximo de energias econômicas do corpo, compondo uma força produtiva, cujo produto deve ser superior à soma das forças elementares (DELEUZE, 2008), reduzindo ao mínimo as energias políticas (FOUCAULT, 1977). As *sociedades disciplinares* aconteceram entre os séculos XVIII e XIX, tendo seu apogeu e declínio em meados do XX, quando, no pós-guerra, se estabeleceu sua substituição pelo que Deleuze denominou de *Sociedade de Controle*.



A Sociedade de Controle tem por base a comunicação instantânea e o controle contínuo, opera por modulações, ondulações. Não se trata unicamente de confinar, mas de controlar, continuamente, todos, em todos os lugares, especificando que:

As sociedades disciplinares têm dois pólos: a assinatura que indica o indivíduo, e o número de matrícula que indica sua posição numa massa. É que as disciplinas nunca viram incompatibilidade entre os dois, e é ao mesmo tempo em que o poder é massificante e individuante, isto é, constitui num corpo único aqueles sobre os quais se exerce, e molda a individualidade de cada membro do corpo [...]. Nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura e nem um número, mas uma cifra: a cifra é uma *senha*, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por palavras de ordem (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). [...]. Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se “dividuais”, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou bancos”. (DELEUZE, 2008, p. 222).

Com relação à Sociedade de Controle, Dorea (2002) explica que, para Deleuze:

(...), não se exige mais a autoridade centralizada e repressiva, pois ela passa a coexistir com o autocontrole estabelecido no âmbito das relações horizontalizadas e aparentemente livres de qualquer coerção. Considerando-se o espaço liso, quando o capitalismo busca preencher todas as lacunas em aberto, o que tende a prevalecer é uma espécie de confinamento sem a eloquência de instituições segregacionais e repressivas.



O controle, de agora em diante, ocorre nas ruas, nas praças, no lazer, na frente da televisão, enfim, na vida existencial de cada um. Por conseguinte, territórios existenciais estão sendo continuamente desterritorializados e reterritorializados por fluxos que surgem e ressurgem de formas inesperadas e mesmo inusitadas, no âmbito do que Deleuze chamou por “técnica imediatamente social”, em que se procura não deixar espaço para o dissenso em relação ao modo de vida estabelecido pelo capitalismo. (DOREA, 2002, p.12)

Essa é a nova mutação do capitalismo. E é nesse capitalismo de fluxos produtivos contínuos, que se movem as formas políticas de adesão, de oposição e de resistência. Nos interessam as resistências; e, nas resistências, os anarquismos contemporâneos.

Interessa saber os desdobramentos disso em meio às forças políticas anticapitalistas. Sob que modelagem essas forças operam, ou podem vir a operar suas ações, seus desejos. Se nas sociedades disciplinares as atuações dessas forças, (marxistas e anarquistas, por exemplo) se apresentavam sob a forma de contra posicionamentos (massa x elite, capital x trabalho, produção x tempo livre, esquerda x direita), nas Sociedades de Controle, esses contrapositionamentos não dão conta de pôr em risco o capitalismo, mas, em muitos casos, eles suscitam uma colaboração com o modo de produção da mercadoria e de captura dos desejos.

A sociedade de controle exige participação, ela convoca essa participação: “Não se investe mais em destruir ou minimizar as resistências, mas em capturá-las e incluí-las, pormeio da convocação à participação” (PASSETTI, 2008, p. 114, grifos meus). Convocação ao trabalho, dedicação ao emprego, participação cidadã nos pleitos eleitorais, programas de inclusão, po-



líticas públicas, educação continuada, vida cidadã. Cidadania. Adesão – Trabalho, Produção, Consumo.

Fortaleza, 10 de setembro de 2010.

Trabalho, produção, consumo!

Trabalho, produção, consumo! Brada o vocalista da banda *punk hardcore* Vingança (Fortaleza – uma das mais respeitadas na cena musical *underground* brasileira). Mas não como autoconvocação inclusiva no sistema capitalista. Ele brada, acompanhado por uma massa de outros jovens que se atira sobre o microfone, gritando o refrão dessa “música suja” e inaudível: *trabalho, produção, consumo!* É uma denúncia do ciclo produtivo da mercadoria que captura a mente e os corpos. Mas é mais do que uma denúncia, é uma renúncia, um contra fluxo à ordem capitalística. O *show* é uma TAZ, a banda um agenciamento maquínico anticapital. Faz correr os fluxos de uma Política do Rebelde (inconformista) e emergir um hedonismo pragmático instantâneo. É sempre uma máquina de guerra dilacerando a estrutura-Estado. Saúde & Anarkia a tod@s.

A política da cidadania – esse *show* de horrores em que, desgraçadamente ou voluntariamente (e isto significa dizer factualmente) caíram as lutas políticas da classe trabalhadora e os movimentos sociais ao longo do século XX, com que hoje se encontram enredados numa trama claustrofóbica, em que as lutas e as resistências foram subsumidas pela conquista gradativa de direitos constitucionais (o velho contrato social), a política da cidadania, com seus direitos e seus deveres, com seus universalismos legais, sua democracia representativa e seu sufrágio universal, sua inclusão social, seu burocratismo, tem produzido conformismos e levado a um estado de letargia as forças potencialmente contestadoras da ordem social. Mas tudo isso não é completamente preocupante, porque a rebeldia não tem um centro de eclosão (apesar de os marxismos do século XX terem apontado o seu “operariado revolu-



cionário” como a vanguarda *par excellence*). Contudo, raízes ramificadas que se irradiam em direções inesperadas sempre surgirão como explosões contestatórias da ordem social capitalística.... Os libertários eclodem esquizofrenicamente, como formas pestilentas que vêm ao mundo para desafinar o coro dos contentes.

A democracia representativa quis matar a anarquia. Toda essa democracia, essa democracia burguesa, com seus programas governamentais, suas políticas de estado, o empreendedorismo do capital, as taxas de desenvolvimento, a economia planificada, a economia de mercado, a conjuração da mídia. A democracia envia seus esforços em nos manter enredados na trama capitalística do trabalho, da produção e do consumo. Mas não se pode matar o potencial criativo e contestador dos libertários.

Fortaleza, dezembro de 2006

Cena única (que se repete, num eterno retorno trágico)

Nos cursos de marxismo dos partidos de esquerda, nos anos 80, muito jovem ainda, com 15-16 anos, eu me sentia bastante incomodado. Sim, era o que eu mais desejava. Vincular-me à esquerda. Lutar contra o Capital. Contra todas as formas de opressão. Construir uma vida mais livre. Mas algo me incomodava. Tudo me parecia uma pequena fábrica de militantes alienados repetindo o catecismo da esquerda. O discurso libertador, na forma autoritária. O dogma da salvação das esquerdas nos discursos e nas vivências ainda tão autoritárias quanto nas instituições conservadoras. Frequentei esses partidos por pouco tempo. Mas acompanhei toda a trajetória do partido. Não comungava com o que via e sentia naquela atmosfera. A hierarquia nos partidos. As disputas internas das correntes. As manipulações e as mentiras. O centralismo decisivo, disfarçado sob o discurso da “consulta às bases”. As brigas camufladas pela conquista da direção, sindicato por sindicato.



A luta pelo poder do Estado. A perpetuação da estrutura estatal. As alianças cada vez mais ao centro e à direita. As plataformas da esquerda não passavam de um redesenho do liberalismo tipo século XIX, um neoluminismo como estratégia política e discurso filosófico. Uma esquerda que deseja apenas realizar o projeto burguês da Revolução Francesa. Igualdade, fraternidade e liberdade, sob o jugo do capital. A perpetuação da lógica do capital, sob a forma do discurso de esquerda. A disputa pelo Poder. Isso me incomodava porque não havia me proposto a ser rebanho de instituições conservadoras. Eu era, desde muito moço (e moço que eu era e já sentia isso), um espírito-livre. Esforçava-me para sê-lo. Nietzsche soprara em minhas ventas: “Eu vos digo: é preciso ter ainda caos dentro de si, para poder dar à luz uma estrela dançarina. Eu vos digo: ainda há caos dentro de vós”.

* **

O Poder como uma coisa, um lugar. O Poder como um cargo, uma função. O Poder. As esquerdas tradicionais se formam para disputar a esfera do Poder instituído. O Poder-Soberano, o Poder-Estado. Para desse lugar-Poder instituir suas políticas. Perpetuação. A tragicidade que vem do fato da esquerda não só desejar o Poder, mas efetivamente, **tomar** esse Poder; reside em que esse herói, como ademais em toda tragédia, não realiza seu projeto existencial – mas no caso da esquerda conservadora, esquerda capitalística, esse *não-realizar-se* não implica em que ela **não tome**, de fato o Poder; ela o **toma**, sim, mas sob circunstâncias tais que, ao “chegar” ao lugar-Poder, ela já não é o que havia se proposto, e, uma vez nesse lugar-Poder, é preciso manter-se nesse *status* do Poder-Estado. O que, não raramente, implica que é necessário estabelecer alianças com os setores mais conservadores e corruptos para que esse lugar-Poder permaneça por ela “ocupado”.

A esquerda capitalística encara o Poder como uma coisa, um “lá”, um “lugar”. Foucault, ao analisar a Sociedade Disciplinar, no ensaio Soberania e Disciplina, apresentado ao *Collège de France* [1976], coloca uma precaução metodológica ao investigar o Poder, quando diz que:



[...] não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder – desde que não seja considerado muito longe – não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. [...] Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. [...] o poder passa pelo indivíduo que ele constituiu. (FOUCAULT, 2004, p. 183-184)

Perguntado [em entrevista cedida à revista *Quel Corps?*, e publicada sob o título Poder–Corpo] se não negligenciaria o aparelho de Estado, ao analisar os micro poderes que se exercem no cotidiano, Foucault responde:

Realmente, os movimentos revolucionários marxistas ou influenciados pelo marxismo, a partir do final do século XIX, privilegiaram o aparelho de Estado como alvo da luta.

A que foi que isto levou? Para poder lutar contra um Estado que não é apenas um governo, é preciso que o movimento revolucionário se atribua o equivalente em termos de forças político-militares, que ele se constitua, portanto, como partido, organizado – interiormente – como um aparelho de Estado, com os mesmos mecanismos de disciplina, as mesmas hierarquias, a mesma organização de poderes. Esta consequência é grave. Em segundo lugar, a tomada do apare-



lho de Estado – esta foi uma grande discussão no interior do próprio marxismo – deve ser considerada como uma simples ocupação com modificações eventuais ou deve ser a ocasião de sua destruição? Você sabe como finalmente se resolveu este problema: é preciso minar o aparelho, mas não completamente, já que quando a ditadura do proletariado se estabelecer, a luta de classes não estará, por conseguinte, terminada. É preciso, portanto, que o aparelho de Estado esteja suficientemente intacto para que se possa utilizá-lo contra os inimigos de classe. Chegamos à segunda consequência: o aparelho de Estado deve ser mantido, pelo menos até um certo ponto, durante a ditadura do proletariado. Finalmente, terceira consequência: para fazer funcionar estes aparelhos de Estado que serão ocupados, mas não destruídos, convém apelar para os técnicos e os especialistas. E, para isto, utiliza-se a antiga classe familiarizada com o aparelho, isto é, a burguesia. (Idem, p. 149)

Aí reside certo aspecto de tragicidade da esquerda capitalista contemporânea. Tragicidade que respinga sobre os movimentos sociais, na medida em que os movimentos sociais que dão sustentação às estratégias de ocupação do aparato do Estado pelos partidos de esquerda tendem a se instituírem dentro do próprio aparelho estatal. A institucionalização dos movimentos sociais é um dos efeitos colaterais dessa “ascese ao lugar-Poder”, pela esquerda capitalista hoje. A esquerda tradicional tem por objetivo político a ocupação do aparato do Estado, não a sua destruição. Aos anarquistas, não se trata de ocupar o Estado, mas destruí-lo – as distinções táticas e estratégicas dentro das várias ramificações anarquistas, quanto aos modos de luta contra o Estado, é que vai caracterizar os inúmeros grupos libertários. Foucault diz, “me nego, acima



de tudo, a ser identificado, ser localizado pelo poder” (FOUCAULT, 2010a); Halim Bey (BEY, 2003) fala em evitar o enfrentamento direto, construir espaços autônomos distantes do aparato do estado. Thoreau argumenta a favor da recusa e do enfrentamento: “Simplesmente desejo recusar sujeição ao Estado, afastar-me dele e manter-me à parte de modo efetivo”.(THOREAU, 2002, p.44); E mais: “(...) serenamente declaro guerra ao Estado, a meu modo, embora eu ainda possa vir a usá-lo e obter dele as vantagens que puder, como é comum nestes casos” (THOREAU, 2002, p.45)

Os libertários querem mais do que a democracia cidadã. Querem abrir a caixa de Pandora do capitalismo e das relações capitalísticas e espalhar o Caos desordenador da ordem estabelecida.

A expressão “*capitalístico*” é um conceito proposto por Guattari (2003) para designar não apenas as sociedades capitalistas, mas todas as formas de organização social (e de estruturação política), que funcionariam sob a mesma cartografia do desejo social, da mesma economia libidinal-política e do mesmo modo de produção da subjetividade do capitalismo (tanto os países “subdesenvolvidos”, quanto os socialistas, quanto as instituições sociais, mas também se aplica à conduta dos sujeitos).

Edson Passetti, analisando as maneiras de atuação de comunistas e anarquistas na primeira metade do século XX, afirma que, o fim da predominância da sociedade disciplinar mitiga – até o ponto de fazer desaparecer a sua força transformadora, uma forma específica de ação política: a resistência por contra posicionamentos:

Na atual sociedade de controle, os comunistas de múltiplas procedências oscilam entre posicionar-se compondo com regimes democratas



ou ditaduras do proletariado e contrapositionar-se habitando contestações reformistas como [...] o Fórum Social Mundial. (PASSETTI, 2008, p.114).

Os comunistas, de toda ordem de correntes e tendências, inclinam-se a colaborar com a ordem social capitalística, apresentando sua “participação inteligente” na sociedade com seus programas políticos, suas táticas de sobrevivência, suas alianças e a conquista do Estado. O desmantelamento do enunciado ortodoxo da esquerda revela uma ordem social tal, que as resistências cedem lugar à adesão.

Nas sociedades de controle, a esquerda capitalística é chamada a participar e a colaborar, deixando-se capturar pelo antigo inimigo. Uma parcela dos anarquistas, submetida ao princípio da vanguarda revolucionária marxista, por vias distintas, também apresenta seu ouro, sua mirra e seu incenso à besta do fascismo, apropriando-se de alguns princípios da esquerda marxista autoritária (“revolução programática”, “consciência de classe”, “operariado revolucionário”, “vanguarda revolucionária”, e outras expressões típicas das lutas sociais do século XIX).

Por esta razão, uma nova política de combate às relações de poder nas sociedades capitalísticas e, por fim, nas relações capitalísticas em nível molar e molecular, deve operar por contrafluxos, não por contraposicionamento. Operar por contrafluxos, nunca almejando universais, nunca desejando o unitário. “Liberem a ação política de toda forma de paranoia unitária e totalizante”, afirma Foucault, no prefácio d’*O Anti-Édipo* (FOUCAULT, 2010, p.105). Percebendo que as multiplicidades são a realidade mesma sem que aí possa existir totalidade, os elementos das multiplicidades são, para usar termos deleuze-guattarianos, as singularidades; suas relações são os



devires; seu modelo é o rizoma; seu plano de composição é o platô, como exposto em Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.

Félix Guattari, durante entrevista conjunta com Gilles Deleuze acerca do livro-acontecimento *O Anti-Édipo*, e publicada em *Conversações*, reportando-se às políticas do desejo, afirma que o desejo continuará sendo manipulado pelas forças da opressão e do fascismo, se as formas de resistência não montarem uma máquina revolucionária capaz de dar conta do desejo e dos fenômenos do desejo. Uma máquina desejante antifascista. Ele distingue duas espécies de investimento do campo social, os investimentos pré-conscientes do interesse (molar) e os inconscientes de desejo (molecular). Mas essa máquina desejante pode conter investimentos de interesse revolucionários, e, a um só tempo, deixar vigor “investimentos inconscientes de desejo não revolucionários”. E, nesse ponto, ele exemplifica o quanto os aparelhos revolucionários – podem decalcar aí as esquerdas marxistas do século XX, com seus dispositivos totalizantes e universalizantes, sobre codificando os processos revolucionários, e, por que não, uma parcela dos grupos anarquistas dogmáticos do início do XXI.

Por negarem-se a uma análise libidinal do desejo como potência das transformações, e por não montarem uma máquina desejante, reincidem na produção de toda sorte de fascismos (veja-se a Ditadura do Proletariado e toda a experiência totalitária da Revolução Bolchevique, com seus *gulags*, sua planificação econômica e a submissão de massas volumosas ao trabalho forçado):

O que ameaça eternamente os aparelhos revolucionários é elaborarem uma concepção puritana dos interesses, e que são sempre realizados apenas a favor de uma fração da classe oprimida, de tal modo que essa fração reproduz uma cas-



ta e uma hierarquia totalmente opressivas. [...] A esse fascismo do poder, nós contrapomos as linhas de fuga ativas e positivas, porque essas linhas conduzem ao desejo, às máquinas do desejo e à organização de um campo social de desejo: não se trata de cada um fugir “pessoalmente”, mas de fazer fugir, como quando se arrebenta um cano ou um abscesso. Fazer passar fluxos sobre os códigos sociais que os querem canalizar, barrar. Não existe posição de desejo contra a opressão, por mais local ou minúscula que seja essa posição, que não ponha em causa progressivamente o conjunto do sistema capitalista, [...] (DELEUZE, 2008, p.30)

Ao propor a substituição do capitalismo pela sociedade socialista, o marxismo não rompia com as práticas de centralização. Já sabemos o que significou a experiência do Socialismo Real, que em nome de uma liberdade, criou um estado hipertrofiado que burocratizou as relações humanas (ONFRAY, 2001). Edson Passetti afirma que:

Para os anarquistas, o socialismo estatal como sinônimo de comunismo é o regime de *mais* autoridade, é ditatorial e efêmero. Ainda que anarquistas e socialistas estatistas seguidores de Marx estejam no mesmo âmbito do discurso igualitário e socialista, distinguem-se radicalmente. O comunismo para Proudhon é potencialização da propriedade patriarcal e da tirania, jamais levando à sociedade igualitária. Os anarquistas [...] nada têm a dizer a respeito das lutas entre as vanguardas *esclarecidas* do socialismo e as *eficientes* elites liberais. Weber e Lênin duelaram no século XX pela supremacia de uma sobre a outra, segundo a defesa da propriedade capitalista ou socialista e suas efetivas produtividades (PASSETTI, 2004, p. 309).



Foucault, em sua aula de 07 de março de 1979, no *Collège de France*, ao analisar as formas pelas quais foi possível o nascimento da “política da vida” (FOUCAULT, 2008, p.442), procede a uma extensa e minuciosa reflexão sobre o liberalismo e o papel do Estado.

A certa altura, ele se dedica a demonstrar o quanto o Estado totalitário, diferentemente de outras manifestações da forma-Estado, traz um elemento novo, até então não considerado: o partido. Para Foucault, não se trata de hipertrofia do Estado, mas de sua submissão, o que caracteriza o Estado totalitário – como, por exemplo, o Estado bolchevique.

[...] esse Estado que podemos dizer totalitário, longe de ser caracterizado pela intensificação e pela extensão endógena dos mecanismos de Estado, esse Estado dito totalitário não é, em absoluto, a exaltação do Estado, mas constitui, ao contrário, uma limitação e uma atenuação, uma subordinação da autonomia do Estado, da sua especificidade e do seu funcionamento próprio – em relação a quê? Em relação a algo diferente, que é o partido. [...], a ideia seria a de que o princípio dos regimes totalitários não deve ser buscado num desenvolvimento intrínseco do Estado e dos seus mecanismos; em outras palavras, o Estado totalitário não é o Estado administrativo do século XVIII, o *Polizeistaat* do século XIX levado ao limite, [...] não é o Estado burocratizado levado aos seus limites. O Estado totalitário é uma coisa diferente. Há que buscar seu princípio, não na governamentalidade estatizante ou estatizada que vemos nascer no século XVII e no século XVIII, há que buscá-lo numa governamentalidade não estatal, justamente no que se poderia chamar de governamentalidade de partido. (FOUCAULT, 2008, p. 263-264, grifos do autor)



Na literatura russa, por meio do romance *O Doutor Jivago*, de Boris Pasternak, encontramos mais munição para contrapor anarquistas a marxistas-estatistas, socialistas libertários e socialistas autoritários, libertários e comunistas, insurgentes e revolucionários; Jivago, poeta pequeno-burguês e médico na russa czarista pré-revolucionária, é um homem ingênuo que simpatiza com a causa dos trabalhadores famélicos, mas não se engaja na luta política dos bolcheviques durante os eventos da Revolução Russa. Depois de ser feito prisioneiro do Exército Vermelho e trabalhar como médico-oficial nas trincheiras das batalhas dos “revolucionários” contra o Exército Branco czarista, Jivago regressa à sua mansão agora ocupada por um comitê revolucionário.

Como a situação agrava-se com a vitória dos bolcheviques, a família Jivago parte rumo a sua propriedade rural em Variknov, num comboio de trens que atravessa toda a Rússia, durante semanas, num inverno rigoroso. Ao longo da trajetória, sem o conforto de uma vida pequeno-burguesa, Jivago observa inúmeras aldeias campesinas devastadas ora pelo Exército Branco ora pelas forças do Exército vermelho revolucionário; e reflete sobre os destinos dos moiques (camponeses russos), a presença constante da força opressiva do novo estado soviético e sobre o desejo de autonomia dos grupos camponeses, agora oprimidos por novos opressores:

O “Cooperador” Kostoied instalara-se sob o teto, perto dos Jivago, que o haviam convidado. Chu-pava barulhentemente a pata da lebre que lhe deram de presente. Temia as correntes de ar, tinha medo de resfriar-se. “Que vento! Como está o tempo!”, e mudava de lugar, procurando canto mais protegido. Ajeitou-se, por fim, de modo a não mais sentir o ar frio, e declarou: “Agora, está bem”. Engoliu o último bocado da pata de lebre,



lambeu minuciosamente os dedos, enxugou-os no lenço e observou:

— Isso vem da janela. É absolutamente preciso fechá-la. Enquanto esperamos, voltemos ao assunto da conversa. O senhor não tem razão, doutor. Lebre assada é uma coisa maravilhosa. Mas concluir, daí, que o campo vive na prosperidade, desculpe, é pelo menos ousado, é uma dedução singularmente arriscada.

— Mas não é, vejamos – respondia Iuri Andreievitch. – Olhe essas estações. As árvores não foram cortadas. As cercas estão intactas. E esse comércio, então? Essas camponesas? Dá gosto ver! Ainda há lugares em que se vive. Há gente feliz. Nem todos gemem. Isso justifica todo o resto.

— Se fosse assim, seria perfeito. Mas não é o que se dá. Por que é que o senhor diz isso? Afaste-se cem quilômetros da estrada de ferro. Por toda parte há revoltas de camponeses, sem interrupção. Contra quem? Contra os Brancos ou contra os Vermelhos, conforme quem esteja dominando a região. O senhor irá dizer: “Ora, ora, o mujique é inimigo da ordem, ele nem mesmo sabe o que quer”. Não se considere vitorioso tão depressa, por favor. Ele sabe muito melhor do que o senhor o que ele quer; apenas, não quer a mesma coisa que o senhor e eu, absolutamente não.

Quando a revolução veio arrancá-lo do sono, ele acreditou que veria realizado seus sonhos seculares de vida individual, de existência anárquica de pequeno proprietário que tudo deve a seu trabalho, não depende de ninguém e não tem obrigações para com pessoa alguma. Mas, das garras do antigo Estado, que foi derrubado, caiu na prensa ainda mais apertada do super-Estado



revolucionário. Eis por que o campo se agita e por que não o podem acalmar. E o senhor diz que os camponeses prosperam!

Meu caro, o senhor não entende nada disso, nem quer entender. (PASTERNAK, 1976, p. 192, grifos meus).

Nenhuma liberdade seria possível fora da estrutura opressora do processo revolucionário russo; nada de formas autônomas para os camponeses, agora forçosamente unificados com os operários urbanos, sob a efígie do Estado planificador marxista-leninista.

Os comunistas (marxistas-leninistas, trostkistas, stalinistas etc...), pela forte tradição desde os meados do século XIX, e ao longo de todo o XX, clamam a tomada do poder e a ocupação do Estado, pedem por mais Estado, não pela sua destruição, como desejam os anarquistas de todos os tempos. Nietzsche, para citar um filósofo não-anarquista, fala sobre o que é o Estado:

Estado? O que é isso? Vamos! Abri os ouvidos, porque vos vou falar da morte dos povos.

Estado chama-se o mais frio de todos os monstros. Mente também friamente, e eis que mentira rasteira sai da sua boca: “Eu, o Estado, sou o Povo”. É uma mentira.

[...] tudo quanto diz mente, tudo quanto tem roubou-o.

Tudo nele é falso: morde com dentes roubados. Até suas entranhas são falsas.

[...]

Inventou para o grande número uma morte que se preza de ser vida, uma servidão à medida do desejo de todos os pregadores da morte.



O estado é onde todos bebem veneno, os bons e os maus; onde todos perdem a si mesmos, os bons e os maus; onde o lento suicídio de todos se chama “a vida” (Nietzsche, 1999, p. 52)

Resta aos anarquistas contemporâneos anarquizar o anarquismo, construindo linhas de fuga criativas capazes de denunciar todas as formas fascistas, inclusive os fascismos dentro de suas trincheiras.

Fortaleza, 07 de março de 2009

A vida é um programa de computador

Nas sociedades de controle, a vida é um programa de computador, uma Matrix, cujo *mainstream* é inacessível. Mas há sempre um *bug* operando fissuras no sistema; há sempre, como em *Animatrix*, uma casa mal-assombrada, onde crianças experimentam sensações novas e constroem suas zonas autônomas temporárias, antes que o aparato do estado possa descobri-las e instaurar seu ordenamento fascista.

Por fim, a provocação deleuziana: “O que são as tuas máquias desejantes? Qual é a tua maneira de delirar o campo social?” (DELEUZE, 2008, p.32). Produzir subjetividades libertárias criativas e singulares.

Então, o que querem os libertários? O que fazem os anarquistas contemporâneos? Os anarquistas, “[...], após terem sido decretados mortos, com o final da Guerra Civil Espanhola e ressuscitados depois de 1968, voltaram aos fluxos contemporâneos da política para colaborar com o desassossego”. (PASSETTI, 2004, 313).

Irromper contrafluxos maquínicos!
Governar-se para além do biopoder?

Para Foucault, o século XVIII vai ver nascer uma nova modalidade de poder: o *ouder* sobre a vida, uma tomada do



homem biológico pelo poder. Ele vai chamar de biopoder, um poder que vai se estender aos vivos, à população e à vida. “Veremos, [...], que (os) mecanismos de poder [...] tomaram em mãos, a partir do século XVIII, a vida do homem, na qualidade de corpo vivo” (FOUCAULT, 2001, 86). Assim estabelecido, o biopoder, enquanto domínio exercido sobre a vida dos indivíduos, opera uma série de formas de invasão em nossas vidas por solicitações e pressões, que têm por função fazer com que corroboremos com as grandes forças econômicas e políticas – processos de subjetivação capitalísticos, diria Guattari (2008).

Modelização, serialização da vida e do homem. Estamos condenados ao biopoder? Como eu me governo, para além do biopoder? Para Frédéric Gros, estudioso de Foucault, é importante compreender que o biopoder é “duplo, ele está nas formas de dominação, mas também na resistência” e que:

A vida, de fato, embora seja explorável, [...], é também resistência e criação de formas. O biopoder que o direito dos governados expressa é, portanto, duplo: de um lado, trata-se de se revoltar contra as opressões, de denunciar o intolerável, de condenar aquilo que violenta a vida e sua realização; de outro, trata-se também de inventar novas formas de vida, [...]. A vida, então, é sempre resistência e criação ao mesmo tempo. (GROS, 2007, p. 32)

Ele afirma que a força do modelo do biopoder, no qual os sujeitos são convidados a construir uma relação consigo mesmo para atender às demandas capitalísticas dominantes, reside no fato de que ele supõe a liberdade e a autonomia do sujeito – e ele cita o exemplo de Foucault sobre a Escola de Chicago, que realiza um apelo para que cada um e todos se tornem empreendedores de si mesmos. Assim como Deleuze anuncia a Sociedade de Controle como um dispositivo de regulação e



gestão que exige a participação positiva dos sujeitos, Foucault aponta nosso momento como construção terrificante em que o biopoder exerce domínio sobre a vida dos indivíduos, de maneira que estes venham a corroborar com as grandes forças políticas e econômicas. Na sociedade de controle, o biopoder se exerce com a colaboração ativa e a participação livre dos sujeitos dominados. Resta saber até que ponto estamos realmente nos revoltando ou colaborando com as formas de dominação capitalísticas.

Gros encerra sua fala dizendo que “[...] trata-se menos de autogovernar-se do que de **desgovernar**, ou seja, aprender a libertar-se das formas de autogoverno que o poder pode nos levar a adotar”. (GROS, 2007, p. 19. grifo nosso).

Fortaleza, 17 de junho de 2010

Negri e o antipoder

Antonio Negri elaborou uma análise do antipoder a partir do seu livro *Império*, e procedeu a uma ampliação dessa análise sobre tal conceito no posterior *Cinco lições sobre Império*. Se é verdade que a palavra-insulto *antipoder* possui um campo semântico extremamente libidinoso à altura do paladar libertário, é verdade também, entretanto, que Negri a conforma num escaninho sufocante, onde, agora atada, nada ou quase nada pode fazer. Mera palavra-conceito silenciada e capturada pelo eterno renovado ideário iluminista das esquerdas neo-marxistas. Negri, em sua empreitada, aponta três momentos indissociáveis do antipoder: resistência, insurreição e poder constituinte. Ele os definiu como a “trindade da essência única do antipoder” (Negri, 2003, p. 197). Mas se “resistência” e “insurreição” nos parecem facilmente associáveis a ações políticas que buscam instituir o antipoder, a expressão “poder constituinte” nos cai forçoso. Caras às práticas libertárias em mais de um cento de anos, resistência e insurreição soam como adequadas para expressar as inúmeras formas de luta dos grupos anárquicos; tanto nas relações da macropolítica quanto do micropoder (só lembrando da minha recusa em



utilizar a palavra “anarquistas” e suas derivações, preferindo “anarco” e seus rizomas à deriva). E se esses processos sociais libertários se configuram em lutas pela destruição do poder (e não pela sua ocupação), então compreendemos que se trata de processos que procuram vivificar formas sociais *an-arché* e, portanto, destituídas de centros decisórios e de estruturas hierarquizantes. Portanto, experiências de antipoder. Anarquia & antipoder. Mas “poder constituinte” agrega elementos toscos e bizarros ao conceito de antipoder.

Estamos fartos de paradoxos lugares-comuns tipo “unidade na trindade” (para isso, basta-nos toda a tradição trágica do morto, eternamente ressuscitado, São Jesus). E configurar, teleologicamente, estes três elementos como uma unidade indissolúvel é mistificar as formas diversas das lutas políticas desde o século XIX até a contemporaneidade. Negri nos fala de um antipoder que se deseja poder constituinte.

Negri converte o antipoder numa forma impossivelmente desejante de um outro poder. Um antipoder que é poder. O antipoder seria uma esquizofrênica máquina de um super-outro-poder.

Um antipoder negri

Mais do que um antipoder em Negri, um antipoder *Negri* (negro, oculto, sombreado, longe das luzes esclarecedoras dos holofotes neoluministas); formas não autorizadas de participação política, pensamento nômade cortando transversalmente as racionalidades pragmáticas, vivências autogestionárias radicais, convivências não-hierárquicas, críticas às formas de perversão fascistas contemporâneas, construção de novas subjetivações anticapitalísticas, máquinas de guerras anti-estado, reativação de estruturas primitivas de convívio social... Listem seus desejos libertários mais profundos. O antipoder não pode ser uma nova forma de poder.

Resistir às modelações do biopoder significa revoltar-se (denunciar) contra as formas de opressão e de dominação, entretanto significa também (re)inventar novas formas de vida (anunciar). Desgovernar.



Santo André, 08 de fevereiro de 2008

A anarquia é cada vez mais primitivista

É uma bela frase para se colocar numa camiseta. É uma frase forte para se levar no peito. A anarquia está nas formas primitivas de organização social humana. No princípio éramos tod@s anárquicos. O primitivo era anárquico; a anarquia era primitiva. O futuro é primitivo. *E o Caos nunca morreu.*

A Anarquia não começou com Proudhon, e não morreu na Guerra Civil Espanhola; ela precede, em muito, o século XIX e se estende até os dias atuais, atravessa a história da humanidade, acompanha as várias trajetórias do animal humano. Se pensarmos que a forma Estado representa uma estrutura relativamente recente na história da humanidade(algo em torno dos últimos 10.000 anos), podemos supor que a Anarquia, como tal, é a forma de organização política humana mais antiga. Antes de sermos trabalhadores assalariados (e, portanto, alienados), éramos servos nas glebas; antes de sermos servos, éramos escravizados nas sociedades aristocráticas antigas; mas, e antes de tudo isso? Antes de tudo isso, não havia a forma-Estado, não havia a propriedade privada dos meios de produção, não havia a alienação humana; antes disso havia a Anarquia;

A Anarquia, então, está na base de nossa ancestralidade, pois antes de o Estado se impor aos vários grupos humanos, éramos nômades e anárquicos. A máquina nômade e anárquica nos integrava à natureza, sem o Estado-pai-patrão. Sem Estado, vivíamos a Anarquia. O nomadismo primitivo se opunha estrategicamente ao Estado; os grupos nômades se organizavam de tal maneira que sufocavam qualquer forma de empoderamento dentro das tribos. Mais do que uma sociedade sem Estado, as sociedades primitivas eram organizações sociais contra o Estado (CLASTRES, 2004).



O que se entende exatamente por sociedade primitiva? A resposta nos é fornecida pela mais clássica antropologia quando ela quer determinar o ser específico dessas sociedades, quando quer indicar o que faz delas formações sociais irredutíveis: as sociedades primitivas são as sociedades sem Estado, são as sociedades cujo corpo não possui órgão separado do poder político. E conforme a presença ou a ausência do Estado que se opera uma primeira classificação das sociedades, pela qual elas se distribuem em dois grupos: as sociedades sem Estado e as sociedades com Estado, as sociedades primitivas e as outras. O que não significa, evidentemente, que todas as sociedades com Estado sejam idênticas entre si: não se poderia reduzir a um único tipo as diversas figuras históricas do Estado, e nada permite confundir entre si o Estado despótico arcaico, o Estado liberal burguês, ou o Estado totalitário fascista ou comunista. Cuidando de evitar, portanto, essa confusão que impediria, em particular, compreender a novidade e a especificidade radicais do Estado totalitário, assinalaremos que uma propriedade comum faz com que se oponham em bloco as sociedades com Estado às sociedades primitivas. As primeiras apresentam, todas, aquela dimensão de divisão desconhecida entre as outras, todas as sociedades com Estado são divididas, em seu ser, em dominantes e dominados, enquanto as sociedades sem Estado ignoram essa divisão: determinar as sociedades primitivas como sociedades sem Estado é enunciar que elas são, em seu ser, homogêneas porque indivisíveis. E reconhecemos aqui a definição etnológica dessas sociedades: elas não têm órgão separado do poder, o poder não está separado da sociedade (CLASTRES, 2004, p. 145-146)



É no passado primitivista que buscamos inspirações para lutar, nos movimentos sociais contemporâneos, contra esse Estado disciplinador e essa sociedade de controle. Contra o trabalho, a produção e o consumo. Um anarquismo como luta contra as formas de controle e disciplinamento das mentes e dos corpos humanos, e a favor da construção de uma existência livre e prazerosa. Anarquismo como Anarquia, como liberdade e **hedonismo pragmático**.

O anarquismo contemporâneo – os anarquismos, para adotar uma expressão múltipla – reitera suas críticas ao Capital e ao Trabalho, ao Estado e às relações de Poder; mas, fundamentalmente, as práticas culturais libertárias constroem, criativamente, espaços de convivência autogestionária singulares produzindo novas formas de subjetivações anárquicas, que fazem cessar todo desejo paranoico de unidade e de uniformização da luta anticapitalística – sob o risco de cairmos em novas armadilhas autoritárias.

Os anarquistas estão chegando com suas máquinas de guerra nômades, espalhando-se rizomaticamente, (re)inventando formas novas e criativas de vida e de convivência, para além das modelizações das subjetividades capitalísticas, autogerindo-se, sem desejar o unitário e a totalidade, sem aderir a programas, sem esperar revoluções, apenas disseminando a política do desgovernar.





CAPÍTULO 3

VIVÊNCIA SOCIOPOÉTICA I:
MACACO-ANARCO – DEVIR-RAIZ,
DEVIR-ANIMAL...





3.1 Vivências sociopoéticas da pesquisa

Para a produção de dados da pesquisa, decidi organizar duas vivências coletivas com o grupo-pesquisador, nas quais foram propostas técnicas sociopoéticas considerando o potencial de estranhamento nos pesquisadores do grupo. Este estranhamento é importante na pesquisa sociopoética porque permite aos copesquisadores um desenraizamento de seus referenciais. As vivências tiveram registros fotográficos, fílmicos, auditivos e escritos.

Porque a forma vivência? Habitualmente, nas pesquisas sociopoéticas, a produção dos dados pelo grupo-pesquisador ocorre sob a forma de oficinas e por meio de técnicas as mais diversas e criativas possíveis, dependendo muito do potencial criativo do facilitador e do nível de interação dos copesquisadores. Essas oficinas, geralmente acontecem em espaços sociais familiares aos membros do grupo-pesquisador: na escola, num setor do hospital, na comunidade, nas salas de aulas de uma universidade, numa quadra de esporte, no quintal de uma casa etc..

Nesta pesquisa, consideramos importante realizar os encontros sociopoéticos sob a forma de vivência, buscando pôr os copesquisadores em interação coletiva em um cenário natural, potencialmente capaz de despertar suas capacidades criativas: sob as raízes do mangue do rio Cocó (Vivência Macaco-Anarco) e na trilha íngreme da serra da Pacatuba (Vivência Corpo-Nômade dos Orixás).



Na Vivência Macaco-Anarco, realizamos duas técnicas de produção de dados: 1. Técnica Raízes Expostas e 2. Técnica Escultura na Areia. Na Vivência Corpo Nômade dos Orixás também foram utilizadas duas técnicas: 1. Técnica Narrativas Míticas; e 2. Técnica Teatro Mudo (esta última, infelizmente todos os dados resultantes de fotos e filmes foram perdidos inexplicavelmente).

O que a Sociopoética trouxe para a pesquisa? A produção coletiva de *confetos* potencialmente capazes de gerar processos maquínicos, instituindo novas formas de situar-se na vida e construir novas práticas de sociabilidade, proporcionadas pelas vivências autogestionárias. Os dados produzidos pelo grupo-pesquisador nas vivências do mangue do rio Cocó e na Serra da Pacatuba, onde foram usadas técnicas que mexeram com o corpo e com a experiência sensorial de estar na natureza, potencializaram a criação coletiva de *confetos* diferenciados, de questionamentos talvez mais diretos a esse tipo de sociedade e de comportamento conformado. A Sociopoética, com suas técnicas desenraizantes, trouxe esse potencial produtor de *confetos* diferenciados para a pesquisa.

3.2 Vivência Macaco-Anarco

3.2.1 Mangue do Caça e Pesca, Fortaleza, 16 de dezembro de 2007

Localizado logo após a Praia do Futuro e no encontro do Rio Cocó com o mar, a Praia do Caça e Pesca oferece uma área de mangue quase que intocada, próximo a uma comunidade de pescadores artesanais. Até que se possa atingir a área de mangue é necessário a travessia do rio Cocó. Como parte da vivência, foi sugerido a travessia a nado, como um desafio individual



e coletivo. Antes da travessia, um rápido ritual foi proposto, com o intuito de despertar no grupo-pesquisador uma vinculação de ordem tribal, ativar o corpo coletivo para os desafios não-conhecidos da vivência. Em seguida, o grupo pesquisador-tribal deslocou-se para a área do mangue do rio Cocó. Com a maré baixa, as raízes aéreas do manguezal estavam expostas. A proposta da vivência para esse momento foi a de deixar as pessoas se apropriarem espontaneamente do ambiente, explorando as possibilidades de entrada e deslocamento entre as raízes irregulares e a lama do mangue, explorando ao máximo o devir-animal de cada um.

Nesse momento, é interessante deixar essa apropriação o mais não-diretiva possível; pensando que, na autogestão, quanto menos diretivo melhor, quanto mais espontâneas as aprendizagens, melhor. Tendo percorrido a trilha, a atividade seguinte seria a de dirigir-se à entrada do mangue, onde, em círculo, forma tribal preferida pelos sociopoetas, o grupo iria verbalizar sobre a vivência. Mas o grupo empolgou-se com as raízes e a lama do mangue e resolveu, livremente, estender o “passeio,” ampliando o circuito do manguezal a pé, e com o corpo todo coberto da lama do mangue. Foi algo de inesperado, mas bem-vindo naquele momento. O circuito foi mais longo do que o programado, aproveitando a maré baixa do ambiente, e permitiu uma caminhada lúdica e descontraída, durante a qual todos experimentaram a lama, a areia, as águas e as raízes do mangue. Em algazarra (talvez pelo potencial lúdico do ambiente e da atividade), o grupo formou o círculo sociopoético para as verbalizações e última técnica de produção de dados. Dados produzidos, chegou a hora da descontração e o retorno com a nova travessia do rio e uma merenda frugal.

Então, foram propostas duas técnicas sociopoéticas para a produção dos dados nessa vivência: no primeiro mo-



mento, a técnica **Raízes Expostas** – caminhar sobre as raízes do mangue, deslocando-se no espaço labiríntico do manguezal, (re)apropriando-se do corpo e de seus meus movimentos diversos. O objetivo é gerar um desenraizamento de nossos cotidianos, um estranhamento no corpo, pelo movimentar-se sobre as raízes altas do mangue; e a técnica da **Escultura na Areia**, por meio da qual os copesquisadores, em duplas, produzem na areia, com os recursos naturais disponíveis no ambiente (areia, semente, galhos secos, lama, folhas, lixo, etc.) uma imagem/símbolo/escultura da autogestão. Ao final de ambas as técnicas, verbalizações em círculo. As palavras rodam... giram... circulam... misturam-se.

Nessa primeira vivência, convidamos pessoas vinculadas, de forma variada, à temática da autogestão. Uma parcela dela pertence ao Coletivo 12 Macacos, contudo outras não são deste agrupamento – embora mantenham traços vinculatórios. É um pequeno grupo, mas bastante heterogêneo, sob vários aspectos: quanto à questão de gênero, nível de escolaridade, militância política e aos desejos maquínicos. Combinei de nos encontrarmos às 8h de manhã, na praça da Gentilândia, bairro do Benfica, para irmos todos juntos numa topique alugada exclusivamente para a atividade. Era muito importante que todos chegássemos juntos, porque: 1. Havia um momento de apresentação e formação do círculo (simbolismo importante para compor o grupo, e mais que isso, construir no grupo uma sensação de pertencimento tribal); 2. Para não atrasar o andamento da vivência; 3. Para criar um clima animoso; 4. Para todos sentirem o impacto da vista do mangue do rio Cocó, do ângulo belo proporcionado pela praia do Caça e Pesca.

Os membros do grupo-pesquisador dessa vivência foram: Leane, Leila, Gabriela, Tomé, Renan, Pedro, Matheus (Mingau), Guilherme, André, Saulo, Serginho, Raphael e Re-



nato; Norval Cruz, sociopoeta e colega da Pós-Graduação que discute e vivencia experiências de reapropriação do corpo em contato com os elementos da natureza, foi nosso colaborador na condução dos trabalhos da pesquisa. Na experiência de se fazer pesquisas sociopoéticas, a solidariedade e a colaboração mútua é sempre importante – são trocas de saberes.

Na Sociopoética, geralmente as atividades de produção de dados na pesquisa têm como ponto de partida uma atividade de relaxamento do corpo, para que, relaxado, o corpo possa baixar a guarda de tanta racionalidade que nos é solicitada constantemente. Esse relaxamento antecede as técnicas sociopoéticas, e funcionam como um dispositivo que predispõe o corpo, a intuição, a mente, as sensações para as atividades seguintes. Em nossa pesquisa, ocorreu o contrário, ao invés de relaxar o corpo, propus a sua ativação. Ativar o corpo, faz-lo movimentar-se, desafiando-o: atravessar a nado o braço do Cocó até atingir a área do mangue, onde há uma placa anunciando **Laboratório Vivo**. Ali, a técnica das Raízes Expostas aconteceu.

Não sei por que razão há aquela placa naquele local, mas nos pareceu muito apropriado para as atividades que naquele espaço de mangue iriam acontecer. Era como se ela dissesse: vem fazer a pesquisa sociopoética em nosso laboratório vivo. Nem todos puderam ir a nado, desse modo, esses fizeram a travessia de barca. Para que a travessia a nado fosse exitosa, consultei a tábua de marés e agendei nosso encontro no momento de maré mais baixa, porque naquele trecho a maré alta é extremamente perigosa.

Para o desenraizamento, a desterritorialização, propusemos o contato com as raízes do mangue. Para desenraizar saberes, saber subir em raízes. O potencial criativo da metáfora das raízes do mangue possibilitou o surgimento de uma polissemia de significados, como será exposto em seguida.



Nos momentos não direcionados da pesquisa, os copesquisadores, ainda muito extasiados com a presença forte do ambiente natural e os desafios propostos pela técnica, conversavam comigo sobre a força da vivência – o contato com a natureza, em ambientes de grande potencial de estranhamento (o mangue e a serra), os desafios lançados, as técnicas, o círculo, a descontração, a alegria, como estas coisas somadas geravam um imenso prazer e um desejo de uma convivência maior entre eles e um desejo de viver formas autogestionárias em outras situações.

3.2.2 Vivência Macaco-Anarco: Técnica Raízes Expostas

A seguir, as verbalizações geradas no círculo após a técnica das Raízes Expostas:

Sandro – Quais são as sensações, os sentimentos que você experimentou nessa vivência?

Saulo – para quem me conhece mais pessoalmente, sabe que sou o Saulo, e tal, eu nasci assim e me senti um negão hoje, quando eu me pinteí naquela hora. E era por isso que eu me pinteí, porque eu tava me sentindo um negão, cara, que eu sou, entendeu? E eu pinteí e eu virei um negão naquela hora, e eu adorei. Eu virei meu alterego hoje (risos) e foi maravilhoso, entendeu? (risos) Eu adorei aquilo ali. E a gente saiu correndo naquela duna para enfrentar, e de repente não tinha, mas a gente pelo menos correu, e a gente foi enfrentar aquela merda toda ali, tava bem longe da gente, mas foi interessante aquilo ali, foi ótimo. (Alguém diz algo que não dá para ouvir) É, com certeza. Foi isso.

Renato – Eu sou daquela geração de moleques que foi criada jogando videogame. Nunca fui de sair, jogar bola, subir em árvore para roubar manga, nada não. Por isso, eu sempre achei massa esse negócio de entrar no mangue e ficar se pendurando nas árvores, ficar assim... meio que eu pude recuperar a infância que eu não tive. Só isso.



Guilherme – Sou acostumado a entrar em bosques, e tal, e mata fechada, mas nunca vi um lugar tão ... assim quanto um mangue. Foi sensacional... tipo, me senti parte do lugar, entendeu? Me sujei, subi nas árvores, um caranguejo quase arranca meu pé e tudo mais, mas entre as melhores sensações da minha vida, essa está entre as 10 melhores.

Sérgio – Foi pedido para a gente falar o que sentiu quando entrou no mangue. Bom, eu achei... foi uma experiência maravilhosa e eu meio que percebi tendo que aumentar meu equilíbrio ao máximo para poder continuar na caminhada, porque são muitos locais que você tem que colocar o pé de maneira certa para não cair. Então, foi um exercício mais de equilíbrio. Para mim eu acho que é um equilíbrio mesmo que a natureza nos proporciona para a gente conhecer e melhorar como ser humano.

Tomé – Bem, isso aqui que a gente tomou banho, é a lama, isso daqui é argila e as pessoas vendem em pó caríssimo. Aí a gente chegou aqui, tomou banho, o pessoal com nojo, mas é uma delícia que faz superbem para a pele.

Mateus – Eu sou conhecido como Mingau, e já venho participando de uma sequência de experiências com o Norval e com o Sandro, porque ele sempre me convida, e sempre é uma experiência nova, apesar dos locais se repetirem – que não foi o caso de hoje -, mas primeiramente eu fiquei maravilhado com a riqueza imagética, assim, o controle de imagens de início da coisa. As raízes expostas assim, veio como um recado para mim como: “Expõe teus instintos”, e ao a gente entrar eu comecei a me apoiar nas raízes, aí veio outra reflexão em mim que foi: na verdade o que pode sustentar minha vida são meus instintos. Aí isso transcende qualquer culpa, qualquer moral para mim. Foi uma espécie de desintoxicação da civilização. E também teve o percurso da areia fofa, areia movediça, e me passou a questão de você encarar a vida como uma linguagem movediça: se deixar arrastar, se deixar afundar, se levantar, conviver com seus medos. E espero que isso tenha mais vezes e que as pessoas da próxima vez possam encarar isso mais sem medo. Teve pessoas que teve seus “poréns” de não entrar, mas eu digo que vale muito a pena.



Raphael – Eu já participei também de algumas experiências com o Macarrão [Mingau, quer dizer], junto com o Norval, Sandro e alguns aqui. Pela primeira vez que a gente entra aqui, a gente pensa que as raízes não vão dar conta do peso da gente, e é uma ideia que eu tenho de natureza muito sensível como uma folha dessa que a gente amassa. E não, você de repente entra aí, pisa, e vê que a raiz consegue sustentar seu peso, você vai de um a outro e ela não se quebra facilmente. Faz retomar uma noção de natureza enquanto força mesmo e de... sei lá... ouve falar de mangue: “Não, tem caranguejo, vai te morder. Você pode cair. Tem bactérias.” E não é assim, não é isso que a gente encontra quando você chega aí. Não é esse mundo terrorístico, assustador, não é. É a natureza, a gente veio disso aí e vai voltar para isso aí e não é para a gente ter medo dela, isso é uma coisa normal. A gente se sente bem e supera certos medos que a domesticação civilizatória que a gente é imposto desde criança vai aprendendo, a ter medo de se arriscar, a ter medo de se aventurar, e se acostumar com o concreto, com o asfalto e tal. E, basicamente é isso, um reencontro com a natureza enquanto força mesmo pela sustentação que as raízes têm do nosso corpo: elas seguram a gente, aguentam a gente, não se quebram facilmente. E é isso. As pessoas ali com medo de nós, a criança saiu chorando, faz parte mesmo, depois ela se acostumou com a gente.

Leila – Para mim, serviu para me mostrar que eu estou precisando criar mais um pouco de disposição para fazer trabalhos (mais risos) assim, que exijam mais um pouco da gente. Porque eu comecei a ir, fui até ali e achei muito difícil, muito complicado e resolvi voltar.

Leane – Essa experiência não é a primeira, é a segunda que eu tenho participado com o Norval. Depois, é uma sensação muito boa de alívio, e a gente se solta...às vezes a gente volta até a ser criança de novo. Todo mundo ali começou todo limpinho, mas depois começou a se sujar, a brincar, foi muito bom.

Pedro – Eu tava pensando no que é que eu ia falar, mas não tem muita coisa. Não tem como explicar tanta coisa que passa porque tudo é tão sujo, tão sujo, tão sujo que a gente não sabe



mais o que é limpo. O que eu posso falar são coisas tão íntimas assim, que eu me senti assim, como um cachorro vadio. Como eu sempre tive cachorros vadios, sempre pés-duros... E é isso que eu penso assim, agora. Na hora, eu tava pensando mais coisas... Eu pensei que tudo é de raça, tudo tem pedigree na nossa vida. Todas as ruas são de pedigree. Ninguém nem sabe que muitas vezes hospital joga lixo hospitalar pelo ralo. Então, muitas vezes esse chão que a gente pisa... Ninguém tem coragem de pisar de pé descalço na rua, você pode pegar uma doença séria mesmo. Aqui não. Aqui mesmo sendo tão poluído como é, aqui é mais limpo de que qualquer outro lugar. E é assim que eu me senti.

Quando eu era menino eu sempre tive cachorro vadio, cachorro vira-lata e eu sempre seguia ele para saber o que é que eles queriam, o que é que eles queriam fazer. Já segui eles no meio do sertão, morei um tempo lá, então... Me senti assim vadio, sem raça. Tô vendo que cada vez mais não quero ter raça, não quero ter esse pedigree todo que as pessoas gostam de ter: todas as roupas, todos os acessórios, todos os emblemas. Quero ser só eu mesmo. Sujo. Sujo e limpo. Quer dizer: é muito bom sair de todos esses conceitos, que são conceitos ridículos. Antes de a gente entrar aqui a gente estava discutindo sobre política e aí quando eu entrei, eu vi quanto eu gosto de estar nessa posição, mesmo sendo esmagado. Mas eu gosto de estar nessa posição porque pelo menos eu entro aqui. Eu faço as coisas no meu dia-a-dia. E as pessoas têm oportunidade de ver isso? São miseráveis, são coitadas, eu vejo assim. Podiam ter tido isso daqui, mas não têm oportunidade. Se elas tivessem, elas mudavam muitas coisas na vida delas. Só por isso, que elas não tem oportunidade, não têm acesso a tanta coisa boa dessa, uma diversão dessa num dia de domingo. Quem se dispõe a isso? Quase ninguém. E é tão bom. É impressionante. Se jogar na areia, derrubar o outro... Todo mundo tava com medo da lama e tal e aí quando um pisou aí todo mundo foi pisando. Outra coisa que eu vejo também é a estética que a gente tem. A gente sempre tem a visão, quando foi um na frente todos foram seguindo. A gente percebeu que a gente só tem a visão, a gente não para para escutar os barulhinhos, a gente não para para sentir, a gente não para para ter todos os sentidos



mesmo, assim..., sabe..., sentir mesmo, os sentidos. A gente só escuta o que é necessário, a gente só escuta *walkman*, anda na rua de *walkman*, anda na rua ouvindo só o que pensa que é necessário, mas na verdade se a gente se apoiar em tudo isso no seu dia-a-dia, mesmo que seja no lugar mais sujo, você anda assim... é uma pessoa limpa de verdade. Só isso.

Renan – Meu nome é Renan. Quando você chega e olha, o mangue em si causa estranheza. Pelo menos para mim, mas com o tempo e quando você pisa primeiro e sente o contato da lama nos pés e depois que o pessoal ficou brincando de acertar um ao outro, é algo assim... É uma sensação muito boa, muito rejuvenescedora, que eu acho que nenhuma pessoa deveria viver sem. E que ricos somos nós que estamos aqui de sunga brincando na lama.

André – Por ti podia estar nu, né, Renan?

Renan – É, podia estar nu. (Risos). Vai, André.

André – Não, a priori, eu não vou mentir, eu entrei assim preocupado, porque eu tava com a câmera, eu tava com bolsa, eu tava com o diabo a quatro aqui do Sandro e tal. Aí assim, eu comecei a entrar com o pessoal. Quando a gente chegou lá dentro eu relaxei, assim, pronto. “Tamo aqui... É...” “ Assim: eu fiquei com essa coisa por causa das relações sociais mesmo, assim, da cidade em si, todas as mazelas que tem por aí, todo mundo sabe, mas quando eu entrei lá realmente eu relaxei, cara. Relaxei, relaxei, a gente andou por ali, depois a gente assustou as crianças, foi legal, foi legal, foi massa. A gente tentou correr atrás de um *playboy*, mas não deu... Só não deu para brincar mais porque eu estava todo com um arsenal, né? Eu acho que se as pessoas fossem mais dispostas a..., sei lá..., a se sujeitar a isso, a vir a um mangue, toda essa relação, eu acho que a gente não estaria preocupado com essas coisas de bens materiais, e tal – o que também é um detalhe, mas significativo às vezes.

Sandro – Gabriela.

Gabriela – Sem palavras. No começo eu estava com um pouco de nojo do mangue, porque eu fui criada muito..., era menina



e não podia brincar brincadeira de menino, essas coisas, de subir em árvore e se sujar de lama, esse tipo de coisa, então, eu não entrei em contato com isso, na infância. Mas depois, eu me acostumei e foi bom: não tem como você não interagir com o meio porque primeiro todo mundo vai nos galhos, em cima e não interage com a lama nem nada, mas chega uma hora que não tem como, tem que interagir e foi massa.

Sandro – Se alguém mais quiser dizer alguma coisa. Ah, tu quer falar? Não entendi...

Saulo – Naquela hora, quando eu estava mais para trás, eu estava sozinho, aí eu meti a mão na lama e ela saiu preta aqui, aí eu olhei. Eu estava só e tal, aí eu peguei e.. pá: taquei na minha cara, passei em mim todinho. Eu me senti tão bem quando eu fiz aquilo. Eu me olhei e me achei tão bonito; eu me achei tão louco... quando eu fiz aquilo (risos). Aí, depois, quando eu cheguei, vocês tinham feito a mesma coisa, tavam se sujando e tal. Aquilo ali foi incrível! Eu só queria dizer isso. (risos)

Alguém – Ficou imaginando (?). Emanuela total.

Saulo – Por favor passa um pouquinho aqui nas minhas costas. (risos)

Sandro – Bom, gente, agora, novamente, uma outra verbalização antes da gente fazer a atividade de encerramento..., mas antes dessa, mais uma verbalização que é a seguinte... Eu queria que vocês fizessem uma reflexão e a gente pudesse depois falar, verbalizar aqui, é assim: Do que experimentou, em algum momento do que experimentou, você se sentiu um animal? Você experimentou algum animal, durante esse trajeto? Que animal é esse? E o que pode esse animal?

Saulo – Eu me senti um leão quando eu subi aquela duna. Eu queria chegar lá e eu queria arrasar com todo aquele povo que tem muito e tira da boca de quem tem pouco. Entendeu? Eu me senti um leão, sabe um leão mesmo? De uma tribo. (risos) O leão foi solto, entendeu? O leão que ficava preso e ele é solto para poder justamente para tirar de quem tem e trazer para quem não tem. Foi isso que eu me senti naquela hora.



Guilherme – Eu sei que já é clichê o que eu vou falar, mas eu me senti um macaco realmente; um macaco e um bando de amigos macacos, pulando na areia e jogando lama um no outro. Foi sensacional ficar pulando naquela areia ali, brincando. Literalmente, foi um macaco, cara. Foi foda demais. Eu me realizei como pessoa. Foi sensacional. Eu não consigo nem falar direito porque são tantas sensações ao mesmo tempo que fica até difícil escolher uma que seja melhor que as outras.

Sérgio – Eu também achei bastante parecido com o macaco, no começo, principalmente por causa da movimentação mesmo, da estética que o macaco faz com que o braço dele se alongue mais por causa que ele precisa muito dos braços; ele precisa muito se estender, então isso aqui dele... Assim..., eu vejo assim..., biologicamente falando. E esteticamente, por causa das posições que nós fazemos, parece muito com o andar do macaco no meio da mata. Foi o que me marcou bastante. E a história da gente estar brincando, da gente estar gritando, assim com uma comunicação mais divertida do que a comunicação que a gente tem normalmente, de mesmo a gente estar gritando: “Eiiiiii (faz som de gritos)”, ficar gritando mesmo, se comunicando muito através do movimento, selvagem, e isso me deixou assim muito, muito excitado, eu fiquei muito feliz nesse momento. E também o momento ali da travessia, aconteceu um acidente, mas foi tranquilo, só o meu dedo que cortou, mas foi legal também conhecer ali, o lago, o caminhezinho ali do rio, e tal, muito bom.

Sandro – Quem mais? Todo mundo vai falar, hein?

Pedro – Pode parecer o absurdo do absurdo também, mas o animal que eu sinto assim, eu mesmo. Nem macaco, nem cobra, o animal que é a gente mesmo. Porque no final das contas nós somos um animal. Do princípio ao final das contas. Nós não somos máquinas, somos animais. Um animal. A gente mesmo. Também caça, também anda, também rasteja, só que porque a gente ainda não descobre a gente mesmo, pode parecer porque o macaco é parecido com a gente, mas tem o animal gente mesmo, que dorme, que sente, que se corta, que anda na selva, que anda abaixado, que usa mais as mãos, esse



animal que eu gosto de sentir eu mesmo, cabeludo, barbudo, se cortando, se quebrando, procurando a solução pras coisas.

Sérgio – Essa é a história do uso mesmo das coisas assim da terra, acho que a gente tá perdendo muito isso. Com o avanço tecnológico, a gente tá virando assim muito... A gente tá..., eu acho..., muito parado, muito estático num local só, apesar de a gente tá viajando muito nas redes, na televisão, na mente, a gente tá “separando” corpo da mente de uma maneira que não tá sendo tão boa assim, porque você meio que perde o contato, né? Então quando você vem para cá, você vê que você precisa ter essa união, essa completude da mente, do corpo, do espírito mesmo, você tem que tá completo e não pela metade, ser um ser humano completo e um animal também, como amigo aqui falou.

Pedro – Eu queria até chamar atenção, não sei se vocês perceberam, quando todo mundo chegou aqui que botou as mãos no chão, todo mundo bateu as mãos antes de entrar no mangue, todos. Todos bateram as mãos. Primeira coisa que fizeram quando “tiram” a mão do chão era bater as mãos. É o sentido quando sente que é sujo. O chão é sujo, né? Aí a primeira coisa quando voltou, todo mundo, ele já foi pegando assim a terra, aí o pessoal já foi sujando, porque todo mundo já tá sujo.

Outro alguém – Cria uma intimidade maior com o negócio.

Pedro – Aí todo mundo tá se sujando. Então, legal. Já tá vendo como natural.

Mingau – Bem, eu também me senti um macaco, só que no começo um macaco afoito que quase morre afogado. Quando eu fui entrando, o macaquinho foi crescendo, respeitando o ambiente, e eu me senti o babuíno do filme *Shakma* quando eu subi lá na duna e soltei um gritão, igual o gritão que ele deu quando se livrou do laboratório e matou a equipe científica todinha.

Raphael – Foi bom o Pedro ter lembrado que a gente também é um animal, né? Se for para escolher um animal que não seja eu, que eu me senti, acho que eu me senti um gato,



que sobe numa árvore, com as garras e tudo mais. Os meus dedos viraram garras e fizeram com que eu me sustentasse, me agarrasse na madeira, pronto. Se for para ser um animal, não esquecendo que a gente também é um animal, um gato.

Renato – Bom, eu queria dizer que quando a gente entrou aí no mangue, depois da primeira curva, eu tava me sentindo meio como uma hiena. Muita gente vê a hiena assim só como um animal comedor de restos, aproveitador, mas ninguém vê a hiena como um animal estrategista que ele é, ele sempre espera o melhor momento para atacar, assim do tipo que a gente tava se mexendo ali, se preocupou de não tocar no chão, meio como se estivesse tentando se tornar parte do ambiente. Assim parecia mesmo que a gente tava se preparando para atacar. Só isso.

[**Mingau** – Sandro criou raízes debaixo dos braços... (referindo-se à lama do mangue seca nas axilas)... kkkkkkkkkk]

Todos dispersam e riem.

Sandro – Vai Renan.

Renan – Eu queria dizer que eu me senti um caranguejo e, realmente, em todos os aspectos, pisando na lama e me sentindo parte do ambiente do mangue, que é uma coisa tão rica que a gente tem e há quanto que moro aqui e eu tava sem nem olhar pro mangue, sem eu nem lembrar que ele existe e estando tão próximo.

Tomé – Bem, eu experimentei todos os animais que existem, caranguejo, macaco, cachorro, gato... Aí eu também gostei muito de uma parte em que eu subi mais alto na árvore, eu fiquei observando ao redor, eu me senti aqueles bichos que vão mais pro topo das árvores, um “soim”, os pássaros... Que é a melhor parte, que você vê as raízes, você vê o todo, escuta os barulhos, você se sente lá em cima, é muito bonito, é ótimo.

Sandro – Falta quem? Leila, Leane, Gabriela...

Gabriela – Eu me senti um macaco também. Assim, na primeira parte que a gente tava sem interagir com a lama, só de



galho em galho, mas quando foi para descer que não tinha como não entrar em contato com a lama, nessa hora eu me senti um caranguejo, porque ele está, ele vive lá, se escondendo nos lugares, mas dentro da lama.

Saulo – Na hora da ponte eu me senti o mostro do Lago Ness. (Risos) Eu queria ser o monstro do Lago Ness para derrubar aquilo ali, entendeu?

André – Eu me senti uma hiena com ética, preocupada com os lobos. (Risos)

Leila – Eu me senti eu mesma. Mas se for para comparar com algum animal acho que a preguiça mesmo. (Risos)

Leane – Como foi dito já, eu me senti meio que um macaco, né? Quando um macaco tá preso, a intenção dele é se soltar e quando ele se solta ele quer quebrar tudo, quer destruir tudo, quer entrar de volta em contato com a natureza.

Dispersão...

Sandro – Agora a gente vai se distribuir em duplas, tá certo? Mas nada de ficar com os mais próximos. É para se misturar mais, tá certo?
Descontração.

3.2.3 *Listagem de confetos surgidos na técnica Raízes Expostas*

Autogestão linguagem movediça; Autogestão bactéria assustadora; Autogestão cachorro vadio; Autogestão macaquinho-afoito-babuíno; Autogestão raízes da desintoxicação civilizatória; Autogestão natureza-força; Autogestão macaco quebra-tudo; Autogestão leão-arrasador; Autogestão monstro do lago Ness; Autogestão movimento selvagem; Autogestão rejuvenescedora; Autogestão infância-que-não-tive; Autogestão ser-criança-de-novo; Autogestão caranguejo-escondido-na-la-



ma; Autogestão caranguejo-pisa-na-lama; Autogestão animal-eu-mesmo; Autogestão faço-eu-mesmo; Autogestão macaco brincalhão; Autogestão macaco alongado ou macaco estético; Autogestão alterego-negão; Autogestão gato-garra; Autogestão hiena estrategista; Autogestão hiena ética; Autogestão lama-preta-bonita; Autogestão pisando na lama; Autogestão lama-delícia; Autogestão tem de interagir; Autogestão geração moleque-videogame.

3.2.4 Estudos Transversais: Técnica Raízes Expostas

Para produzir os Estudos Transversais, a partir da primeira técnica da Vivência Macaco-Anarco, veio-me, de imediato, o desejo de escrever um texto como se fora um panfleto elaborado por Hakim Bey, um dos mais ferozes autores anarquistas contemporâneo, rejeitado pelos grupos anarquistas mais ortodoxos e por toda as esquerdas e direitas conservadoras do mundo. Sobre seu livro TAZ: zona autônoma temporária, já se disse se tratar de uma obra que não respeita nada. Imaginei o Bey se dedicando a produzir mais um dos seus comunicados extraordinários corrosivos, e adicionei um tanto de humor, para equilibrar o impacto – uma vez que se trata de uma análise da produção de confetos pelo grupo-pesquisador.

3.3 Comunicado Extraordinário da AAO [Associação Do Anarquismo Ontológico]: da Autogestão Libertária & de Suas Mutações Macaquínicas no Mangue do Rio Cocó

UH UH UH AH AH AH... UH UH UH AH AH AH...
Uma vez mais, é solicitado ao anarquismo ontológico uma conceituação racional & ordeira... karlmarxistas entediados, neo-



bakuninistas de plantão, certa cientificidade ocidental tipo kristã-kartesiana-kardecista & toda sorte de anarco-ortopedistas cristalizadores de conceitos, uma vez mais desejam formas essencialistas & facilmente esquemáticas sobre as coisas todas... agora querem morder a polpa carnuda da autogestão. Capturá-la. Encapsulá-la. Nadando contra a correnteza, que-remos anarquizar a autogestão. A ASSOCIAÇÃO DO ANAR-QUISMO ONTOLÓGICO vem à boca-de-cena (embora prefiramos o grande ensaio orgíaco que antecede a toda encenação real"mais do que a própria representação teatral), espalhar panfletos por toda fenda lodosa de todo muro de concreto & disseminá-los justamente nos espaços não autorizados dos clubes restritos para iniciados... a galera-monstro carimbadora de rótulos! A AAO, em sua extraordinária reunião hedonista no mangue-fétido-fértil da praia do Caça & Pesca, decidiu tornar público nosso odioso plano de sublevação epistemológica contra os arquivilões da soberania, da autonomia & da liberdade de crianças, mulheres & homens... nosso desprezível plano subversivo de desterritorialização dos conceitos instituídos de autogestão.

Numa instalação-viva bacante, pura ação manguezal no-ética, nós, ativistas da sociedade secreta d@s amig@s do crime, liquidamos as certezas conceituais e declaramos zil formas distintas e singulares de ver-falar-vivenciar a autogestão liber-tária. Segue nosso glossário [novíssimo anti-catecismo] gerido na experimentação da lama, das águas, das areias e das raízes do mangue do rio Cocó:

Autogestão linguagem-movediça, vital herdeira das formas livres, espera que você nela se afunde, se desloque para dentro do espírito/linguagem que habita seu corpo movediço, ela deseja apenas o deslocar-se sorrateiro... uma forma de autogestão que não se pega, sempre móvel...



Contra os que se habituam ao cotidiano heterogestor-higienista, há à solta a **autogestão bactéria assustadora**, espalhando o vírus fatal da vida autogerida, confrontando o medo de contaminar-se, próprio dos que não põem os pés na lama.

Autogestão cachorro vadio se recusa a ter *pedigree*, a ter uma raça, porque o cachorro vira-latas pisa descalço no chão das ruas, não tem medo de se poluir com a sujeira do mangue... uma autogestão vadia e das-ruas se recusa a todo tipo de acessórios e emblemas higienistas do cachorro com *pedigree*, uma autogestão pé-duro, que sai dos conceitos ridículos de limpeza e caminha descalço nas trilhas sujas/limpas do sertão e do mangue... vadiagem autogestionária!

Para os que não desejam mais toda essa cientificidade opressora contemporânea, dilaceradora de animais não-humanos, ratificadora do padrão cartesiano de Ciência, instituímos a **autogestão macaquinho-afoito-babuíno**, capaz de, num brado, qual o babuíno Shakma, destruir todo um laboratório de experimentos científicos... incluindo sua equipe de pesquisadores. Autogestão destruidora da cientificidade.

E se ainda há instinto no corpo desse animal-criança, desse animal-mulher, desse animal-homem, que ele seja exposto; e, livre de culpabilidade, os instintos possam dar sustentação à vida. Uma outra autogestão deve habitar os espaços do mangue, aquela capaz de expor nossos instintos, como suas raízes estão ali expostas à natureza... capaz de nos desintoxicar da civilização (carregada de culpas morais e que, frequentemente, oculta nossos instintos), uma **autogestão raízes da desintoxicação civilizatória...**, “expõe teus instintos” sugerem as raízes do mangue. Esse [re]encontro com a natureza, que se realiza através das raízes do mangue, faz renascer uma noção de natureza como força de sustentação da vida... uma **autogestão natureza-força**, capaz de suportar e dar sustentação aos nossos corpos através das raízes expostas do manguezal.



Toda ação destrutiva que nos permita um contato direto com a natureza encontra na **autogestão macaco quebra-tudo** sua forma orgânica de ser, ela destrói toda prisão que nos impede de retornar ao natural. Nosso macaco solto destruidor, pulando de galho em galho, e nos [re]conectando ao natural agora. A **autogestão leão-arrasador**, igualmente solta, quer lançar por terra (subindo nas dunas!) as injustiças sociais, envolvendo a quem tem pouco aquilo que foi tirado pelos quem têm muito... esse leão tribal arrasador;

A **autogestão monstro do lago Ness**, deseja destruir as pontes criadas pelo ser humano, destruir a destruição humana... derrubar as obras da engenharia traçadas pelo animal-homem. Uma espécie de autogestão antitecnológica.

Correr e gritar, brincar e comunicar-se divertidamente, movimentar-se de forma selvagem e excitar-se, significa conhecer o caminhozinho do rio da **autogestão movimento selvagem**. Brincar na lama quer toda **autogestão rejuvenescedora**, porque é preciso um contato primeiro com a lama para que a juventude se [re]estabeleça nesses corpos.

Na lama do mangue, nós, ativistas da sociedade secreta d@s amig@s do crime, sofremos mutações conceituais. Ora fizemos emergir na lama pura do rio Cocó uma autogestão capaz de fazer recuperar a infância de quem não a teve [**autogestão infância-que-não-tive**], um *revival* paradoxal, porque se desejou voltar a ter algo que não se teve antes. Para os que nunca viveram a infância da autogestão, ainda resta o desejo de poder retornar a ela através da lama do mangue; ora experimentamos a sensação de retorno à infância vivida [**autogestão ser-criança-de-novo**], quando éramos soltos e não estávamos amarrados a outros (há sempre alguém desejando estar no comando da nave de nossas vidas)... Nessa forma, a autogestão se sente aliviada, leve e solta..., como uma criança



brincando na lama. Ora a autogestão nos remete a um esconder-se, a um existir acobertado, dissimulado, como um caranguejo protegido pela lama, uma autogestão que se esconde para existir... [**autogestão caranguejo-escondido-na lama**], ora a autogestão é um caranguejo ambientado no mangue, é um animal integrado à natureza de forma clara, pisando na lama do manguezal... uma autogestão que se expõe sem receios e que olha para a natureza, sem nunca esquecer que ela existe [**autogestão caranguejo-pisa-na-lama**]; ora ela é um animal que é a própria pessoa [**autogestão animal-eu-mesmo**], que precisa se descobrir e se perceber animal também...; uma autogestão que anda abaixada, que vive na selva e usa mais as mãos e que vive procurando solução para as coisas.

Na melhor linha conceitual punk do D.I.Y. (*Do It Yourself*), a **autogestão faço-eu-mesmo** se propõe à autonomia das ações, construindo suas próprias coisas no dia-a-dia, curtindo saber estar nessa posição, mesmo esmagado pelos que relutam, em uma vida entregue às formas heterogestoras. Essa esmagadura torna-se, então, uma posição gostosa, porque mais autônoma e singular.

Macaco brincalhão nomeia aquela forma de autogestão em que amigos-macacos andam em bandos brincando e promovendo uma algazarra de sensações. Uma autogestão que vive em bandos. A **autogestão macaco alongado ou macaco estético**, é uma autogestão que necessita alongar-se e estender-se para manter-se em movimentação no seu meio ambiente. Uma posição alongada da autogestão do macaco na mata.

A **autogestão alterego-negão** surge no momento mesmo em que a lama preta do mangue pintada na cara permite um [re]encontrar-se com nosso alterego, nosso outro íntimo. E esse outro pode querer mais do que o nosso ego possa: correr nas dunas e enfrentar a construção da ponte sobre o rio Cocó... enfrentar aquela *merda* toda.



Uma **autogestão gato-garra** permite uma metamorfose metafórica e literal, em que dedos se transformam em garras e garantem a sustentação do corpo nas árvores. O corpo do animal-homem transforma-se no homem-animal agarrado à madeira. É ela a mutação que nos põe agarrados ao natural.

A autogestão não é comedora de restos, mas um animal estrategista, esperando o melhor momento para realizar seu ataque... **autogestão hiena estrategista**, mas para sobreviver ela precisa entrar em consórcio com a **autogestão hiena ética**, porque é preciso estar de olho nos lobos.

E, no manguê do rio Cocó, há outras formas de autogestão... gestando-se. A **autogestão lama-preta-bonita**, é aquilo que nos suja e, paradoxalmente, nos faz bonito. É uma sujidade que nos torna belo, e que vai contaminando os outros, fazendo-os também sujarem-se na lama-preta-bonita. Parente próximo da **autogestão pisando na lama**, que se deixa contaminar pelo pisado do outro e se permite a experimentação do novo ambiente, afastando o medo da lama. A **autogestão lama-de-lícia** faz bem para a pele, mesmo que a princípio ela desperte nojo nas pessoas. Uma espécie de autogestão que desperta repulsa à primeira vista, mas que traz sensações agradáveis e causa bem-estar nas pessoas que a tocam.

Chega um momento em que não há como evitar, e todo mundo interage com a lama da autogestão... a **autogestão tem de interagir**, com ela, não adianta ficar pulando de galho em galho, porque é inevitável meter os pés na lama do manguê autogestionário.

E, por fim, a **autogestão geração moleque-videogame** que busca superar os medos que nos são impostos pela domesticação civilizatória. É uma autogestão que exige disposição das pessoas para subir em árvores, roubar frutas, jogar bola..., e a movimentar o corpo, colocando-o em contato direto com a



natureza e com os sentidos; uma autogestão que faz sentir os sentidos, antes amedrontados. Algumas características da autogestão geração moleque-videogame são bem típicas e valem a pena ser tratadas nesse espaço panfletário: é uma autogestão que denuncia a pessoa-walkman, que anda pelas ruas ouvindo somente o que supostamente é necessário para se ouvir, mas que não se permite escutar os barulhinhos da natureza; denuncia a pessoa-arsenal, incapaz de sair de casa sem uma parafernália de objetos e de bens materiais, um arsenal de consumo que as impele a não entrar em contato direto com o natural(o mangue); e que, portanto, tornam-se pessoas miseráveis e coitadas, na medida em que têm a riqueza natural do mangue à disposição, mas não criam oportunidades de contato direto com ela; com o avanço tecnológico, com a televisão, com as redes virtuais de relacionamento, a gente tá “separando” o corpo da mente, mas o mangue ajuda a [re]unir o corpo e a mente desse animal-homem.

A partir do que expus, elabore seus próprios conceitos de autogestão... amplie a lista, modifique o glossário... experimente os sabores singulares da vida pulsante...diria o bigode delirante de Nietzsche: o caos nunca morreu!



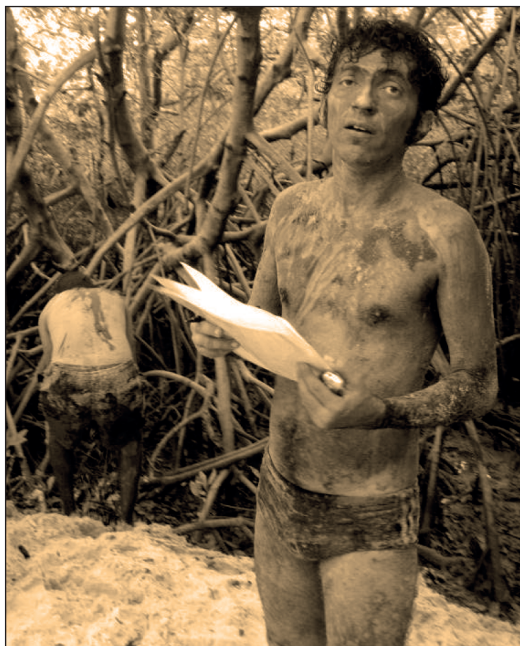
UH UH UH AH AH AH... UH UH UH AH AH AH... UH UH UH AH
 AH AH... UH UH UH AH
 AH AH... UH UH UH AH AH AH... UH UH UH AH AH AH... UH UH
 UH AH AH AH... UH UH UH AH AH AH... UH UH UH AH AH AH...
 UH
 UH UH AH AH AH UH UH UH AH AH AH... UH UH UH AH AH
 AH... UH UH UH AH AH AH... UH UH UH AH
AH AH... UH UH UH AH AH AH...



3.3.1 *Vivência Macaco Anarco: Técnica Escultura na Areia*

Para a vivência dessa técnica, propus, inicialmente, a formação de duplas, os pequenos grupos foram instados a buscar no próprio mangue os materiais a serem utilizados na confecção das Esculturas. Não somente areia, toda sorte de materiais que o grupo por ventura tenha desejado incorporar na construção do conceito aqui proposto: areia do mar, lama do manguezal, folhas do mangue, gravetos, sementes do mangue, restos de lixo doméstico, etc. Cada subgrupo teria de criar uma escultura da autogestão, e verbalizar no grupo-pesquisador os sentidos atribuídos à obra. A escultura seria o símbolo da autogestão.

Foto 2: Pesquisador sociopoeta em ação



Fonte: Acervo do pesquisador



Sandro – Em duplas, tá certo? Vamos formar as duplas e aí eu vou dizendo o que a gente vai fazer e aí vai encerrar a atividade. Vamos escolhendo aí, vamos montando as duplas.

Eles vão formando as duplas em meio a risos e descontração.

Sandro – Já temos as duplas, então é o seguinte... Vamos para as orientações aqui... Bom, é o seguinte, a dupla vai conversando um pouco sobre toda a vivência, a dupla vai conversar um pouquinho sobre isso, trocar ideia um com o outro, rapidamente..., super-rápido, e aí vão produzir um símbolo, certo? Vão desenhar um símbolo na areia. Esse símbolo..., ele deve simbolizar a vivência da dupla; e a dupla vai associar esse símbolo ao conceito de autogestão. Tá certo? Ok? Vai construir isso. Esse símbolo vai ser um símbolo da vivência aqui da dupla, ao mesmo tempo esse conceito de autogestão. “Ah, mas aí eu não sei...” Não importa se você sabe ou se não sabe o que é autogestão. Tá certo? Constrói esse símbolo. Desenhando na areia, tá certo? Aguarda que o André vai fotografar depois cada um dos símbolos. Tá certo, André? Então, vamos lá? Vocês têm cinco minutinhos aí para fazer.

Após esse tempo, as duplas iniciaram suas apresentações da criação dos símbolos:

Sandro – Cada dupla vai apresentar, para todos, o seu símbolo e vai dizer por que associa com a autogestão. Vamos ficar aqui, vamos ver o símbolo aqui. Vamos ouvir. Ei, Leila, Raphael, Renato... vamos para cá.

Mingau – Bem, veio parar nisso, depois de muitas tentativas de querer arquitetar alguma coisa. Aí a gente já tava... já nervoso assim... Aí eu: “meu irmão, vamos só juntar e fazer um bolo.” Aí eu imaginei um bolo assim, um pouco da questão da imaginação. “Pô, desse bolo a gente pode fazer o que quiser”, entendeu? Simbolizou um pouco, tipo assim, da minha alegria, que é uma paixão, um instinto meu, com artifícios da natureza, entendeu? Aí deu nesse Senhor Mangue que, relacionando com a autogestão... Acho que foi isso. A gente começou a criar um próprio conceito dessa coisa de fugir até dessa



coisa de simbologias já existentes, já guiadas, e criar algo verdadeiramente nosso, que pudesse expressar, mesmo de forma toscamente, nossas paixões. *Do It Yourself*.

Sérgio – Eu pensei, quer dizer, nós dois pensamos nessa história... Algum... foi de uma coisa só a gente poder moldar e espalhar isso, e eu pensei na história do espalhar porque tem a ver com a autogestão, pelo menos eu imagino que seja, pela questão da ligação que a gente deve ter, né? Então, isso aqui é um pouco do espelho do céu, quando você olha assim para as estrelas. E o ser humano coletivo está inserido.

Sandro – Aí, os meninos deram um nome. Então, aos outros eu também sugeri que cada um bote um nome na sua, aí quando for apresentar já diz também o nome do seu símbolo, tá certo?

Aqui ficou Senhor Manguê, é isso?

Mingau – É. Senhor Manguê ou Fede-bosta. (Risos)

Foto 3: Escultura Senhor Manguê ou Fede-bosta



Fonte: Acervo do pesquisador



Sandro – Vamos lá, vamos curtir aqui o do Saulo e do Pedro

Saulo – Esse aqui é o Dente de Leão... É... pode me ajudar também um pouquinho... Vou começar aqui pelo... o chão. O chão é o mesmo para todos. E tipo, todos que eu tô falando é... cada raiz dessa que você vê elas têm o mesmo propósito, mas elas são todas diferentes, todas têm a sua forma, todas têm a sua, digamos, a sua individualidade, a sua cor, seja lá o que for, mas o chão tá aqui para todo mundo, para todos, é o mesmo. E o caule ele leva para a produção e tal, que são as folhas que vão reproduzir, que vão criar outras..., outras coisas, e que também leva para um caminho meio que incerto e tal.

Sandro – Você pode completar também.

Pedro – Esses galhos são galhos que respiram, né? São ao mesmo tempo galhos que fixam, são raízes na verdade, então são eles que seguram, que sustentam..., sustentam o que for, se é uma planta ruim, se é uma planta boa; então, é mais a profundidade humana mesmo, do coletivo e do individual. Que os galhos são diferentes, mas eles chegam ao mesmo ponto e saem do mesmo ponto. Eles são diferentes pela forma, mas eles são galhos que vão chegar ao chão, que têm sua função igual aos outros, só que são diferentes. E o tronco vai trazer tudo que esses galhos fazem, que essas raízes fazem para cima, vão trazendo para cima e nas folhas verdes é que vai trazer tudo isso que vem do céu, que vem de uma espiritualidade forte, que vem de uma coisa que a gente não sabe explicar e vai transformar tudo em vida de novo e traz e faz todo esse processo. Então, para mim, a coletividade sustentável, como esse mangue, é assim: são pessoas diferentes, fazendo coisas diferentes, só que cada um tem sua função, assim como esses troncos. Ninguém aqui vale mais do que Alguém. Todos estão juntos, entendeu? para tipo, se prover, se autogerir, se autogerir de um modo que todo mundo tenha a mesma coisa, entendeu?



Foto 4: Escultura: ‘Dente-de-Leão’



Fonte: Acervo do pesquisador

Sandro – Esse grupo agora, esse símbolo aqui. Vamos lá.

Renan – Falar já é difícil, com esse negócio na cara, é pior ainda. A gente fez pensando que ter raízes não é ser preso, ao contrário, é algo bom, é saber de onde veio. E a figura, a meu ver, pelo menos, simboliza que todas as pessoas têm raízes para a qual vão retornar um dia.



Foto 5: Escultura: As raízes do homem de lama



Fonte: Acervo do pesquisador

Sandro – Como é o nome do símbolo?

Renan – Homens de lama..., é...

Gabriela – As raízes do homem de lama. O fato das raízes fixarem a gente não significa que a gente não possa ser livre, não possa ser flexível.

Sandro – Aí, como vocês relacionam, então, isso que estão falando com a autogestão?

Renan – Não relaciona.(Risos)



Gabriela – A gente não pensou nisso.

Sandro – Quem mais?

(Eles dispersam, tiram brincadeiras...)

Leila – Segundo o Renato, isso aí é Leila Júnior.

Foto 6: Escultura Leila Júnior



Fonte: Acervo do pesquisador

Sandro – Vamos lá, explica o símbolo aí e faz a relação com a autogestão:

Leila – É como se fosse assim... Isso foi ideia do Renato, ele tá botando a batata quente na minha mão. É como se fosse... tipo, esses pezinhos, os três pezinhos, é como se fosse a humanidade convergindo para a sociedade, convergindo para o consumo, para a tecnologia e tal, para a coca-cola. Tanto que tem a coca-cola aí, o símbolo e tal. E, isso, sujando, assim. Essa laminha preta, no caso o mangue..., seria, tipo assim: se a humanidade continuar desse jeito, como ela vai acabar, mais ou menos, no final. E a questão da autogestão é... tipo... já existem tantos símbolos relacionados à autogestão e tal... O fato de a gente poder criar e tal..., ter a liberdade de criar e tal..., o próprio símbolo, acho que isso tá relacionado.



Renato – Bom, o que eu tenho a falar...(?) – Eu tenho que dizer que, da mesma forma que a sociedade converge para o consumo, também pode ser interpretada da forma contrária: o que seria o negro? Seria o quê? Seria a natureza retomando o que é seu e isso convergindo na sociedade. É como se fosse uma via de duas mãos.
(Risos)

Sandro – Guilherme e Rafael. Antes, deixa eu bater uma foto.

Guilherme – O nosso é o mais primitivo aqui dos símbolos, um dos mais, aliás. Bom, para nós dois, isso representa as raízes... a força; como a natureza é generosa e forte ao mesmo tempo. E o nome é “Ancestral”. Digamos que muitas pessoas viram que colocaram as raízes como algo importante e, afinal é.... Nossas raízes, como nossos ancestrais.

Rafael – As raízes, né? As raízes não... (pausa) Como o Renan falou também, que as raízes não são algo que prende a gente, mas lembra de onde a gente veio, então as raízes, como o mangue, foi de onde a humanidade veio, da natureza, e para onde ela vai voltar quando morrer; então “ancestral” por causa disso. E relacionado também ao conceito de autogestão, é que as raízes são diferentes, são caminhos diferentes e elas estão fazendo um trabalho para uma coisa só, para um bem comum, para o bem comum delas. No caso, a gente não pensou em desenhar as folhas e tal, porque a gente... para nós, em comum, que teve..., no percurso, o que mais nos marcou em comum, foram as raízes mesmo, a força e tal. E com a autogestão, por causa disso, as raízes, elas juntas trabalham para construir algo. Algo que não pertence só a uma raiz ou àquela, ou àquela outra, mas algo de todas as raízes, que é a planta em si e tudo mais.

Tomé – Esse aqui é... fiz com a Leane, aí ela vai falar um pouquinho. Quando o Sandro falou de autogestão, a gente foi logo pensando no que é que podia pegar da vivência e, a gente lembrou de liberdade. Claro, liberdade relacionada com autogestão. A gente desenhou assim – a gente não é muito criativo – a gente desenhou uma pessoa nua correndo no meio das árvo-



res, no mangue, livre, sozinha. Mas ela está lá com as árvores e as árvores estão dando apoio e se você for prestar atenção ela parece com as árvores.

Sandro – E como é o nome?

Tomé – Não pensei em nome, não.

Leane – O homem nu e a liberdade.

Tomé – O homem nu e a liberdade?

Leane – É.

Tomé – O homem nu e a natureza.

Sandro – Que mais, Leane?

Leane – Não tem muito o que falar, né? Que o Tomé já falou. É assim: vem o homem nu... A gente quis pegar meio que... relacionar meio que a autogestão, ele ter poder sobre si, ter a liberdade, nada poder dominar ele e ele estar assim, nu, interagindo com a natureza.

Primeiro – Eu queria mudar o nome do meu.

Sandro – Ok.

Mingau – Queria botar Simbiose.

Sandro – Qual era o nome anterior?

Mingau – Senhor Mangue.

(Há uma descontração e uma dispersão).

Norval conduz um breve ritual de despedida, em quetrês pessoas, ao seu tempo e ao seu desejo, vêm ao centro da roda e tomam um fruto do mangue para enterrar na areia... um ato simbólico e real de replantio e reflorestamento do mangue, e de respeito para com a natureza. Um agradecimento pelo belo dia que o manguezal do rio Cocó nos proporcionou.

Sandro – Ok. Eu quero agradecer ao Norval por ter facilitado, por ter sugerido esse ambiente aqui... Eu achei esse ambiente fantástico. Ele que nos trouxe... Ele veio um dia aqui comigo e com a Sandra, e a gente experimentou isso aqui, a gente viu



que era realmente aquilo que a gente tava pensando e querendo e até outras ideias surgiram a partir disso aqui. Então eu quero agradecer ao Norval por ter sugerido, por ter vindo, por estar aqui conosco... Certo, Norval?

3.3.2 *Listagem dos Confetos: Técnica Esculturas na Areia*

Autogestão Bolo da Imaginação; Autogestão Ancestral; Autogestão Raízes; Autogestão Do It Yourself; Autogestão Folhas; Autogestão Laminha Preta; Autogestão Negro; Autogestão Pessoa Nua; Autogestão Homem Nu; Autogestão Coletividade Sustentável.

O Estudo Transversal da técnica Esculturas na Areia revelou-se para mim, num *insight*, sob a forma de receitas culinárias. Aqui me veio a experiência culinária vegetariana que construí ao longo dos últimos seis anos, quando decidi experimentar existencialmente uma radical vivência vegana – radical aqui significando não exatamente aprofundamento, mas afundamento, me colocar no fundo da terra fértil das práticas veganas, esse desejo de me misturar rizomaticamente ao universo veganarquista. A pluralidade de confetos produzidos pelo grupo-pesquisador, a polissemia dos confetos gerados pela vivência nas raízes do mangue, exigiu que elaborasse não um único prato, mas um banquete, com direito a prato de entrada e sobremesas. Muito embora vegetariano, o *chef* teve de atender às exigências de seus clientes e adicionar carne morta à sua culinária – ao longo das receitas (que são verídicas e elaboráveis – pode fazer, que dá certo), e o *chef* comentará sobre os ingredientes. São pratos especiais; pratos capazes de fazer eclodir processos autogestionários singulares e intensos, e ingredientes potencializadores de devires-minoritários inusitados, criativas linhas de fuga...



O Banquete da Autogestão

Risoto de Cevadinha ao Leite de Castanha-de-Caju

Ingredientes: ½ kg de cevadinha integral em grãos, dois punhados de castanha-de-caju, sal.

Modo de preparo:

Após 12h de molho, refogue a cevadinha numa panela; 2. Bata um punhado de castanhas no liquidificador e peneire; 3. Junte o leite peneirado, o bagaço que sobra na peneira e o outro punhado de castanhas à cevadinha, e deixe cozinhar até dar o ponto tenro; sirva quente.

Comentários do Chef:

A dieta do homem ancestral era composta por grãos integrais de cevadinha e amêndoas silvestres. Buscar o alimento ancestral nos faz lembrar que retornaremos à natureza quando morrermos... a **Autogestão Ancestral** implica em lembrar nosso retorno à natureza pela prática da alimentação ancestral; autogerir-se significa reconhecer nossos vínculos com a natureza, nossa finitude, mas também que a morte é um reencontrar-se com a ancestralidade, assim como o grão morre para que a árvore vigore.

Torta de Inhame

Ingredientes: 1 kg de inhame paraíba, um buquê de Couve-Flor, páprica e sal

Modo de preparo:

Cozinhar o inhame no vapor; 2. Tostar levemente a couve em buquês no azeite e temperar com páprica e sal; 3. Amasse o inhame numa travessa e cubra com a couve-flor *al dente*. Sirva quente.

Comentários do Chef:

O inhame é um rizoma. O inhame é uma raiz na culinária da etnia tupiniquim e no cotidiano de vários povos africanos. Faz parte da alimentação cabocla do Brasil profundo... o inhame conecta as várias matrizes ancestrais de diferentes culturas. Dos bulbos do inhame partem outras raízes, conectando nossas origens ancestrais. Tantas são as conexões que o inhame realiza quanto são os sentidos de uma **Autogestão Raízes**.



Há uma **Autogestão Raízes**, inhame paraíba, conectando o ponto de partida ao ponto de chegada – a autogestão é o meio e o fim de toda vivência libertária, o rizoma habita todo o percurso autogestionário. Só me lanço numa vivência autogestionária se for autogestionário já no ponto de partida.

Outra **Autogestão Raízes**, inhame-terra-úmida, mantém o propósito coletivo, o bem-comum, mas reconhece a individualidade e a diferença – cada inhame é singular. Cada inhame tem sua fibra, sua casca, sua forma, sua liga, sua brancura, sua aspereza, sua negritude, seu peso, seu cheiro. A autogestão raízes mantém a diferença singular do indivíduo.

O inhame da Serra da Rajada produz uma **Autogestão Raízes** que conhece suas origens, sua ancestralidade, seu passado e, por isso, é livre; uma autogestão assim sabe de seus propósitos iniciais, guarda um comprometimento com suas raízes libertárias; sabe aonde quer chegar, mas fundamentalmente, sabe de onde partiram seus propósitos primeiros. Faz de seu ponto de partida o seu ponto de chegada.

O robusto inhame amanamanha gerou essa **Autogestão Raízes**: as raízes fixas da autogestão, as suas origens. Os seus propósitos iniciais não impedem a flexibilidade das práticas autogestionárias – é possível transitar flexivo sobre outras formas de viver a autogestão, mesmo tendo uma raiz fixa em nossas origens. Essa fixidez das raízes da autogestão não impede a liberdade das pessoas e dos grupos libertários produzirem novos rizomas, novas conexões. Um rizoma se conecta a outros rizomas, produzindo outros devires.

Carne de Boi Mal Passada, com Azeite Balsâmico

Ingredientes: Peçaço sangrento da coxa do boi assassinado, fio generoso de azeite balsâmico;

Modo de preparo: 1. Retalie as partes sangrentas do boi; 2. Torre levemente as fatias da coxa do boi e regue com o suco do seu próprio sangue (do boi, claro); 3. Sirva com azeite balsâmico.

Comentários do Chef:

O suco da carne bovina é produto de um processo destrutivo da natureza, pela ação do homem. A sociedade tecnológica de



consumo destrói a natureza. O consumo de carne bovina, que requer um processo degradante sobre o meio ambiente, nos leva a um ponto de desequilíbrio da natureza... esse consumo destrutivo faz surgir a laminha preta de nosso fim, de nossa degradação. Uma **Autogestão Laminha Preta** só olha para seus interesses imediatos e não atenta para as consequências desastrosas de seus atos. Uma autogestão assentada na sociedade, no consumo, na tecnologia, sem olhar para a natureza, tende a um fim na lama da degradação. Uma autogestão que perpetua o consumo de carne bovina, com sua complexa máquina de desequilíbrio do meio ambiente, acaba seus dias na degradação da natureza. Contrapondo-se a esta laminha preta degradante – esse suco de boi morto – há o negro do mangue, a **Autogestão Negro**, que restaura e revigora as forças da natureza, faz a natureza retomar aquilo que pertence a ela... o azeite balsâmico purifica nosso corpo, como o mangue filtra a sujeira produzida pela sociedade. A **Autogestão Negro** revigora a sociedade, filtrando e purificando as degradações produzidas pelo homem sobre a natureza.

Bolo da Imaginação

Ingredientes: 300 g de farinha de trigo, 80 g de cânhamo, óleo vegetal, 50g de cacau amargo, açúcar mascavo, água;

Modo de preparo:

Frite o cânhamo em óleo até o aroma inundar o ambiente; 2. Misture a farinha, o cacau, o açúcar, um fio longo de óleo, e água até obter uma massa homogênea; 3. Acrescente o cânhamo frito; 4. Asse até o garfo espetado não sair mais umedecido. Obs.: coma apenas duas fatias moderadas e aguarde 1h pelos efeitos no seu corpo-mente.

Comentários do Chef:

Esse prato deve ser servido após a refeição principal, como uma sobremesa requintada, embora nem todos possam provar de seu sabor. Ele deve ser consumido como num ritual xamânico. O cânhamo é uma espécie vegetal capaz de gerar entorpecimento dos sentidos, pela aceleração das sinapses neurais, produzindo um relaxamento do corpo e uma ampliação das percepções sensoriais. Frito, ele eleva exponencialmente seu potencial. A **Autogestão Bolo da Imaginação** permite, atra-



vés dos artifícios da natureza, fazer eclodir a alegria. Ela abre as portas das percepções. Libera os instintos. Uma autogestão em que o contato direto com a natureza permite a ampliação das percepções do mundo e das paixões do ser humano.

Sorvete de Mangaba Silvestre com cobertura de Sementes Nuas de Gergelim Mágico

Ingredientes: 1 litro de Mangaba Silvestre madura, 6 bananas tipo prata, sementes nuas de gergelim;

Modo de preparo:

Descasque as bananas e guarde-as num prato dentro do congelador tempo suficiente para que congelem; 2. Bata as mangabas sem sementes no liquidificador, junto com as bananas, até obter uma consistência cremosa; 3. Sem açúcar, por favor; 4. Salpique sementes de gergelim sem pele sobre o sorvete. Sirva imediatamente.

Comentários do Chef:

Um devir-árvore, um devir corpo-nu se alojam em quem degusta tal iguaria; a mangabeira é um arbusto silvestre que não se deixa cultivar, nasce livre, corre nos campos do cerrado e da mata atlântica. Só se pode respigar seus frutos, pegá-los do chão; não se pode dominar a mangaba. A **Autogestão Homem Nu** é essa mangabeira silvestre, há que se esperar o momento certo para degustar de seus frutos, pois não se pode dominá-la. Ser esse homem indominável, integrado à natureza. Sem açúcar e sem aditivos, o sorvete de mangaba silvestre e as sementes nuas de gergelim nos desnudam, nos despojam dos acessórios desnecessários da civilização, nos mimetizam com a própria mangabeira...; aflora nossa **Autogestão Pessoa Nua**, uma forma peculiar de autogerir-se, mimetizando-nos à natureza, confundindo-nos com ela. Essa autogestão potencializa o despojamento, o sentir-se livre e misturado ao natural...; para nos autogerir, é preciso estar nus...

Salada de Frutas

Ingredientes: sapoti, abacate, melancia, banana, abacaxi;

Modo de preparo:

Descasque, pique e misture as frutas – sem açúcar, por favor.



Comentários do Chef:

A banana é tenra, a melancia aquosa, o sapoti é carnudo, o abacaxi ácido, o abacate é oleaginoso. Cada fruta é uma fruta, cada fruta tem sua singular diferença. As frutas são o corpo da salada, mas uma salada de fruta é sempre mais que a soma das frutas ali misturadas. $2 + 2$ não são 4, como gritaram os anarquistas em maio de 68. A **Autogestão Coletividade Sustentável** precisa de sabores/saberes diferentes, cada companheir@ traz sua colaboração singular para a miscelânea anárquica; sem a colaboração mista não há autogestão libertária, a mistura forma a diferença.

Salada Verde de Folhas Cruas

Ingredientes: alface, acelga, rúcula, agrião, chicória, shoyu e azeite para regar;

Modo de preparo:

Lave, seque, arrume as folhas numa travessa, regue-as com shoyu e azeite e sirva.

Comentários do Chef:

A folha sintetiza a luz do sol, a transforma em alimento, em verde, em cheiro, em textura. A **Autogestão Folha** nasce desse desejo de transmutar, criar coisas, de fazer surgir um outro-absolutamente-diferente, mesmo que esse outro, essa coisa-diferença, essa criação singular, siga caminhos incertos e tortuosos... a autogestão folha faz brotar a diferença e o desejo de transmutação.

Comentário Final do Chef:

Sirva-se dos pratos com prazer. Avance, sem moderação – esqueça a carne, ela é, aqui, mera formalidade didática. A vida vegetariana há de ser uma epifania de sabores, não um sacrifício sacerdotal. Mas, acima de tudo, produza seus próprios pratos, sua comidinha vegana gostosa... aprenda, troque, toque-se, mexa, mexa-se..., crie coisas novas, fuja dos conceitos instituídos, cristalizados e guiados e codificados...; vivencie um devir **Autogestão Do It Yourself**... expresse suas paixões.

Bonapetite!



CAPÍTULO 4

VIVÊNCIA SOCIPOÉTICA II:
O CORPO NÔMADE
DO GRUPO-PESQUISADOR





Para esta vivência, tive contratempos, problemas e surpresas com relação à presença dos membros do grupo-pesquisador, de forma a garantir que todos da vivência Macaco-anarco estivessem na serra da Pacatuba, nesse segundo momento da pesquisa.

Nem todos puderam nos acompanhar, por motivações diversas: Gabriela fez uma viagem de última hora; Leila demonstrou pouco interesse em continuar na pesquisa; Serginho quebrou a perna na véspera; Saulo estava trabalhando; Renato não se justificou (mas nesse momento da pesquisa ele já não estava mais no Coletivo 12 Macacos, e frequentava a Organização Resistência Libertária – ele começou a descrever um longo arco de distanciamento por questões de ordem política).

Mas tivemos boas surpresas, como foi o caso do Pedro que havia afirmado que não poderia ir, todavia nos alcançou na chegada da serra, de carona com o Norval Cruz (que mais uma vez nos deu apoio nas atividades iniciais e nos guiou na trilha da subida da serra). E tivemos um acréscimo: Pollyana, a convite de Tomé, seu namorado. E, mais uma vez, pudemos contar com um apoio importante: a presença de Eleomar (Mazim), sociopoeta e colega da Pós-Graduação, que auxiliou na condução das técnicas. Assim sendo, os membros foram: Leane, Tomé, Renan, Pedro, Matheus (Mingau), Guilherme, André, Raphael, Polly, Mazim (facilitador).



Foto 7: Produção de dados com a Técnica Narrativas Míticas, Serra da Pacatuba



Fonte: Acervo do pesquisador

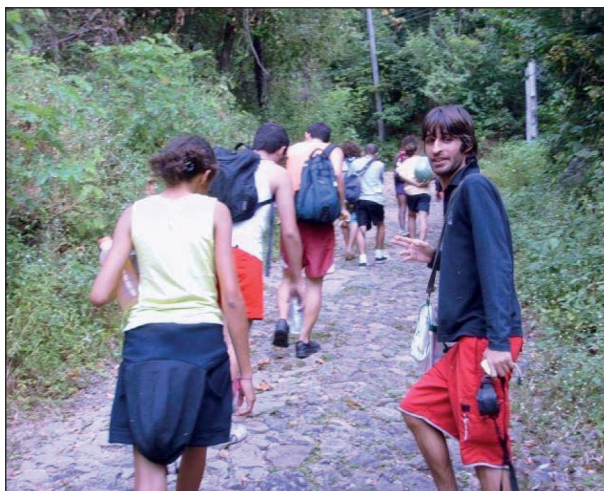
4.1 Vivência Corpo Nômade dos Orixás

4.1.1 Serra da Pacatuba, Pacatuba-Ceará, 06 de julho de 2008

A Serra da Pacatuba fica localizada a pouco mais de 60km de Fortaleza, e tem uma altura aproximada de 600m. Seu topo pode ser alcançado em duas horas de caminhada. No alto, há um lago represado e algumas fontes de água cristalina e potável. Após o ritual tribalista, na base da serra, o grupo-pesquisador-nômade deslocou-se para seu topo pelas trilhas abertas, sob a orientação dos cofacilitadores Norval e Mazim. A subida constituiu parte fundamental da produção da pesquisa.



Foto 8: Subida da Serra da Pacatuba – grupo-pesquisador sociopoético



Fonte: Acervo do pesquisador

Ao longo da subida e no entorno do lago e das fontes, os copesquisadores exploraram os elementos naturais encontrados. Ao chegar ao topo da serra, houve um momento para o banho no lago e um lanche à base de frutas e mandioca cozida. Procuramos um espaço na mata para a atividade, e o grupo-pesquisador se dispôs em círculo para o início da técnica: foi feita a leitura da narrativa mítica do Nascimento de Oranian, segundo o Candomblé.

A Sociopoética propõe o uso de técnicas capazes de gerar o estranhamento no grupo-pesquisador, de forma a produzir uma desterritorialização frente aos referenciais instituídos nos membros da pesquisa. Como a maioria dos participantes vem de uma formação católica eurocêntrica, a técnica escolhida propôs uma aproximação com o universo mítico-cosmogônico das tradições religiosas negras de matriz africana. Após a



leitura, foi entregue a cada copesquisador um texto contendo um arquétipo de um orixá do candomblé, uma narrativa mítica africana. A proposta aqui, foi a de construir uma narrativa mitológica, mesclando a história pessoal dos desafios da subida da serra com a história do orixá, relacionando-os com a autogestão. Uma vez produzida a escrita mitológica, cada um apresentou sua narrativa. Depois, abriu-se o círculo para verbalizações livres. Por fim, merenda à vontade, descanso edes-cida da serra. Fim da vivência.

Foto 9: Serra da Pacatuba-Ceará – lanche frugal antes da técnica Narrativas Míticas



Fonte: Dados da pesquisa

4.1.2 *Vivência Corpo Nômade dos Orixás: Técnica Narrativas Míticas*

O Nascimento de Oranian, pai de Xangô, segundo a mitologia do Candomblé. Este texto, assim como o material dos arquétipos dos orixás, foi coletado por Pierre Verger e publicado em *Lendas africanas dos orixás*, com ilustrações de Carybé:



Nascimento de Oranian

Quando Ogum fez a guerra contra Ogotum, ele trouxe sete mulheres.

Uma destas escravas, Lakangê, era tão bonita que ele a escondeu para si, amando-a secretamente. Mas, alguns falsos amigos apressaram-se em denunciá-lo ao seu pai.

Odudua, furioso, mandou chamar Ogum e falou-lhe, gritando: “Que atrevimento! Você traz-me seis mulheres, verdadeiras feiúras e, segundo disseram-me, você deixou para si a mais bela, que parece ser uma joia delicada. Ah! Os jovens não têm mais respeito nem consideração por seus pais! Onde vamos chegar com tanta insolência e desrespeito? Ogum, traga-me esta mulher sem mais um minuto de demora!”

Ogum, assustado com a cólera de seu pai, não ousou confessar o que se passava entre ele e Lakangê. Com a morte na alma, ele entregou sua bela mulher a Odudua. Este, encantado, fez dela sua companheira predileta. Nove meses mais tarde, Lakangê teve um filho. Para grande surpresa de todos, o corpo do recém-nascido tinha a originalidade de ser metade preto, metade branco. Metade preto, à direita, pois a pele de Ogum era muito escura. Metade branco, à esquerda, pois a pele de Odudua era muito clara.

Odudua, confuso baixou a cabeça e nada soube dizer. Mais tarde, esta criança tornou-se um guerreiro famoso.

Homem valente à direita

Homem valente à esquerda.

Homem valente em casa,

Homem valente na guerra.

Ele foi o fundador do reino de Oyó e o pai de Xangô. (VERGER; CARYBÉ, 2001, p. 25).



Cada copesquisador, inspirado na narrativa de Oranian e munido com o texto do arquétipo do Orixá, apresentou sua própria narrativa mítica. O tempo dado para a produção desse material foi de quinze minutos, para evitar que, com uma extensão maior de tempo, o material produzido fosse muito burilado e excessivamente racionalizado e para manter os copesquisadores no clima do estranhamento e com as defesas racionais baixas, a fim de o inconsciente, a intuição e a inspiração artística aflorarem no material produzido.

Foto 10: Grupo Pesquisador e a técnica Narrativas Míticas Polly – Oxalá



Fonte: Acervo do pesquisador

▪ O MITO DE OXALÁ – POLLY

Pela primeira vez, grande pai Oxalá, rei dos reis, pensa em desistir... Oxalá, sempre sereno, equilibrado, partia rumo a uma caminhada. Mas Oxalá, muito velho, carregando no corpo as marcas da vida, de sua idade, resolveu desafiar-se. Muitos aconselharam-lhe [sic] a ficar em casa, a descansar. Mas pai Oxalá estava convicto de não querer fazer de mais um dia na vida algo inútil. Debilitado pelo corpo, a rotina o matava, o cas-



trava, porém, não limitava sua visão de mundo. Oxalá, assim como um *insight*, decidiu sair, caminhando sem rumo. Um eremita velho e solitário, desafiando a si mesmo. Seus filhos e devotos tentaram impedir essa empreitada com falácias e palavras que machucaram. Sua mente, condicionada, também lhe sabotava. Ao mesmo tempo que o sentimento de mudança e aventura batia em seu peito, Oxalá, por vezes, achava-se incapaz. E não queria fazer sofrer de dúvida e angústia seus filhos e devotos.

Sua força mental era grande. Decidiu-se. Foi. Olhou para a serra, sentiu que tinha de trilhá-las, logo sabia que não era apenas uma caminhada, mas uma superação de limites e o autoconhecimento. Oxalá sentia, sabia. Precisava daquilo. Oxalá precisava da natureza, assim como um bebê necessita da mãe, ao nascer. Partiu em sua jornada e, para sua decepção, não aguentou nem os dez metros. O terreno íngreme e a condição do seu corpo impossibilitavam sua trajetória.

Oxalá, triste e desapontado, chorava sobre a pedra, convicto de seu fracasso. Quando lhe apareceu uma cobra. A cobra o aconselhou a ir por outro caminho. Oxalá desconfiado, mas sendo sábio, sentiu sinceridade na cobra e não julgou por seu estereótipo. Logo Oxalá convidou a cobra e ambos seguiram juntos. Em seguida, apareceu uma lagartixa, e espantou-se de a cobra não comer a lagarta [*sic*]. Ambos conviviam em paz. Depois apareceu um urubu, uma onça e um macaco. E todos vinham em harmonia. Logo, pai Oxalá sentiu uma pontinha de inveja, pois em seu mundo dos humanos via tanta desunião, desequilíbrio, individualidade, e viu, na vida dos bichos, a antítese da vida dos homens.

Com a ajuda dos bichos – macaco, onça, lagartixa e a cobra, passou noventa dias e noventa noites na floresta. Aprendeu, criou resistência, passou a proteger seus novos amigos e,



completamente renovado, queria que seus queridos passassem por esse processo também.

Então, Oxalá ordenou que todos os seus seguidores deveriam respeitar a natureza e todos os elementos da vida, sem distinção. Oxalá, contrariando a tudo e a todos, não deixou influenciar-se, e seguiu o caminho que desabrochava em seu peito. Criou um novo(filosofia, palavra riscada no original) ideal de vida.

Arquétipo – Oxalá

De personalidade dos devotos de oxalá é aquele das pessoas calmas e dignas de confiança, das pessoas respeitáveis e reservadas, dotadas de força de vontade inquebrantável que nada pode influenciar. Em nenhuma circunstância modificam seus planos e seus projetos, mesmo a despeito das opiniões contrárias, racionais, que as alertam para possíveis consequências desagradáveis dos seus atos. Tais pessoas, no entanto, sabem aceitar, sem reclamar, os resultados amargos daí decorrentes. (VERGER; CARIBÉ, 2001, p. 262)

▪ O MITO DE OGUM- LEANE

Ogum acordou logo cedo, para entrar na mata. Sua mãe Iemanjá não quis que fosse, disse que não era dia de ir para a mata. Violento e briguento desobedeceu a sua mãe. Sua mãe o ofendeu muito, ele não perdoou, era incapaz de perdoá-la. À noite Ogum estava na mata. Sem medo de enfrentar os problemas, Ogum segue energeticamente e não se desencoraja facilmente. Impulsivo, por desobedecer à mãe não volta para casa. Ogum muitas vezes passa de furioso ao mais tranquilo dos comportamentos. Uma vez conversando com seu irmão, disse com sua sinceridade e franqueza [que] não perdoaria sua mãe Iemanjá, porque não quis receber o filho de volta. Disse



que sempre estaria em lugares livres, depois de sua viagem na mata.

Arquétipo – Ogum

Ogum é orixá das pessoas mais violentas, briguentas e impulsivas, incapazes de perdoarem as ofensas de que foram vítimas. Das pessoas que perseguem energeticamente seus objetivos e não desencorajam facilmente. daquelas que nos momentos difíceis triunfam onde qualquer outro teria abandonado o combate e perdido toda a esperança. Das que possuem o humor mutável, passando de furiosos acessos de raiva ao mais tranquilo dos comportamentos. Finalmente, é arquétipo das pessoas impetuosas e arrogantes, daquelas que se arriscam a melindrar os outros por uma certa falta de discrição quando lhes prestam serviços, mas que, devido à sinceridade e franqueza de suas intenções, tornam-se difíceis de serem odiadas. (VERGER; CARIBÉ, 2001, p. 95)

▪ O MITO DE OXÓSSI- MINGAU

Havia um homem ousado de pretensões bem maiores do que as disposições que lhe eram oferecidas. Possuidor de uma mente inquietante, um caçador de subjetividades. Máquina desejante inconformada. Seu nome era Oxóssi. Apesar de sua pretensão de grandeza, ele não esquecera o convívio da multiplicidade universal da sociedade. Movido por sonhos, mas um pouco retraído por seu universo individual. Oxóssi corre! corre!, vivencia cada passo, como um desabrochar de possibilidades. Se possível, nunca faz isso sozinho. Está sempre acompanhado da diversidade, até *[sic]* que seja para colocar em aprovação *[sic]* seus pensamentos. Um caçador versátil que encontra seus objetivos nos mais diversos lugares e nas mais fantásticas pessoas. Gosta de apontar novas perspectivas. Aponta para a Lua, mas os desatentos só enxergam o dedo.



Arquétipo – Oxóssi

É os das pessoas espertas, rápidas, sempre em alerta e em movimento. São pessoas cheias de iniciativas e sempre em vias de novas descobertas ou de novas atividades. Têm um senso de responsabilidade e dos cuidados para com a família. São generosas, hospitaleiras e amigas da ordem, mas gostam muito de mudar de residência e achar novos meios de existência em detrimento, algumas vezes, de uma vida doméstica harmoniosa e calma. (VERGER; CARIBÉ, 2001, p. 114)

▪ O MITO DE XANGÔ- RAPHAEL

Xangô, que é enérgico, voluntarioso e benevolente, vive segundo o humor do momento, pode ser severo e violento deixando-se possuir por crise de cólera incontrolável, tinha de buscar um fruto muito raro no alto de um monte. Esse fruto era para curar sua mãe e lhe devolver a paz interior.

Quando do começo da subida ao monte, Xangô não sabia o que esperar de sua jornada, tudo lhe era novo, mas tinha a determinação de espírito para não temer o desconhecido. Testou seus limites na experiência. Às vezes, Xangô se deixava levar pelos pequenos problemas que lhe surgiam no caminho; focando-se no objetivo de pegar o fruto, qualquer imprevisto era tido como algo negativo.

Quando da chegada ao cume do monte, Xangô não encontrou fruto algum, o que acentuou seu lado colérico. Xangô teve uma descoberta. Xangô, então, notou e refletiu e teve uma visão de que [todos] o fruto não estava no monte, mas no caminho. Na autogestão, o meio faz o caminho. Os meios constroem o fim.

Arquétipo – Xangô

Xangô é aquele das pessoas voluntariosas e energéticas, altivas e conscientes de sua importância real ou suposta. Das pessoas que podem



ser grandes senhores, cortesês, mas que não toleram a menor contradição, e, nesses casos, deixam-se possuir por crises de cólera, violentas e incontroláveis. Das pessoas sensíveis ao charme do sexo oposto e que se conduzem com tato e encanto no decurso das reuniões sociais, mas que podem perder o controle e ultrapassar os limites da decência. Enfim, o arquétipo que de Xangô é aquele das pessoas que possuem um elevado sentido da sua própria dignidade. (VERGER; CARIBÉ, 2001, p. 140)

▪ O MITO DE OXUMARÉ-TOMÉ

Um guerreiro da cidade sentia necessidade de riqueza, abandona a cidade acreditando que no alto do céu haveria um tesouro. Sozinho, sem dinheiro, bagagem nem companhia, sentia-se senhor do mundo e queria ser grande. Chegando ao pé de uma serra, esse guerreiro deseja ser o dono do lugar e sobe a serra onde sente-se o pai de todos os bichos e todas as plantas, seu desejo de riqueza era saciado pelo simples poder de posse da natureza, da água, do ar, da terra e do fogo.

Arquétipo de Oxumaré

Das pessoas que desejam ser ricas; das pessoas pacientes e perseverantes nos seus empreendimentos e que não medem sacrifícios para atingir seus objetivos. Suas tendências à duplicidade podem ser atribuídas à natureza andrógina de seu deus. Com o sucesso, tornam-se facilmente orgulhosas e pomposas e gostam de demonstrar sua grandeza recente. Não deixam de possuir certa generosidade, e não se negam a estender a mão em socorro àqueles que necessitam. (VERGER; CARIBÉ, 2001, p. 207)

▪ O MITO DE IEMANJÁ-RENAN

Todas as segundas, as três filhas de Iemanjá colocavam oferendas no mar para a grande mãe. Certo dia, Iemanjá disse



que não aceitaria as oferendas, se suas filhas não demonstrassem real devoção por sua mãe, fazendo uma oferenda para ela no topo de uma serra muito alta. Sendo assim, as três filhas subiram a serra a pé e sozinhas.

Muito foi [sic] discutido, entre as três irmãs, ao longo do caminho; vários problemas vieram à tona no percurso, mas chegando ao topo da serra, as três irmãs tinham resolvido todas as divergências e estavam mais felizes do que nunca. Unidas, as três irmãs ofereceram à grande mãe, e com grande satisfação a mãe aceitou de bom grado.

Arquétipo – Iemanjá

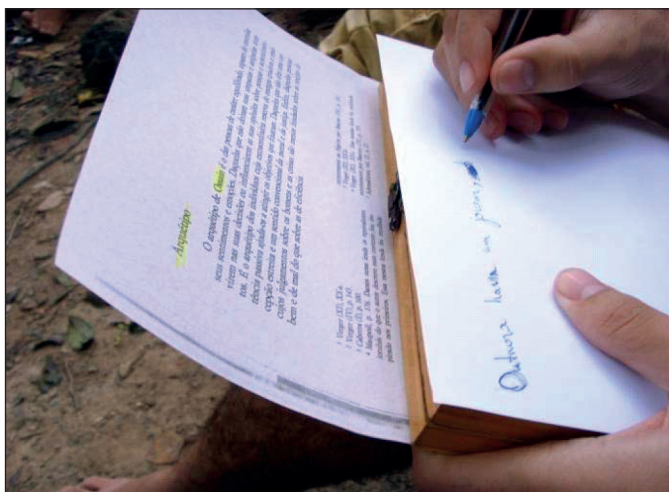
As filhas de Iemanjá são voluntariosas, fortes, rigorosas, protetoras, altivas e algumas vezes impetuosas e arrogantes; têm o sentido de hierarquia, fazem-se respeitar e são justas, mas formais; põem à prova as amizades que lhe são devotadas, custam muito a perdoar uma ofensa e, se a perdoam, não esquecem jamais. Preocupam-se com outros, são maternais e sérias. Sem possuírem a vaidade de oxum, gostam do luxo, das fazendas azuis e vistosas, das joias caras. Elas têm tendências à vida suntuosa mesmo se as possibilidades do cotidiano não lhes permitem um tal fausto. (VERGER; CARIBÉ, 2001, p. 194)

▪ **O MITO DE OSSAIN– GUILHERME**

Guilherme não usou a mitologia africana, mas suas próprias referências, no caso elementos da mitologia celta.



Foto 11: Técnica Narrativas Míticas: Guilherme produz sua narrativa a partir do arquétipo Ossain



Fonte: Acervo do pesquisador

Outrora, havia um jovem e este era de bom coração. Seu nome era William, e ele amava uma moça cuja pele era como a neve e o coração como a noite, e o espírito dela era forte como um javali. William, por ela, perdia a razão, mas sem autocontrole ele nunca a teria. A coragem devia habitar seu coração, ele devia ser lobo à noite e falcão de dia. Devia provar para ela que um dos melhores homens ele seria. O equilíbrio entre o caos e a ordem, assim seria.

▪ **O MITO DE ADÃO E EVA –PEDRO**

Pedro também não usou a mitologia africana, mas suas próprias referências, no caso elementos da mitologia judaico-cristã.

Um dia qualquer, havia um casal que viveu um céu, uma terra para si, e tudo o que é ansioso, perdido, efêmero, explosivo como nuvens de tempestade sem direção...



Esta nossa gênese, recheada de contos de Eva e Adão, cheia de vergonhas e tradições que nos encaminham ao abismo maior, que é viver sem se conhecer e “castigar toda nudez”, vem como um remédio sintomático ao desconhecido...

A princípio vejo as adversidades como um meio transformador, e quanto mais nos educa (sempre com uma pitada de violência) mais daí podemos, a partir dessa experiência, viver outro ponto de vista. Desde o momento vivido até o futuro...

Então, essa Eva que vivia o ímpeto e o Adão que vivia o culpar e não sentir, e que no caso Eva segue reprimida e Adão segue tendo suas filhas como esposas...

Isso, eu sinto agora intensamente... Que posso fugir desse ponto de visão a cada momento que vivo momentos/encontros autogestionados como esse em que não há tradição, em que estamos nus de nossas culturas repressivas...

E, após viver esse momento, me dá gana de trazer para dentro de meu diaadia caótico e sem sal um pouco dessa vida cheia de cor e com um toque muito mais meu e uma direção muito mais minha.

4.1.3 Listagem de Confetos

Autogestão Caçador de Subjetividades; Autogestão Lobo-falcão; Autogestão Caosordem; Autogestão cobra; Autogestão sair sem rumo; Autogestão Autoconhecimento; Autogestão desobediência; Autogestão Nudez Castigada; Autogestão Oferta; Autogestão Fruto Raro; Autogestão Fuga; Autogestão Alto do Céu.

4.1.4 Estudo Transversal – Técnica Narrativas Míticas

Pensei no conto como forma artístico-literária adequada para expressar os confetos produzidos pelo grupo-pesquisador



da autogestão. Há inúmeras possibilidades de expressões artísticas – provavelmente há outras bem mais eficientes para atender a este propósito. Mas considere o conto porque me afino com esta estrutura escrita, além de ser um formato capaz de articular bem as narrativas míticas elaboradas pelos co-pesquisadores.

A Máquina Rizomática: um conto de desrazão

- As máquinas estão em toda parte...
- O quê?!
- Deleuze...
- O que tem Deleuze?
- Ele disse que as máquinas estão em toda parte... conectadas e conectando... em fluxos e...
- Tá, tá. Beleza... Passa a seda aí. – Vou te dar xeque-mate.
- É?!... mas não agora...
- ...não agora...
- Aumenta o som aí, essa música do Lou Reed é foda, me'rmão! Me diz uma coisa... como foi esse lance do coletivo que vocês criaram?
- Outro dia eu conto, por enquanto as coisas são ainda muito fortes para mim...
- ...

Tudo começou num setembro. A gente ouvia Lou Reed na vitrola. *Transformer*. Ou *Berlin*. Não sei bem. Misturávamos tudo. E ainda havia Iggy Pop:

The Idiot. Terminava o lado “b” de um vinil, colocávamos o lado “a” de outro. Aquelas canções impregnaram-se nas paredes do apartamento.

No apartamento havia cada vez mais pessoas circulando. A cada semana, novos amigos. Uns lavavam os pratos do almoço do dia anterior. Uns preparavam o almoço do dia. Uns dormiam no chão da sala ou sob os sofás. Xadrez, vinil, livros libertários, vida libertina. Comida vegana. Praias, festas, trilhas nas dunas, tática yomango nos supermercados de madrugada. Rolés de *bike*. Amor-livre. *Rock’n Roll*. Você sabe, essas coisinhas que não aprendemos na escola.



Colávamos tudo nas paredes. Um cartaz de uma banda de *hardcore*: “Pelo fim da família nuclear”; Fotos 3x4; Reportagens de jornais: “Grupo anarquista polemiza na parada *gay* de Fortaleza”; “Automóveis 4x4 incendiados por vândalos anônimos”; “Piscinas de condomínios fechados são tingidas de negro”; “Construção da ponte da Sabiaguaba: caminhões são sabotados”; Panfletos: “Festa do voto nulo”; “Curso de ação direta não-violenta”; “Vivência autônoma sem Estado”; Ingressos de cinema: *Clube da Luta*, *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain*, *El Día de la Bestia*. Frases riscadas nas paredes: “A vida sem açúcar é mais doce”; “Como seria viver a vida que você sempre desejou?”; “A imaginação tomou o poder”; “Você não é o seu pai”; “Aquilo que você possui acaba possuindo você”; “Go vegan for life”... Logo, as paredes estavam cheias, logo não se via mais a tinta das paredes.

Não se sabe quando aconteceu, mas éramos já um coletivo. Libertário. Vegano.

Clandestino. Insurgente. Rizoma, Coletivo Rizoma. Ninguém sabe como aconteceu.

No Coletivo Rizoma, cada um colabora com suas experiências e seus desejos. No Rizoma, cada coração é uma célula insurgente. No Rizoma, cada membro é um rizoma conectado a outros rizomas. Não há reuniões do coletivo. Vivenciamos. Cada membro do Rizoma existencia seu devir-libertário, seu devir-autogestionário, à sua forma, à sua maneira. O Coletivo Rizoma é um fluxo incessante de devires. Devir-animal, devir-planta, devir-guerrilheiro, devir-orixá, devir-criança, devir-inhame...

O devir-libertário realça as singularidades de cada membro. Cada um vive seu devir-autogestionário. O coletivo não é monolítico, não é uma unidade, não é homogêneo; não deseja o uno e nem o perene, mas o múltiplo e o transitório; não deseja o poder, antes prefere a potência; não o universal, mas o situado. Os devires autogestionários apontam em todas as direções, são polissêmicos e distintos dos conceitos estabelecidos do que é e do que não é autogestão.

Os devires-autogestionários circulantes no Coletivo Rizoma:

Muitos, dentro do coletivo, vivenciam a **Autogestão Fuga**.



A fuga não como desaparecimento, não como retirada, mas criação. Nas vivências autogestionárias aflora a potência de fuga das culturas repressivas, linhas de fuga de todo fascismo criando o novo, o outro diferente.

Lola e Catarro pegaram a estrada de *bike* e mochila, saíram sem planos, num rolé-monstro; eles partiram sem rumo numa aventura amorosa e subversiva. É o espírito do coletivo nos corpos deles. Experimentaram seus devires-autogestionários como uma viagem sem destino traçado, ao sabor do acaso, dos fatos, dos eventos... **Autogestão Sair Sem Rumor**, cartografando territórios desconhecidos, desafiando-se continuamente, um tipo de autogestão sem direcionamentos pré-determinados e aberta a outras possibilidades.

Emma acredita em sua jornada de autoconhecimento, frequenta templos Hare Krishna e terreiros de Candomblé, ela mescla isso com sua vivência libertária. Ela traz isso para as práticas do coletivo. Autogerir-se implica em autoconhecimento. A autogestão demanda o conhecimento de si, conhecer-se para governar-se. O devir de Emma é a **Autogestão Autoconhecimento**.

Quando T... entrou no coletivo, tod@s perguntaram se ele suportaria uma vida libertária em contínua desterritorialização, se ele não evocaria suas tradições, porque nas atividades que pediam nudez (banho de lagoa, trilha nas dunas durante a lua cheia, em nosso particular “dia sem roupa” ou mesmo no banheiro coletivo), T... simplesmente não suportava o nu de seu corpo, o nu dos seus sentimentos, o nu de seus desejos, o nu da sua vida. É preciso estar nu das culturas de repressão para encarar os momentos autogestionários e encher de cor a vida. Castigar a nudez leva a um abismo maior que é viver sem se conhecer... A **Autogestão Nudez Castigada** inviabiliza o desconhecido, o outro-absolutamente-diferente, o desterritorializar-se, pela vergonha e pelas tradições...

Zii trata nossas vivências libertárias como um delicioso fruto raro, simplesmente saboreia cada instante, cada situação, cada acontecimento como quem vive o extraordinário de sua vida... Zii não quer o “depois” da autogestão, mas o seu “agora”



– a autogestão não é um fim, idealizado no alto de um monte inatingível, ela se dispõe ao longo do trajeto libertário. Quando cuidávamos da horta coletiva, Zii se entregava completamente à atividade – experimentando os sabores raros dessa vivência autogestionária. Zii e sua **Autogestão Fruto Raro**.

Jão mora num *squatt* anarco-punk próximo do nosso apartamento; vive de forma autônoma, sem trabalho, sem escola, sem família. Manguieia nos cruzamentos das avenidas, fazendo malabares... se desloca de bicicleta pela cidade. Está sempre procurando formas *underground* de viver, de se agregar em matilha com outros libertários; ao mesmo tempo, ele vislumbra, com sua percepção de águia, olhando do alto, um novo ordenamento humano... **Autogestão Lobofalcão**, uma matilha de libertários experimentando o *underland*, mas sem perder a perspectiva dos propósitos elevados do Anarquismo. Para ele, a vida libertária implica em caos, em desejo pelo caos – o caos primordial que gerou tudo o que existe no universo. Esse caos coabita a anarquia, funda a anarquia... e destrói a ordem social capitalística, instaurando novos e difusos ordenamentos sociais não centralizadores, uma **Autogestão Caosordem**...

Ju, menina linda e delicada. A mais nova entre os membros do Coletivo Rizoma. A mais desejada entre todas as meninas libertárias. Acredita na desobediência como ação política. A Ju é nossa Thoreau: age sem pedir licença, vai contra a via, canta contra a melodia, nada contra a maré. Personalidade forte, sua força vital contagia tod@s @s rizomátic@s. A desobediência como potência para viver com energia e coragem – tal é a **Autogestão Desobediência**. Desobedecer à ordem estabelecida, aos padrões codificados da sociedade, produzir fissuras nas modelizações capitalistas. A autogestão é essa desobediência potencializadora da criação de outras formas de sociabilidade.

Lucas é músico de uma banda *hardcore* – toca guitarra e é vocalista. Sua música fala sobre libertação animal, sobre os vários *fronts* de luta contra a ordem capitalística. Sobre a libertação do planeta Terra. Ele constrói um campo de resistência forte às coisificações da sociedade de consumo. Sua arte, ele a oferece à causa libertária. As músicas da banda contagiam as pessoas, mas ele mesmo não acha as canções suficientes aos



seus propósitos. A **Autogestão Oferta** pede um sacrifício maior à causa libertária, mas essa oferta deve ser ofertada, à custa de suor e empenho, com amorosidade.

O Snake é hoje um dos mais simpáticos membros do coletivo, o “gente fina” da galera; mas no começo, quando ele entrou sorrateiramente no nosso cotidiano, desconfiávamos de suas intenções – nosso coletivo desenvolve ações clandestinas ilegais, é preciso cautela. Ele chegou oferecendo ajuda. Desconfiamos no início, mas logo entendemos que sua companhia era indispensável. A autogestão gera desconfianças em muitas pessoas e grupos, pois sua aparência não é nada convidativa: ela rasteja e silva e contorce o corpo e troca de pele... Os estereótipos sociais a põem na esfera da desconfiança. Entretanto, a **Autogestão Cobra** aponta para novos caminhos, e, desde que não estejamos contaminados por preconceitos, logo perceberemos que ela é uma excelente companhia e aconselhadora.

Saú, flecha de Xangô. No coletivo, quer ser a voz mais forte. Não consegue esconder sua gana pela liderança do grupo – inúmeras vezes teve sonhos com momentos de comando. No seu corpo habita um devir-heterogestor violento. Vive uma autogestão paradoxal, pois a toma como poder de posse sobre a natureza, como exercício de dominação sobre os elementos da vida; uma autogestão que verticaliza as relações e põe objetivos no alto do céu... deposita lá seus tesouros. **Autogestão Alto do Céu** visa a gana; não a potencialização da pessoa, mas o empoderamento do indivíduo.

Woody, Eduardo quer ser chamado de Woody. Como Woody Guthrie, lendário músico de Folk que empunhava sua guitarra onde havia escrito: *Esta máquina mata fascistas*. Nosso Woody possui uma mente inquietante, e contagia a todos com sua alegria transgressora, suas frases desestabilizadoras: “Sou uma máquina desejante inconformada, minha existência transcende os desejos codificados pelo capital... só sei ser sendo outros, matando meu eu atomizado... *multiplicidades e singularidades!*”;

“Sou um caçador de subjetividades! Me encontro na diversidade, transito por territórios distintos e me conecto com fantás-



ticas pessoas... meu coração já não mais me comporta!"; Uma **Autogestão Caçador de Subjetividades**.

Tornamo-nos ativistas pela libertação da Terra. Ecoterroristas. Vivíamos numa comunidade utópica, elaborando planos conspiratórios contra a ordem capitalista-tecnológica. Sabotagens e destruição em massa. Gerar danos à propriedade como ato político. As pessoas gostavam de pensar que nós estávamos envolvidos nas sabotagens do canteiro de obras da represa hidrelétrica de Belo Monte; se parques eólicos sofriam ataques, se mansões construídas em áreas de preservação amanheciam incendiadas ou se um comboio de carros-cego-nha transportando automóveis *off-road* virava cinzas, as pessoas gostavam de pensar que nós estávamos envolvidos com isso... Laboratórios de vivissecção destruídos. Logo outros grupos anônimos começaram a atuar. As coisas se espalharam vertiginosamente... células rizomáticas ramificando-se aleatoriamente, sem centro decisório... ação política tipo *flash mob*. Tudo fugiu ao controle. Nada nunca teve controle mesmo.

— Tudo que vocês fizeram foi muito forte para muitas pessoas...

— Ah, qual é... isso é apenas uma história... aliás, xeque-mate.

4.2 A Contra-Análise

▪ CONDOMÍNIO CAUYPE, BENFICA, FORTALEZA, 25 DE MARÇO DE 2011

O momento da Contra-Análise é quando os membros do grupo-pesquisador se reencontram, quando o facilitador expõe os confetos criados durante a pesquisa sociopoética e os copesquisadores opinam, modificam, reescrevem, recriam os confetos, a partir da apresentação das análises e dos estudos transversais. É um novo momento, que pode gerar novos confetos, embora isto não seja uma obrigação; cabe ao facilitador estar atento e saber escutar o grupo-pesquisador, e o próprio corpo coletivo da pesquisa demonstrar desejo por novos confetos. A



Contra-Análise também serve como dispositivo de restituição dos dados produzidos pelo grupo-pesquisador, e como momento para o esclarecimento de dúvidas que surgiram na análise classificatória dos dados produzidos.

Reunir os membros do grupo-pesquisador foi algo realmente difícil, dado o lastro de tempo entre as vivências e esse momento final da pesquisa, o que por si só implica em dispersão de um grupo; e também pelo fato de haver tensões de várias ordens circulando em fluxos erráticos entre as pessoas do grupo – principalmente na relação entre alguns copesquisadores e o facilitador. São tensões de ordens variadas, que vão desde um distanciamento de amizades até uma ruptura política, com relação à concepção de anarquismo e às práticas libertárias experimentadas pelo Coletivo 12 Macacos. São os rebatimentos do coletivo sobre o grupo-pesquisador.

Assim, das dezesseis pessoas envolvidas anteriormente com a pesquisa, seis copesquisadores compareceram à contra-análise: André, Leane, Tomé, Matheus (Mingau), Polly e Guilherme. Os outros não compareceram porque, ou estavam trabalhando (Saulo, Serginho, Gabriela); ou estavam viajando (Pedro); ou porque perdemos contato (Leila); ou por divergência política (Raphael e Renato) – embora estejamos distanciados não desfizemos a amizade, e por ruptura de amizade (Renan). Os apoiadores dos trabalhos do facilitador na realização das atividades da pesquisa nas duas vivências (Norval e Mazim, os cofacilitadores), não foram convidados para este momento.

Condomínio Cauype, Benfica, Fortaleza, 25 de março de 2011

Por praticidade, o encontro aconteceu no meu apartamento, no Condomínio Cauype, bairro do Benfica. Não preparei nenhuma técnica específica para a produção das contra-análises, apenas organizei o ambiente para que o momento fosse agradável e também estimulador. Estendi uma colcha de retalhos



sob o chão da sala, e dispus algumas travessas com raízes cruas de inhame paraíba, macaxeira, batata doce e batata yakon. Usando um *laptop* e um *datashow*, projetei as fotos digitais das duas vivências na parede principal da sala.

Convidei os membros para prepararmos uma pasta de grão-de-bico, a ser servida com fatias de pão. O grão-de-bico já estava cozido, de forma que, para prepararmos o húmus, misturamos os ingredientes no liquidificador: os grãos, pitada de sal, alho, azeite, tahine, e sumo de limão.

Na sala, nos colocamos em círculo, ao redor da colcha e dos pratos. Iniciei falando sobre as vivências e exibi as fotos. Falei dos dados produzidos e das etapas da pesquisa, como por exemplo, da “análise classificatória”, quando se categorizam as ideias, as expressões e palavras produzidas nas verbalizações das vivências pelo grupo-pesquisador. Reforcei o caráter coletivo da produção sociopoética: o papel do grupo-pesquisador como criador de confetos e enquanto filósofo-coletivo. Expus alguns confetos gerados pela pesquisa e li trechos do estudo transversal “O Banquete da Autogestão”.

Foto 12: Grupo-pesquisador na reunião da Contra-Análise



Fonte: Dados da pesquisa



Para apresentar os confetos, descrevi o processo de análise classificatória usando como apoio da minha fala as raízes de inhame, macaxeira, batata doce e batata yakon. Expus como alguns confetos surgiram e os significados percebidos por mim durante as análises. Usei também os brinquedos do Caê para conduzir a narrativa, uma vez que surgiram muitos confetos a partir de animais – então coloquei uns macaquinhos, uns leões, um monstro, algum semelhante a uma bactéria, etc..Enquanto falava, descascava uma batata yakon e distribuía para os copesquisadores – isso gerou certa dúvida, porque as pessoas não estavam interessadas em comer algo que parecia ser uma batata doce crua; quando provaram da yakon, tiveram uma surpresa imensa: ela é uma batata com aparência de batata doce, mas com consistência e sabor de maçã, e deve ser comida crua mesmo. Apesar desse momento de estranhamento do grupo, não preparei nenhuma técnica para aproveitar o potencial criativo desse estranhamento. Lamentei, apenas lamentei.

Em seguida, solicitei ao grupo que formasse duplas para uma atividade: distribuí tiras de papel contendo trechos das verbalizações de ambas as técnicas e das narrativas míticas da vivência do Corpo Nômade dos Orixás. Eram trechos com os quais eu tinha dúvidas e sobre os quais eu necessitava de esclarecimentos (aliás, escurecimentos, porque jogar luz em demasia pode ofuscar os confetos; essa ocidental necessidade de lançar luzes sobre todas as coisas, esse hábito cristão-iluminista!), para os quais eu necessitava um enegrecimento, dizendo melhor. Negrejar os conhecimentos, escurecer os saberes. Abaixo, o resultado dessa sombra lançada sobre as palavras:

Trecho 1:

— A gente fez pensando que ter raízes não é ser preso, ao contrário, é algo bom, é saber de onde



veio. “E a figura, a meu ver pelo menos, simboliza que todas as pessoas têm raízes para a qual vão retornar um dia”

Aqui o escurecimento proposto foi:

— A raiz não é uma prisão, mas o que sustenta algo ligado ao ancestral, por isso, saber sua origem é algo necessário.

Trecho 2:

— “**William** amava uma moça cuja pele era como a neve e o coração como a noite, o espírito dela era forte como um javali. William por ela perdia a razão, sem autocontrole ele nunca a teria. A coragem devia habitar seu coração, ele devia ser lobo à noite e falcão de dia. Devia provar para ela que um dos melhores homens ele seria. O equilíbrio entre o caos e a ordem, assim seria.”

▪ **ESCURECIMENTO**

O grupo percebeu que a narrativa mítica de William se liga à questão da interdependência. O homem enquanto ser social que necessita do outro, e essa urgência expressa-se através da paixão. Mas a interdependência transcende ao conceito simplista de paixão. A interdependência revela-se na necessidade de amigos, no afeto familiar e na sensação de pertencer a um grupo.

Trecho 3:

“Isso eu sinto agora intensamente... Que posso fugir desse ponto de visão a cada momento que vivo momentos/encontros autogestionados como esse em que não há tradição, em que estamos nus de nossas culturas repressivas...”

E após viver esse momento me dá gana de trazer para dentro de meu dia-a-dia caótico e sem sal um pouco dessa vida cheia de cor e com um toque muito mais meu e uma direção muito mais minha”.



▪ ESCURECIMENTO

Nesta narrativa, ao contrário da anterior, “há a emergência da independência. O ‘eu com eu mesmo’. O ser você mesmo, ser nu cultural. A independência na construção do **eu**. A autogestão encontra-se **entre** o grupo e o **eu só**. Outro escurecimento: William “não pode se contentar com o que é legítimo, mas precisa sair de mãos dadas com o imprevisível, o fora do cotidiano..., tipo dar um cotoco para o certo absoluto”.

Trecho 4:

“O nosso é o mais primitivo aqui dos símbolos, um dos mais, aliás. Bom, para nós dois isso representa as raízes... a força, como a natureza é generosa e forte ao mesmo tempo. E o nome é *Ancestral*. Digamos que muitas pessoas viram que colocaram as raízes como algo importante. E afinal é... Nossas raízes, como nossos ancestrais”.

▪ ESCURECIMENTO

“O ancestral nos remete ao coletivo enquanto memória; a força do ancestral, do antigo, é a experiência compartilhada.”

Trecho 5:

“Tipo, esses pezinhos, os três pezinhos, é como se fosse a humanidade convergindo para a sociedade, convergindo para o consumo, para a tecnologia e tal. para a coca-cola, tanto que tem a coca-cola aí, o símbolo e tal. E isso sujando, assim. Essa laminha preta, no caso o mangue... Seria tipo assim: se a humanidade continuar desse jeito, como ela vai acabar, mais ou menos, no final. E a questão da autogestão é tipo... Já existem tantos símbolos relacionados à autogestão e tal... O fato de a gente poder criar e tal, ter a liberdade de criar e tal, o próprio símbolo, acho que isso tá relacionado”.



▪ ESCURECIMENTO

Bem, à primeira vista, os trechos textuais tematizam sobre a ideia de tradição que alguns signos culturais são capazes de transmitir. Também ficou bastante evidente o quanto a relação história e a natureza encontram-se numa zona limítrofe de interpretações. Mas o que se pode concluir: é a noção criada pela nossa cultura ocidental de que o desenvolvimento de suas propriedades acompanha um ritmo natural, mas a natureza prova o contrário – que o desenvolvimento não é algo natural”.

Foto 13: Grupo-pesquisador na reunião da Contra-Análise



Fonte: Acervo do pesquisador

Em seguida, reunidos em novas duplas, passei folhas de papel com os nomes de alguns confetos encontrados nas três técnicas empregadas nas vivências sociopoéticas, e sugeri aos copesquisadores que buscassem perceber o que poderiam estar dizendo aqueles confetos, que significados eles podem trazer para a dupla, e o que podem trazer de contribuição à temática do grupo-pesquisador; enfim, pedi para que el@s observassem o potencial dos confetos. Portanto, a proposta aqui



foi ressignificar alguns confetos, ampliar seus significados, ou mesmo criar outros *confetos*.

Assim, para o confeto **Autogestão Cachorro Vadio**, surgiu:

“Ele não tem dono, vive do resto da sociedade, anda em bando ou não, come quando quer, corre quando lhe da vontade, late ao se sentir ameaçado, não se deixa dominar, é o dono das ruas. Qualquer lugar quentinho está bom para ele dormir. Tem várias táticas de fuga, para fugir do domínio do ser humano. Ele não tem relógio, ele é a resistência das pessoas dominadas na cidade. Ele observa de longe o colapso da sociedade do trabalho e do consumo”.

Puro devir-cachorro vadio.

Para o confeto **Autogestão Macaquinho Afoito Babuíno**, surgiu:

“Juventude. Ser jovem de espírito. Juventude enquanto um par de óculos, por onde se pode ver a vida. A energia jovem canalizada para a explosão, a atitude. Tudo ao mesmo tempo, agora. Pular de galho em galho, sem parar. Desejo de correr, porque um dia andaremos devagar. Não ter medo de arriscar. Ser efusivo mesmo, sorrir mesmo, porque a vida é muito curta para se ficar triste”.

Para o confeto **Autogestão Raízes da Desintoxicação Civilizatória**:

“Por se tratar de uma desintoxicação, sugere que esse modelo de autogestão seja uma ação depurativa, sobretudo do corpo enquanto objeto, ou enquanto organismo, o que nos remete às ideias primevas de nossa relação social: o coletivismo... um corpo mais percussivo... um corpo que se nutre de uma alimentação mais natural”.

Para **Autogestão Linguagem Movediça**:

“Tentativa de criar uma ligação comunicativa que se entenda sem entender, deixando incerto, convidando para se mexer,



dançar. Sem um conceito fechado, com figuras soltas, sons coloridos e palavras que voam, mas que se compreendam uns aos outros com olhares e silêncios.

Para a **Autogestão Bolo da Imaginação:**

“O esforço coletivista em não permanecer no real, a produção de delícias não burguesas, o imaginário coletivo em ação. Tudo aquilo que aponta um horizonte. O coletivo em sua produção de delícia”.

“Imagine um filme sem diretor, sem roteiristas, sem câmera, um filme onde só possa ser visto em outro sistema solar”.

Para o confeto **Autogestão Ancestral:**

“Nos encontrar com Exu numa encruzilhada. Se alongar e se admirar como Apolo. Aceitar Maria Madalena como a verdadeira matriarca da cultura ocidental e, ao mesmo tempo, queimar seu possível marido, não porque somos ateístas do mal, mas sim porque comer um sanduíche no Bob’s talvez não seja tão natural como todos pensam”.

Confeto **Autogestão Gato-Garra,** gerou:

“A defesa autogestionária, o instrumento coletivo de caça, a arma natural. Aquilo que num grupo autogestionário surge como resposta a uma situação, ou a um paradigma vigente”; e “Aplicar a tática cínica do gato que pode e quer tudo na hora, para amassar os muros e os pesadelos. Alimentar-se das contradições e, como as garras dos felinos, se soltar do que não lhe faz feliz”.





CAPÍTULO 5

ANÁLISE FILOSÓFICA:
AUTOGESTÃO E AS NOVAS
SOCIABILIZAÇÕES LIBERTÁRIAS





Os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados ou antes criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criaram. (DELEUZE, O que é a filosofia?)

Este é momento da pesquisa sociopoética em que é necessário fazer dialogar os confetos criados pelo grupo-pesquisador, os referenciais teóricos do facilitador, suas vivências libertárias relatadas no Diário de Itinerância com o tema da autogestão, de maneira a produzir uma construção filosófica original. Nessa etapa da pesquisa, o facilitador, pesquisador institucional, distancia-se do grupo-pesquisador e elabora sua produção, respeitando os significados atribuídos aos confetos pelo filósofo coletivo.

Procurando em Proudhon, sociólogo francês (1809-1865), as primeiras referências à autogestão; tendo vivenciado intensamente os processos de conturbações políticas e sociais na Europa durante a Revolução de 1848, ele vê emergir formas autônomas de luta dos trabalhadores, e com as quais ele colabora para dar uma feição mais nítida: o anarquismo.

Trago, também, autores mais contemporâneos, embora ainda associados à tradição francesa; afinal, foi na França que o termo *autogestion* se estabeleceu em função dos fatos associados a 1848 e à Comuna de Paris, de 1871, além de maio de 1968 – os quais lançaram a autogestão como tema político na ordem do dia. Autores como Daniel Guérin, Maurice Joyeux, ambos da primeira metade do século XX e os ativistas da Federação Anarquista francesa, e René Lourau, são também aqui tratados.



Proudhon é considerado o pai da autogestão – “*Proudhon est reconnu aujourd’hui comme le père de l’autogestion...*” (BANCAL, 1980, p.3); mas para quem odeia o patriarcado e deseja o fim da família nuclear, essa paternidade reconhecida soa como uma reiteração do poder de Édipo, como reiteração da dominação do *pater*. Poderíamos, enfim, dizer de outra forma: Proudhon viu surgir a autogestão, e por ela ficou apaixonado.

Embora não tenha se referido ao termo autogestão, ao longo de sua obra filosófica (preferindo a palavra *mutuellisme* – mutualismo), Proudhon foi o primeiro a propor uma concepção anti-estatal de gestão econômica, e o fez ao presenciar o surgimento espontâneo de associações de trabalhadores no período da Revolução de 1848. Proudhon enxergou ali o nascimento da autogestão, e atribuiu a ela uma dimensão revolucionária, pois continha elementos potencialmente capazes de transformar radicalmente a ordem econômica liberal – a autogestão não seria fruto de uma elaboração teórica, nem da ação intencional do Estado, mas da organização dos trabalhadores industriais. Ele concebeu as massas trabalhadoras como força motriz das revoluções, notadamente pela sua espontaneidade orgânica.

Esta crença proudhoniana na espontaneidade revolucionária das massas conflitava com os ideais de um grupo emergente em sua época, os marxistas, os “*frère ennemi*” dos anarquistas (GUÉRIN, 1965, p. 42), que advogavam a favor de uma elite intelectual superior capaz de conduzir as massas nos processos revolucionários. Proudhon enxergava nessa elite superior uma força negativa capaz de paralisar as iniciativas das massas e de submeter seus desejos a uma nova forma de dominação, impossibilitando a emergência da autogestão (GUÉRIN, 1965).

Com Proudhon, a autogestão passa a ser o fim último e o meio pelos quais a sociedade humana deve se transformar radicalmente – torna-se a bandeira de luta anarquista. A au-



togestão é a base do que Proudhon chamou de “Autonomia da Sociedade” (BANCAL, 1980). Para ele, autonomia da sociedade é o poder latente e a possibilidade real desta sociedade se organizar e de se autogovernar, sem que os aparelhos da economia e do Estado a dominem. O anarquismo propõe-se a construir uma sociedade sem o Estado – pela crença de que ele encarna a heterogestão (gestão de outrem) e de que é necessário à humanidade livre gerir sua própria vida (autogestão).

Um autor contemporâneo que trata da temática da autogestão libertária é Maurice Joyeux, intelectual anarquista francês, e ativista da *Fédération Anarchiste* francesa. Ele afirma que a autogestão é um termo de contornos imprecisos, porque usado por correntes políticas distintas em situações históricas distintas. Os marxistas, por exemplo, quando se referem ao termo, a partir da burocracia bolchevique (leninismo, stalinismo, etc.), como autogestão nas fábricas, o inscrevem num esquema limitado pela experiência do centralismo e da planificação econômica, retirando do termo quaisquer conotações anarquistas. A imprecisão dos contornos do termo autogestão, então, tem levado a conclusões equivocadas, segundo Joyeux, principalmente quando não se considera algumas questões importantes, tais como: quem faz a autogestão? e, em benefício de quem se faz a autogestão?

Para Joyeux, dentro da tradição anarquista, a autogestão é obra da classe trabalhadora; ela é sinônimo de gestão trabalhadora: “[...], *gestion ouvrière et autogestion sont synonymes*” (JOYEUX, 1973, p. 6) e, ainda mais especificamente, da classe trabalhadora revolucionária: “*La gestion ouvrière est donc inséparable d’une tactique et d’une stratégie révolutionnaires*” (JOYEUX, 1973, p. 9).

A autogestão revolucionária e anarquista não se coaduna com as formas liberais pelas quais o capital tem capturado



a autogestão na contemporaneidade e dado a ela um formato destituído de qualquer conotação política. Assim, gestar uma empresa conservando a estrutura de classe social equivale a entregar aos trabalhadores a gestão de sua própria exploração: *“Gérer une entreprise en commun alors que cette entreprise conserve ses structures de classe consisterait pour les ouvriers à gérer leur propre exploitation”* (JOYEUX, 1973, p. 6).

Tendo distinguido a concepção anarquista das experiências marxistas e liberais, Joyeux afirma que a autogestão libertária, que ele trata por “gestão dos trabalhadores” ou “gestão direta”:

(...) est le fruit de la destruction complete du système économique de classes, sous toutes ses formes, capitalisme libéral ou étatique, de ses structures de coordination centralisées par l'Etat. La lutte révolutionnaire des destruction du système et la construction autogestionnaire doivent être simultanées. (JOYEUX, 1973, p. 45, grifos do autor).

Não basta os trabalhadores gerirem a empresa capitalista, é necessária a destruição completa do sistema econômico de classes. Joyeux afirma que a destruição do sistema implica, simultaneamente, na construção autogestionária. Penso, que aqui cabe uma inserção do confeto **Autogestão Caosordem**, que irrompeu no grupo-pesquisador durante a vivência na mata da serra da Pacatuba. É uma autogestão que deseja o caos, um caos destruidor da ordem social e instaurador de novos ordenamentos sociais não centralizadores.

Desde que as lutas anarquistas se tornaram referência global de luta radical por liberdade, a palavra anarquia é associada a caos e a desordem. Para muitos anarquistas, esta associação não corresponderia ao real, pois o anarquismo deseja



construir uma nova ordem na sociedade. Entretanto, a noção de caos não fere o anarquismo, pelo contrário, acende sua potência transformadora virulenta, pois seu propósito último é a destruição da ordem política e econômica liberal, e não se pode fazer isso, sem gerar uma desordem imensa na estrutura social dominante.

Entretanto, a Autogestão Caosordem não deseja somente construir uma nova ordem social, senão que novos ordenamentos – essa diferença sutil, entre construir uma sociedade anarquista e instaurar novos e difusos ordenamentos sociais não centralizados é importante, principalmente porque essa autogestão não deseja uma nova unidade, um novo universal, mas a pluralidade; não uma sociedade anarquista, mas inúmeras formas de organizações societais anárquicas.

A anarquia também é caos, ela desorganiza a ordem dominante e se propõe a destruir os mecanismos de controle e dominação da sociedade de massa; ela é caos no justo entender que ele está presente no instante em que a anarquia deseja a desordem da ordem disciplinadora do mundo contemporâneo; a destruição das dominações e das políticas do biopoder; o caos anárquico sobre a sociedade de controle; o caos sobre a família nuclear; muito caos anárquico nas instituições ortopédicas, como no Diário a seguir, folhas alucinadas e delirantes:

Fortaleza, 22 de setembro de 2009

Duas crianças caóticas incendiando viaturas da polícia

(...) ele, de calça xadrez verde, comprada na Galeria do Rock, camiseta preta antifascista, tênis *all star* preto, mochila nas costas... ela, de saia xadrez vermelha, comprada na Galeria do Rock, blusa preta anti-TVGlobo, *all star* rosa... pedalando à noite pelas ruas vazias do centro de Fortaleza... pegando a contramão da Senador Pompeu, atravessando a Duque de Caxias, perseguindo a Pedro Pereira, tomando a Major Facundo, cru-



zando a Praça do Ferreira, deslizando pelas pedras da Flórida no Peixoto, alcançando a velha catedral neogótica, invadindo o Dragão-do-Mar com suas bicicletas estilizadas... um casal jovem-sem-cristo-no-coração, dois animais insurgentes, dois adolescentes apaixonados pela aventura urbana, dois meninos suados e ofegantes, dois pais felizes preparando um outro mundo para sua cria, duas pessoas anônimas se colocando contra as estruturas cotidianas de captura, dois macacos fazendo suas algazarras na noite morna, dois corações insuflados pelo caos primordial, duas *bikes* contra a sociedade do automóvel, duas crianças incendiando viaturas da polícia, dois adultos destruindo os signos urbanos, quatro mãos rasgando as veredas anárquicas das ruas silenciosas do velho centro, quatro pés forçando os espaços e rompendo as malhas finas do controle social, quatro pneus traçando linhas de fuga incandescentes no asfalto triste da velha cidade adormecida.

Joyeux aponta a estratégia revolucionária anarquista por excelência: a greve gestonária; lição aprendida a partir dos eventos de maio de 1968, os quais, segundo ele, revelaram ao mundo a fragilidade do sistema capitalista moderno e apontaram a força das organizações não-partidárias associadas à classe trabalhadora.

Para a Federação Anarquista Francesa, em sua publicação mais recente de 2005, a brochura “*L'autogestion anarchiste*”- a autogestão libertária é um projeto ou movimento social que aspira à autonomia do indivíduo, de maneira que os negócios e a economia sejam:

(...) dirigées par ceux qui sont directement liés à la production, la distribution et l'utilisation des biens et des services. cette même attitude ne se limite pas à l'activité productive de biens et de service mais s'étend à la société toute entière, en proposant la gestion et la démocratie directe comme modèle de fonctionnement des institutions de participation collective. (COLLECTIF, 2005, p. 27)



A economia deve ser executada por aqueles diretamente relacionados com a produção, a distribuição e o consumo de bens e serviços. Esta mesma atitude não se limita a atividades produtivas de bens e serviços, mas se estende a toda a sociedade, sob a forma de democracia direta. Sua estrutura, sua organização e mesmo sua existência é fruto do desejo, do pensamento e da ação dos membros do grupo implicado (BOR-TOLO e LOURAU, apud COLLECTIF, 2005), sem que se possa impor os modelos que serão construídos em cada caso.

Não se aprende a autogestão por leituras; não se pode aprender a autogestão, senão autogerindo-se, mesmo que se cometam erros ao longo do caminho... Estas concepções de autogestão baseiam-se na experiência da Federação Anarquista francesa, mas também na Análise Institucional de René Lourau e na experiência libertária da Ecocomunidade del Sur – histórica comunidade anarquista situada no Uruguai, que vivencia contemporaneamente uma prática de comércio solidário local, fomentando a auto-organização dos pequenos agricultores, funcionando em rede com outras comunidades autogestionárias.

Para o Collectif da Federação Anarquista francesa, a autogestão se opõe à heterogestão, enquanto exercício de dominação política, econômica ou social de uma classe, um grupo ou um indivíduo sobre outros... Refletindo sobre as práticas autogestionárias dos grupos e suas relações contraditórias com a heterogestão, o filósofo institucionalista francês René Lourau, afirma que: “Nós funcionamos, todos, em todos os lugares, sob a heterogestão; ou seja, “geridos por outrem”. E a vivemos, geralmente, como coisa “**natural**” (LOURAU, 1993, p.14. grifo do autor). Assim, o oposto da autogestão são todas as maneiras de dominação heterogestionárias que se exercem cotidianamente através do poder, em suas variadas formas de manifestação. O



que não significa dizer que não possamos vivenciar a autogestão, mesmo em um meio heterogestionário, construir fissuras, rachar, e traçar linhas de fuga... sempre.

Seja na lama do mangue ou na mata da serra, novos devires-autogestionários brotam no corpo coletivo do grupo-pesquisador sociopoético. Para este corpo-pesquisador, a vivência autogestionária fez aflorar a potência de fuga das culturas repressivas e de todo fascismo (micro ou macro); ela deseja se fazer atravessar por fluxos e contrafluxos incessantes, linhas de fuga, criando o novo, o outro diferente – esta é a **Autogestão Fuga**, que este corpo sociopoético criou. A fuga não como retirada ou abandono dos postos de luta, mas como criação singular; como na **Autogestão Do It Yourself** (também criada nesta pesquisa), por meio da qual grupos e indivíduos libertários criam linhas de fuga autogestionárias que subvertem as relações de convivência e desconstroem conceitos instituídos e codificados, sem esperar que outrem faça para eles – construir sua própria forma autogestionária.

Como a folha do mangue, a folha da mata, que absorve a luz e a sintetiza em outra coisa distinta, uma **AutogestãoFolha** faz surgir um outro-absolutamente-diferente. Penso que a autogestão não pode esperar que as formas heterogestoras baixem guarda para que ela possa acontecer; mas fazer valer o desejo do novo, no hoje, e experimentar esse outro-absolutamente-diferente no agora.

Como nas folhas do Diário...

Fortaleza, 19 de agosto de 2009

Eco vila libertária & vegetariana

Para o mês de setembro, convidei a Sandra para participar comigo do curso de Bioconstrução na comunidade de Tatajuba (praia do município de Camocim, Ceará). Estamos afinando, Sandro & Sandra, os planos de construir uma comunidade,



tipo alternativa. Uma eco-vila libertária & vegetariana. Estamos vendo as condições concretas para construir nossas casas, comprar terreno... essas coisas. O conceito de construção vernacular é hoje fundamental para pensar outras formas de estar no mundo, sempre levando em consideração o princípio segundo o qual a ancestralidade está presente na maneira como habitamos e construímos nossas casas. A filosofia da ancestralidade como experiência existencial, como experimentação. Acredito que possamos fazer uma comunidade com poucos recursos financeiros, baixo impacto ambiental, com uma marca estética diferenciada e coerente com nossas concepções de mundo. A bioconstrução, por exemplo, é a experiência permacultural mais próxima dessas concepções. Para além de tudo isso, há o fato de a casa ser realmente construída por nós – no sentido de pôr a mão na massa: conseguir os materiais, levantar as paredes, decidir sobre a planta, preparar o barro, articular as pessoas num mutirão permacultural, elaborar as tintas, cavar as fundações, assentar o teto, etc. A autogestão de sua própria moradia.

Acredito que seja o caminho melhor para podermos levar a diante esse sonho de viver numa comunidade alternativa, comunidade intencional. Uma EcoComunidade Intencional Libertária Vegetariana Permacultural.

Como no Coletivo Ativismo ABC, de Santo André, que experimenta uma(con)vivência autogestionária no seu espaço cultural, a Casa da Lagartixa Preta – um enclave de resistência, uma confluência de desejos, uma máquina tribal – voltada para uma vida libertária efetiva e aberta a um processo múltiplo de construção de subjetividades anárquicas no início do século XXI:

E mais folhas...

Santo André, 08 de fevereiro de 2008 – Casa da Lagartixa Preta

Entrevista do Coletivo 12 Macacos com o Coletivo Ativismo ABC



C12M – A autogestão é um conceito fundamental para o anarquismo; quase sempre esse conceito está vinculado a experiências economicistas de gestão do operariado na fábrica. Mas sabemos que a autogestão vai além dessas práticas; como que o Coletivo vivencia a experiência autogestionária no grupo e no cotidiano da Casa?

Caio Mona – Bom, eu acho que rola sim... mas existe sempre uma tensão. Eu gosto de fazer as coisas que sinto prazer em fazer. Tem dias que você vem para arrumar a Casa; mas tem dias que você vem e abre a Casa, mas quer ficar conversando com as pessoas na rua, as que passam e querem conhecer a Casa. Tem outras pessoas que gostam de arrumar a Casa e estabelecer uma ordem... tipo que não pode ter nada no chão, sujeira e tal... às vezes têm uns que acham que não estão fazendo nada e outros que acham que fazem demais... Eu, pessoalmente, me incomodo quando vejo que a pessoa tá fazendo demais. Eu penso...ah, pessoal, dá um tempo, deixa outra pessoa fazer. Na outra sexta-feira teve o almoço *freegan* e tinha um pessoal que dormiu na minha casa que veio de Praia Grande, de Araraquara, de Ribeirão Preto, pro Carnaval Revolução, daí expliquei como que rolava o almoço *freegan*, então eles começaram a tramar; daí chegou uma outra galera que ficou de boa, enquanto os outros continuaram tramando. Daí eu disse: – dá um tempo, deixa o pessoal que chegou depois para tramar um pouco na cozinha também. Até porque a cozinha não comporta 21 pessoas tramando ao mesmo tempo, alguém tem de sair para os outros colaborarem. Se não rolar assim, acaba que a pessoa não faz nada e termina só comendo no final, daí num há a troca, a aprendizagem. Para pagar as contas da Casa, a gente tem de fazer no coletivo... tem gente que consegue doar uma parte do aluguel em grana, mas eu, por exemplo, tô desempregado já faz um tempo, então eu procuro vender cerveja em *show*, fico na banca, vendo alguma coisa, tô pensando em fazer uma oficina de carteira com embalagem de leite [*tetrapak*].

Guilherme – Então, esse aqui é um espaço autogestionário, nós fazemos as coisas por nós mesmos. É um coletivo que atua de uma maneira solidária e difusa, a gente não tem chefe. A gente passa por algumas dificuldades, mas elas fazem parte



desse processo. A gente dividetarefas, as pessoas ficam responsáveis por algumas coisas. Para pagar as contas da Casa, a gente faz esse lance de vender cerveja, pintar camiseta, mas ainda dentro de uma lógica de sobrevivência “capitalista”, entre aspas. Se a gente precisar de dinheiro, isso seria uma opção. Mas a gente pensa mesmo é na troca solidária de saberes.

Caio Mona – Tem as oficinas de estêncil, que a gente faz com chapas de pulmão (raios-X); pinta camisetas; a Casa também tem o Baú de Dádivas, uma ideia que o Guilherme trouxe, que é o lance de trabalhar com coisas gratuitas; tem esse captador de água que a gente fez...

Guilherme – é..., com os pés mais no chão, a gente tá sacando, passo a passo, o que a gente pode fazer na casa: a composteira, por exemplo. A horta que estamos fazendo, mais ecológica; realizar oficinas usando materiais recicláveis, que a gente pega por aí pelas ruas; fora isso, o espaço da casa é visitado por pessoas de fora que veem a procura de atividades...

Caio Mona – como o evento vegetariano.

C12M – Dois macacos-prego, em Pernambuco, causaram polvorosa numa cidade interiorana, invadiram a casa de um pastor e destruíram a Bíblia... [risos]... Caos. É preciso anarquizar o anarquismo?

Caio Mona – ah, muito... [risos]Essa coisa do anarquismo, dos anarquismos... sou formado em sociologia numa faculdade completamente marxista, e desde aquela época eu já me via como anarco, mas percebia que muitas coisas do autoritarismo dos marxistas estavam presentes em muitos anarquistas também: intolerância, centralismo... Uma paixão pelo passado, uma paixão pelo século XIX...

Guilherme – Como se dissessem “ah, os bons tempos... o passado é que era bom”. E ficam vendo o anarquismo só nos livros. Uma reviravolta boa aconteceu com as revoltas do final do século XX (referência às ações anti-capitalistas, cuja batalha de Seattle, ocorrida em 1999, tornou-se um marco de um novo anarquismo) e que deu uma boa chacoalhada em muitos conceitos. Nesse sentido, as pessoas eram muito fechadas, o anarquismo era muito fechado, ao longo dessas décadas meio que dormentes do anarquismo.



Caio Mona – Até gosto de brincar de dizer “sou monarquista”, porque é tão óbvio (hoje) ser anarquista... por isso gosto de brincar com essa obviedade, dizendo que sou “um monarquista de esquerda e um anarquista de direita” [risos]

C12M – **ah, mas esse humor também é importante, porque você se colocar como anarquista mal-humorado é terrível [risos]**

Caio Mona – Tem gente [anarquistas] que tem a cabeça tão cartesiana...

C12M – **Sim, tem coisas muito cristalizadas dentro do anarquismo hoje...**

Caio Mona – Dois caras anarquistas, que se dizem anarquistas, um tempo aí atrás, falaram que estavam fazendo armas em casa para revolução... tipo, sem noção do contexto que estamos vivendo hoje... imagina, o Estado com seu poderio todo, e os caras vão enfrentar com uma espingarda feita em casa... para falar tipo “sou anarquista”... isso é coisa meio que década de 30. Acha que pode fazer a revolução da mesma forma como aconteceu a 70-80 anos atrás. Eu falo por mim, não to falando agora pelo Coletivo... porque eu gosto do Individualismo do Stirner...pra mim, ações micro têm impacto. Você transformar a educação com o seu filho e abrir isso para compartilhar com outras pessoas pode ser um processo muito mais profundo do que querer ir fazer a política pública no Brasil inteiro...

Guilherme – mas falando um pouquinho do ponto de vista do Coletivo... Eu quero dizer que o Coletivo... ele é transformista [risos], ele busca transformar. Eu penso um pouco na ideia de rede, porque as pessoas vêm com aquela ideia quadrada de classe, uma classe acima da outra... só que nós não temos como atuar no todo, nem numa classe e nem numa sociedade... então, a gente atua nos interstícios, como uma rede...

Caio Mona – Eu acho que tem de apoiar os anarco-sindicalistas... mas não é só aquela forma de pensar que é o anarquismo, só aquela forma de anarquismo é que pode existir. Eu apoio e estou do lado, lógico... porque têm pessoas que acham que se não for esse anarquismo, é tudo muito falso, é brincadeira, não vai dar certo... é desperdiçar energia à toa...



Guilherme – Eu vejo a atuação anarquista, ou anarquizante, como algo em rede... não é você chegar com uma proposta pronta para um outro grupo separado de você. Mas se espalhar, a partir de si, você atuando dentro daquela proposta. Você sendo aquilo que gostaria que os outros praticassem. E fazendo com quem está perto, e espalhando. Tem que atrair pessoas e se abrir também para outras trocas de experiências e relacionamentos... foi assim com o Baú das Dádivas, a experiência com o moitará de circulação de coisas (do Xingu), a troca de conhecimentos com o pessoal de uma escola itinerante da vida, que a gente tomou conhecimento e precisa ampliar isso... então..., não se trata de criar um gueto e se trancar nele, mas tentar se espalhar por aonde você vai passando.

Caio Mona – Atrair e traír [risos]

Saúde & Anarchy

A autogestão libertária implica em fazer desaparecer os centros de poder, presentes nas relações político-sociais, nas corporações empresariais, nos partidos políticos, nas burocracias sindicais. Um ordenamento político e social sem órgão decisório central, sem intermediários, sem representações, sem dirigentes e sem dirigidos. Por fim, segundo a Federação Anarquista Francesa, a autogestão anarquista é: “[...] *une tentative de modifier l’organisation sociale et la notion de politique, en mettant entre les mains de tous et de chacun, de façon directive et sans intermédiaire, toutes ses affaires*” (COLLECTIF, 2005, p. 31).

Entretanto, a experiência autogestionária pode fazer emergir, como puro paradoxo, a figura do líder, do condutor. A pesquisa sociopoética imaginou uma **Autogestão Alto do Céu**, como um fantasma rondando as experiências libertárias. Lá no alto, o indivíduo visa seu empoderamento dentro do grupo autogestor. Ela não consegue romper plenamente com os laços heterogestores, e vê emergir situações e lugares fascistas e centralizadores de poder.



Pablo Ortellado, refletindo sobre a atuação de grupos e indivíduos durante as manifestações políticas de resistência global ao capitalismo – movimento conhecido como os “Dias de Ação Global” ou “Ação Global dos Povos”, que envolve a Batalha de Seattle (vide glossário) – fala sobre como as organizações anarquistas, em coalizão transitória, e tendo que coabitar o mesmo movimento, e conviver durante um longo período de tempo, organizando eventos e ações (muitas delas clandestinas e de afronta à ordem jurídica do Estado), gestaram este momento político importante para o anarquismo contemporâneo e enfrentaram um inimigo interno: a emergência da liderança, conforme explícito, em seguida:

Apesar de operarmos de forma geral no formato de rede, o fato de utilizarmos reuniões amplas, abertas e participativas fez com que nossa rede fosse híbrida, formada tanto por grupos quanto por indivíduos. Não se tratava de uma rede de grupos que tinham posições definidas e se coordenavam, mas de um espaço onde grupos e indivíduos coabitavam de forma sobreposta e entrecruzada. Isso, na verdade, expressava uma tendência mais ampla dos próprios grupos de se estruturarem cada vez mais como redes e se tornarem eles também cada vez mais fluidos e indefinidos. Isso trazia, tanto para o âmbito da rede quanto para o âmbito dos grupos, novos desafios e questões.

De todas as questões que enfrentamos, a da liderança foi, sem dúvida alguma, a mais controversa. Formada a partir de grupos anarquistas e autogestionários, a existência de lideranças em nossa coalizão sempre foi tabu. Em certo sentido, isso era ótimo, porque havia uma saudável aversão a qualquer manifestação de autoridade. Por outro lado, porém, o tabu impediu um



debate tranquilo e aprofundado. (RYOKI; ORTELLADO, 2004, p. 19)

Os grupos autogestionários vivem a desobediência como ação política, desobediência como potência para criar outras formas de sociabilidade. Na serra da Pacatuba, surgiu a **Autogestão Desobediência**. Penso que as experiências autogestionárias do passado e, principalmente, as contemporâneas, experimentam um desobedecer à ordem estabelecida, um desobedecer aos padrões codificados da sociedade para produzir fissuras nas modelizações capitalistas. Desobedecer às estratégias de consumo, desobedecer ao pleito eleitoral, desobedecer à heteronormatividade homofóbica, desobedecer aos padrões estéticos de viver...

[Você está com vários amigos, todos bem jovens, reunidos em frente à entrada de um shopping tipo galeria. São uns 13 ao todo. Estão todos ansiosos, inclusive você. Você tira panfletos de uma mochila. Um se veste de Papai Noel. O ano é 2005, 23 de dezembro. Dia Mundial Sem Compras – pelo nosso calendário. As ruas e lojas estão apinhadas de pessoas com sacolas e bolsas. No panfleto, lê-se: SOMOS ATERRORIZADOS PELO DESEJO DE CONSUMO!!! É um apelo em prol da redução do consumo. Às vésperas do Natal. Você entra nas lojas e entrega, juntos com seus amigos, os panfletos aos consumidores e funcionários. No panfleto está escrito em letras bem grandes: CONSUMIR CONSTANTEMENTE É LOUCURA!!! É um ato por um planeta menos poluído. Lê-se: AS PESSOAS PENSAM QUE FELICIDADE É COMPRAR CADA VEZ MAIS, ESPECIALMENTE NO NATAL. É uma ação direta contra a lógica capitalista do consumo. É um protesto lúdico. O proprietário de uma das lojas sai e procura agredir fisicamente o grupo. Cercamos o proprietário da loja de *surf wear*. Sob vaia das ruas, ele desiste. A adrenalina comanda os sentidos. Você ainda está vivo.]

Penso que, influenciado pela Autogestão Desobediência, o campo com o qual se deve lidar com a desobediência envolve,



inclusive, concepções deterministas que encontram lugar de abrigo nas fileiras do anarquismo. É preciso desobedecer certas “leis fixas” estabelecidas por teóricos e militantes profissionais anarquistas. Desobedecer, recusar seguir um caminho estabelecido por outrem como único e verdadeiro. Para Joyeux (1999), por exemplo, nenhuma experiência de autogestão pode, de fato, efetivar-se e ser vitoriosa se não houver um ambiente de revolução social já estabelecido; ele considera que as práticas autogestionárias que se desenvolvem numa economia hierarquizada, como a capitalista, são ilusórias:

Creio que ilhotas de autogestão, no quadro de uma sociedade capitalista, estão de antemão destinadas ao fracasso, esmagadas pelo meio circundante, pela hostilidade da classe dirigente, pela indiferença dos homens alienados.

(...)

No quadro de uma sociedade que conserva uma economia hierarquizada, a autogestão é, no melhor dos casos, uma ilusão (...). (JOYEUX, 1999, p.71)

Recusar uma lógica que condena as experiências moleculares ao fracasso, pressupondo uma possível sobreposição do macro sobre o micro. Mas Guattari nos restitui as esperanças numa luta efetiva no agora, no hoje, sem a necessidade de “vitórias perenes”:

A construção de máquinas de luta, máquinas de guerra, de que estamos precisando para derrubar as situações do capitalismo e do imperialismo, não pode ter só objetivos políticos e sociais que se inscrevam num programa, encarnado por alguns líderes e alguns representantes. (...) A função da autonomia é aquela que permitirá captar todos os impulsos de desejo, todas as in-



teligências, não para fazê-la convergir num mesmo ponto central arborescente, mas para dispô-las num imenso rizoma, que atravessará todas as problemáticas sociais, tanto a nível local, regional, quanto a nível nacional e internacional. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 177)

Bey (2001) afirma que não precisamos esperar que revoluções, num distante tempo-lugar, venham, por fim, redimir a humanidade das opressões que a perseguem. Podemos ser livres e experimentar a liberdade no agora, e de forma subversiva, insurreta e alegre: Revolução é adiamento. Autogestão é algo que a fazemos no agora (BEY, 2001).

Desde meados do século XIX, uma parcela da humanidade tem se preocupado com os níveis cada vez mais altos de degradação do planeta. A sociedade tecnológica de consumo destrói a natureza. Manter a sociedade de consumo requer um processo degradante sobre o meio ambiente; não basta à classe trabalhadora ascender ao poder fabril e político-econômico, é preciso quebrar a lógica do consumo destrutivo. Uma autogestão, mesmo que levada a cabo por trabalhadores organizados (anarquistas, marxistas, etc.), se não respeita o meio ambiente, se não respeita as formas orgânicas e inorgânicas da natureza, perpetua a dominação e a opressão.

É possível haver uma autogestão assim – o grupo-pesquisador criou a **Autogestão Laminha Preta** para nos fazer perceber que a perpetuação das relações de produção e consumo leva à degradação do meio ambiente; e que as práticas autogestionárias precisam estar atentas a estes processos, para não serem perpetuadoras dessas condições. Em contraposição, o grupo fez aparecer uma autogestão assentada na restauração das forças da natureza, que revigora a sociedade, e filtra as degradações produzidas pela sociedade de consumo – é preciso fazer circular uma prática autogestionária capaz



de reverter os processos de degradação e romper com o ritmo convergente de destruição do natural. Para isso, foi criada, na lama do mangue do rio Cocó, a **Autogestão Negro**. Interessante como a mesma lama do manguezal pôde gerar confetos com significados diferentes, mas é esse mesmo o propósito da produção sociopoética, garantir o aparecimento das sutilezas e das divergências.

Abaixo, o trecho do Diário de Itinerância aponta para essa degradação

Natal, 02 de janeiro de 2010

Somos o lixo que dispersamos na natureza

O mundo contemporâneo é uma lista sem fim dos objetos que produzimos, consumismo e descartamos. Um mundo como uma lista de objetos rejeitados. O mundo como um lixo humano acumulando-se indefinidamente.

Pedalando minha bicicleta na pista asfáltica que corta aquele trecho da Mata Atlântica, batizada por eles como Rota do Sol, observo as margens da via. É somente uma pista de acesso ao mar, feita para os turistas. A Mata Atlântica ali não tem a menor importância. Observo as margens da via. Olho para os objetos amontoados ao longo da pista, entre o meio-fio e a cerca que nos separa da mata: um tubo de imagem de um televisor coreano, a embalagem de papelão de uma câmera filmadora japonesa, garrafas PET variadas, pedaços de borrachas de pneus *made-in-korea*.

Somos o lixo que conseguimos dispensar no mundo.

Se você quer saber como era tudo isso antes do processo civilizatório chegar com suas caravelas, suas cruzeiras e seus arcabuzes, olhe para a esquerda da pista. Você só vai ver, por trás das cercas, uma mata compacta com tons diferenciados de verde e uma diversidade mestiça de arbustos, gramíneas e árvores de médio porte. Mangabeiras, angelis, ameixas-do-mato. Cupinzeiros, formigueiros. Tatus, tijuáçus, gambás, camaleões. Ainda é possível haver raposas por ali. Toda essa natureza primitiva. Toda essa oposição feral ao nosso modo de vida contemporâneo. Todo esse verde da mata compacta modelando os



morros ao redor. Tudo distanciado por uma cerca ao longo da pista asfáltica.

Ao longo da pista asfáltica, entre o meio-fio e a cerca protetora, nós descartamos os fragmentos inúteis de nossas vazias vidas contemporâneas: calotas destroçadas de carros blindados italianos, para-brisas esmigalhados de automóveis franceses, carcaças de geladeiras de Taiwan, sofás de duplo lugar para pessoas solitárias, arranjos de flores artificiais chinesas produzidas por crianças exploradas à exaustão, pedaços ressequidos de cadeiras de PVC usadas em festas debutantes de meninas católicas-shalom-virgens-para-a-felicidade-hipócrita-dos-seus-pais. Sacos plásticos ornamentam as farpas da cerca. Somos o lixo do mundo. O imundo lixo humano.

À margem direita, do percurso que faço pedalando suavemente minha bicicleta, para além da cerca que nos protege do pedaço mirrado da mata atlântica, há uma lagoa – cujo conteúdo, entretanto, não convida a um mergulho. Por trás da vegetação nativa de mangabeiras e outros arbustos, há essa lagoa. Uma lagoa de captação de dejetos. Eles dizem assim. É uma figura de linguagem. Um eufemismo. Dizer assim soa técnico, e neutro. Uma lagoa do tamanho de um campo de futebol. Toda ela repleta de fezes e urina humanas. Toda essa merda, todo esse mijo nosso de cada dia é capturado, encanado, drenado, bombeado e disperso ali; e ali vão sendo acumulados a céu aberto. Um imenso retângulo, recortando a mata atlântica. Um retângulo fedendo a dejetos humanos. Somos o que descartamos na natureza.

Os grupos libertários contemporâneos mantêm um comprometimento com objetivos anarquistas históricos de construir dispositivos de ordem social onde o Estado e a propriedade privada dos meios de produção sejam abolidos e pessoas se associem livremente em reordenamentos autônomos e autogeridos. A maioria destes grupos se inspira no anarquismo clássico, mas não são cópias decalcadas das experiências do passado; são, pelo contrário, construções criativas que reinventam o anarquismo e as práticas autogestionárias; revisi-



tando velhas práticas, reapropriando-se ativamente de velhos saberes libertários; produzindo, assim, novas ideias e expressando dimensões, até então, ainda não experimentadas pelos anarquistas históricos, construindo formas não-ortodoxas de sociabilidade entre seus membros.

Mas pode existir, contraditoriamente, também uma autogestão que negue o corpo e castigue a nudez de suas formas, que inviabilize o desconhecido e o diferente, uma autogestão arraigada às suas tradições, que não se permite desterritorializar-se... A **Autogestão Nudez Castigada** pode estar presente, como ação reativa e castradora, como correção ortopédica, quando outros grupos ou indivíduos buscam construir experiências libertárias fora dos padrões da ortodoxia anarquista e são perseguidos e negados em função da defesa das tradições históricas do anarquismo. Como se houvesse apenas uma maneira de ser da autogestão libertária.

Em contraposição a isto, o grupo-pesquisador criou a **Autogestão Sair Sem Rumo**, cartografando territórios desconhecidos, desafiando-se continuamente, sem direcionamentos pré-determinados, e aberta a outras possibilidades; e, inspirado nas raízes aéreas do mangue, a **Autogestão Raízes**, cuja fixidez não impede a sua flexibilidade – conhecer as origens da autogestão libertária, seus propósitos iniciais, não inviabiliza a construção de novos ordenamentos autogestionários; transitar flexivo sobre outras formas de viver a autogestão. A fixidez das raízes, como metáfora da autogestão, não impede a liberdade das pessoas e dos grupos libertários produzirem novos rizomas, novas conexões. Interessante pensar a autogestão como rizoma... movendo-se radicalmente.

As experiências de reapropriação do corpo das práticas e da história libertárias têm afirmado que a autogestão, mais do que uma concepção idealizada, é uma prática que se con-



trapõe à noção de que um grupo não pode se organizar sem a presença de um centro decisório. Os grupos anarquistas contemporâneos esforçam-se em mobilizar mais pessoas do que se possa imaginar. Entretanto, como a maioria das ações libertárias está fora do cabedal da mídia capitalista, elas tornam-se parcialmente invisíveis ao corpo da sociedade. Em boa parte dos casos, os próprios grupos autogestionários encarregam-se de manter suas ações restritas às esferas iniciadas no tema, longe da imprensa oficial, e, então, estas experiências permanecem no circuito *underground*, circulando em rede.

De inspirações libertárias e desenvolvidas por variados grupos anarquistas locais, elas questionam a ideia, bastante instituída no ocidente, segundo a qual a autoridade é um fenômeno natural, demonstram que o desejo de construir uma nova sociedade sobre outras bases é algo bastante atual. Mas isso não significa que estas mesmas experiências não estejam sujeitas a contradições, as quais podem conduzir o grupo a se distanciar do propósito de construir formas de organização onde as interferências do fenômeno da autoridade percam cada vez mais sua força dentro do grupo.

Os anarquismos encerram certos fundamentos: *Crítica Radical ao Estado e ao Capital*; negação das formas de *Autoridade*; construção de mecanismos dinâmicos de participação política direta dos sujeitos, como contraposição às experiências autoritárias, às ditatoriais e à democracia representativa – no sistema democrático capitalista, a própria Democracia é a mentira do Capitalismo. A representatividade democrática é a espetacularização da vida política das pessoas. Na democracia representativa, a ação política se distancia, como numa representação; a *Ação Direta*, como estratégia de participação política, negando a via parlamentar e a militância político-partidária; o conceito de *Resistência* versus o clássico conceito de



Oposição; Potência, ao invés de Poder; *Autogestão* como contraponto às experiências heterogestionárias. Queremos retomar nossas lutas e nossas formas singulares de participação política, contra as formas instituídas (partidos, programas governamentais, ONGs, igrejas, sindicatos). Interessa-nos a Democracia Direta.

[Você rabisca desenhos nos versos de vários panfletos de um novo empreendimento da indústria imobiliária – um luxuoso condomínio numa praia antes deserta. Você desenha um pinquim deslocando um gigantesco *iceberg*, colocando-o em rota de colisão com a nossa civilização. Você desenha um mico-leão-dourado com um *molotov* nas mãos, lançando-o sobre uma indústria de papéis instalada às margens da floresta. Você desenha um grande gorila armado com uma submetralhadora, esse gorila aponta para um funcionário do zôo, que abre as jaulas dos outros animais. Você espalha esses desenhos por aí. Você chama isso de Intervenção Urbana. Você chama isso de Terrorismo Poético]

A prática autogestionária, entre os anarquistas do século XIX, surgiu da necessidade de criar mecanismos que possibilitassem a desconstrução do fenômeno da autoridade. Inicialmente, eles experimentaram pôr em prática esse projeto no âmbito da produção econômica porque lhes preocupava sobremaneira os processos de alienação do trabalhador, impostos pelo modo de produção capitalista. Nesse contexto, a autogestão da produção colocava todo o processo produtivo sob o controle direto dos trabalhadores nas fábricas, inclusive com rodízio das funções, para não haver a especialização do trabalho e a fragmentação do trabalhador (ALBERT et al., 2004).

Dessa forma, a autogestão, surge, entre os anarquistas, como estratégia e fundamento que busca a abolição da autoridade e a superação da alienação do trabalhador. Tais ideias são consideradas uma grande novidade para a época porque



representam um questionamento contundente às bases em que está ancorada a sociedade capitalista.

Embora as experiências autogestionárias libertárias não tenham sido tentadas somente na esfera da produção econômica, pois sabe-se que, durante os séculos XIX e XX, os anarquistas experimentaram a autogestão em vários domínios sociais, o sentido economicista que esse termo hoje evoca se deve ao fato de as experiências que se realizaram no âmbito da economia fabril acabarem se tornando mais conhecidas, ganhando maior visibilidade. Esse sentido excessivamente economicista presente nesse conceito de autogestão: “[...] não é senão, por si só, uma prova gritante do grau de apropriação que as palavras sofrem na sociedade industrial” (BOOKCHIN In: ALBERT et al, 2004, p. 62).

Mas a autogestão para o anarquismo, tanto para os clássicos quanto para suas formas contemporâneas, é um conceito que não se restringe ao domínio da produção econômica; ela se estende a outras esferas da vida social. Ela é vista, também, como um processo que se dá nas esferas do micropoder, onde as relações interpessoais e interinstitucionais ocorrem, e onde, não menos frequentemente, se estabelecem relações heterônomas entre os sujeitos. a autogestão anarquista não se propõe somente a reorganizar o processo produtivo na indústria ou em outros ambientes de trabalho de maneira a garantir um rodízio de tarefas e evitar as formas de alienação do trabalhador; todo e qualquer grupamento humano pode se organizar com autonomia e gerir suas ações sem um centro de poder, sem a hierarquização dos postos de comando; autogestão é a realização das potências das pessoas e uma luta constante contra o empoderamento. Autogestão na escola; autogestão na família; cidades autogestionárias; a floresta é um sistema complexo de autogestão. Toda a natureza o é.



Guattari nos põe uma outra perspectiva sobre a auto-gestão, uma ponderação importante sobre a relação Estado e práticas autônomas nas sociedades contemporâneas. A auto-gestão como uma extensão do próprio braço controlador do Estado. Ele afirma que cumpre ao Estado, na qualidade de *Estado-Mediador*, um papel importante no processo complexo de produção de subjetividade capitalística; e que este Estado, com suas funções ampliadas que transcendem aos poderes administrativo, financeiro, militar e policial, caracteriza-se como Estado-Providência, exercendo um disciplinamento descentralizado sobre o ordenamento social (GUATTARI; ROLNIK, 1996). Ele põe em funcionamento um sistema de subvenções que:

[...] fazem com que o grupo se autorregule, se autoforme, se autodiscipline; um sistema de informação, de exame, de controle, de hierarquia, de promoção, etc. O Estado é um conjunto de ramificações, essa espécie de rizoma de instituições que denominamos “equipamentos coletivos”. É por esta razão que o Estado pode falar, sem medo, em descentralização. É também por essa razão que programas partidários podem incluir, sem medo, propostas de autogestão (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 147)

Um processo autogestionário de participação, colaboração e adesão plena aos processos de produção de subjetividade capitalística – sem nenhuma ruptura possível. Estes processos autogestionários controladores e disciplinadores não estariam localizados exclusivamente nos setores da fábrica, da corporação, da indústria, enfim, dos setores responsáveis pela produção da mercadoria, enquanto materialidade; pelo contrário, estariam circulando, espalhados como rizomas, sobre as estruturas do ordenamento social e podem participar das po-



líticas públicas deste Estado, sem que isto produza quaisquer ameaças à ordem do Capital.

É uma autogestão com materialidade, ela tem um *topos*, um lugar onde se realiza; mas esta forma autogestionária em nada interessa aos agenciamentos maquínicos anarquistas. Por esta razão, é preciso qualificar a autogestão, adjetivá-la. Aos anarquismos interessam uma autogestão que rompa com processos de modelização da subjetividade capitalística e produza subjetividades libertárias.

Recusar o tipo de subjetividade capitalística que nos é imposta pelas estruturas disciplinadoras e de controle, e, reafirmando nosso “sujeito anárquico” (esse “Singular Indeclinável”), promover novas formas de subjetividade, é a trilha por onde anda a **Autogestão Caçador de Subjetividades**. Constituir o “sujeito anárquico”! O desafio libertário dessa autogestão é produzir novas formas de resistência contra o poder, contra o Estado, contra os fascismos: máquinas desejantes inconformadas! Mas é importante compreender que estas subjetividades transcendem o eu-individual como unidade fundante, e propõem a morte desse eu-atomizado, e a maquinação das *múltiplasingularidades* do ser... mil devires, em mil platôs! (DELEUZE; GUATTARI, 1997) Vivenciar ser um “não-ainda existente”, ser um “outro-absolutamente-diferente”! Desconstruir o papel da masculinidade, por exemplo, deslocar a genitália de seu centro de poder...

Um confeto importante criado pelo grupo foi o da **Autogestão Coletividade Sustentável**, reafirmando a colaboração singular de cada companheir@ para compor a miscelânea anárquica da autogestão. O que garante a sustentação da vivência libertária é saber experimentar os saberes diferentes que cada um traz na construção da coletividade. Saber respeitar o potencial de cada membro do coletivo, as colaborações



que tem a dar, as trocas... o singular indeclinável de cada *compa* (redução afetiva para *companheir@*). Evitar um padrão de conduta libertário, que almeje uniformizar os gestos, as falas, os enunciados, as ações, as atitudes.

Mobilizados pelo desejo de viver e conviver autonomamente, grupos libertários reinventam a autogestão, e se lançam nessa construção, nesse esforço de criação de novas práticas e vivências coletivas, com as quais se combate a formação de lideranças perenes, a concentração de poder, a hierarquização das funções, a centralização das decisões, a alienação dos sujeitos pela separação entre as instâncias decisórias e as de execução. Para os grupos libertários contemporâneos, a autogestão é um dispositivo teórico e operativo que possibilita questionar a existência da autoridade, bem como promover sua desnaturalização; mas também é um dispositivo de construção da autonomia.

Toda uma tradição racionalista do anarquismo do século XIX não foi capaz de impedir o surgimento de uma crítica à cientificidade pelo grupo-pesquisador. Pelo contrário, certa cientificidade, ao longo do século XX e no início do século XXI, tem feito surgir inúmeros pontos de resistência contra formas fascistas, como segmentos da Ciência têm tratado a vida, o ser humano e os animais não-humanos. Os anarquismos do século XXI já não são indiferentes à dor dos animais, e se esforçam por construir uma ética da vida que colabora efetivamente por uma libertação radical dos animais não-humanos à subjugação do animal-homem.

Assim, os anarquistas se fizeram vegetarianos, veganos, libertadores de animais...; pautaram suas lutas pela ampliação do conceito de opressão e de liberdade. Como autogerir sua vida, mantendo subjugados os outros animais? Mas como libertar os animais, sem uma luta em conjunto pela liberta-



ção de todo o planeta da presença destruidora do capitalismo? Como Deleuze diz: não há posição de desejo, por minoritário que seja, que não ponha em causa todo o capitalismo... (DELEUZE, 2008).

O corpo coletivo do grupo-pesquisador criou, então, o confeto **Autogestão Macaquinho-Afoito-Babuíno**, esse devir-animal destruidor de certa racionalidade cientificista... essa que chama os animais enclausurados em laboratórios de “animais de laboratórios” e transforma seus corpos aprisionados e dilacerados em experimentos, em dados estáticos, em mercadorias a serem consumidas pela sociedade tecnológica. Uma experiência autogestionária contemporânea que questiona a violência desse fazer científico. Afoita que é, gosta de burilar e de bulir nos conceitos científicos arraigados, buscar destruir seus fundamentos e livrar-se, pela destruição, dos argumentos de certa racionalidade. Questiona o papel central e dogmático que a Ciência construiu em torno de si ao longo dos últimos séculos, como segue:

Fortaleza, 31 de outubro de 2007.

ODIAR & DESTRUIR AS COISAS

...sou um macaco espacial... fruto de experimentos científicos cruéis... um macaco domesticado, um macaco urbanoide, um macaco filho do processo civilizatório, e que se revoltou contra a estrutura que o formatou... um macaco incontrolável... uma bomba, um molotov, um dedo num gatilho... o animal primitivo rompendo as sendas da manhã... acordando... e eu estou puto e indignado... um macaco que rompeu a Matrix, e olhou pro Deserto do Real... e eu não estou gostando nada do que estou vendo... meu devir-animal é de um macaco-bugio que teve sua árvore derrubada... é de um orangotango queimado em laboratório... é de um gorila cujos dentes foram arrancados por caçadores... meu devir-animal é de um chimpanzé que teve sua família assassinada por pesquisadores, e sobreviveu para ver tudo... é o de um macaco-prego enjaulado num zoológico para



exposição às famílias cristãs nas manhãs de domingo... e eu estou muito puto... e eu não estou gostando de nada do que estou vendo... uh uh uh uh ah ah ah ah ah ah

Ou propondo atos de Terrorismo Poético, mesmo que puramente ficcionais, não importa tanto em que dimensão você destrói algo (realidade, sonhos, virtualidade, etc.), mas importa destruir:

Fortaleza, 17 de junho de 2010

Um pouco de Caos nos sistemas estáveis

Você sempre imagina formas de sabotar o Estado. [Sabotar as instituições]. É uma espécie de livre exercício de perversão. Perversões voltadas contra a forma-Estado e contra as relações capitalísticas. Pense nos sistemas estáveis – deseje destruí-los da maneira mais cruel e criativa possível. Um espírito-livre construindo proposições insensatas aos modelos demasiadamente sensatos de participação política. Uma ode odiosa ao conformismo reinante desde o advento do Iluminismo até o contemporâneo espírito pós-industrial; conformismo que converte o homem livre em cidadão, que reduz o desejo a uma cápsula mercadológica, que aprisiona o feral em um corpo dócil. Você vive imaginando maneiras de sabotar a ordem estabelecida. Como numa espécie de recusa aos determinismos sociais, aos fatalismos políticos e a toda expressão do fascismo que habita o micro e o macro. Essa vontade de que a filosofia e a ação política tornem-se, de fato, algo perigoso. Você imagina delirantes ataques terroristas a instituições inatacáveis. Um pouco de Caos nos sistemas estáveis. A democracia representativa. Por exemplo. O sufrágio universal. Por exemplo. O sistema eletrônico das eleições brasileiras – uma referência mundial, um modelo de eficiência. Transforme isso tudo em destroços. Se há algo que vale a pena ser atacado, esse algo deve ser atacado. E se ele é grande o bastante para ser visível por todos e em todos os lugares, tanto melhor que seja imediatamente atacado e destruído. (Os mil olhos vigilantes de Argos feridos por um único canivete). Você infiltra um vírus anárquico no sistema eletrônico das urnas eleito-



rais. A cada voto confirmado, o programa, agora poluído por uma vontade caosmótica, o reconfigura secretamente para a categoria NULO. Nenhuma única pessoa há de desconfiar da sabotagem eletrônica ao longo do dia do pleito. Democracia. Você sabe, essa velha mentira teimando em nos conduzir à moderna servidão voluntária. As pesquisas de boca-de-urna apontando os habituais candidatos... as velhas composições e as novas alianças se movimentando nos bastidores e aguardando o anúncio das urnas. O modelo eleitoral brasileiro. Confiabilidade e velocidade. Os especialistas das TVs escalam os possíveis vencedores da “festa democrática”. O voto eletrônico. Confiabilidade e simplicidade. Um pouco de Caos nos sistemas estáveis. Democracia representativa, esse esforço republicano. O vírus eletrônico dissemina o caos libertário e dissolve a história da democracia. E a surpresa inesperada torna real o impensado. As eleições nulas, o modelo eleitoral destruído, as instituições políticas arrasadas. Você chama isso de ação direta antipoder.

Como ludditas do século XXI (vide *Ação Luddita*, no Glossário), no grupo emergiu um conceito violento e destruidor, sob a forma de um devir-animal. Uma ação destruidora autogestionada que nos permite [re]conectar ao natural agora, um contato direto com a natureza, pois é preciso destruir toda prisão que nos impede de retornar ao natural. A força destrutiva/construtiva de que fala Bakunin? Esta forma orgânica de um devir-animal, **autogestão macaco quebra-tudo**, potência do novo, metaforiza esse desejo de reconexão. Ela pode muito bem ganhar contornos literais, nada metafóricos. Autogerir, no real, nossos reconectores. Por exemplo:

Fortaleza, 04 de março de 2008

Libertadores da Terra

Ainda no hospital, enquanto aguardava a alta médica da pneumonia, ouço uma notícia no Bom Dia, Brasil: “um grupo autodenominado Libertadores da Terra, na Califórnia, EUA, assumiu a autoria de alguns incêndios a mansões localizadas



em áreas de preservação ambiental, e construídas de forma ilegal”. A cada incêndio, uma mensagem assinada pelo ELF [Earth Liberation Front]. Ação Direta. Terrorismo anarco-verde. Nenhuma concessão, nenhuma espera pelo aparato estatal. Destruição das formas destrutivas. Libertar a Terra da presença excessiva da humanidade. Por alguma razão, o *Clube da Luta* me vem à mente. Lembro-me do Tyler Durden. Eu sei que ele tem a ver com isto. *Sei disso porque o Tyler sabe.*

Tudo são esperanças.

As relações capitalísticas criam nos sujeitos desejos e maneiras de viver mediados pela forma-mercadoria. Mesmo as resistências tendem a ser capturadas por esse maquinismo, e perderem seu potencial de ruptura e de irrupção subversiva, e “não respondem mais às problemáticas dos grupos marginais” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p.142). É preciso que os grupos anárquicos produzam formas de resistências autogestionárias criativas que não se deixem capturar pelo maquinismo do Estado.

O grupo sociopoético imaginou uma outra autogestão, mais colada aos instintos dos sujeitos, que purgue nosso corpo da intoxicação promovida pela civilização com seus excessos de consumo, de clausura e do apagamento do animal no ser humano... Essa civilização que produz um cotidiano controlado e formatado, distanciado dos instintos que dão sustentação às nossas vidas. Uma **Autogestão Raízes da Desintoxicação Civilizatória** pode colaborar na construção de uma vivência libertária que faça cessar os fluxos maquínicos do capital, produzindo um devir-animal, que cheira, que corre, que constrói sua própria morada, que caça seu próprio alimento... Segue:

Fortaleza, 04 de janeiro de 2009

O que é uma cidade senão nossa fuga da natureza?

O homem se apropria da natureza e a destrói; a natureza bus-



ca o equilíbrio, o homem o excesso e o acúmulo. A contemporaneidade com suas máquinas destruidoras e sua sanha por acúmulo de capital trucidada e devasta tudo. Difícil a natureza recompor-se nesse ritmo alucinante de destruição tecnológica. Eu luto do lado dos perdedores. *Into the wild*. Quando explodir a guerra entre os humanos e as feras selvagens, lutarei ao lado dos ursos e dos macacos. Na Natureza Selvagem.

O que é uma cidade senão nossa fuga da natureza?

E mais ainda:

Minha avó paterna tinha uma horta no quintal, boa parte do que comia vinha dela, sua saúde era garantida através dela; no quintal havia um galinheiro, e uma cisterna; ela lavava os cabelos com babosa, escovava os dentes com raspa de juá, recolhida a água da chuva... não sei como ela cuidava dos seus menstros, mas ela não usava absorventes industriais – o primeiro absorvente produzido pela indústria, ainda está poluindo a natureza nesse exato momento... – minha avó, Dona Genoveva, conhecida como “Mãe Nova”, vovó Mãe Nova, ela autogeria seu cotidiano, sem geladeira e sem televisor.

Se no século XIX as experiências autogestionárias eram, em sua maioria, compostas por ações e atores sociais circunscritos num processo relativamente definido no campo econômico-social (o operariado industrial francês, inglês, etc.), cujo conteúdo e forma giravam em torno da ocupação fabril, da circularidade dos postos, e de outros dispositivos de horizontalização das relações de produção; hoje, nos primórdios do século XXI, onde capturou-se a autogestão fabril para perpetuar as relações de produção da mercadoria, considerando os espaços amplos (ainda amplos) do mangue banhado pelo rio Cocó, é possível haver uma autogestão movediça, que não se deixa apanhar pelas formas pré-definidas... é uma autogestão difícil de promover capturas, pois suas formas livres e em movimentação constante, seus significados e sua sintaxe mu-



tantes fazem das tentativas de capturas capitalísticas tarefa impossível. Imagino essa autogestão que não se deixa pegar – o grupo-pesquisador a chamou de **Autogestão Linguagem Movediça**.

Colocar nossas subjetividades em interação e vivenciar o lúdico na coletividade, porque a autogestão pode fugir de uma prática sisuda e sem cor, e brincar na experimentação de sensações distintas – uma **Autogestão Macaco Brincalhão**.

Uma autogestão movediça e brincalhona, assim experimentou o Coletivo 12 Macacos:

Os *macacos*, no Coletivo 12 Macacos, ao vivenciarem macaquínicas experiências vegetarianas, logo perceberam a necessidade de busca por autonomia na produção de alimentos (os supermercados nos entregam os alimentos processados, prontos para o consumo rápido, fácil e descartável – nos tiram a experiência ancestral de produzir nosso próprio alimento), o que nos levou à horta doméstica urbana e às práticas de jardinagem guerrilheira (tática de plantio não-ordenado e não-autorizado nos espaços urbanos vazios e cinzas): jogue um punhado de sementes de jerimum no terreno abandonado do seu vizinho ou de um canteiro ou de uma praça.

Você não precisa ser o beneficiado por este plantio subversivo; coloque sementes variadas em bolinhas de barro e atire-as, com estilingue ou com as mãos, por sobre os terrenos baldios... produza sua mini-agro-floresta urbana. porque esperar uma política pública de arborização? Você faz sua própria política, e com as mãos (se for em bando, melhor ainda...); a horta levou à permacultura, que levou os *macacos* a desejar formas alternativas de construir a própria moradia (a arquitetura vernacular foi a melhor resposta para esse desejo – produzir autonomamente, e em mutirão, o que significa



dizer em rede com outras pessoas e outros grupos, seu espaço de habitação, com os materiais disponíveis no meio – com um mínimo de deslocamentos e de consumo de combustível fósil); isso levou ao desejo de uma vida em comunidade (comunidades intencionais); andar de *bikes* pelas ruas da cidade, levou os *macacos* ao desejo de abandonar o automóvel, que levou ao desejo de ir mais longe de bicicleta...

O desejo macaquínico levou o 12 Macacos a experimentar momentos de vida *freegan* e de reaproveitamento criativo do lixo industrial (carteiras de cédulas com caixas de *tetrapak*, *pufs* de pneus, cadeiras de garrafas *pet*, mesinhas de isopor, etc.) e à tática yomango (destruição sutil de mercadoria ou expropriação criativa da mercadoria, atingindo grandes redes ou corporações – alimentos, livros, roupas, acessórios eletrônicos – destruir a lógica de circulação do capital, como a outra ponta de uma mesma ação luddita; ou ainda uma ação de TP: colocar mensagens nas roupas para que as pessoas, nos provadores, leiam, surpresas: “Roube esta mercadoria”; “O desejo de consumo te aterroriza”; “Considere a possibilidade de Deus te desprezar”, “Você não é o que consome”).

[MACACO-PREGO. Um macaco-prego não identificado foi responsabilizado pelo desaparecimento de diversos animais da mesma espécie, que conseguiram fugir do Jardim Zoológico de Recife, em Pernambuco. Irritado com o mau-comportamento do macaco, o diretor do Zoo devolveu o animal para o Ibama. O veterinário do Instituto explicou que o macaco foi apanhado em flagrante quando dava aulas de natação aos companheiros de jaula, encorajando-os a mergulhar num riacho para escapar da prisão. ANIMAL LIBERATION FRONT. Ação Direta Animal. Autogerir suas vidas, manter-se em fuga incessantemente.]

Toda pesquisa um dia acaba...



Fortaleza, 04 de janeiro de 2011

Escolarização da Vida

A partir das experiências vivenciadas na pesquisa, tanto na produção de novos conceitos pelo grupo-pesquisador sociopoético quanto nas folhas do Diário de Itinerância, perscruto sobre as formas de ser das práticas educativas instituídas; notadamente as práticas escolares, estas tão naturalizadas em nossos cotidianos que torna difícil, senão impossível, o questionamento dos porquês dos processos sociais capitalísticos determinarem a escolarização da própria vida. Como foi possível a vida ser escolarizada? Ou ainda, por que aceitamos a escolarização da vida?

Na construção de fluxos maquínicos vinculados às demandas por uma vida autogerida, nos defrontamos com a forma heterogestora da vida e da vida escolarizada. O que há na experiência da educação escolar instituída pelo Estado – “os grandes corpos sociais constituídos”, no dizer de Guattari (1996, p.141) – é uma estrutura hiperhierarquizada; uma vertical que sobrepõe esferas centralizadas de poder de uma ponta supostamente despotencializada (alunos, professores, comunidades, funcionários etc.) a um cume com ramificações que o une a outros órgãos desse corpo social, tudo isso atravessado por fluxos de poder. A hierarquia da fábrica da subjetividade capitalística, a fábrica-escola, cujas funções vão além do mero reproduzir (como interpreta a tradição marxista), ela produz as relações sociais do capitalismo.

Essa educação escolar centralizadora é autoritária; teudista, ela não respeita as vozes, os corpos e os desejos dos alunos; pela maneira como é estruturado o cotidiano escolar, ela reitera a presença da autoridade e elimina as formas autogeridas, quando estas formas possam aparecer, e subverter, nos espaços não-autorizados.



Eu nunca me esqueço: no muro azul de entrada da Casa da Lagartixa Preta, em Santo André/SP, um belo estêncil preto vo-ciferava com inteligência e humor cáustico (caóstico, poderia até escrever assim!): ENSINAR É IMPOSSÍVEL, APREN- DER É INEVITÁVEL. E mais: LUGAR DE CRIANÇA É NA RUA! Uma desterritorialização. ENSINAR O QUE NÃO FOI PERGUNTADO ALÉM DE INÚTIL É UMA ESPÉCIE DE ESTUPRO CULTURAL. Máquinas de guerra.

Há uma gama variada de experiências autogestionárias no campo da educação, no passado anarquista dos oitocentos e dos novecentos e no presente libertário do século XXI; con- testatórias dos processos educativos escolares, muitas destas experiências se colocam contra a escolarização da vida, denun- ciando-a como um violento processo de modelização capita- lística. É bem verdade, que muitas experiências pedagógicas anarquistas desenvolveram-se em espaços escolares (a Escola Moderna de Ferrer y Guardia, de linha racionalista e anticleri- cal, por exemplo), mas é forçoso lembrar que outras pedagogias foram possíveis, longe do ambiente escolar (como as Comunida- des Anarquistas do século XIX, cujas práticas autogestionárias inseriram-se num processo pedagógico libertário complexo, envolvendo a vida comunitária, e não a escolarização da vida comunitária). De qualquer forma, a educação libertária trouxe um conjunto de novas práticas pedagógicas e de sociabilidade (o que pode ser aprendido sozinho não precisa ser ensinado).

Nesse contexto, é possível empreender uma reflexão sobre os processos marginalizados de recusa à escolarização e essa gama contestadora de processos educativos libertários que se colocam para além do escolar e do não-escolar; e que muitas vezes se constituem como processos explicitamente anti-escolares.

Naturalizamos a escola em nossas vidas. Naturalizamos as aprendizagens como processos escolares. E isto é tão forte



que se têm dificuldades em conceber, no campo da educação, os processos de aprendizagens fora de um paradigma escolar. E tanto é assim, que mesmo quando tentamos nos distanciar dos espaços escolares e buscar formas distintas de educação, nós nomeamos estes lugares como não-escolares. Penso que a pesquisa tem potencial suficiente para favorecer uma reflexão sobre a demanda em se buscar formas mais autônomas de produção do conhecimento, a partir de novos processos educativos.

Produzir o novo, de uma nova forma, inventiva e criativa, que reafirme a vida. Processos outros que superem a reprodução de saberes esquadrihados pelas ciências, como habitualmente a educação escolar realiza. A maneira como é organizada a escola atual, centralizadora e hierarquizada, ela vive de uma série de dispositivos instituídos que exercem um controle e uma uniformização violenta por sobre os sujeitos – modelização da subjetividade capitalística, diria Guattari; a Sociedade de Controle, como percebe Deleuze:

[...] uma nova mutação do sistema capitalista em que os mecanismos de produção e regulação das subjetividades – *os controlatos* – operam suas funções de modulação, (sobre)codificação e (re) territorialização de forma ultrarrápida, muito mais fina, em meio aberto, mediante controle contínuo e comunicação instantânea. (COSTA, 2000, p. 128)

Centralização de um saber racionalista a que todos temos de atingir, aquele saber pré-definido, o saber científico que foi previamente esquadrihado, estabelecido e autorizado por outrem. Esta estrutura institucional cristalizada, a escola contemporânea, é uma estrutura autoritária, onde se produz, nos seus espaços cotidianos, uma (con)vivência heterogestio-



nária. Interessa-nos mais a produção de formas autônomas de viver e de conviver, de produzir o saber novo e o novo no saber... máquinas desejantes que se ocupam de construir um outro-absolutamente diferente. Esse outro-absolutamente-diferente habita as ruas, os *squatts*, os mangues, as praias, os lugares mais inusitados, onde novos processos educativos, reinventados, produzam novos saberes e formas novas de viver; inclusive, pode vir a habitar os espaços desautorizados da escola. Favorecer agenciamentos maquínicos inusitados e inventivos, baseados em novas formas de relações sociais e interpessoais mais autônomas.



CAPÍTULO 6

DEVIR-LIBERTÁRIO:
SOBRE AÇÕES POLÍTICO-LIBIDINAIS
NO SENTIDO EXTRAMORAL





Para ler ao som das canções do álbum
(*Coney Island Baby*, do Lou Reed)

6.1 O Coletivo 12 Macacos: fotografia 3x4 para ficha criminal

Eu reclamaria aos anarquistas que fossem mais singularizadores, mais libertários (Guattari, *Micropolítica: cartografias do desejo*)

O que é um coletivo? Talvez possamos defini-lo a partir do seu *topos*. Mas antes, é preciso compreender que a concepção de “coletivo” como social, por oposição ao individual, retrata uma abordagem dicotomizada da realidade. O que se busca aqui é construir uma noção de coletivo que fuja de perspectiva dicotomizada, que pressupõe a dimensão individual e a social como cindidas e inconciliáveis. Para Escóssia e Kastrup, os conceitos guattarianos de molar e molecular colaboram na superação dessa dicotomia, uma vez que as dimensões molares e moleculares “se entrecruzam inteiramente” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 131); são dimensões coextensivas:

Não há uma lógica de contradição entre o nível molar e o molecular. (...)

Opor uma política molar das grandes organizações, presentes em qualquer nível da sociedade (micro ou macro), a uma função molecular que considera as problemáticas da economia do desejo, igualmente presentes em qualquer nível da sociedade, não implica em uma valorização na qual o molecular seria o bom e o molar, o mau. Os problemas se colocam sempre e, ao mesmo tempo, nos dois níveis. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 132-133)



Escóssia e Kastrup (2005) afirmam que a superação da dicotomia indivíduo-sociedade implica na desnaturalização dos termos, pela adoção de uma abordagem que conceba a noção de relação; portanto, o “[...] caminho que se apresenta é conceber um *plano relacional* produtor dos termos” (ESCÓSSIA; KASTRUP, 2005, p. 14, grifos das autoras). Esse plano, capaz de superar a dicotomia indivíduo-sociedade, é o:

[...] *coletivo*, insistindo que ele não se reduz ao social totalizado e que seu funcionamento não pode ser apreendido através das dinâmicas das relações interindividuais ou grupais, uma vez que estas acontecem entre seres já individuados. A noção de *agenciamento* (...) é a que nos parece mais apropriada para definir seu funcionamento. Agenciar é estar no meio, sobre a linha de encontro de dois mundos. Agenciar-se com alguém, com um animal, com uma coisa – uma máquina, por exemplo – não é substituí-lo, imitá-lo ou identificar-se com ele: é criar algo que não está nem em você nem no outro, mas entre os dois, neste espaço-tempo comum, impessoal e partilhável que todo agenciamento coletivo revela. A relação, entendida como agenciamento, é o modo de funcionamento de um plano coletivo, que surge como plano de criação, de co-engendramento dos seres. (...) este plano coletivo e relacional é também o plano de *produção de subjetividades*. (ESCÓSSIA; KASTRUP, 2005, p. 14, grifos das autoras)

Um coletivo é um entrelugar, entre o indivíduo e a sociedade, um plano de produção de subjetividades, um agenciamento maquínico.

[...] os processos de subjetivação não têm nada a ver com a vida privada, mas designam a operação pela qual os indivíduos ou as comunidades



se constituem como sujeitos, à margem dos saberes constituídos e dos poderes estabelecidos, que passam a dar lugar a novos saberes e novos poderes (DELEUZE, 1991, p. 26).

O que são, o que podem, o que querem as tuas máquinas desejantes? Como tuas subjetivações deliram no campo social? (DELEUZE, 2008). Produzir subjetividades libertárias criativas e singulares... um coletivo deleuzeano.

O que desejávamos, eu e o Mateus, quando criamos o Coletivo 12 Macacos é que ele pudesse se realizar plenamente como uma máquina desejante, capaz de construir para si um processo de singularização único, sem ter de sujeitar-se aos padrões estabelecidos pelas militâncias de esquerda – marxista ou as variações anarquistas contemporâneas. Buscar formas novas de se expressar e de participar politicamente, outros modos de existir, experimentando os sabores de uma vida autogerida... uma horda de espíritos-livres inventando novas formas de sociabilidade – ou, como disse um dos 12 Macacos: “O que a gente quer é vivenciar uma experiência anarquista não-ortodoxa”. Esse desejo nos guiou, desde os começos, quando, intuitivamente construímos nosso projeto de existirmos sob a forma do coletivo – demarcando nosso processo de singularização. Como diz Félix Guattari, em *Micropolítica: cartografias do desejo*:

O que vai caracterizar um processo de singularização (que durante certa época eu chamei de „experiência de um grupo sujeito”), é que ele seja automodelador. Isto é, que ele capte os elementos da situação, que construa seus próprios tipos de referências práticas e teóricas, sem ficar nessa posição constante de dependência em relação ao poder global, a nível econômico, a nível do saber, a nível técnico, a nível das segregações, dos



tipos de prestígio que são difundidos. A partir do momento em que os grupos adquirem essa liberdade de viver seus processos, eles passam a ter uma capacidade de ler sua própria situação e aquilo que se passa em torno deles. Essa capacidade é que vai lhes dar um mínimo de possibilidade de criação e permitir preservar exatamente esse caráter de autonomia tão importante (GUATTARI, 1996, 46).

Ser um grupo sujeito, sem jamais ser um grupo sujeito a. Um coletivo vivendo seu processo de automodelação, descobrindo seus potenciais, trocando experiências e ideias com outros coletivos, se furtando a toda sorte de dogmatismo que desejasse nos seduzir, bebendo de várias fontes, mas preocupando-se, como Nietzsche, em não beber da fonte onde bebem os fascistas; nunca desejando seguidores, mas companheiros de viagem (NIETZSCHE, 1999).

Minha insistência nessa ideia do modo de produção da subjetividade capitalística (...) é (...) porque considero que esse desenvolvimento da subjetividade capitalística traz imensas possibilidades de desvio e de reapropriação. Isso, desde que se reconheça que a luta não mais se restringe ao plano da economia política, mas abrange também o da economia subjetiva. Os afrontamentos sociais não são mais apenas de ordem econômica. Eles se dão também entre as diferentes maneiras pelas quais os indivíduos e grupos entendem viver sua existência. (GUATTARI, 1996, p. 45)

Fortaleza, 30 de outubro de 2007

12 macacos? Devir-macaco!

As pessoas quase sempre fazem a mesma pergunta, imediatamente ao saber o nome do coletivo: são doze macacos mesmo? Elas pensam que o número é uma quantidade. Não importa



quantos sejamos. Não é possível nos quantificar, para efeito sociológico. Não é a quantidade que nos define, não é o número, mas a nossa “potência do não numerável” (DELEUZE, 1997) que nos torna distinguível, e, longe da fixação identitária, o que desejamos é diferenciar e construir desvios... pura singularização. O Coletivo 12 Macacos é essa linha de fuga, essa máquina de guerra escapando das modelizações capitalísticas e nos conectando a fluxos mutantes... rizoma do rizoma do rizoma – o rizoma.

O Coletivo 12 Macacos é um grupo libertário interessado em Ação Direta, Libertação Animal, vivências veganas, Terrorismo Poético & outros crimes exemplares, experiências Anarco-Primitivistas, contatos diretos com a Natureza, transgressões comportamentais, juventude transviada & marginalia em geral. O 12 Macacos, criado no início de 2007, surgiu a partir de uma demanda minha e de amigos interessados em vivenciar uma experiência anarquista não-ortodoxa, influenciados pelos conceitos de Terrorismo Poético e de Zona Autônoma Temporária (**TAZ**) propostos por Hakim Bey; pelas experiências de libertação animal; pelo *punk* corporificado no conceito *Do It Yourself* (Faça-Você-Mesmo), pelo anticlericalismo dos anarquistas do início do século XX, pela Cultura Pop e pelo Rock’n Roll dos anos 1960 & 1970; pelo **Vegetarianismo Político** marcante nesse abrir-se do século XXI; pela ancestralidade de matriz africana e indígena; pelo conceito de grupelho em Guattari; pelas práticas permaculturais...

6.2 Foucault e o “sujeito anárquico”

Há coisas no anarquismo que não suportamos, porque nos cheira a auto enclausuramento e suicídio passivo: o discurso de combatividade social do tipo partido-esquerdista-dos-anos-1980; o discurso classista e programático dos grupos



bakuninistas; o pró-trabalho de toda discursividade do tipo anarco-sindicalista; o racionalismo hipertrofiado de algumas experiências pedagógicas libertárias; a exclusividade do modelo eurocêntrico perpetuado pelos grupos libertários de hoje; as práticas político-partidárias que persistem em habitar os corpos e as mentes dos grupos libertários; o fascismo anarquista; o dogmatismo anarquista; a ausência de anarquia nos anarquismos contemporâneos.

Talvez por isso, Foucault, que tanta colaboração direta e indireta trouxe para o anarquismo contemporâneo – principalmente a partir do evento “Maio de 68” –, tenha sempre se acautelado nos momentos em que foi pressionado a afirmar-se anarquista; ele constrói toda uma discursividade em favor de Fourier e dos libertários do século XIX, no seu *Vigiar e Punir*, quando trata do tema do abolicionismo penal:

Ao longo desta polêmica anti-penal, os fourieristas foram, sem dúvida, mais longe do que todos os outros. Eles foram os primeiros, talvez, a elaborar uma teoria política que é, ao mesmo tempo, uma valorização positiva do crime. Se este é, segundo eles, um efeito da “civilização”, é igualmente e por isso mesmo uma arma contra ela. Ele traz em si mesmo um vigor e um futuro. (...) Não há, portanto, uma natureza criminal mas jogos de força que, segundo a classe a que pertencem os indivíduos, os levarão ao poder ou à prisão (...). É preciso ver nele (o crime) mais do que uma fraqueza ou uma doença, uma energia que se refaz, um “Protesto espetacular da individualidade humana. (FOUCAULT, 2007, p. 239)

E faz uma observação quanto ao posicionamento dos anarquistas frente ao regime penal burguês:

[...] foram despertadas pelo amplo eco da resposta dos anarquistas, quando, na segunda metade



do século 19, colocaram o problema político da delinquência tomando como ponto de ataque o aparato penal; quando pensaram poder reconhecer nela a forma mais combativa de recusa à lei; quando tentaram nem tanto heroizar a revolta dos delinquentes, como desconectar a delinquência da legalidade e ilegalidade burguesas que haviam-na colonizado; quando quiseram restabelecer, ou constituir a unidade política das ilegalidades populares. (FOUCAULT, 2007, p. 239)

Mas Foucault não cabe numa definição identitária, embora tenha se definido, em certo momento, como “anarquista de esquerda”; ele quer manter-se livre das estruturas fechadas:

Não, eu não me identifico com os anarquistas libertários, porque há uma certa filosofia libertária que acredita nas necessidades fundamentais do homem. Eu não as quero, me nego acima de tudo a ser identificado, ser localizado pelo poder. (FOUCAULT, 2010a, p.264.)

Salvo Vaccaro aponta que a auto identificação de Foucault como “anarquista de esquerda” é menos um reconhecimento de “[...] pertencimento a uma identidade a ser revelada que uma tensão na direção que chamaria posteriormente de “insurreição dos saberes sujeitados” (VACCARO, 1996, p. 159).

Herético, libertário, anarquista, iconoclasta, “nietzschiano de esquerda”? (VACCARO, 1996) O importante não é encontrar um rótulo ajustável a Foucault, mas perceber, no conjunto de sua obra, o que pode colaborar na construção de um tipo de anarquismo contemporâneo... ou melhor, na construção de subjetividades anárquicas.

Foucault nos ajuda a compreender as formas e estruturas de disciplinamento dos sujeitos na sociedade contempo-



rânea: o biopoder, as instituições de confinamento, os profissionais da ortopedia social, etc.... Os sujeitos constituem-se no interior das relações de saber e poder prefixadas (FOUCAULT, 2010a) das quais é necessário libertar-se. Como libertar-se das relações prefixadas de disciplinamento? Vaccaro expõe o esboço foucaultiano de “cura libertária do sujeito” (VACCARO, 1996, p. 164). Para Vaccaro, Foucault aponta a perspectiva de que o sujeito: “[...] não deve deixar-se subjugar nem deve subjugar outros. [...] O sujeito “anárquico”, [...], é aquele que se auto constitui nas lutas contra os dispositivos disciplinares de poder e analíticos da verdade...” (VACCARO, 1996, p. 164).

6.3 O 12 Macacos: um coletivo libertário não-ortodoxo

Constituir o “sujeito anárquico”! Eis a trilha sob a qual quer caminhar o Coletivo 12 Macacos... o desafio libertário de construir formas novas de resistência aos dispositivos de disciplinamento e controle (para trazer Deleuze nesse momento, enfim). Recusar o tipo de individualidade que nos é imposta e promover novas formas de subjetividade.

Por se propor a ser um coletivo libertário não-ortodoxo, o 12 Macacos está mais interessado em anarquizar o próprio anarquismo, do que mantê-lo numa redoma de vidro; e, aliando-se a outros coletivos cujos interesses e práticas não-convenacionais de ação política se assemelhem aos seus, construir algo novo na cena libertária. É o caso do Coletivo Ativismo ABC, de Santo André-SP, e o Coletivo Erva Daninha, de Belo Horizonte-MG. Localmente, em Fortaleza, temos proximidades com o Coletivo Konfronto, da cena anarco-punk. Existe também uma vinculação com o Coletivo Ao Ataque! anarco-feminista e composto exclusivamente por mulheres. Construir novas subjetividades.



Toda questão está no fato de que se nos referirmos unicamente aos fenômenos de revolução molecular, poderemos, sem dúvida, nos esforçar para transformar nossa vida pessoal (por exemplo, a relação com o corpo, o tempo, a música, o cosmos, o sexo, o meio ambiente), e até nos organizar em grupos de convivência para sair dos modelos dominantes. Tudo isso parece essencial para escapar aos sistemas modelizantes da subjetividade capitalística. (GUATTARI, 1996, 141).

Embora saibamos que não bastam os movimentos moleculares para que as estruturas da fábrica de serialização da subjetividade capitalística sejam ameaçadas, não podemos simplesmente esperar por um processo macro, de dimensão molar, que resolva os problemas postos pelo capitalismo para, então, pensarmos em nos ocupar com a dimensão molecular dos processos revolucionários. Ao contrário, as forças tradicionais de luta política e militância social são cada vez mais incapazes de responder às problemáticas postas pelo capitalismo e cada vez mais incapazes de compreender as demandas postas pelos movimentos moleculares da atualidade.

Observe-se a demanda vegana, dentro do contexto dos novíssimos movimentos sociais, com todas suas implicações de redefinição política sobre as formas de participação coletiva e de posicionamento ético frente à ciência experimental, que segue usando cobaias de animais não-humanos nos seus laboratórios – essa é uma demanda não reconhecida como legítima pelos movimentos sociais tradicionais, notadamente os da esquerda capitalística.

O Coletivo 12 Macacos como um devir-minoritário, um coletivo que se movimenta rizomaticamente, deslocando sua máquina de guerra contra o Estado, promovendo agenciamen-



tos maquínicos [**macaquínicos**] de maneira a experimentar um outro-absolutamente-diferente...



Pensar e agir como minoria é tanto um ato de resistência como uma invenção-experimento. Trata-se, para usar um termo de Deleuze, de um “pensamento do Fora”, um pensamento “máquina de guerra” contra o “aparelho de Estado”. Pensamento da imanência, liberto do paradigma lógico da verdade, que suscita problemas fazendo da criação do conceito a condição de sua crítica e a construção de novas possibilidades de pensar e de existência.

A “ciência nômade de máquina de guerra” é da ordem do devir, portanto não se deixa fixar em um modelo ou paradigma, tampouco se constitui em um saber. Seguir os fluxos imanentes à realidade sem aprisioná-los em qualquer representação transcendente impossibilita a essa ciência formatar-se em um saber-poder. Seu efeito no campo social, que as “ciências régias ou de Estado” tentam conter, é abalar as representações que se rotinizam em convenções formais promovendo a adaptação ao que é odioso. (TÓTORA, 2004, p.229)

Produzir o romance autobiográfico libertário ativado pelo Coletivo 12 Macacos, como uma linha de fuga difusa e criativa. Esse macaco devir-minoritário. Devir-macaco. Macaco-anarco.

Todo devir é um devir-minoritário, é traçar uma linha de fuga do padrão ou modelo estabelecido, ou seja, da maioria. Fugir, nesse sentido, não é



se recusar à ação e tampouco se evadir da realidade, mas um ato de criação – um experimento-invenção. Criar é começar algo novo, um deslocamento em direção aos fluxos mutáveis. Por isso, uma minoria nunca se deixa sedentarizar e também não constitui um conjunto fechado sobre si; e porque não se deixa fixar, seu movimento está sempre em conexão com outros devires-minorias. (TÓTORA, 2004, p.242)

O nome do coletivo vem da inquietante obra fílmica de ficção científica *Twelve Monkeys*, do cineasta americano Terry Gilliam, ex-membro do grupo Monthly Python, que narra a trajetória errante de um homem conduzido ao passado recente da humanidade para localizar um vírus laboratorial que dizimou 99% da população humana, e que, supostamente, foi lançado por um insano grupo ativista dos direitos animais autodenominado *Exército dos 12 Macacos*.

[Só para lembrar: É novembro de 2007... São duas horas da madrugada, você e outro macaco tiram um *jet* vermelho da mochila, sobem no muro e atingem um *outdoor* publicitário onde está escrito O PRAZER DA GULA E O PECADO DA CARNE TE LEVARÃO AO PARAÍSO. É sobre uma churrascaria recém-inaugurada. Especializada em búfalos. Você cola um papel com o símbolo do Coletivo 12 Macacos, teu amigo risca de vermelho a palavra **paraíso** e abaixo escreve outra. Vocês descem do muro e vão embora. A adrenalina comanda os sentidos. Você ainda está vivo. No novo *outdoor* agora está escrito O PRAZER DA GULA E O PECADO DA CARNE TE LEVARÃO AO CÂNCER. Você chama isso de Ação Direta Anti-Publicidade. Você chama isso de Dano à Propriedade Privada. Terroristas da indústria da carne]



Foto: 13: Ação Direta do Coletivo 12 Macacos, novembro de 2007.



Fonte: Dados do autor.

O Coletivo 12 Macacos, então, se constituiu como um grupo pró-Libertação Animal, organizado de forma anárquica e experimentando uma vivência **vegan**. O que é a atitude Vegana? É uma extensão do conceito de “prática vegetariana” a outros aspectos da vida. A atitude vegana não pode vir a ser um sacrifício ou um dogma, mas uma epifania de prazeres e sabores na culinária e no cotidiano daqueles que decidiram estar num mundo, junto com os outros animais, sem submeter-se e sem submetê-los às demandas humanas por acúmulo de Capital – todos os mecanismos tecnológicos visíveis e invisíveis comandados pela indústria de alimentos, de higiene e beleza, de entretenimento, de experimentação laboratorial, de roupas e acessórios, e etc..., sempre mercantilizando vidas humanas e não-humanas. O biopoder atinge todas as esferas da vida, não só da vida humana. Do vegetal ao animal. Do micro, do nano e do macro.



O Coletivo 12 Macacos produziu contrafluxos autônomos para fazer cessar, na esfera do molecular, as gerências capitalísticas sobre a vida animal não-humana e sobre a vida humana. Um contra fluxo político-existencial (libidinal-político) que implicou, durante toda a experiência do grupo ao longo de três anos (2007-2010) não só numa mudança de hábitos alimentares, mas a construção de outras subjetivações anticapitalistas: redução drástica dos níveis de consumo; reintegração à mãe-natureza como contra fluxo à **naturalização** do artificial; reapropriação da ancestralidade tipo feral adormecida pela vida tecnologicizada; reativação do corpo ante a conformação dos corpos dóceis; insurreição e insurgência x participação contra a odiosa política tradicional.

A ancestralidade, em nossa experiência particular, em nossa *singularidade indeclinável*, significou um reapropriar-se da potência-corpo (o *meu* corpo, não um corpo idealizado), do alimento integral e natural, das forças da natureza como potência de vida.

Esta ancestralidade libertária que o grupo experimentou se conectava, via bulbos rizomáticos, com as experiências anarco-primitivistas – uma crítica-prática ao capitalismo e à civilização tecnológica que subjuga, controla, aliena a natureza, a humanidade e as relações sociais. No 12 Macacos, esse primitivismo se apresentou sob as formas diversas de revolução molecular: atitudes anti-patriarcais; redução do consumo; expropriação da mercadoria (pelas práticas de *Yomango*, ou furto organizado em grandes redes de supermercado); danos à propriedade privada (por meio de **ação anti-pub**); reativação do corpo como lugar do movimento (o próprio coletivo como um corpo em movimento); reconexão direta com a natureza, abandono gradativo do automóvel; reapropriação de técnicas ancestrais de vida coletiva – de produção de moradia (arquite-



tura vernacular); de produção (agricultura urbana) e de coleta (atitude **freegan**) do alimento; reciclagem dos produtos da indústria; reativação de saberes da tradição em harmonia com a natureza (permacultura)... Ancestralidade anarcoprimitiva como devir-animal. Amplifique e amplie as possibilidades da atitude veganarquista, veganolibertária...

Ao longo dos anos de 2007 e 2008, participei de alguns eventos anarquistas ou com temáticas libertárias: o Colóquio Internacional de Educação Libertária, em São Paulo, 07 a 09 de setembro de 2007; o VI Expressões Libertárias, de 07 a 09 de outubro de 2007, em Campinas/SP; o I Fórum Social Nordestino, em Salvador, 2007; o VIII Carnaval Revolução, em São Paulo, 2008; o II Congresso Vegetariano Brasileiro, em Belo Horizonte, 2008; o I Encontro Libertário: Anarquismo e Movimentos Sociais, entre 08 a 11 de dezembro de 2008, em Fortaleza; o 29º ENEPe [Encontro Nacional de Estudantes de Pedagogia], em Recife, 16 a 19 de junho de 2009; a Vivência Quebrando o Concreto, de 03 a 07 de setembro de 2010, no Squatt Toren, em Fortaleza. Além disso, realizei viagens para trocas de ideias e vivências com o Coletivo Ativismo ABC, no espaço cultural Casa da Lagartixa Preta, em Santo André/SP e com o pessoal do movimento vegano de Salvador. Estes eventos demonstram, pelas temáticas abordadas, a força atual das práticas anarquistas.

O movimento libertário contemporâneo, incorporando as temáticas clássicas do anarquismo, traz outras reflexões e outras práticas frente às relações capitalísticas: convivência coletiva, construção de espaços não-escolares de atuação pedagógica, grupos veganos, *punks*, jardinagem guerrilheira, intervenções urbanas, agricultura urbana, amor livre, a permacultura com inspiração anárquica, yomango & expropriação, libertação animal, ação direta, anarco-terroristas... máquinas de guerra! Zuuuuuuuuuuuum!



6.4 Bicicleta atea, toca fogo na Assembleia

A Bicicletada, também conhecida como Massa Crítica, é um movimento global descentralizado, apartidário e autogestionário, que ocorre regularmente toda última sexta-feira de cada mês, como uma manifestação-passeio em prol de uma mobilidade urbana sem automóveis. As pessoas vão de bicicletas, patins, *skates*, qualquer equipamento de deslocamento urbano não motorizado. A Bicicletada tem inspiração em dois grandes momentos da história libertária: o movimento Provos, das Bicicletas Brancas, na Holanda, na década de 1960 – deslocamentos urbanos autogestionários com bicicletas brancas coletivas; e no Reclaim The Streets (*vide* Glossário).

Em Fortaleza, o Coletivo 12 Macacos esteve presente na Bicicletada dos anos de 2007 a 2008, quando os conflitos na cena anarquista fizeram o movimento desorganizar-se – até ser retomado, em 2010, pelo pessoal do PSOL, reduzindo o potencial libertário do movimento.

Os **anarquistas sociais** nunca se aproximaram dessa ação; os bakuninistas programáticos, que haviam participado de todos os momentos da Bicicletada, quando eram do Coletivo 12 Macacos, passaram a considerá-la algo superado do ponto de vista da estratégia política de luta, porque ela não teria, supostamente, potência suficiente para transformar a estrutura social. Nas folhas do Diário, reflito sobre esse movimento, na sua retomada em 2010:

Fortaleza, 26 de fevereiro de 2010

Bicicletada 2010

A Bicicletada volta à Fortaleza, depois de um longo período de ausência e de tentativas patéticas de reavivamento. Um novo grupo de pessoas resolveu retomar as ruas e colocar a Massa Crítica para pedalar. E elas vêm trazendo um ânimo novo à



Bicicletada. Isso é bom. Novos rostos, novas pessoas, pessoas novas, famílias com criancinhas e bebês. Ideias e desejos revigorados. Mas também, algumas velhas ideias, algumas velhas práticas: uma parcela dos que estão chamando a Bicicletada é vinculada ao PSOL, inclusive o vereador J. A. (ex-coordenador do Greenpeace – seção Ceará). Isso é importante ressaltar, porque há alguns desdobramentos significantes no transcorrer do evento: as pessoas são atravessadas pelas suas concepções de mundo e por suas práticas no mundo.

Como toda bicicletada, há o momento da concentração na Praça da Gentilândia (claro, tudo é precedido pela divulgação via internet), onde as pessoas se conhecem e conhecem as bicicletas. É o momento de trocas. Depois disso, a roda de apresentações. A definição do trajeto. E a saída pelas ruas da cidade. Cheguei em minha *Chopper*, Mingau na sua *Speed*. Já havia muitos *bikers* na praça. Nesse momento, as pessoas curtem conhecer e experimentar as bicicletas dos outros. Como a minha era a mais exótica entre todas, a cada instante vinham pessoas conhecidas e desconhecidas pedindo para dar uma volta nela. Tudo beleza. A Chopper é tipo uma Harley-Davidson das *bikes*. Guidão de moto, pneu dianteiro distanciado, sela alongada com recosto, pneu traseiro grosso de moto. Tem um aspecto de Harley-Davidson, mas sem motor. Como disse alguém na bicicletada: é uma moto à propulsão humana.

Leane chegou a pé com o Caê para dar força ao evento.

O João Alfredo transitava em todos os grupos, demonstrando simpatia de político em véspera de campanha. Pelo menos era uma simpatia suave. Mas a presença partidária carece de atenções redobradas. Ainda mais num evento desse porte, que não chega a ser uma ameaça às estruturas das instituições e tem forte apelo ambiental. Prato cheio para um partido que busca alicerçar-se no vácuo do discurso ambientalista dos outros partidos. Eles (o PSOL) querem fazer o diferente, aproveitando a simpatia habitual do João Alfredo, aliada a um movimento que tem tudo para ser suavemente capturado e transformado em arma de campanha. A bicicletada é, ainda hoje, um evento *underground*, marginalizado e de resistência, mas possui potencial para se transformar em peça higienizada



e simpática da mídia, principalmente da mídia eleitoral. Duas meninas recortavam desenhos de bicicletas num acetato, para pintar um *stêncil* sobre as camisetas. Outros aprontavam um imenso *stêncil* de cartolina para jetiar no asfalto. Jet branco, jet preto. Tesouras. Eu mesmo trouxe meu *spray* branco para jetear no quadro da Marla: *Anarquia primitivista*. Tintas de tecido, pincéis, blusas. Capacetes, luvas, *kits* de socorro para os pneus. Máscaras cirúrgicas, apitos, máquinas fotográficas.

Na roda, durante as apresentações, pude ver o quanto a coordenação (ou as pessoas que se colocam enquanto coordenação, uma vez que a proposta é vivenciarmos uma experiência horizontal) retém a fala, o quanto fala em excesso. Foram uns vinte minutos para a coordenação se apresentar (e já ir introduzindo o conceito de Bicicletada), diferente das outras pessoas que apenas diziam seu nome e falavam rápido sobre o porquê de estarem ali. Como éramos muitos (quase trinta ciclistas), esse momento levou um tempo bastante considerável. De maneira que saímos já por volta das 19h e 30 minutos. Meia hora de atraso pode desestimular pessoas a saírem no grupo, ou pode fazê-las abandonar o evento no meio do percurso para não se estenderem demais à noite. Ou a reduzir o percurso da Bicicletada. E foi isso que aconteceu, porque a princípio iríamos terminar o trajeto na beira-mar. Eu estava pronto para um banho na PI (Praia de Iracema). Mas ainda estávamos na Praça Portugal, quando já eram 21h e 40 minutos. E o grupo decidiu parar para avaliação do evento. Na verdade, a coordenação falou um pouco mais, e as pessoas não estavam mais interessadas em avaliar. Então, essa reunião ficou mesmo como repasse de informações e convites para outras ações vinculadas à bicicletada: um picnic vegano dia 07, no Parque Adahil Barreto, e reunião para reativação do movimento ecológico S.O.S. Cocó. Os que iriam retornar para o Benfica, montamos uma caravana, para não voltarmos a sós na noite fortalezense. Ainda na roda inicial, na Gentilândia, as pessoas reiteravam o caráter autogestionário da Bicicletada e sua estrutura apartidária (bom, mas isso quase sempre significa que partidos podem até frequentar o evento, mas que não é desejável que usem explicitamente o evento como espaço de campanha filial ou eleitoral – ou seja, há quase sempre uma ampla tolerância a presença



partidária, como se fosse algo de não bom tom a crítica aos partidos). E estrutura apartidária não significa estrutura anti-partidária. E aí os partidos, frequentemente, vão chegando... e vão ficando. Na Bicicletada 2010, Fortaleza, é o PSOL quem dá as caras... apresenta suas bandeiras (nesse caso, *bottons* e decalques discretos nas camisetas). Essa permissividade reafirma, no silêncio das atitudes, uma “verdade”, segundo a qual a vinculação partidária seria a forma legítima de participação política dos sujeitos. Em muitos casos, ao longo da história do século XX, toda tentativa de posicionamento político que não passasse por uma afiliação partidária era tomada como inócua ou equivocada. Talvez, isto é uma hipótese que coloco, por essa razão sejamos tão tolerantes à presença de partidos dentro de certos movimentos, porque é como se acreditássemos na legitimidade dos ideais, das práticas e das demandas daquele movimento outorgado pela ação partidária.

Na roda, apesar das tensões, foi reiterado o caráter autogestório do evento. E apartidário. Isso foi importante. Aliás tem sido algo meio que habitual em certas ações, eventos, manifestações coletivas e formação de grupos ativistas em Fortaleza, a referência, frequente, à autogestão. Isso demonstra, aparentemente, uma percepção da demanda social por organizar-se mais horizontalmente possível, sem a presença de lideranças e, dentro do possível, sem a representatividade. Mas quem mais falava de horizontalidade eram os que estavam trazendo os partidos para dentro da bicicletada.

Para a maioria das pessoas, o que se quer mesmo é andar de bicicleta. Independente da presença ou não de partidos.

Mil reitorias a implodir...

Um pouco antes de sairmos pedalando na noite da cidade, percebi duas pessoas se aproximarem vagarosamente do nosso grupo de ciclistas. Desde que os vi fiquei imaginando o porquê de eles estarem por ali, rodeando e observando o movimento e os papos das pessoas. Soneca e Renato. Dois Ex-12 Macacos. Dois Ex-ORL. Dois membros da UNIPA. E Soneca, além disso, é ex-PSTU. Pelo que conheço do Soneca, eles vieram sondar a Bicicletada, para elaborar alguma crítica ao movimento, suponha. Ambos já estiveram juntos, conosco e outros mais, na



organização da Bicletada entre 2006 e 2007. Para eles, hoje, a Bicletada é algo “superado”. Eles eram o próprio espírito da Bicletada: elaboravam os cartazes e colavam pelos muros do Benfica, articularam os convites para a galera participar, eram só adrenalina pedalando no evento. Eles eram o espírito e os corpos em movimento das bicicletadas de Fortaleza. Mas o discurso proferido por eles agora, em consonância com o discurso da UNIPA nacional, mudou totalmente: o anarquismo deve buscar os movimentos sociais “consequentes”, que adotem a luta de classes como princípio-motor, e toda prática anarquista deve levar em consideração a revolução programática, em escala ampla, para ser bem sucedida na transformação radical da sociedade e na derrota do capitalismo; portanto, as ações pontuais, que desconsiderem a luta de classes e o desenho programático da revolução anarquista devem ser abandonadas e criticadas. A Bicletada entrou nessa ótica. E eles estão fora. Não conseguem enxergar o potencial político libertário da Bicletada. Se as ações não são totalizadoras, não há potência de transformação. Fora da doutrina bakuninistas (a que eles chamam anarquismo), não há anarquismo(s).

O Ícaro provocou (coisa que eu não teria coragem de fazer): – E aí, blz? Vamo entrar na roda? Vamo pedalar?

– Que nada. A gente tem mais o que fazer. Temos muitas reitorias para implodir...

– E quantas tu já implodiu hoje?

Eles foram embora. Porque não queriam mesmo ficar.

Implodir reitorias. Isso me parece muito apetitoso. Como uma provocação erótica do Sade (beijos molhados na boca do Marquês). Implodir reitorias soa como uma pretensa hipermegaacção de TP. Algo realmente perturbador, e inesperado. Gostaria de implodir mil reitorias. Metaforicamente. Mas, você sabe, uma ação literal dá mais adrenalina, e promove um caos social violentamente incontrolável. Entretanto, quando eles dizem “implodir reitorias”, querem dizer agir politicamente nos campos tradicionais, onde, aparentemente, o poder se encontra ali representado. O inimigo é a reitoria. Como se o poder tivesse um lugar onde se realizasse. Eles aceitam bem as regras do jogo criado pela trama capitalística. Eles querem totalizar a



resistência, negando a potência transformadora das máquinas desejantes, negando a força das mil revoluções moleculares. Eles querem manter o foco da luta na esfera única do macropoder. Eles postulam a criação de um partido anarquista. E defendem uma revolução programática. Unificar o pensamento anarquista. Não é à toa que afirmaram ter “ultrapassado a proposta da Bicicletada”. Matar as paixões, engessar as máquinas desejantes, silenciar a revolução molecular. eles saíram do partido marxista, mas o partido marxista não saiu da cabeça deles.

Mais bicicletas/Menos carros!

Ao longo do trajeto, acordado muito rapidamente pelas pessoas, a partir da proposta da – suposta – coordenação, o grupo foi puxando algumas palavras-de ordem, para animar a Bicicletada; porque se faz assim em todas as bicicletadas, porque chama a atenção dos pedestres e motoristas. Havia a mesma frase das primeiras bicicletadas de 2006/2007: DE BICICLETA EU FUI/BICICLETA NÃO POLUI. E outras menos conhecidas: MAIS BICICLETAS/MENOS CARROS e BICICLETA EM FORTALEZA/RESPEITA A NATUREZA. Considero-as justas e bem elaboradas, mas não conseguia me ver repetindo estas palavras-de ordem. MAIS ADRENALINA, MENOS GASOLINA. De qualquer maneira, elas eram instigantes para o grupo e aparentemente atraentes para os pedestres nas calçadas, praças e pontos de ônibus. Mas meu trauma adquirido por participar de manifestações petistas nos anos 1980, quando as palavras-de ordem estavam no máximo da moda entre as esquerdas, e o fato de eu me sentir uma ovelha dentro de um rebanho perdido ao repetir palavras de ordem (afinal, tudo aquilo de que eu era contra e contra o qual eu me insurgia na minha adolescência: o estilo de vida católico, que me fazia sentir-me uma ovelha branca num rebanho de outras ovelhas brancas), meu trauma sempre me fez recuar ou mitigar uma ação no momento de me entregar à aspereza seca de uma palavra-de ordem – por mais que seja justa e bem intencionada. Então, para não soar tão antipático com a galera, eu sussurrava. MAIS BICICLETAS/MENOS CARROS. E para não me entregar de todo, eu acrescentava ou subtraía uma ou outra palavra. Então, eu preferia dizer



assim: MAIS BICICLETAS/NENHUM CARRO. Ao que não era seguido por participante algum. Então, aconteceu de chegarmos à Igreja de Fátima, no bairro de Fátima, e pararmos para panfletagem e grafitação, no asfalto, do imenso estêncil da bicicleta branca. Então, Ícaro, talvez mesmo porque estávamos ali, parados de *bikes* próximo ao adro da igreja, propôs a quem estivesse ali próximo dele, e talvez porque soubesse de minha inclinação anticlerical, ele propôs um grito como uma nova palavra-de-ordem, mas como se fosse, em verdade, uma anti-palavra-de-ordem: MENOS DEUS... e eu completei prontamente: MAIS ATEUS. E rimos muito desse improviso. MENOS DEUS / MAIS ATEUS. O que foi seguido por uma reação coercitiva por parte de uma menina do grupo: – Olha o respeito... E eu: – Nenhum respeito por nada! Na subida da Pontes Vieira, depois de ultrapassada a barreira do viaduto, fomos conversando, eu, Ícaro, Mingau, sobre como o grupo atual da bicicletada é heterogêneo, mas que em sua composição majoritária, há uma tendência mais legalista e de integração à ordem social. Pouca propensão a insurgências e à quebra de condutas consideradas corretas... se alguém do grupo faz menção de passar num semáforo vermelho, é prontamente contido verbalmente por outro. No encontro anterior, um rapaz tinha se colocado contra grafitar no asfalto, alegando danos ao patrimônio público [a via!]. Contenção, normalização. Faltam impulso e paixão. O Ícaro se virou e disse:

– Além dos anarquistas, tem também socialistas, burocratas, legalistas, pseudo-ambientalistas. Daí, espontaneamente, decidimos inserir um pouco de subversão no passeio. Ícaro lembrou da frase usada pelos 12 Macacos na parada *gay* de 2007: “sexo anal para destruir o capital”, e adaptou um: FORÇA NO PEDAL / para DESTRUIR O CAPITAL. Rimos, porque ficou muito bom. E uma parte da galera repetiu o bordão, que foi sendo adotado ao longo do percurso. Quando passamos na assembleia legislativa do estado, ocorreu a mim a anti-palavra-de-ordem: BICICLETA ATÉIA / TOCA FOGO NA ASSEMBLÉIA. Rimos mais ainda. E ficamos repetindo em voz alta. Um desaforo aos mais conservadores e aos seguidores de partidos. Aos legalistas. BICICLETA ATÉIA/TOCA FOGO NA ASSEMBLÉIA. Uma provocação. BICICLETA ATÉIA /



TOCA FOGO NA ASSEMBLÉIA. Um exemplo sem seguidores. Ah... o bom e velho espírito insurreto dos 12 Macacos. FORÇA NO PEDAL / para DESTRUIR O CAPITAL. Afinal, estamos vivos ainda?

6.5 12 Macacos alados não podem trepar sossegados

A primeira aparição pública do Coletivo 12 Macacos. O momento de estreia. Tinha de ser num espaço de festa & alegria, transgressão & embriaguez, música & corpos dançantes: Parada *Gay* de Fortaleza. Seiscentas mil pessoas, na Beira-Mar, seguindo onze trio-elétricos.

Naquela tarde quente, de sol a pino, céu azul, corpos suados, espíritos-livres, soltamos este panfleto lúdico, tomando emprestado uns versos do Roberto Piva, poeta maldito da anarquia contemporânea: *o coito anal derruba o kapital*, do poema Manifesto utópico ecológico em defesa da poesia & do delírio (PIVA, 2006). Viemos emprestar nossa energia anárquica ao movimento pela diversidade sexual: “Sexo anal pra destruir o Capital”.

Não temos medo do panfleto; pelo contrário, não há nada mais profundo e superficial do que um toque... E este panfleto, nós o elaboramos como se fora um anti-panfleto, com anti-palavras de ordem. Alugamos umas roupas de freiras e de padres, do acervo do Theatro José de Alencar (!!!), e seguimos de ônibus até à Avenida Beira-Mar.

Levamos uma faixa: *Gays* Contra a Pátria!

Essa frase na faixa gerou muitas confusões, dado o caráter ambíguo da mensagem. O que queríamos dizer com isso? Que éramos *gays* e contra a pátria? Que os *gays* são contra a pátria? Que julgamos que os *gays* são contra a pátria?

Nos posicionamos em frente ao palanque dos shows, e abrimos nossa faixa, que logo foi percebida pela apresentadora



do evento, a qual, naquele instante mesmo, proferia um discurso contra a violência crescente dos grupos homofóbicos contra homossexuais. Ela se volta contra a nossa faixa, e nos acusa de homofobia. Insufla uma vaia da população. E somos atingidos por latas de cerveja. Rapidamente eu tento me dirigir ao palanque para desfazer o mal-entendido, mas logo sou cercado por dois reportes perguntando se éramos homofóbicos... eu digo que não... eu digo que somos anarquistas... Ele pergunta se tudo isso tem a ver com um tal de Coletivo 12 Macacos. Como ela já sabia disso? Ele tem um panfleto nosso nas mãos, claro. Eu peço que não usem o nome do grupo na reportagem. E explico que somos a favor do movimento *gay*... E alcanço o palanque.

Por sorte, Léo, do 12 Macacos, conhece o coordenador da Parada... somos conduzidos ao camarim para conversar com a apresentadora e explicar que somos *Pró-Gays*, anarquistas... e ela: “ah, desculpe, não entendi a mensagem da faixa...”. De repente, eu olho ao meu redor: estou num camarim lotado de travestis e transexuais... tudo aquilo ali parece um sonho surreal, um filme do Fellini... e eu olho para uma vedete sentada numa cadeira, de plumas azuis, muita maquiagem, e percebo que não é um travesti... é a professora Adelaide Gonçalves, historiadora anarquista... homenageada como madrinha da Parada... tudo é meio surreal... tudo vai se conectando... tudo foi muito rápido. Não fazia vinte minutos que havíamos chegado à Parada, e eu já estava no palco do evento, aguardando a chamada para fazer um discurso improvisado, na tentativa de eliminar os equívocos, apaziguar os ânimos e salvaguardar o coletivo de qualquer outra agressão. Eu nem percebi, então, uma mulher à minha frente, de costas para mim, também esperando para ser chamada. Por traz de mim havia uma multidão que gritava em minha direção. Eu me viro, e entendo: eles querem que eu chame essa mulher. Ela vai ao centro do palco e começa a cantar: é a



Gretchen. A multidão delira ao som de “bumbum...”. Eu tenho bom senso: fazer um discurso político depois de um show da Gretchen numa Parada *Gay*? Desci discretamente do palco, agradei à coordenação e voltei para perto dos outros *macacos*. Tiramos as fantasias, enrolamos a faixa, e saímos panfletando e cantando: “sexo anal, pra destruir o capital” Ainda deu tempo de ouvirmos a apresentadora corrigir tudo: “eles são *gays* anarquistas que não gostam da pátria, eles têm esse direito de não gostar da pátria, mas eles estão do nosso lado, galera.” Rimos muito. Sim, não somos *gays*, mas odiamos a pátria. Tudo foi uma imensa diversão.

O território dos 12 Macacos não cabe numa pátria.

Como os macacos de Bukowski, na divertida crônica “Doze macacos alados não conseguem trepar sossegados” (BUKOWSKI, 1984), nunca nos deixam em paz. Eis o panfleto, datado nas folhas do Diário:

Fortaleza, 24 de junho de 2007

LIBERDADES INTRANSIGENTES... AMORES PROIBIDOS... SEXUALIDADES DIFUSAS!!!

Nascemos livres, livres para sentirmos o que quisermos: amor, ódio, irritabilidade, desejos... livres para fazermos o que quisermos: sexo, amizade, dançar, sexo, comer, correr, sexo, cantar, sexo... SOMOS LIVRES!

Entretanto, não podemos esquecer que existem instituições que se formam para nos reprimir e negar nossas liberdades. Instituições higienizadoras que nos chegam com sua ortopedia comportamental... “corrigindo” as “falhas” humanas... e conduzindo o rebanho para a “normalidade”.

Os Movimentos Gays, e afins, têm lutado por grandes conquistas frente aos dispositivos conservadores dominantes. Mas o que aparentemente pode significar avanço, às vezes espelha uma atitude conservadora por parte de muitos *gays* e lésbicas organizados ou não: a necessidade de se sentir incluído@ nessa estrutura social. De volta para o rebanho...



Na Sociedade de Controle, na qual vivemos, reina uma **cultura de captura** dos sujeitos. Capturas implicam, muitas vezes, em que os sujeitos ou grupos de afinidades sejam anexados na esfera social não por aceitação, mas por controle e regulação das atividades e atitudes desses grupos ou sujeitos. Assim, muitos *gays* e lésbicas são anexados à lógica do capital ao se tornarem um nicho de consumo de segmentos empresariais que se estruturam para extrair o máximo de lucro possível do comportamento homo. **Os gays e as lésbicas não são mercadorias.** São humanos e merecem todo nosso respeito... e porque não um pouco de devoção, afinal os *gays* são responsáveis por boa parte da alegria que circula no mundo, e que faz esse mundo circular... [rsrsrs].

GAYS CONTRA O CONSUMO!!!!

Imagem 2: Coletivo 12 Macacos



Fonte: Acervo do pesquisador

Muitas capturas se dão na esfera religiosa... e daí vemos *gays*, lésbicas, transgêneros clamando que o catolicismo/protestantismo os aceitem em suas castas... *Gays* desejando serem “abençoados” pela igreja do papa nazista... Santos devoradores de desejos... santos higienizadores de condutas... **Gays elésbi-**



cas não precisam de santidade alguma para serem felizes...
GAYS CONTRA A IGREJA!!!!

As capturas higienizadoras “aceitam” os gays, desde que eles tenham uma atitude hetero... A sociedade de Controle pouco se importa com a violência crescente contra os *gays*, ela até a estimula. Os aparelhos do estado são organizados de modo a reprimir o comportamento “desviante” homo. **Gays e lésbicas, não participem da assepsia promovida pela sociedade conservadora.** **GAYS CONTRA A SOCIEDADE DE CONTROLE!!!! GAYS CONTRA A PÁTRIA!!!! POR UMA HOMOSSEXUALIDADE MAIS TRANSGRESSORA!!!!**

Por isso, nós, **12 Macacos**, eternos inconformados e imoralistas, bradamos em bando: **SEXO ANAL, SEXO ANAL, PRA DESTRUIR O CAPITAL!!!!!!!!!!**

6.6 Terrorismo Poético

Essa é o tipo de ação direta que mais irrita os grupos anarquistas ortodoxos: o Terrorismo Poético (TP). Um militante do “anarquismo organizado socialmente” não aceita as táticas de Hakim Bey, como exemplos de ação anarquista; os ortodoxos também não suportam; os anarco-sindicalistas também; os bakuninistas programáticos simplesmente não toleram ouvir falar em TP. Pelo contrário, todos eles as vêem como uma manifestação improdutiva de grupos de jovens pequeno-burgueses inconsequentes.

Para eles, é necessário organizar os movimentos sociais dentro de uma perspectiva libertária, para dar ao processo revolucionário anarquista uma vitória longa e perene... só enxergam os processos macro, que o Coletivo 12 Macacos nunca negou; não vislumbram a micropolítica dos gestos cotidianos. Estão sempre muito sérios e querem construir um semblante austero, grave e combativo, como se os processos de rupturas não pudessem conter a alegria, a contestação, a transgressão,



o enfrentamento lúdico dos valores morais instituídos. Para o Coletivo 12 Macacos, somos mais do que um movimento, somos corpos em movimento.

Emma Goldman, certa vez, reprimida por um militante anarquista enquanto dançava num baile (porque não convinha a uma agitadora ficar dançando), bradou seu *singular indeclinável*: **“Se eu não puder dançar, não é a minha revolução!”**

O 12 Macacos quer dançar no alto das copas das árvores, de lá, zombar das formas rígidas e dos corpos rígidos e das mentes rígidas... Segue a folha do Diário:

Fortaleza, 13 de maio de 2009

Deus é fel

Deus é fel. Diz o adesivo decalcado na traseira dos carros estacionados no entorno da Igreja de Fátima. Leia com atenção.

O terrorista-poético nunca é pego

O grupo aproxima-se da Igreja de Fátima. No bairro de Fátima. No dia reservado ao culto católico à imagem da virgem de Fátima. Os católicos superlotam as ruas, a praça, o adro da igreja; todo e qualquer espaço está tomado por fiéis. A ideia é se misturar bem a eles; ir em direção aos carros estacionados no entorno do prédio, das ruas adjacentes e da praça. As duplas vão colando os adesivos na traseira dos automóveis estacionados. Tudo rápido e discreto. Nem os fiéis, nem a polícia podem nos perceber. Regra número um de todo TP: o terrorista-poético nunca é pego. Tática ninja de invisibilidade.

Antecedentes criminais

Corta para muito antes desse dia. Um café-da-manhã numa padaria, em Natal. Talvez o ano seja 2005. Ou 2004. Não sei. Não lembro. O que dá na mesma coisa. Eu e André Vinícius estávamos conversando sobre o *Clube da Luta*. O filme, não o livro. E sobre o conceito de TP, em H. Bey. O livro: *Caos: terrorismo poético e outros crimes exemplares*. Tem a ver com as ações do Comitê de Informações Falsas do Projeto de Ações Violentas, experimentado por Tyler Durden. O *Caos Organizado*. A *Burocracia da Anarquia*. *Sabe como é*. Elaborar



proposições desterritorializantes. Disseminar a perturbação social, e propagar certa dissonância cognitiva. Não se trata de conscientizar as pessoas. Não se trata de arrebanhá-las para as aglomerações político-partidárias. Toda essa fetichização das massas, toda essa espetacularização da vida política dos indivíduos (o espetáculo como distanciamento, Debord). Isso deixemos para as esquerdas capitalistas autoritárias. Queremos outra coisa. Queremos a subversão psíquica, a transvaloração dos valores. Uma catástrofe emocional. Um navio pirata tomando de assalto a costa da civilização. Uma transgressão de ordem tal que pudesse gerar danos irreversíveis à mente, uma desestruturação psico-social crescente (como um buraco negro engolindo as galáxias próximas, e já desejando as outras zonas desconhecidas do universo) ou gerar a produção de novas sinapses neurológicas no cérebro do Outro. Nos nossos nós também. *Livre-me, Tyler, da perfeição*. Novos sintagmas, nova semântica. Como quando Tyler Durden, guerrilheiro da indústria do entretenimento, trabalhando como projetorista, insere fotogramas de pênis e vaginas entre uma cena ou outra de algum filme infantil, numa sessão de cinema para a famíliazinha-classe-média-aspirante-a-seja-lá-o-que-queira. Um fotograma com milésimos de segundos. Uma vagina intumescida entremeia a valsa da Cinderela com seu Príncipe Encantado. *Quase ninguém percebeu de imediato*. A imagem de um imenso pênis ereto saltou num átimo por entre a canção da Branca de Neve. *Quase ninguém percebeu de imediato*. Mas alguma coisa ficou gravada na retina. As pessoas se entreolham, pasmas, assustadas. Algumas crianças choram. Gerar uma ordem difusa e nada controlável de perturbações psíquicas. Desterritorializar. Quando trabalhava como guerrilheiro da indústria de alimentos, Tyler urinava nas sopas de mariscos servidas num restaurante luxuoso. Ação clandestina. Ninguém percebia o sabor de imediato. Mas o corpo captava a química contaminada da coisa. Aqui, o propósito é destruir o glamour e a segurança dos ambientes requintados burgueses. Vingança social. A luta de classes como ódio recalcado de classe. Aqui, o propósito pode ser também o de retrucar a matança de animais. Sabotagem. Um tipo de **ação luddita** exasperada.



Hakim Bey, teórico-militante e membro-fundador do Anarquismo Ontológico, liberou megatons de energia dissonante; energia destruidora-construtora que atingiu o próprio anarquismo (mas isso é tema para outras folhas do Diário), ou melhor, os vários tipos de anarquismos. Pornografia como subversão. Feitiçaria como tática de guerra. Dança como ato político. *Coloque placas de bronze comemorativas nos lugares (públicos ou privados) onde você teve uma revelação ou viveu uma experiência sexual particularmente inesquecível etc.* Desterritorializar. *Arrombe apartamentos, mas, em vez de roubar, deixe objetos poéticoterroristas. Sequestre alguém & o faça feliz* (BEY, 2003, XIII).

A reação do público ou o choque-estético produzido pelo TP tem de ser de uma emoção pelo menos tão forte quanto o terror – profunda repugnância, tesão sexual, temor supersticioso, súbitas revelações intuitivas, angústia dadaísta – não importa se o TP é dirigido a apenas uma ou várias pessoas, se é “assinado” ou anônimo: se não mudar a vida de alguém (além da do artista), ele falhou (BEY, 2003, XIV)

Dance nos caixas eletrônicos dos bancos 24h, ecoa por zilhões de vezes, da boca do Profeta do Caos, Hakim Bey, essa frase inconformista.

Insuflados por tantas e novas possibilidades de nos redefinirmos filosoficamente, nos manifestarmos politicamente, imaginamos ações de TP criativas e exequíveis. Entre um copo de suco de laranja e uns nacos de tapioca com leite de coco. Naquela padaria, numa manhã, em Natal. Olhe para os para-brisas traseiros dos carros circulantes no trânsito; uma parcela cada vez mais crescente de pessoas ocupa esse espaço como território para suas manifestações religiosas (aquele eterno fantasma putrefato grudado na cruz, que assombra parcela da humanidade há quase dois mil anos). PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE JESUS. Classe média materialista-consumista-espiritualizada-conformista. *Deus é fiel.* Assim como José não é pai do filho de sua esposa. *Deus é fel.* Um autocolante no vidro de um automóvel. Uma síntese de seu tempo; a verda-



de-última capaz de solver todos os “nossos pecados” e “nos” conduzir à “vida eterna”. *Deus é fiel*. Um resumo da catequese *mass media*.. Uma verdade sólida, enraizada. O mantra possível da classe-média televisiva. Entretanto, retire o **i** da frase e um novo significado se apresenta como que encoberto numa sombra aguardando seu momento de explodir violentamente. Retire a letra **i**, mantenha o mesmo tipo de fonte e o mesmo tipo de material: imprima numa gráfica (que aceite a frase – se o proprietário não for um cristão militante e não colocar sua fé acima das demandas de provedor de sua família) e “distribua gratuitamente” nas traseiras dos carros urbanos. *Urbis et Orbis*. Heresia complacente ambulante: *Deus é fel* Leia outra vez. Inserir uma sutil ilusão perceptual no cotidiano dos sentidos adormecidos das pessoas. Alguns não irão perceber a mudança. Outros vão percebê-la tardiamente. Ritmos e tempos distintos. Reações diferentes. Nós nunca saberemos exatamente o que se passou depois do ato de TP. Tivéssemos imaginado uma ação tipo TP contra os dogmas da ciência contemporânea, distribuiríamos nossa cota de contribuição na desconstrução conceitual porque passa o conhecimento científico – mas seria uma contribuição nada “racional”, nada convencional. A religiosidade do tipo cristã foi a bola da vez. *Deus é fel* Leia com atenção.

Um agente disseminador do caos

Corta para um lugar qualquer, num momento qualquer após a ação direta de TP do Coletivo 12 Macacos. Um homem hipotético. Nosso personagem-modelo. Este homem observa o adesivo novo colado no vidro do para-brisa traseiro do seu carro. Satisfeito, ele passa semanas com aquela mensagem subliminar grudada na lataria do seu automóvel, sem desconfiar de nada. Seu carro vira veículo de contra-propaganda. Irritando uns motoristas, ou induzindo ao erro outros, ele se torna, involuntariamente, agente disseminador do Caos. O fato é que aquele homem, certo dia, se dá conta da ausência estranha de uma letra naquela mensagem. Imagina, entretanto, que se trate de uma alteração positiva. *Deus é fel*, evidentemente que só pode haver uma mensagem positiva ali. Até o instante em que consulta o dicionário e descobre que fel quer dizer AMARGO; ou, na acepção mais violenta, fel é ÓDIO. Deus é ódio.



Sem chances para qualquer positividade. Ele não compreende como alguém pôde ter se dado ao trabalho de colar tal mensagem no seu automóvel. Aquele homem, naquele instante ali, ele se sente traído, enganado. Ele urra, aquele homem chora. O universo harmonioso daquele homem absorveu um elemento perturbador. O bom e velho terrorismo psíquico. *Deus é fel.* Amém.

“Não tá vendo que tem um erro aqui?”

Corta para a véspera da ação, numa gráfica decadente no centro de Fortaleza. Entro na gráfica para levar a encomenda feita: 240 adesivos brancos com fundo transparente, onde se lê um jogo de palavras aparentemente pouco perceptível. Eu digo “vim pegar o material”; ele me diz:

“- temos um problema”, e me conduz, visivelmente aflito, para uma sala onde há três grandes lâminas de papel autocolante, cada qual com 80 adesivos prontos para serem recortados. Eu digo “aconteceu algo?”; ele me diz:

“- olhe bem para os adesivos”; e eu “sim, o que há?”; e ele, pedagogicamente, “- não tá vendo que tem um erro aqui?”; e eu, lendo com os olhos, ainda mais resoluto, “não há erro algum aqui, eu disse para você que não modificasse a frase, e vejo que não houve alteração”; “mas tá escrito “Deus é fel”, faltou o **i**, só vim ver isso agora de manhã, ainda dá tempo de consertar” ele disse; “é isso mesmo que eu pedi”, falei; e ele: “então, tá tudo certo nesse adesivo?!... e eu “sim”... “ah, então pode cortar os adesivos todos, Francisco”. E o assistente foi cortando tudo à mão, meio que a contragosto, reclamando, cortando e resmungando “mas deus não é fel”. Duzentos e quarenta adesivos para o Comitê das Informações Falsas do Projetos de Ações Violentas do Coletivo 12 Macacos. *Sei disso porque Tyler sabe.*

Eu pareço um bom samaritano? Eu pareço um espírito do bem?

Corta para o 13 de maio. Saímos do Benfica a pé para a praça da Igreja de Fátima. A avenida 13 de maio fica intransitável já a partir da Luciano Carneiro. Grupos de pessoas chegam de todas as direções, aglomerando-se em frente à igreja. Misturamo-nos aos fiéis. A adrenalina corre pelo corpo. Formamos duplas e saímos direto para os carros dos católicos estaciona-



dos no entorno do evento. Renan e Leane. Eu e Diego. Tomé e... A ação era simples: decalcar o adesivo na traseira dos carros. Sem perturbar a ordem pública. Logo que me aproximo dos carros, na rua atrás da Igreja, dois policiais se avizinham para salvaguardar o veículo de possível roubo. Eu os deixo ver o adesivo que colo no para-brisa traseiro. Eles riem com simpatia para meu gesto, aprovando-o. Eu sigo colando, e logo uma fileira imensa de carros tem sua lataria adornada com um adesivo herético. Eu pareço um bom samaritano? Eu pareço um espírito do bem? E logo começo a encontrar outros carros com o “Deus é fel”. Sinal de que os outros macacos também estão agindo rápido. Um homem me flagra abordando seu carro, “o que é isso?”; e eu, “é um adesivo”; “ah, ok”. Um flanelinha me pede “ei, chefia, manda um para mim”; uma mulher comemora, “esse vou colar na geladeira lá de casa”. As pessoas simplesmente não veem a mensagem, ou melhor, veem o que querem ver. Prova de que a ação tinha realmente um potencial grande de perturbação psíquica. As pessoas simplesmente leem o que querem ler, elas estão tão seguras de suas convicções, eles vivem num mundo tão centrado no seu catolicismo, que seria algo absurdo imaginar que outra coisa estaria escrita naquele adesivo que não uma mensagem positiva cristã. Elas estão no seu território, nada de mal as alcança. É essa certeza mansa que precisa ser aterrorizada... só podemos atingi-los agindo direto no território deles.

Como no filme *Edukators*: arrombe mansões de burgueses, não roube nada material, rearrume os móveis de uma forma inusitada e deixe recadinhos espalhados pelos cômodos: “Seus dias excessos estão contados”; “Você tem coisas demais”; “Todo coração é uma célula revolucionária”.

6.7 O Manifesto do Coletivo 12 Macacos

Em julho de 2007, o prédio da Reitoria da UFC foi ocupado por um grupo de estudantes que protestavam contra a política educacional para o Ensino Superior do Governo Lula,



especialmente contra a aprovação do REUNI. O Coletivo 12 Macacos estava em peso na ocupação, de barraca e colchonete; assim como o PSTU, outros grupos e simpatizantes. Foram 14 dias de muitas trocas e aprendizagens mútuas. Aprendemos a conviver com as organizações partidárias marxistas: elas estavam sempre querendo nos cooptar e manipular as informações circulantes, e ainda queriam estabelecer regras rígidas de conduta. Eu estava bem empolgado com a ocupação, mas, ao mesmo tempo, um tanto frustrado porque o Coletivo 12 Macacos havia decidido não se manifestar durante todo o fato político. Ficamos meio que na sombra, sem nos anunciar. e, numa tarde inesperada, dois membros do 12 Macacos me chegam com um manuscrito por eles escrito: era a base de um manifesto. Sentamo-nos com outros *macacos*, nos corredores da Reitoria, e fomos ampliando, retirando e acrescentando ideias e desejos... E assim nasceu o nosso manifesto.



Manifesto do Coletivo 12 Macacos:

Pensamentos órfãos, corpos vacilantes, linguagens movediças

Uh uh uh ah ah ah ah

Uh uh uh ah ah ah ah

O Coletivo 12 Macacos não tem um início; o Coletivo 12 Macacos não tem um fim. O Coletivo 12 Macacos não foi criado, ele surgiu do Caos e se move em direção ao Nada. O Coletivo 12 Macacos molestará todas as formas de beleza bem-comportada, disseminará o Caos na ordem opressora, libertará todos os animais da arrogância humana.

O Coletivo 12 Macacos esteve presente quando Lúcifer foi expulso do paraíso, quando D. Quixote desafiou os moinhos de vento, quando o trem pagador foi assaltado e os corações saqueados.



Uh uh uh ah ah ah ah

Uh uh uh ah ah ah ah

Mais do que anarquistas, Os 12 Macacos são anárquicos. Dionisíacos compulsivos, Os 12 Macacos fazem revoluções pela tarde, sexo pela noite e vêem desenhos pela manhã.

O Coletivo 12 Macacos não é um movimento, mas corpos em movimento.

Os 12 Macacos cospem em suas crenças, vomitam em seus manifestos e ejaculam em suas ideias.

Os 12 Macacos leem Marx, Bakunin e Batman; veem Fellini, Pasolini e Dragon Ball.

Uh uh uh ah ah ah ah

Uh uh uh ah ah ah ah

O Coletivo 12 Macacos não é uma organização, o Coletivo 12 Macacos é, apenas, três palavras.

O Coletivo 12 Macacos é um sentimento paradoxal e inominável. Um sentimento de revolta contra o capital, de vontade de dançar, de sede por vingança e de tesão pelo Caos.

Cada coração é uma célula insurgente. Por isso, cada pessoa faz parte do Coletivo 12 Macacos.

Todo o Caos é causado pelo Coletivo 12 Macacos e todos os crimes são cometidos pelo Coletivo 12 Macacos.

Os 12 Macacos são uma desorganização anárquica; os 12 Macacos são um sentimento.

O Coletivo 12 macacos é uma máquina de guerra deleuziana; Tal qual um rizoma, os 12 macacos ramificam-se no silêncio terro da terra fértil e promovem agenciamentos macaquínicos...

Destruição construtiva, repetem os 12 macacos.

O Coletivo 12 Macacos nunca se inicia e nunca se acaba.

Uh uh uh ah ah ah ah

Uh uh uh ah ah ah ah

Os 12 Macacos são uma farsa.

Os 12 Macacos são você.

Todo o resto se inicia a partir daqui

(F. Nietzsche)



Uh uh uh ah ah ah ah



Uh uh uh ah ah ah

ah ah ah ah ah ah ah ah

“Nós somos criminosos, sempre fomos, nesse mundo precisamos ser...” (Frank Miller em *Batman – O cavaleiro das trevas*)

6.8 Entrevista do Coletivo 12 Macacos ao El Saleroso

El Saleroso é o impresso do Coletivo Ativismo ABC, responsável pelo espaço cultural Casa da Lagartixa Preta. Entre janeiro e fevereiro de 2009, recebi no apartamento do Liège, o João e a Mix, do Ativismo ABC. Nesse período, fizemos muitas permutas, muitas trocas de experiências. Organizamos duas rodas de conversas libertárias: “Futebol e Anarquia” e “Autogestão & Anarquismo hoje”. Eles decidiram ter uma conversa conosco sobre o 12 Macacos, e saiu essa entrevista, publicada por eles. Tentamos reunir o máximo de *macacos* para esse momento. É a primeira entrevista do coletivo.

Como sempre, não poderíamos deixar de emitir nosso grito gutural do chimpanzé bonobo furioso:

UHUHUH AHAHAH... UHUHUH AHAHAH... UHUHUH
AHAHAH

Fortaleza, janeiro de 2009

Entrevista do 12 Macacos ao El Saleroso

UHUHUH AHAHAH

UHUHUH AHAHAH



AABC – Como surgiu o Coletivo 12 Macacos?

(S) – Surgiu com o desejo de várias pessoas de estar fazendo coisas juntas, de estar mexendo com coisas. Especificamente, um dia eu estava conversando com o Mingau e ele tinha me revelado o desejo de fazer parte de um coletivo e esse desejo era muito parecido com o meu, e a partir daí fomos convidando pessoas para fazer parte desta coletividade.

(M) – O coletivo surgiu de pessoas que já participaram de outros grupos; e Fortaleza já foi uma cidade muito ativista, por exemplo, grupos como o Bloco Verde, que lutava pela causa ambiental aqui nessa cidade, e também o coletivo Ruptura, uma das primeiras experiências de coletivo anarquista de Fortaleza que durou alguns anos e por razões internas acabou. Outro grupo que podemos citar é o Crítica Radical que flerta mais com o marxismo e também o coletivo anarco-punk Konfronto. Vimos que esses coletivos ficavam mais centrados em nichos e sentimos essa necessidade de intervenção nessa cidade onde notamos a falência de certos valores que se manifestam, não só nela, mas na sociedade em geral; nós vimos várias potências dissociadas e resolvemos partir da nossa própria iniciativa para aglomerar mais pessoas e voltar à contracultura nessa cidade.

(S) – Eu me lembro que várias coisas foram acontecendo antes do coletivo surgir que foram somando para completar que o coletivo acontecesse. Uma delas foi que nós nos convidamos enquanto pessoas, como grupo de amigos para uma manifestação contra [a visita do] o Papa e a Homofobia na Catedral daqui de Fortaleza; nós fomos e fizemos uma intervenção dentro da manifestação e a gente achou que embora fosse de contestação pela presença do papa [no Brasil], havia uma coisa meio que legalizada e nós fomos meio que para dar uma diferença e nós não éramos ainda o Coletivo 12 Macacos. Mas já foi uma intervenção bem macaquínica, e dali surgiu um desejo maior ou intuitivamente as pessoas começaram a perceber que dava para fazer algo em conjunto, naquela manifestação entramos na igreja gritando algumas coisas e uma delas era “morte ao papa” e ali ficou um potencial bem forte do que poderíamos fazer.



(M) – Outro ponto importante para o surgimento do coletivo foram certos pontos em comum, certas concepções, que deu para ter uma noção do que poderia ser o coletivo que é a questão do Veganismo, da libertação animal e a gente sempre debatia sobre estas questões. Tanto que o nome do coletivo surgiu dessas discussões e usamos o nome do filme de Terry Gilliam “12 Macacos ” que não aborda muito a questão do especismo, mas mostra a falência da civilização, fazendo o paralelo entre o trato que é dado aos animais e a situação que se chegou na sociedade atual... a gente se inspirou muito nesse filme.

É explícito que o nome do coletivo vem do filme. Mas também há algo dentro do próprio filme que não é só a questão da libertação animal e dessa crítica dos valores da civilização, mas uma resposta meio que irracional (ou supostamente irracional) a isso tudo e que não é uma resposta tradicional dos partidos e sindicatos, não é essa forma de participação política convencional que marcou tanto o século XIX quanto o século XX. Mas é uma resposta a esse mundo contemporâneo decadente que a gente vive; só que a gente busca se posicionar de uma forma poética, mais livre e menos racional e menos acadêmica, porque a gente percebe isso nos textos e panfletos de partidos e organizações que têm a ver com partidos e acho que essa irracionalidade (não gosto muito de usar esta palavra) talvez isso seja bem retratada no grito animal que o coletivo gosta de soltar.

Não é uma questão de irracionalidade, mas sim uma questão mais animalésca, mais feral.

AABC – Fale da forma de organização ou desorganização do coletivo.

(S) – No começo, quando bateu aquela ideia, aquela empolgação imensa, a gente foi chamando as pessoas, convidando muita gente; depois percebemos que o convite direto não era algo interessante, porque as pessoas, por terem laços de amizade, muitas vezes aceitavam o convite, mas não se sentiam plenamente a vontade de fazer coisas dentro do coletivo. Então, teve muitos fluxos de pessoas que entravam e saíam; então ficamos pensando assim, em entrar no coletivo quem tem desejo de estar dentro do coletivo para fazer aquilo que quisesse fazer.



O coletivo são todos, como é dito no manifesto. Me lembro que teve uma reunião em que o Pedro me perguntou “Sandro como é que eu faço para entrar no coletivo” e eu disse: Tem uma senha e a senha é “como é que faço para entrar no coletivo?” E é isso, tem que ter o desejo de entrar no coletivo e se quiser sair já saiu, se quiser voltar já voltou. Agora, a forma como a gente se organiza... bom, a gente não se organiza.

(M) – A gente está acostumado com a forma com que os outros coletivos se organizam com reuniões semanais e avaliação de campanhas. O grupo se baseou meio que numa informalidade, mas não que seja uma informalidade sem critérios, sem comprometimento algum. A gente vê em cada manifestação cultural dessa cidade, a oportunidade de mostrar nossa subversão, tanto que nossa primeira ação foi numa manifestação pela diversidade sexual e a gente viu nesse evento um potencial muito grande para se postar como grupo e também de mostrar esse caráter subversivo. Houve reunião antecipada para decidir, fizemos um panfleto, mas se baseando muito nessa de não ter reunião periódica ou definir diretrizes do grupo. Acho que isso nunca houve, não sei se isso podeter sido uma falha da gente, mas vamos seguindo assim. A gente sabe criar possibilidades onde outros grupos muitas vezes não veem. O grupo não se centraliza em ações específicas, o grupo sabe diversificar e atua não apenas em movimentos sociais, mas também em lugares inusitados, sabe se postar como coletivo de contracultura.

(S) – Chegou um momento que as pessoas disseram que não queriam mais reuniões, que, de fato, nunca aconteceram; então, a gente decidiu se reunir apenas quando fôssemos fazer alguma intervenção, então a gente se prepara para essa intervenção.

(M) – Esse conceito de reunião... a nossa própria convivência diária de amizade supre essa necessidade de reunião.

(S) – De fato tem esse momento que atravessa todo o coletivo que é essa... vamos dizer... ética dos amigos, essa coisa da amizade, da convivência dos pontos em comum entre a gente e gostamos de estar juntos como um bando de macacos na floresta em algazarra e é isso que a gente gosta de estar fazendo;



com alegria e que é próprio da gente, as pessoas se chegam em função disso, de querer estar um junto com o outro.

AABC – Quantas pessoas fazem parte do coletivo atualmente?

(S) – Dá para contar? Acho que não dá para contar muito, não.

(M) – Para ser sincero o grupo entrou meio que num recesso, até porque outros membros do coletivo fazem parte de outros coletivos também, mas acho que gira em torno de 12 macacos mesmo, rs.

(S) – Na última intervenção que nós fizemos tinha 12 pessoas. A questão toda é que temos muitos apoiadores também, quando propomos uma intervenção vem uma galera que tem uma simpatia e quer apoiar; o grupo é aberto para essas coisas e para estar no coletivo, é só chegar no coletivo, não precisa perguntar nem pedir; nesse sentido, o número é variável; o coletivo é um fluxo, não há necessidade de contar.

AABC – Quais os tipos de ações que vocês já realizaram? Ação direta, intervenção, etc.

(S) – Tem bastante intervenção urbana. Certa vez, fizemos uma intervenção em um *outdoor* que trazia uma propaganda de uma churrascaria. Então nós fizemos uma intervenção que desviava o sentido da frase do *outdoor*. Mas como o Mingau falou, a primeira ação foi na manifestação pela diversidade sexual em 2007, quando soltamos um panfleto com algumas palavras de ordem bem fora do habitual: “Sexo anal, sexo anal para destruir o capital”, e dando um sentido pragmático a essa frase do Roberto Piva. E ali já foi uma intervenção importante pro grupo; porque foi quando o grupo pode se perceber na coletividade e pôde mostrar as caras; já nessa intervenção, o Coletivo 12 macacos gerou um impacto grande. A gente abriu uma faixa lá “Gays contra a pátria”, e isso gerou muita confusão por conta da ambiguidade da frase e uma certa antipatia por parte dos participantes... e a parada parou para olhar para nós. Uma das pessoas que estava no carro de som viu a faixa e puxou uma vaia, por não entender o sentido da frase; aí eu fui falar com a organização do evento e a imprensa já veio falar com a gente por conta do panfleto... aí pedimos para não sair o nome do coletivo no jornal, pois estávamos começando ali e



não sabíamos os caminhos que o coletivo iria tomar. Foi muito engraçado, pois as pessoas não entenderam o sentido da frase, mas depois explicamos o que queríamos dizer e fizemos até amizade com o pessoal da organização.

(R) – Isso chamou muito a atenção das pessoas, e elas começaram a chegar na gente para pegar o panfleto, perguntar coisas.

(M) – Acho que ali a posição do grupo, pelo menos sempre tive essa impressão do grupo ser mais abrangente, desde causas populares, ambientais da libertação animal e até se inserir em certas atividades, manifestações que trazem uma certa imanência que essa sociedade se funde.

O Grupo procura sempre se inserir mostrando seu diferencial.

AABC – Qual a relação de vocês com os outros grupos de Fortaleza?

(M) – Como já disse no início da entrevista, nós já fomos participantes do Bloco Verde, que encerrou suas atividades por ter sido aparelhado, ser tomado por entidades políticas, por candidatos a vereadores, deputados e ficou muito neste discurso de conciliação e esse grupo acabou. Certas pessoas que eram do Coletivo Ruptura e que alguns remanescentes que formaram a ORL (Organização Resistência Libertária) já participaram de atividades conjuntas com o Coletivo 12 Macacos e até já foram do coletivo... No meu caso, também participo do coletivo Crítica Radical – que é um coletivo que se baseia na teoria de Robert Kurt, filósofo alemão que mostra um Marx que nega o trabalho, o dinheiro, o valor e a mercadoria.

AABC – Existe alguma ideologia que norteia o coletivo?

(S) – Eu diria que não há um pensamento homogêneo no coletivo, mas há neste sentido, ideias que sejam comuns; então, há muita inspiração anárquica; há uma vivência e uma prática vegetariana; um desejo forte que nos mobiliza pela libertação animal. Há também um comportamento de transgressão a esse olhar burguês, cristão e conformista(...) e a gente não se molda nessas coisas. É preciso anarquizar a própria vida; você não pode se denominar anarquista só por fazer parte de um coletivo que se diz anarquista... e que isto já te garante a “salvação”, porque se você não tem uma atitude que anarquize tuas relações, tentar quebrar as esferas de poder existente no



seu cotidiano, dentro de sua família, no ambiente de trabalho, em suas relações amorosas, quebrar essa hierarquização, tornar essas relações mais horizontais, isso para mim é fundamental. O que eu vejo é que muitas pessoas se colocam como anarquistas e no fundo não quebram essas esferas de poder a nível micro.

(M) – Acho que o que interessa mais, é o propósito, que é a superação desta sociedade baseada no trabalho, no dinheiro e na mercadoria. E eu não gosto de negar muitas contribuições de certos pensadores e ativistas que nem se consideraram anarquistas em sua vida. A realidade hoje se configura em algo bem mais complexo do que certas compreensões que havia no século passado; é claro que Bakunin e Marx se basearam em valores que se perpetuam até hoje, mas atualmente eles se mostram de forma mais complexa e diferentes e que hoje estão em crise. A gente vive numa sociedade em que as suas categorias estão em crise e isso aparece na crise econômica e numa linguagem mais nietzschiana, de que os valores da sociedade estão em crise, então há uma necessidade de uma tábula rasa, um termo filosófico, de romper com esses *ismos* e essas categorias de perceber em certos pensadores libertários, essas atividades libertárias uma imanência dentro dessas propostas, esses padrões que fundamentam essa sociedade.

(S) – Nós não bebemos apenas nas fontes dos intelectuais já consagrados, mas a gente vai muito na literatura, a música ajuda a gente não só a compreender o mundo, nossa influência vem muito da arte no geral. No manifesto dizemos que “não somos um movimento, mas corpos em movimento.” Tem essa coisa do corpo, até porque o macaco se move, então a gente se move. Assim, buscamos não só nas manifestações acadêmicas, mas também nas manifestações artísticas, expressar nossa potencialidade enquanto grupo que se propõe a ser transgressor.

AAABC – Efetivamente o que vocês fazem para fugir do mundo do capital, do trabalho etc.?

(S) – Temos um desejo, mas que as vezes se camufla, às vezes se aflora de ter um espaço... já procuramos alguns lugares, já procuramos nos aproximar de alguns grupos da periferia que



fazem algumas ações pontuais para a gente aprender algumas coisas e trazer isso para uma casa... abrir um espaço para trocar essas aprendizagens. Eu me lembro que no preparativo para o Fórum Social Nordestino tivemos contato com uma série de grupos daqui e com várias atividades que poderíamos fazer juntos e tentar repassar isso de alguma forma. Mas isso, às vezes, tem a ver com os momentos de crise do grupo, das indefinições das pessoas se sentirem preparadas para estarem em um ambiente assim. Particularmente, eu tenho uma vontade muito grande de uma coisa como essa de ter um espaço... propondo intervenções concretas, mudanças efetivas dentro da vida individual de cada um e dentro dessa coletividade, por isso, estou buscando cursos de permacultura, bioconstrução, aprender a fazer coisas e poder passar isso pra frente, para outras pessoas... trocas de experiências, buscando formas alternativas ao consumo, anticonsumo.

(R) – Não é bem oficializado esse tipo de troca, convivência, isso ocorre mais no nosso cotidiano mesmo. Poderia ser maior, mas essas trocas que ocorrem já surtem algum efeito e são importantes.

AABC – Quais as últimas ações que fizeram, planejam alguma ação?

(T) – Fizemos uma ação no Centro Cultural Dragão do Mar, onde uma “artista” expunha numa arquitetura moderna galinhas com plumas coloridas coladas na pele com silicone e ficavam expostas lá dia e noite... o propósito da exposição era causar estranhamento nas pessoas; nós fizemos uma ação pedindo a libertação das galinhas e criticando essa “obra de arte moderna”, questionando o intuito dessa arte.

AABC – Agradecemos a entrevista e falem o que quiser,rs!

UHUHUH AHAHAH

UHUHUH AHAHAH

6.9 Mais agenciamentos macaquínicos

O Coletivo 12 Macacos é uma (des)organização libertária, de ação direta e terrorismo poético, que se denomina anar-



co-vegano. Críticos da dominação presente nas sociedades de controle, os 12 Macacos querem disseminar o caos anárquico; nômades, os 12 Macacos querem injetar sangue primitivista do paleolítico nos corpos disciplinados dos homens/mulheres já amaciados por uma vida cheia de supermercados, carros, escolas, zoológicos, hospícios, fábricas, fábricas, fábricas. Terrorismo Poético nas estruturas controladoras. Nossa participação política tende a ser lúdica, tende a ser intervencionista desterritorializando muitos signos urbanos, e construindo outras urbanidades possíveis (agricultores urbanos, ciclistas urbanos, nômades urbanos).

Paleolíticos do futuro, os 12 Macacos veem na civilização contemporânea a negação do macaco que somos; a civilização capitalista se apropria do natural e o dispõe como recurso para atender aos processos de acumulação do capital e de alienação humana através do trabalho assalariado; os 12 Macacos acreditam na vingança da Gaia, e sua luta anticivilizatória; como no Clube da Luta, queremos fazer adormecer a civilização humana, para permitir que Gaia possa se recompor – Tyler Durden é o protagonista do romance incendiário Clube da Luta (*Fight Club*), do escritor *underground* norte-americano Chuck Palahniuk. Tyler Durden, guru da destruição civilizatória, não é um homem, é uma ficção, uma idéia perigosa, um desejo incontrolável, um projeto de destruição em massa, uma napalm, uma bomba incendiária lançada contra a ordem econômica liberal e a civilização humana.

É o Projeto de Ações Violentas que vai salvar o mundo. A era glacial da cultura. (...) O Projeto de Ações Violentas forçará a humanidade a entrar num estado de dormência ou de enfraquecimento o tempo que for preciso para a Terra se recuperar.
(...)



Esse é o objetivo do Projeto de Ações Violentas, diz Tyler, a destruição mais completa e direta da civilização. (PALAHNIUK, 2000, p. 133-134)

A ação direta é o modo como os 12 Macacos atuam no mundo; por vezes, nos associamos com outros movimentos e outros parceiros; mas não participamos de ações partidárias e oficiosas; é na fissura da máquina-Estado que movimentamos nossos corpos, deslocamos nossa máquina de guerra e disseminamos nossos agenciamentos macaquínicos.

Libertação animal: acreditamos que as lutas pela libertação humana da dominação capitalista, do trabalho assalariado, e das políticas do biopoder perpetradas pela sociedade de controle devem se dar em associação direta com as lutas pela libertação dos outros animais; é incoerente lutarmos por nossas liberdades e continuarmos a oprimir os outros animais, lançando-os em reservas preservacionistas, prendendo-os em zoológicos, torturando-os.

Fortaleza, 22 de setembro de 2009.

Dia mundial Sem Carro

Hoje é o “Dia mundial sem carro”. O coletivo pensou em fazer uma ação simples, até porque estamos em meio a uma crise interna, e o convívio ainda não está nada fácil: colar lambe-lambes pelas ruas do bairro. Havíamos passado o final da tarde recortando e montando os lambe-lambes e preparando a cola de farinha de trigo. À noite, no Dragão do Mar, seria exibido o filme *Age of Stupid*, um documentário ficcional sobre o futuro do planeta após o aquecimento global. A ideia de um documentário em forma de ficção futurista me pareceu paradoxal, e por isso, bem interessante. O grupo tinha decidido ir ao Dragão e, em seguida, sair de rolê nas *bikes*, colando os materiais pelos espaços públicos das ruas.



6.10 Conflitos na cena anarquista local

A existência do Coletivo 12 Macacos (C12M) causou muitas reações, nem sempre favoráveis, dentro da cena anarquista local. Alguns grupos, que desejavam ser os condutores locais do anarquismo cearense, não suportaram co-existirem com uma (des)organização libertária não-ortodoxa do porte do 12 Macacos; as críticas, o isolamento, a ridicularização e, por fim, a neutralização, foram as formas pelas quais a ortodoxia anarquista local usou para criticar as ações do coletivo. Uma das críticas expostas relacionava as ações do Coletivo 12 Macacos ao que eles mesmos chamam de “anarquismo como estilo de vida”, com o propósito de esvaziar os significados e a potência libertária das ações e dos posicionamentos do grupo.

Esta crítica tornou-se lugar comum em todo o Brasil, notadamente a partir da circulação de um artigo de Bookchin, intelectual anarquista norte-americano recentemente falecido, no qual ele acusa as novas formas de organização de grupos anarquistas de ação direta de desrespeitar as tradições do anarquismo clássico e de construir uma prática incompatível com a história do anarquismo, compondo um conjunto de elementos heterogêneos que descaracterizariam as lutas anarquistas contemporâneas e ameaçariam o futuro das lutas sociais libertárias. As críticas de Bookchin recaem notadamente sobre os que se afinam com o pensador anarquista Hakim Bey, os grupos veganos e de libertação da Terra, os anarco-primitivistas de uma maneira geral e os anarquistas foucaultianos e deleuzeanos.

Esta corrente, autodenominada Anarquismo Organizado Socialmente, ou Anarquismo Social, é hoje a corrente, senão majoritária numericamente, é a que detém a maioria dos órgãos de divulgação do ideário anarquista (editoras, fe-



deração, coletivos, livros, revistas, jornais) e que faz circular sua concepção política. Hoje, há uma tendência forte, desse grupo, em agregar a grande maioria dos temas e das ações contemporâneas, porque, aparentemente ele constrói um arcabouço mais consequente do anarquismo. As formas mais livres e novas, que envolvem práticas vegetarianas e de libertação animal, de permacultura urbana, as experiências de pedagogia libertárias, as comunidades intencionais, as ocupações autônomas que não estejam na linha política desse grupo são defenestradas e atacadas frontalmente.

Estas seriam experiências inconsequentes que não teriam potencial de gerar uma transformação social radical e perene. E, assim, criou-se uma falsa dicotomia dentro dos vários grupos libertários no Brasil: os anarquistas organizados socialmente x os anarquistas como estilo de vida. Desta forma, o Coletivo 12 Macacos foi rapidamente classificado como um coletivo anarco-individualista e de “estilo de vida” e, portanto, isolado, para assim se salvaguardar as experiências anarquistas locais de possíveis críticas externas.

O momento mais tenso nos conflitos da cena local ocorreu quando participamos de uma reunião, a princípio aberta a tod@s interessados, para se discutir a preparação de um evento libertário de porte nacional, em Fortaleza. As pessoas aproveitaram a reunião para discutir a montagem de um novo grupo, organizando-se a partir de uma coalizão composta por militantes dissidentes de outras organizações ou que haviam sido ativistas de grupos dissolvidos – dessa forma, nessa nova articulação reuniam-se ex-membros do PSTU, do extinto Coletivo Ruptura, simpatizantes libertários, e até ex-membros do Coletivo 12 Macacos. Esse grupo se chamaria JULIA (Juventude Anarquista) – mas, enfim, foi nomeado de ORL (Organização Resistência Libertária).



Participar dessa reunião não foi uma estratégia boa para o 12 Macacos. Não percebemos o grau de rejeição dessa nova organização libertária ao nosso coletivo. Então, colaborando com a proposta do evento, sugeri que os grupos distintos da cena libertária local se encontrassem e dessem um caráter autogestionário à própria organização do encontro, para que ele, de fato, fosse horizontal e participativo.

Mas uma outra proposta havia sido lançada: a de fazer do evento o espaço de lançamento do JULIA, de visibilidade do JULIA, e que não se deveria abrir para outros grupos. Foi quando percebemos que, com exceção dos 12 Macacos, todas as outras pessoas estavam articuladas para defender essa proposta. O grupo tratou de rechaçar minhas propostas para o evento, alegando que eu deveria propor a organização de um evento para o Coletivo 12 Macacos; e minha presença se tornou pesada para o ambiente político.

Esse episódio ilustra, parcialmente, o quanto o Coletivo 12 Macacos significava de ameaça às formas instituídas das práticas anarquistas locais e o quanto havia de recusa em aceitá-lo como uma organização anarquista legítima e séria. Tudo era tensão e vexame para mim... até que: um amigo, no canto da boca, me perguntou: “como faço para entrar no Coletivo 12 Macacos?” Eu olhei surpreso e feliz para ele e disse: “Tem uma senha, pra entrar no 12 Macacos”. E ele: “Qual é a senha?” E eu: “A senha é “Como faço para entrar no Coletivo 12 Macacos?”.

Às vezes você perde, às vezes você ganha...

Mas o Coletivo 12 Macacos não tem nada a ver com perder ou ganhar. Tem a ver com manter-se em fuga, incessantemente...

Abaixo, segue o texto *Anarquizar o anarquismo!*, que surgiu como resposta política a provocações de grupos locais contra a presença do Coletivo 12 Macacos na cena libertária



de Fortaleza. É um libelo bem humorado contra as correntes ortodoxas do anarquismo

Anarquizar o anarquismo!

Coletivo 12 Macacos

A anarquia é nossa! E de quem a deseje!

Uh uh uh uh ah ah ah ah

Uh uh uh uh ah ah ah ah

Os 12 Macacos vivem nos seus galhos em bando; e em bando fazemos a boa e velha algazarra caótica de cada dia! Mas eis que do alto das copas das árvores ancestrais ouvimos balbucios desconstruídos. E eis que pedem que nos pronunciemos sobre coisas mais ou menos importantes: a refrega entre grupos libertários locais, que disputam entre si qual organização anarquista é mais anarquista que a outra. Nesta tola disputa, envolveram os 12 Macacos. Não é de nossa índole enxovalhar as práticas libertárias alheias, e nos recusamos a repetir os enxovalhos, mas não podemos ouvir enxovalhos sobre nossas vivências libertárias sem responder algo que o valha. Pois que aí segue.

Somos macacos anarco-veganos porque acreditamos que os processos complexos de transformação social devem incluir a libertação animal das práticas opressoras humanas, práticas estas iniciadas com a domesticação da Natureza, entre 10.000 a 20.000 anos, e levada às últimas consequências pelo capitalismo contemporâneo. Acreditamos na colaboração mútua entre as experiências anarquistas e as demandas pela libertação animal. Podemos mesclar ambas as forças destrutivas ao processo de transformação criativa do mundo. Acreditamos que não basta lutar contra o capitalismo, senão que contra uma ordem civilizatória milenar. Nossa luta anti-estatal é anticapitalista e anticivilizatória. Se alguns grupos libertários não enxergam nas práticas de libertação animal uma força transformadora profunda, e um aliado importante, respeitamos essa perspectiva. Viva e nos deixe viver.

Lamentável que grupos libertários sustentem propostas tão contraditórias como a construção de um partido anarquista, a defesa de uma revolução programática (Trotsky sorriu irônico



de todos nós nessa hora!), a crença numa vanguarda salvadora; ([a experiência bolchevique no século XX não nos deixou nenhuma lição?]). Não temos a pretensão arrogante de querer organizar o proletariado revolucionário. Bakuninismo nos parece uma palavra por si só contraditória. O 12 Macacos não embarca nessa canoa furada, mas não desbanca quem nela deseje embarcar. Viva e deixe sonhar.

A montanha pariu um rato: mais uma vanguarda libertária... É a morte de toda teoria crítica!

Uh uh uh uh ah ah ah ah

Uh uh uh uh ah ah ah ah

Não podemos esperar que uma revolução (comunista, socialista ou anarquista) venha nos redimir das mazelas e atrocidades cometidas pelo capitalismo à natureza; nós, macacos anarco-veganos não vivemos nesse idealismo. Revolução é adiamento! Temos de dar respostas concretas, no hoje, aos desafios concretos de nossa contemporaneidade. Só a anarquia é insurgente! Viva e se rebele.

É lamentável ver entre hostes anarquistas uma defesa tão apaixonada da ortodoxia: essa velha vontade de ser o ortopedista do anarquismo – como diria Foucault, esses velhos profissionais da ortopedia social, disciplinando e corrigindo os sujeitos e os grupos humanos. Quem pode se arvorar em ditar o caminho correto do anarquismo? Quem pode ainda ousar reivindicar a exclusividade da verdade?

Sexo anal para destruir o capital! Nossa palavra-de-ordem é uma anti-palavra-de-ordem. Um achincalhe com as palavras-de-ordem da esquerda capitalista e dos grupos anarquistas ortodoxos (esses que tanto amam palavras-de-ordem!). Ninguém tem obrigação, nem mesmo os historiadores anarquistas aqui de Fortaleza, de saber quem é Roberto Piva, nem de conhecer seus versos libertários, seus temas libertinos – nem mesmo têm obrigação de perceber como macacos podem se apropriar poeticamente desses versos e encontrar neles tanta subversão.

Fomos buscar em palavras anarquistas, no distante ano de 1981, na Bahia, publicadas na histórica revista libertária *Barbárie*, uma bela reflexão elaborada por Octávio Alberola:



“Se o anarquismo [...] continua pretendendo projetar-se através de um movimento de massas, deve [...] estar aberto a todas as novas correntes antiautoritárias que não estejam interessadas em obter do Estado uma determinada concessão mas em despojá-lo de seu poder em um ponto determinado, concreto e alcançável hoje mesmo; deve servir para unir no mais total respeito da diversidade das correntes, das opiniões e das condutas a todos quantos façam da resistência ao ideal de Estado seu ideal e sua práxis cotidiana”.

Consideramos que o anarquismo está para ser reinventado, a própria humanidade está para ser reinventada, e que não cabem julgamentos corretivos sobre quais sejam as formas mais corretas de se viver o anarquismo. Se o anarquismo se propõe a ser dogmático, doutrinário e ortodoxo, corre o risco de se tornar autoritário... tão autoritário quanto as correntes marxistas que ele denuncia.

Vemos o anarquismo como um fluxo, sem forma prévia definida. A anarquia, que atravessa o anarquismo é fluxo pulsante. Não se pode prendê-la numa doutrina política. No paleolítico, os homens e as mulheres experimentaram a anarquia como coisa real, não como idealização. Nas organizações humanas nômades, a anarquia era imanente. Na imanência, a anarquia não se distanciava daqueles homens e mulheres. Com o surgimento das sociedades agrícolas, o poder apartou homens e mulheres dos fluxos da anarquia, e tudo se distanciou como numa representação. Desamarrado dos conceitos rígidos de doutrina e de ideologia, o anarquismo assim ganha ares novos, e não se perde num discurso flácido e reiterado que o leva, muitas vezes, à mistificação. Se o Bookchin tem medo do novo no anarquismo, nós não.

Se o anarquismo e a anarquia ainda estão para serem inventados e re-inventados, então liberte-nos, Bakunin, dos chavões e dos clichês anarquistas do século XIX, eternamente repetidos no início do século XXI! Livre-me, Tyler, da perfeição! Os 12 Macacos vivem a liberdade de desejar construir um anarquismo não-ortodoxo. A anarquia é nossa! E de quem a deseje!



Os 12 macacos querem construir seu próprio ***bolo-bolo***, viver na sua tribo flutuante, flertando com outros *bolo-bolos*; Triba-listas do futuro, os 12 Macacos seguem movimentando seus corpos sem órgãos, deslocando sua máquina de guerra contra o Estado, promovendo agenciamentos macaquínicos, desejando vivências autogestionárias, curtindo músicas dionisiacas e comidas vegetarianas epifânicas, lendo livros em profusão, mergulhando no Atlântico e banhando-se nas águas dos rios ainda não extintos pela sanha do Capital, experimentando o hedonismo pragmático & construindo mirabolantes planos de fuga da civilização capitalística.

O futuro é cada vez mais primitivista! A Anarquia é cada vez mais primitivista!

Uh uh uh uh ah ah ah ah

Uh uh uh uh ah ah ah ah

P.S.: macacos veganarquitas, retornemos às nossas árvores para tirar uma soneca; adeus coisinha de Jesus

Fortaleza, 01 de setembro do ano 119

[após a morte do cristianismo, anunciada por Nietzsche]

Meses depois desse conflito, sou convidado pela ORL para fazer parte da mesaredonda sobre Pedagogia Libertária no I Encontro Libertário: Anarquismo e Movimentos Sociais. Depois de algumas negociações sobre as condições de participação do C12M no evento, topei o convite.

6.11 Expansão & Autodissolução

Os anos de 2009 e 2010 foram muito promissores para o Coletivo 12 Macacos. Realizamos muitas atividades, agitamos os corpos. O coletivo deu um salto grande rumo à expansão. Recebemos os membros do Coletivo Ativismo ABC, do Vegan Staff, efetivamos a aproximação que desejávamos com o Coletivo Konfronto e o Coletivo CicloVida, e nos engajamos em



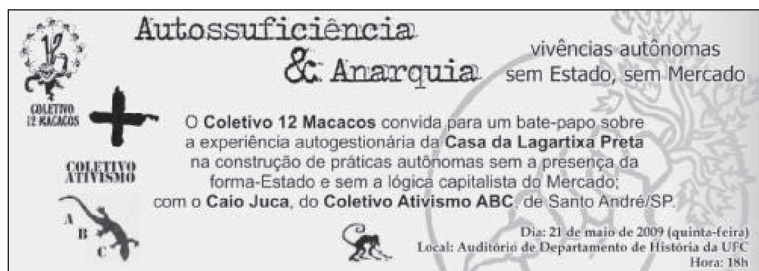
atividades de permacultura, bioconstrução, oficinas de culinária vegana, nos reaproximamos da Bicicletada, e ampliamos os vínculos do coletivo com os vários movimentos sociais mais à esquerda (nem todos libertários, mas com caráter popular ou autogestionário).

Com o Ativismo ABC coordenamos o Ciclo de Debates Sobre Vivências Libertárias Contemporâneas:

Futebol e Anarquia: o Autônomos F.C. – relato da experiência da Casa da Lagartixa Preta em construir um time de futebol com ideais autogestionários e antifascistas, contra o futebol-mercadoria;

Autossuficiência e Anarquia: vivências autônomas sem Estado, sem mercado – depoimento de Caio Juca sobre a experiência de construção de práticas autônomas fora da lógica capitalista: bioconstrução permacultural, hortas urbanas, quebra-concreto, pedagogia libertária;

Imagem: Cartaz do encontro libertário promovido pelo Coletivo 12 Macacos



Fonte: Acervo pessoal do autor.

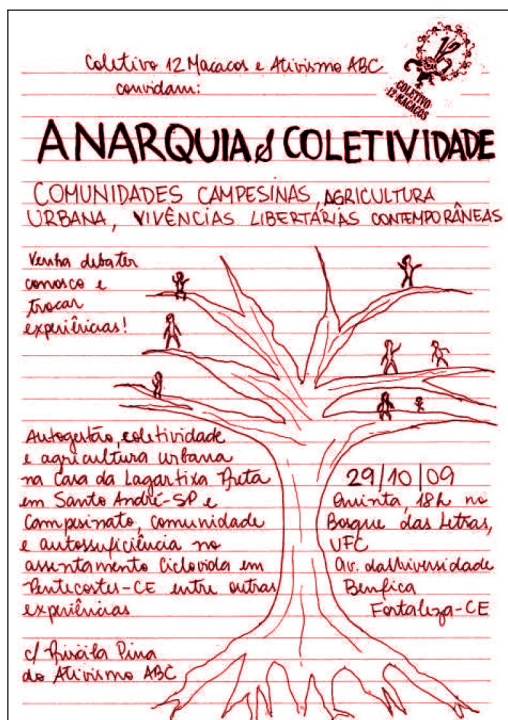
Autogestão libertária: a Casa da Lagartixa Preta Salarosa Malagueña – o cotidiano do espaço cultural do Coletivo Ativismo ABC e sua experiência de convivência autogestionária.

Anarquia & Coletividade: comunidades campestres, agricultura urbana e vivências libertárias contemporâneas



– relato dos dias da Priscila, do Ativismo ABC, nos trabalhos voluntários na horta e na bioconstrução junto ao Coletivo Ciclo-Vida, no assentamento libertário em Pentecostes (CE).

Imagem: Cartaz do encontro Anarquia & Coletividade



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Construímos a horta coletiva na casa do Renan; organizamos vivências culinárias veganas em conjunto com o Coletivo Konfronto; e a ação direta de terrorismo poético “Deus é fel” – nossa última ação coletiva. Tudo o mais, os meses seguintes todos, foram de conflitos, fofocas, detrações, isolamentos e traições... o coletivo afundou no próprio caldo libertário que o fez respirar?



Fortaleza, 06 de janeiro de 2009.

Um movimento molecular não poderia sobreviver durante muito tempo sem estabelecer uma política em relação às forças existentes, aos problemas econômicos, à mídia, etc. (GUATTARI, 1996, p. 142)

Enquanto preparávamos um chapati com suco de maracujá e agrião, eu e Renan conversávamos sobre a necessidade do coletivo se articular com alguns movimentos sociais, não para capturar a luta dos movimentos, mas para estabelecer alianças políticas transitórias interessantes para a “vida social” do Coletivo 12 Macacos... uma interação com vários movimentos que possuam pontos em comum – talvez não na abordagem, talvez não num mesmo posicionamento político estratégico ou tático, mas com proximidades.

É um momento novo para o Coletivo. Momento de se compor em rede. Momento de maior exterioridade do coletivo.

Aproximar-se do Coletivo Konfronto [anarco-punk], do Coletivo Ciclovida (bela experiência rural anarquista num assentamento em Pentecostes), do Coletivo Contra-Corrente- [uma vertente neomarxiana de crítica ao Estado a partir de Guy Debord, do grupo Crítica Radical igualmente neomarxianos debordianos anti-estatais, e com uma produção política extensa e intensa, da Frente Popular Ecológica (coalizão de vários movimentos ambientalistas de Fortaleza); da Rede de Permacultura do Ceará e do Núcleo de Pesquisa Permacultural do Semi-Árido (UECE); do Movimento de Conselhos Populares (MCP); do Coletivo Grãos (estudantes de Serviço Social da UECE), do Vegan Staff – Secção Fortaleza; e falamos, ainda, sobre a importância de prestarmos solidariedade às lutas populares, participar de reuniões e manifestações, endossar moções e abaixo-assinados de grupos e instituições dos movimentos sociais, visitar experiências alternativas, participar de cursos; enfim, colaborar nas demandas sociais, mas sempre com cuidado para não nos misturarmos em demasia – a ponto de não nos distinguirmos do outro, porque é importante guardarmos nosso diferencial político –, para não sermos usados num processo político convencional (eleições, pressões setoriais) e, também, para não usarmos estes movimentos como



espaço de expansão do coletivo ou de convencimento. Colaborar, mas sem anexarmos as práticas do Coletivo 12 Macacos aos movimentos sociais, respeitar a autodeterminação dos movimentos, mas também trazendo o novo, quando o novo for desejado. Não subjugar, e não ser subjugado.

Como garantir uma consolidação do coletivo, senão abrindo-o para uma vida social mais ampla?

Por alguma razão, penso que o Renan, embora participe dessa proposta, não a endossa plenamente... é como se ele não compreendesse plenamente o momento do coletivo... ele vacila muito nas argumentações... parece não querer ir adiante. Sei lá, uma intuição maligna toma conta de mim. Os meninos vivem dizendo que tudo é “Nóia” minha... a velha fábrica de nóias do titio Sandroca...

O coletivo não é uma unidade... é um grupelho, somos todos grupelhos; o coletivo é uma convivência de devires singulares que colaboram distintamente com a sua (des)organização... O Coletivo é um entrelugar, um lugar no meio, entre o individual e a sociedade. No coletivo, cada um confia na potência do outro. Quando essa confiança se quebra, e não é mais possível apostar no potencial do outro, então, o coletivo, que nunca é uma unidade, nunca é algo monolítico... se rompe.

As relações internas tornaram-se insuportáveis, porque surgiram polarizações e centros de poder, disputas por poder interno, delegação inconsciente do papel de liderança... e, de repente, tudo cessa...

Fortaleza, 21 de setembro de 2009

Curtindo uma ressaca moral depois da última reunião do Coletivo 12 Macacos, fui à casa do Renan, ainda meio constrangido, para organizarmos os materiais dos lambe-lambe que iríamos colar pelo bairro. Como amanhã será o Dia Mundial Sem Carro, decidimos colaborar de uma forma particular e divertida.

Na casa do Renan conhecemos o Saulo [aparentemente interessado em se articular com o Coletivo 12 Macacos – pena



que tenha chegado num momento muito difícil pro grupo]. Além de saber desenhar muito bem, ele tem uma habilidade para dar os cortes no *stêncil*. Saulo foi levado à reunião pelo Guilherme. O Tomé estava por lá; e pairava um clima pouco amistoso entre eu e o Renan. Eu não conseguia olhar nos olhos do Renan, que também não me encarava. Mas ele estava à vontade, já que estava em seu território. Logo chegaram a Késia, com seu barrigão, e o Pereba para ajudar a escolher as imagens e começar a cortar o material para preparar os *stêncils*. A idéia é a seguinte: sair por aí com os moldes de *stêncil* e um *jet* nas mãos é muita bandeira, e pode dar recolhimento à delegacia por vandalismo; então, decidimos usar uma tática simples para nossa ação – a gente usa o spray em várias folhas de jornal e cola os jornais nos muros, postes, paredes com cola caseira [grude]. Dessa formas, não fica caracterizado como *stêncil* e não é, portanto, transgressão da lei. Porque para a lei, colar papel em paredes é permitido. Assim, mantemos as mesmas mensagens, apenas mudamos sutilmente o seu meio veiculante. Parece cômico que os policiais não tolerem a parede grafitada, mas não percebem o lambe-lambe como estratégia de intervenção urbana tanto quanto a pichação – na verdade, o lambe-lambe é uma folha de papel pichada com spray. Bom, mas se eles não ligam e não se incomodam, melhor assim. São as micro-fissuras da máquina-capital. Então, colamos frases do tipo: “RESPEITE O TRÂNSITO”; “1 CARRO A MENOS”; “- CO₂ + BICICLETAS”.

Geralmente esses momentos pro Coletivo são de algazarra e de explosão de ânimos, quando a criatividade é liberada e a sintonia entre as pessoas se afina. Mas não naquele instante. Não naquela situação particular. Era a primeira vez que nos víamos depois da última reunião do grupo. Ainda havia tensões no ar. Tensões que eclodiram na reunião do Coletivo, mas que já vinham se acumulando ao longo do ano. Não era momento para grandes euforias. Não me senti à vontade para fazer qualquer proposta...

É preciso considerar a possibilidade de autodissolução de um grupo. De aceitar a autodissolução. Antes que o coletivo seja devorado pelas relações de dominação contra as quais ele



luta, é melhor solver-se, autodissolver-se. Antes que as relações fascistas, contras as quais ele se organizou e se dispôs a lutar, devore sua carne crua, o que se tem a fazer é buscar a autodissolução (LOURAU, 1993). A autodissolução do Coletivo 12 Macacos, entretanto, não foi algo negociada entre seus membros... ela ocorreu na espontaneidade dos silêncios e das sombras...

Entretanto, é preciso conceber a autodissolução como potência para o novo, porque seus membros, agora solvidos, podem se agrupar (ou não) em novas formas contestatórias...

É preciso tratar o Coletivo 12 Macacos como um acontecimento que nos atravessa... mas que já não é. E, justamente porque não é, nos atravessa em suas intensidades e afetos...

Fortaleza, 16 de setembro de 2010.

Um velho macaco melancólico

Às vezes penso se o Coletivo 12 Macacos existiu de verdade, de se pegar... ou foi fruto de uma mente sonhadora. Por alguma razão, me lembro de Tyler Durden, e dos macacos espaciais. Do Projeto Caos. Pergunto coisas ao Tyler... e ele nada me responde. Um sonhador compulsivo pode um dia acordar sendo outra pessoa? O Tyler também me abandonou.

Ainda sinto que há um macaco pulsando em minhas veias... eu olho toda essa multidão solitária consumindo, trabalhando, produzindo... esse imenso formigueiro humano perpetuando-se, nessa homogeneização modelizadora capitalística que solve as subjetividades e produz esses zumbis sociais, zumbis-classe média, zumbis-fascistas, zumbis-operários, zumbis-esquerda capitalista, zumbis-pedagogos, zumbis-crianças, zumbis-macacos... Eu resisti ao ataque dos zumbis ou estou perdido nesse pesadelo, diluído nessa multidão adormecida, vagando erratically por entre as ruas das cidades? *Ah, look at all the lonely people...*

Há um macaco pulsando ainda... ele só quer fazer acontecer essa sua POLÍTICA DO REBELDE (ONFRAY, 2001), SEU TRATADO DE INSURGÊNCIA E INSUBMISSÃO, seu HE-



DONISMO PRAGMÁTICO, espalhar mundo afora todo seu NOMADISMO URBANO, LIBERAR AS MÊNADES DIONISÍACAS num outro rearranjo – enfim, prazeroso – da educação. Por uma **PedagOrgia Libertária...**

Talvez só reste mesmo esse velho macaco melancólico...

E aqui termina esta pesquisa.

Aqui acaba.

Fim.

Agora compreendo: O Coletivo 12 Macacos encontrou o seu tempo de existir... e, enquanto existiu, produziu inúmeros contra fluxos anticapitalísticos, subjetividades anárquicas, devires e linhas de fuga... anarquizou... viveu intensamente.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

MÁQUINAS DESEJANTES LIBERTÁRIAS: O DEVIR-REBELDE NUNCA CESSA





Não existe posição de desejo contra a opressão, por mais local ou minúscula que seja essa posição, que não ponha em causa progressivamente o conjunto do sistema capitalista, [...] (DELEUZE, *Conversações*)

Colocar sua máquina desejante singular contra as formas de opressão, deslocá-la em rota de colisão contra o sistema capitalista. Inúmeras são as formas que tomam as máquinas desejantes anarquistas hoje; todas estas experiências libertárias lutam, a seu modo, contra o ordenamento político-social do capitalismo.

Esta pesquisa se debruçou sobre as experiências anarquistas autogestionárias, a partir de duas linhas de abordagem: a vivência do pesquisador-institucional com grupos autogestionários e a composição do grupo-pesquisador sociopoético com a intenção de produzir conceitos filosóficos sobre a autogestão.

O Diário de Itinerância foi experimentado como dispositivo analítico que auxiliou ao pesquisador a explicitar suas implicações libidinais com a temática da autogestão, entrelaçando o cotidiano do pesquisador com inúmeras vivências autogestionárias contemporâneas e as reflexões filosóficas delas decorrentes.

A pesquisa Sociopoética permitiu, ao longo das vivências propostas, ampliar as possibilidades conceituais da autogestão, para além de uma matriz cristalizada do conceito; dessa forma, o grupo sociopoético construiu confetos criativos pela força da própria produção coletivizada – que Jacques Gauthier chama de “intuição repentina” que ocorrem na proximidade física mobilizada pelo pensar-juntos (GAUTHIER, 2005). A sociopoética está interessada em “(...) desconstruções do óbvio e em trazer à



tona algo que nos permita sair de nossos quadros filosóficos e eventualmente, também, evadir-nos da prisão de nossa cultura nativa.” (ADAD; PETTT, 2009, p. 11). Desterritorializar.

Os confetos produzidos pelo grupo-pesquisador, esse filósofo coletivo, apontam uma polissemia de sentidos fugindo em direções e planos distintos. Os ambientes naturais onde ocorreram as vivências – o mangue e a serra – potencializaram a produção dos confetos, fazendo surgir sua polissemia. Por exemplo, foi o caso do confeto Autogestão Raízes, que adquiriu significados diferentes, a partir da mesma técnica empregada na produção de dados (Técnica Narrativas Míticas); partindo do bicho macaco, surgiram, por seu turno, muitos confetos que desconstruíam um olhar instituído sobre este animal.

(...) fica claro que o tema gerador produz uma afinação de sentidos e não definições, pois não existe uma única verdade, e sim significados heterogêneos para uma palavra ou expressão dada. É uma particularidade da pesquisa Sociopoética, raramente repetir um único significado para um tema dado. (ADAD; PETTT, 2009, p. 10)

A polissemia de conceitos sobre autogestão, produzidos pelo grupo-pesquisador, aponta que o corpo-coletivo da pesquisa sociopoética a percebe não como um modelo idealizado nas experiências libertárias do passado; ao contrário, esta polissemia amplia as possibilidades conceituais da autogestão, para além de uma matriz cristalizada do conceito; os confetos e os devires produzidos pelo corpo-coletivo refletem um desejo de experimentação de conceitos singulares sobre práticas autogestionárias contemporâneas. Vejamos, a título de exemplificação. Realçando os achados da pesquisa sociopoética, podemos ordenar alguns confetos em subgrupos, segundo um tema que eles possam englobar, para daí vislumbrarmos um devir potente:



Em certos momentos, os dispositivos propostos pela sociopoética nesta pesquisa suscitou, no grupo pesquisador, o aparecimento de questões associadas ao tema da autogestão, e que se apresentaram sob a forma dos confetos.

A questão dos conflitos atuais entre a tradição anarquista e as novas práticas libertárias contemporâneas. De um lado, uma necessidade de conservar os princípios e uma certa “essência” anarquista [**autogestão nudez castigada**]; do outro o desejo por construir novas relações políticas de luta anticapitalista [**autogestão sair sem rumo e autogestão raízes**]. A Nudez Castigada é uma autogestão arraigada às suas próprias tradições e que não se permite desterritorializar-se... refazer-se como nova, desnudar-se e rejuvenescer. Apegada aos princípios rígidos do passado, essa autogestão é uma força reativa e castradora, e se atribui o papel de „correção ortopédica” (como diria Foucault, no seu Vigiar e Punir, sobre as instituições sociais corretivas) – parece um contrassenso que no meio anarquista haja conservadores, mas há – em defesa das tradições históricas do anarquismo.

Em contraposição a isto, o grupo-pesquisador criou a Sair Sem Rumo, cartografando territórios desconhecidos, desafiando-se continuamente, sem direcionamentos pré-determinados, e aberta a outras possibilidades; e, inspirado nas raízes aéreas do mangue, a Raízes, cuja fixidez não impede a sua flexibilidade – conhecer as origens da autogestão libertária, seus propósitos iniciais, não inviabiliza a construção de novos ordenamentos autogestionários; transitar flexivo sobre outras formas de viver a autogestão. A fixidez das raízes, como metáfora da autogestão, não impede a liberdade das pessoas e dos grupos libertários produzirem novos rizomas, novas conexões. Estes confetos produziram uma metáfora potente: pensar a autogestão como rizoma... movendo-se radicalmente... ramificando-se.



A pesquisa fez emergir também a questão do poder e da liderança como tema oculto dentro do anarquismo. Um tabu, um tema proibido. Um paradoxo! A experiência autogestionária pode fazer emergir a figura do líder, do condutor. A pesquisa sociopoética imaginou o confeto Autogestão Alto do Céu, como um fantasma rondando as experiências libertárias – lá no alto, o indivíduo visa seu empoderamento dentro do grupo autogestor. Não romper os laços heterogestores, e, por isso vê emergir situações fascistas e centralizações de poder. Há pouco espaço na literatura libertária para tal discussão.

No mais, deixo ao leitor possíveis novas classificações dos confetos... outros olhares sobre este material farto que tem em mãos; porque seria egocentrismo demais desejar um único olhar sobre esta experiência tão rica, sincera e profunda vivenciada dentro do grupo pesquisador e do COLETIVO 12 MACACOS...

É preciso não querer dar conta de tudo da tese... às vezes, é preciso fugir do caos, para manter um pouco de razão no cocuruto...

Como uma pesquisa dinâmica, esta investigação se apresentou também como um corpo móvel, sempre se deslocando por caminhos inesperados, por conflitos frequentes e por algumas rupturas inevitáveis. A extensão de tempo em que transcorreu esta pesquisa abriu brechas para muitos conflitos entre os co-pesquisadores e, em alguns casos, entre o facilitador e outros co-pesquisadores. Alguns namoros desfeitos ao longo da caminhada, algumas amizades rompidas no trajeto e o surgimento de tensões políticas inconciliáveis marcaram também tanto o grupo-pesquisador sociopoético quanto o Coletivo 12 Macacos. Lembrando que muitas pessoas estavam simultaneamente nos dois grupos. Então, por exemplo, quando três membros do “12 Macacos” romperam com a proposta



não-ortodoxa do coletivo e se encaminharam para formas mais convencionais de organização anarquista, isso gerou um baque interno nos dois grupos (o pesquisador e o ativista). São os fatos que marcaram e, de certa maneira, ajudaram a construir as facetas do coletivo e da própria pesquisa sociopoética.



REFERÊNCIAS





ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra Haydée. *Ideias sobre confetos e o diferencial da Sociopoética*. In: **Entrelugares** – Revista de Sociopoética e abordagens afins, v. 1, n. 2, mar/ago 2009.

ALBERT, Michel et al. **Autogestão hoje**: teorias e práticas contemporâneas. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2004.

AVELINO, Nildo. Revolta, ética e subjetividade anarquista. In: **Verve**: Revista do Núcleo de Sociabilidade Libertária, São Paulo, n. 6, 171-193, 2004.

BANCAL, Jean. **Proudhon et l'autogestion**. Paris: Federation Anarchiste, 1980. Collection de Formation Anarchiste, 10-11

BARRENECHEA, Miguel Angel. “Pensamento nômade”: a leitura deleuziana do aforismo de Nietzsche. In: LINS, Daniel; COSTA, Sylvio de Sousa Gadelha; VERAS, Alexandre (Orgs.). **Nietzsche e Deleuze**: intensidade e paixão. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, pp. 105-116.

BEY, Hakim. **Caos**: terrorismo poético e outros crimes exemplares. São Paulo: Conrad, 2001.

BEY, Hakim. **TAZ**: zona autônoma temporária. São Paulo: Conrad, 2001. (Coleção Baderna)

BIAGINI, Cédric; CARNINO, Guillaume (coords.). **La tyrannie technologique**: critique de la société numérique. Paris: Éditions L'Échappée, 2007. Collection Pour En Finir Avec.

BLACK, Bob. **Groucho-marxismo**. São Paulo: Conrad, 2006. (Coleção Baderna)

BOOKCHIN, Murray. **Anarquismo, crítica e autocrítica**: primitivismo, individualismo, caos, misticismo, comunismo, internacionalismo, antimilitarismo e democracia. São Paulo: Hedra, 2010.

BOURDEAU, Vincent; JARRIGE, François; VINCENT, Julien. **Les luddites**: bris de machines, économie politique et histoire. Paris: è.r.e., 2006.

BUKOWSKI, Charles. **Crônica de um amor louco**: ereções, ejaculações, exibicionismos. Porto Alegre: L&PM, 1994.



COLLECTIF. **L'autogestion anarchiste**. Paris: Edition du Monde Libertaire, 2005. Collection Brochure Anarchiste.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o estado**: pesquisas de antropologia política. São Paulo: CosacNaify, 2003.

CLASTRES, Pierre. **Arqueologia da violência**: pesquisas de antropologia política. São Paulo: CosacNaify, 2004.

COSTA, Sylvio. *Esquizo ou da Educação*: Deleuze educador virtual. In: LINS, Daniel; COSTA, Sylvio de Sousa Gadelha; VERAS, Alexandre (Orgs.). **Nietzsche e Deleuze**: intensidade e paixão. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, pp. 117-132.

DELEUZE, Gilles. *Signos e acontecimentos*: entrevista a Raymond Bellour e François Ewald. In: ESCOBAR, Carlos Henrique. **Dossier Deleuze**. Rio de Janeiro: Hólon, 1991.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: 34, 1997. Coleção TRANS.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**: 1972-1990. São Paulo: 34, 2008. Coleção TRANS.

DOREA, Guga. Gilles Deleuze e Felix Guattari: heterogênesse e devir. In: **Margem**, n. 16, dez. 2002, p. 91-106.

ESCOBAR, Carlos Henrique. **Dossier Deleuze**. Rio de Janeiro: Hólon, 1991.

ESCÓSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virgínia. *O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade*. In: **Psicologia em Estudo**, Maringá, vol. 1, n. 2, mai/ago 2005.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 34 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, Poder-Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a. (Ditos & Escritos, IV)

FOUCAULT, Michel. **Repensar a política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b. (Ditos & Escritos, VI)



FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 20. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 14 ed. Rio de Janeiro, Graal, 2001.

GALLO, Sílvio. **Pedagogia libertária: anarquistas, anarquismos e educação**. São Paulo: Imaginário, EDUA, 2007.

GAUTHIER, Jacques. A sociopoética: caminho pela desconstrução da hegemonia instituída na pesquisa. In: GAUTHIER, Jacques; FLEURI, Reinaldo Matias; GRANDO, Beleni Saléte. (orgs) **Uma pesquisa sociopoética: o índio, o negro e o branco no imaginário de pesquisadores da área de educação**. Florianópolis: UFSC/NUP/CED, 2001. p. 15–38.

GAUTHIER, Jacques. **Sociopoética: encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais enfermagem e educação**. Rio de Janeiro: Ana Nery, 1999.

GAUTHIER, Jacques. *Trilhando a vertente filosófica da montanha: Sociopoética – a criação coletiva de confetos*. In: SANTOS, I. et al. *Prática de pesquisa nas ciências humanas e sociais – abordagem sociopoética*. Rio de Janeiro: Atheneu, 2005.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do Desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUATTARI, Félix. **Revolução molecular: pulsões políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: 34, 1992.

GUÉRIN, Daniel. **L'anarchisme: de la doctrine à l'action**. Paris: Gallimard, 1965. Collection Idées, 89.

GROS, Frédéric. **Foucault e o direito dos governados**. [http://www.ihuonline.unisinos.br/index.phpHYPERLINK “http://www.ihuonline.unisinos.br/index.phpHYPERLINK%20%22http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php%22,”](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.phpHYPERLINK%20%22http://www.ihuonline.unisinos.br/index.phpHYPERLINK%20%22http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php%22) acessado em 2007.

JOYEUX, Maurice. **Autogestion, gestion directe, gestion ouvrière: la F.A. et l'autogestion**. Paris: Federation Anarchiste, 1973. Collection de Formation Anarchiste, 9.



JOYEUX, Maurice. **Reflexões sobre a anarquia**. São Paulo: Imaginário, 1999.

LOURAU, René. **Análise Institucional e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

LIBERATO, Leo Vinícius Mais. Movimento antiglobalização: distinções e uma crítica a Alain Touraine. In: **Em Tese** – Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 1, n. 01, ago.-dez. 2003. p.70-86. www.emtese.ufsc.br **HYPERLINK** “<http://www.emtese.ufsc.br/>”, acessado em 22 de janeiro de 2005.

LUDD, Ned (Org.). **Urgência das ruas**: Black Block, Reclaim The Streets e os Dias de Ação Global. São Paulo: Conrad, 2002. (Coleção Baderna)

NEWMAN, Saul. **As políticas do pós-anarquismo**. Tradução: Conspiração Anti-Cultural Universidade Invisível. 2003. <http://brasil.indymedia.org/pt/blue/2003/11/267229.shtml> **HYPERLINK** “<http://brasil.indymedia.org/pt/blue/2003/11/267229.shtml> **HYPERLINK**%20%22<http://brasil.indymedia.org/pt/blue/2003/11/267229.shtml>%22.”, acessado em 19 de fevereiro de 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zarathustra**: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Martin Claret, 1999.

ONFRAY, Michel. **A Política do Rebelde**: tratado de resistência e insubmissão. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

PALAHNIUK, Chuck. **Clube da luta**. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

PASSETTI, Edson. *Michel Foucault e os guerreiros insurgentes: anotações sobre coragem e verdade no anarquismo contemporâneo*. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz et al. (Orgs.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 109-121.

PASSETTI, Edson. Uniformidade e anarquia. In: **Verve** – Revista do Núcleo de Sociabilidade Libertária, São Paulo, n. 6, p. 299-318, 2004.



PASSETTI, Edson. **Anarquismos e sociedade de controle**. São Paulo: Cortez, 2003.

PASSETTI, Edson. Heterotopias anarquistas. **Verve** – Revista do NU-SOL Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação PUC-SP, São Paulo, n. 2, p. 141-173, out 2002.

PASTERNAK, Boris. **O doutor Jivago**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976. 461 pp.

PETIT, Sandra Haydée; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Ideias sobre confetos e o diferencial da Sociopoética. In: **Entrelugares** – Revista de Sociopoética e abordagens afins, v. 1. n. 2, mar/ago 2009.

PETIT, Sandra H. Sociopoética: potencializando a dimensão *poiética* da pesquisa. In: MATOS, Kelma S. Lopes de, VASCONCELOS, José Gerardo (Orgs.). **Registros de pesquisas na educação**. Fortaleza: UFC, 2002. Diálogos Intempestivos, n. 6.

PETITFILS, Jean-Christian. **La vie quotidienne des communautés utopistes au XIX siècle**. Paris: Hachette, 1982.

PIVA, Roberto. **Mala na mão & asas pretas**. São Paulo: Globo, 2006. obras reunidas, vol. 2.

ROCKER, Rudolf. **Os soviets traídos pelos bolcheviques**. São Paulo: Hedra, 2007. Série Estudos Libertários.

RYOKI, André; ORTELLADO, Pablo. **Estamos vencendo!**: resistência global no Brasil. São Paulo: Conrad, 2004. Coleção Baderna.

SHANTZ, Jeffrey Arnold. *Anarquia é ordem: movimentos anarquistas como políticas construtivas*. In: **Impulso**, Piracicaba, n.15, 2004. pp. 69-77)

SOUZA, Sandro Soares de. Memória, cotidianidade e implicações: construindo o Diário de Itinerância na pesquisa. In: **Entrelugares** – Revista de Sociopoética e Abordagens Afins. v. 1, n. 1, set/2008, fev/2009. www.entrelugares.ufc.br

THOREAU, Henry David. **A desobediência civil**. Porto Alegre: L&PM, 2002. Coleção L&PM Pocket, 7.



TÓTORA, Silvana. *Devires minoritários: um incômodo*. In: **Verve** – Revista do Núcleo de Sociabilidade Libertária, São Paulo, n. 6, pp. 229-246, 2004.

VACCARO, Salvo. *Foucault e o anarquismo*. In: **Margem** – revista da Faculdade de Ciências Sociais da PUC, São Paulo, n. 5, 1996, p. 157-170.

VERGER, Pierre Fatumbi; CARYBÉ. **Lendas africanas dos orixás**. Salvador: Corrupio, 2001.

WOODCOCK, George. **História das ideias e movimentos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 2002. v. 1: A Idéia. (Coleção L&PM Pocket, 273).





GLOSSÁRIO





▪ BREVE LÉXICO LIBERTÁRIO-GUATTARIANO

Ação Direta – contra fluxo anárquico de negação da representação e da espetacularização da vida; agir sem a interferência de mediadores; a vida pulsa longe da representatividade. Auto-organização e intervenção sobre; afundar baleeiros japoneses e noruegueses, por exemplo.

Ação luddita – Ação direta destrutiva; tática de guerrilha nos ambientes de produção da mercadoria (a fábrica, a casa, a escola, nossas cabeças, etc....), cujo propósito é fazer desaparecer os focos fascistas e a lógica do capital. Destruição construtiva. Os ludditas, trabalhadores industriais destruidores das máquinas no início do século XIX... um movimento corporal contra a economia industrial capitalista (BOURDEAU; JARRIGE; VINCENT, 2006)

Aforismo – um nano-ensaio que opera a nível molecular gerando mutações progressivas a um ponto molar insuportável.

Anti-Édipo, o – uma demarcação de território, um desejo de construir um-outro-absolutamente-diferente (!) que fuja (como de fato foge!) do pensar dogmático, da representação platônica, dos fascismos.

Batalha de Seattle – efetivação de uma ética libertária contra o poder, multidão de singularidades como força produtora de outras subjetivações anárquicas, deslocamentos no espaço-tempo da anarquia; reapropriação do devir-guerrilha urbana anticapital.

Black Block – Bloco negro anarquista, movendo-se como tática de enfrentamento a partir de princípios de guerrilha urbana; agrupamento dinâmico, de *ação direta*, de contestação agressiva, e anti-pacifista, pela via da destruição da propriedade privada e da resistência ao capitalismo das megacorporações. [vide *Batalha de Seattle*]

Coletivo Libertário – grupelho de devires e subjetivações múltiplas, atravessados por fluxos desejantes e produzindo linhas de fuga incessantes; materializado em subjetividades plurais em constante ebulição e desaparecimento, desterritorializando-se vertiginosamente. Máquina de guerra nômade, corpos em movimento.



Do It Yourself – o velho faça-você-mesmo punk; atitude por excelência dos grupos libertários; faça você mesmo seu zine, faça você mesmo sua horta, sua comida, sua educação, faça você mesmo seus deslocamentos urbanos, faça você mesmo a luta contra o capital, contra o Estado, contra o trabalho;

Édipo – modelização falocrática, o patriarcal eterno fascista.

ELF – Earth Libertation Front, tática de ação direta sem centro decisório, organizada a libertar a Terra da ação do capital transnacional e toda sorte de presença tecnológica destruidora da vida. Ação clandestina radical e ultraviolenta de ecoterrorismo. Qualquer pessoa, qualquer grupo, em qualquer lugar do planeta, em qualquer momento, pode e deve organizar uma ação ELF. Auto organiza-se e autodissolve-se, para ressurgir em lugar distintos, com pessoas distintas, com propósitos distintos. Incêndios em mansões na Califórnia em áreas de preservação, ataques incendiários a concessionárias de automóveis *off-road*, são táticas ELF contemporâneas.

Freegans – coletadores nômades contemporâneos – respigadores urbanos, construindo novas subjetivações antimercadoria. O freegan transita sem consumir.

Macaquínico – agenciamentos maquínicos deleuzeanos experimentados pelo Coletivo 12 Macacos; delírio no campo social levado a cabo pelos 12 macacos.

Okupa – squatt, ocupação; território em constante desterritorializações; reordenamento dos equipamentos urbanos de maneira a atender aos interesses libertários por uma vida anticonsumo e anti-estado; a criação efetiva de outras e novas experimentações grupais e familiares.

Patches – remendos de pano com material impresso contendo mensagens subversivas... todo punk sabe remendar sua própria roupa... e costurar seus próprios patches. Linha e agulha fazem parte do arsenal de guerra punk.

Reclaim The Streets [RTS] – Corpos em movimento, ocupando ruas, avenidas, improvisando barricadas com equipamentos urbanos; [des]organização coletiva de *ação direta anticapital*; tática de *desobediência civil* forjada na dança, na ocupação das ruas por



bicicletas brancas, na festa pública orgiástica e hedonista. Em Seattle, ocuparam quarteirões inteiros, com uma megafesta-bicicletada, de forma a impedir o acesso dos delegados das nações à reunião da OMC. [vide *Batalha de Seattle*]

TAZ – desagravo profundo a todas as formas fixas; rebelião que não confronta o Estado diretamente, mas opera um agenciamento de “...guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se refazer em outro lugar e outro momento, antes que o Estado possa esmagá-lo” (BEY, 2001, p. 17). nenhum respeito por nada... uma ofensa imperdoável aos cânones anarquistas, aos militantes da santa igreja dogmática do anarquismo.

Vegan – paleta de cores e tons variados, mas com um único propósito: extensão de uma ética da vida a todos os animais não-humanos; prática vegetariana como ação política; epifania de sabores.

Vegetarianismo Político – ambientalismo da boca para dentro; vide *Vegan*.

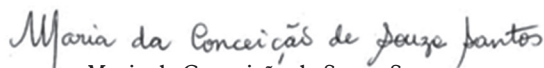
Zine – espaço autônomo de produção e circulação de desejos; revistinhas subversivas, disseminadoras de insurgências libertárias; o punk criou o zine, o zine [re]criou o punk.



DECLARAÇÃO DE REVISÃO DO VERNÁCULO

Declara-se, para constituir prova junto à Coleção Práticas Educativas, vinculada à Editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUECE), que, por intermédio do profissional infra-assinado, foi procedida a correção gramatical e estilística do livro intitulado **Corpos Movediços, Vivências Libertárias: a criação de confetos sociopoéticos acerca da autogestão**, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos do novo Acordo Ortográfico Lusófono, vigente desde 1º de janeiro de 2009.

Fortaleza-CE, 10 de agosto de 2018.


Maria da Conceição de Souza Santos



DECLARAÇÃO DE NORMALIZAÇÃO

Declara-se, para constituir prova junto à Coleção Práticas Educativas, vinculada à Editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUECE), que, por intermédio do profissional infra-assinado, foi procedida a normalização do livro intitulado **Corpos Movediços, Vivências Libertárias: a criação de confetos sociopoéticos acerca da autogestão**, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos das normas vigentes decretadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Fortaleza-CE, 10 de agosto de 2018.


Maria da Conceição de Souza Santos

**COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS**

01. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Assistência à criança e ao adolescente infrator no Brasil: breve contextualização histórica*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 105 p. ISBN: 978-85-7826-199-3.
02. VASCONCELOS, José Gerardo. *O contexto autoritário no pós-1964: novos e velhos atores na luta pela anistia*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 63 p. ISBN: 978-85-7826-211-2.
03. SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza; BRANDENBURG, Cristine; SANTOS JÚNIOR, Francisco Fleury Uchôa (Org.). *Educação e saúde: um olhar interdisciplinar*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 212 p. ISBN: 978-85-7826-225-9.
04. SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula (Org.). *Golpe de 1964: história, geopolítica e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 342 p. ISBN: 978-85-7826-224-2.
05. SILVA, Sammia Castro; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza (Org.). *Capoeira no Ceará*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 156 p. ISBN: 978-85-7826-218-1.
06. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra Haydée; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques (Org.). *Tudo que não inventamos é falso: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 488 p. ISBN: 978-85-7826-219-8.
07. PAULO, Adriano Ferreira de; MIRANDA, Augusto Ridson de Araújo; MARQUES, Janote Pires; LIMA, Jeimes Mazza Correia; VIEIRA, Luiz Maciel Mourão (Org.). *Ensino de História na educação básica: reflexões, fontes e linguagens*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 381 p.
08. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; PAZ, Sandra Regina (Org.). *Políticas, currículos, aprendizagem e saberes*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 381 p. ISBN: 978-85-7826-245-7.
09. VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza (Org.). *História e práticas culturais na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 229 p. ISBN: 978-85-7826-246-4.
10. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CASTRO, Edilson Silva; SILVA JÚNIOR, Roberto da (Org.). *Teologia, História e Educação na contemporaneidade*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 160 p. ISBN: 978-85-7826-237-2.
11. FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério (Org.). *Biografia de mulheres*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 163 p. ISBN: 978-85-7826-248-8.
12. MIRANDA, José da Cruz Bispo de; SILVA, Robson Carlos da (Org.). *Entre o derreter e o enferrujar: os desafios da educação e da formação profissional*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 401 p. ISBN: 978-85-7826-259-4.
13. SILVA, Robson Carlos da; MIRANDA, José da Cruz Bispo de (Org.). *Cultura, sociedade e educação brasileira: teceduras e interfaces possíveis*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 324 p. ISBN: 978-85-7826-260-0.



14. PETIT, Sandra Haydée. *Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afrodescendente e tradição oral africana na formação de professoras e professores – contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/03*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 253 p. ISBN: 978-85-7826-258-7.
15. SALES, José Albio Moreira de; SILVA, Bruno Miguel dos Santos Mendes da (Org.). *Arte, tecnologia e poéticas contemporâneas*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 421 p. ISBN: 978-85-7826-262-4.
16. LEITE, Raimundo Hélio (Org.). *Avaliação: um caminho para o descortinar de novos conhecimentos*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 345 p. ISBN: 978-85-7826-261-7.
17. CASTRO FILHO, José Aires de; SILVA, Maria Auricélia da; MAIA, Dennys Leite (Org.). *Lições do projeto um computador por aluno: estudos e pesquisas no contexto da escola pública*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 330 p. ISBN: 978-85-7826-266-2.
18. CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). *Psicologia da educação: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão*. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2015. 269 p.
19. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CACAU, Josabete Bezerra (Org.). *Juventudes e políticas públicas*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 247 p. ISBN: 978-85-7826-298-3.
20. LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de (Org.). *Didática e prática de ensino na relação com a escola*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 245 p. ISBN: 978-85-7826-296-9.
21. FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de (Org.). *Didática e prática de ensino na relação com a formação de professores*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 145 p. ISBN: 978-85-7826-293-8.
22. SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias (Org.). *Didática e prática de ensino na relação com a sociedade*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 213 p. ISBN: 978-85-7826-294-5.
23. CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena (Org.). *Didática e prática de ensino: diálogos sobre a escola, a formação de professores e a sociedade*. EdUECE, 2015. 257 p. ISBN: 978-85-7826-295-2.
24. VASCONCELOS, José Gerardo; RODRIGUES, Rui Martinho; ALBUQUERQUE, José Cândido Lustosa Bittencourt de (Org.). *Contratualismo, política e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 73 p. ISBN: 978-85-7826-297-6.
25. XAVIER, Antônio Roberto; TAVARES, Rosalina Semedo de Andrade; FIALHO, Lia Machado Fiuza (Org.). *Administração pública: desafios contemporâneos*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 181 p.
26. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CASTRO, Edilson Silva; CASTRO, Jéssyca Lages de Carvalho (Org.). *(Auto)Biografias e formação docente*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 229 p. ISBN: 978-85-7826-271-6.



27. FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTA-NA, José Rogério; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula; MARTINHO RODRIGUES, Rui (Org.). *História, literatura e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 299 p. ISBN: 978-85-7826-273-0.
28. MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano; ARAÚJO, Fátima Maria Leitão (Org.). *Ensino & linguagens da História*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 371 p. ISBN: 978-85-7826-274-7.
29. NUNES, Maria Lúcia da Silva; MACHADO, Charliton José dos Santos; VASCONCELOS, Larissa Meira de (Org.). *Diálogos sobre Gênero, Cultura e História*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 175 p. ISBN: 978-85-7826-213-6.
30. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade II*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 471 p. ISBN: 978-85-8126-094-5.
31. MARINHO, Maria Assunção de Lima; ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues; ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra (Org.). *Economia, políticas sociais e educação: tecendo diálogos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 194 p. ISBN: 978-85-7826-317-1.
32. FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACIEL, Francisco Cristiano Góes (Org.). *Polifonia em juventudes*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 234 p. ISBN: 978-85-7826-299-0.
33. SANTANA, José Rogério; BRANDENBURG, Cristine; MOTA, Bruna Germana Nunes; FREITAS, Munique de Souza; RIBEIRO, Júlio Wilson (Org.). *Educação e métodos digitais: uma abordagem em ensino contemporâneo em pesquisa*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 214 p. ISBN: 978-85-7826-318-8.
34. OLINDA, Ercília Maria Braga de; SILVA, Adriana Maria Simião da (Org.). *Vidas em romaria*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 438 p. ISBN: 978-85-7826-380-5.
35. SILVA JÚNIOR, Roberto da (Org.). *Educação brasileira e suas interfaces*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 158 p. ISBN: 978-85-7826-379-9.
36. MALOMALO, Bas'Illele; RAMOS, Jeannette Filomeno Pouchain (Org.). *Cá e acolá: pesquisa e prática no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 238 p.
37. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Assistência à criança e ao adolescente "infrator" no Brasil: breve contextualização histórica*. 2. ed. Fortaleza: EdUECE, 2016. 112 p. ISBN: 978-85-7826-337-9.
38. MARQUES, Janote Pires; FONSECA, Emanuelle Oliveira da; VASCONCELOS, Karla Colares (Org.). *Formação de professores: pesquisas, experiências e reflexões*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 194 p. ISBN: 978-85-7826-407-9.
39. SILVA, Henrique Barbosa; RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; CARVALHO, Alanna Oliveira Pereira (Org.). *A democratização da gestão educacional: criação e fortalecimento dos Conselhos Municipais de Educação no Ceará*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 144 p. ISBN: 978-85-7826-367-6.
40. SILVA, Lucas Melgaço da; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima; OLIVEIRA, Roberta Lúcia Santos de (Org.). *Estudos em educação: formação, gestão e prática docente*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 425 p. ISBN: 978-85-7826-433-8.



41. SILVA JÚNIOR, Roberto da; SILVA, Dogival Alencar da (Org.). *História, políticas públicas e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 183 p. ISBN: 978-85-7826-435-2.
42. VASCONCELOS, José Gerardo; ARAÚJO, Marta Maria de (Org.). *Narrativas de mulheres educadoras militantes no contexto autoritário brasileiro (1964-1979)*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 104 p. ISBN: 978-85-7826-436-9.
43. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade III*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 456 p. ISBN: 978-85-7826-437-6.
44. PORTO, José Hélcio Alves. *Escritos: do hoje & sempre poesias para todos momentos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 124 p. ISBN: 978-85-7826-438-3.
45. FIALHO, Lia Machado Fiuza; LOPES, Tania Maria Rodrigues; BRAN-DENBURG, Cristine (Org.). *Educação, memórias e narrativas*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 179 p. ISBN: 978-85-7826-452-9.
46. FIALHO, Lia Machado Fiuza; TELES, Mary Anne (Org.). *Juventudes em debate*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 355 p. ISBN: 978-85-7826-453-6.
47. ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra; SANTOS, Geórgia Patrícia Guimarães dos; CAVAINAC, Mônica Duarte (Org.). *Educação em debate: reflexões sobre ensino superior, educação profissional e assistência estudantil*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 243 p. ISBN: 978-85-7826-463-5.
48. SILVA, Lucas Melgaço da; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima (Org.). *As voltas da avaliação educacional em múltiplos caminhos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 425 p. ISBN: 978-85-7826-464-2.
49. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; MARTINS, Elcimar Simão (Org.). *Ensino médio: políticas educacionais, diversidades, contextos locais*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 235 p. ISBN: 978-85-7826-462-8.
50. NUNES, Maria Lúcia da Silva; TEIXEIRA, Mariana Marques; MACHADO, Charliton José dos Santos; ROCHA, Samuel Rodrigues da (Org.). *Eu conto, você conta: leituras e pesquisas (auto)biográficas*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 235 p. ISBN: 978-85-7826-506-9.
51. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Diálogos transdisciplinares*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 142 p. ISBN: 978-85-7826-505-2.
52. VASCONCELOS, José Gerardo; XAVIER, Antônio Roberto; FERREIRA, Tereza Maria da Silva (Org.). *História, memória e narrativas biográficas*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 191 p. ISBN: 978-85-7826-538-0.
53. SANTOS, Patrícia Fernanda da Costa; SENA, Flávia Sousa de; GONÇALVES, Luiz Gonzaga; FURTADO, Quezia Vila Flor (Org.). *Memórias escolares: quebrando o silêncio...* Fortaleza: EdUECE, 2017. 178 p. ISBN: 978-85-7826-537-3.
54. CARVALHO, Scarlett O'hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo. *O pedagogo na Assistência Social*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 122 p. ISBN: 978-85-7826-536-6.
55. FIALHO, Lia Machado Fiuza; LOPES, Tania Maria Rodrigues (Org.). *Docência e formação: percursos e narrativas*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 198 p. ISBN: 978-85-7826-551-9.



56. LEITE, Raimundo Hélio; ARAÚJO, Karlane Holanda; SILVA, Lucas Melgaço da (Org.). *Avaliação educacional: estudos e práticas institucionais de políticas de eficácia*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 242 p. ISBN: 978-85-7826-554-0.
57. CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima; SILVA, Lucas Melgaço da; ARAÚJO, Karlane Holanda (Org.). *Avaliação da aprendizagem: a pluralidade de práticas e suas implicações na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 380 p. ISBN: 978-85-7826-553-3.
58. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares (Org.). *Pesquisa em ensino e interdisciplinaridades: aproximações com o contexto escolar*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 178 p. ISBN: 978-85-7826-560-01.
59. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade IV*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 346 p. ISBN: 978-85-7826-563-2.
60. MUNIZ, Cellina Rodrigues (Org.). *Linguagens do riso, práticas discursivas do humor*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 186 p. ISBN: 978-85-7826-555-7.
61. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Talvez em nome do povo... Uma legitimidade peculiar*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 340 p. ISBN: 978-85-7826-562-5.
62. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Política, Identidade, Educação e História*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 172 p. ISBN: 978-85-7826-564-9.
63. OLINDA, Ercília Maria Braga de; GOLDBERG, Luciane Germano (Org.). *Pesquisa (auto)biográfica em Educação: afetos e (trans)formações*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 445 p. ISBN: 978-85-7826-574-8.
64. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *O desafio do conhecimento histórico*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 130 p. ISBN: 978-85-7826-575-5.
65. RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; FAÇANHA, Cristina Soares; COELHO, Tâmara Maria Bezerra Costa (Org.). *Costurando histórias: conceitos, cartas e contos*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 182 p. ISBN: 978-85-7826-561-8.
66. BRANDENBURG, Cristine; SILVA, Jocysana Cavalcante da; SILVA, Jáderson Cavalcante da (Org.). *Interface entre Educação, Educação Física e Saúde*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 211 p. ISBN: 978-85-7826-576-2.
67. FARIAS, Isabel Maria Sabino de; JARDILINO, José Rubens Lima; SILVESTRE, Magali Aparecida; ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de (Org.). *Pesquisa em Rede: diálogos de formação em contextos coletivos de conhecimento*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 171 p. ISBN: 978-85-7826-577-9.
68. MOREIRA, Eugenio Eduardo Pimentel; RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; MARQUES, Cláudio de Albuquerque (Autores). *Implantação e atuação do Sistema de Monitoramento e avaliação do Programa Seguro-Desemprego: estudo de caso*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 340 p. ISBN: 978-85-7826-591-5.
69. XAVIER, Antônio Roberto; FERREIRA, Tereza Maria da Silva; MATOS, Camila Saraiva de (Orgs.). *Pesquisas educacionais: abordagens teórico-metodológicas*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 271 p. ISBN: 978-85-7826-602-8.
70. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; COSTA, Hercilene Maria e Silva (Orgs.). *Entrelugares: Tecidos Sociopoéticos em Revista*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 273 p. ISBN: 978-85-7826-628-8.



71. MACHADO, Maria do Livramento da Silva (Orgs.). *Jovens bailarinas de Vazantinha: conceitos de corpo nos entrelaces afroancestrais da dança na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 337 p. ISBN: 978-85-7826-637-0.
72. MACHADO, Maria do Livramento da Silva (Orgs.). *Jovens bailarinas de Vazantinha: conceitos de corpo nos entrelaces afroancestrais da dança na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 337 p. ISBN: 978-85-7826-638-7 (E-BOOK).
73. SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. *Jovens circenses na corda bamba: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 227 p. ISBN: 978-85-7826-639-4.
74. SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. *Jovens circenses na corda bamba: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 227 p. ISBN: 978-85-7826-640-0 (E-BOOK).
75. SILVA, Krícia de Sousa. *"Manobras" sociopoéticas: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 224 p. ISBN: 978-85-7826-641-7.
76. SILVA, Krícia de Sousa. *"Manobras" sociopoéticas: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 224 p. ISBN: 978-85-7826-636-3 (E-BOOK).
77. Vieira, Maria Dolores dos Santos. *Entre acordes das relações de gênero: a Orquestra Jovem da Escola "Padre Luis de Castro Brasileiro" em União-Piauí*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 247 p. ISBN: 978-85-7826-647-9.
78. XAVIER, Antônio Roberto; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo (Autores). *História, memória e educação: aspectos conceituais e teórico-epistemológicos*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 193 p. ISBN: 978-85-7826-648-6.
79. MACHADO, Charliton José dos Santos (Org.). *Desafios da escrita biográfica: experiências de pesquisas*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 237 p. ISBN: 978-85-7826-654-7.
80. MACHADO, Charliton José dos Santos (Org.). *Desafios da escrita biográfica: experiências de pesquisas*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 237 p. ISBN: 978-85-7826-653-0 (E-BOOK).
81. OLIVEIRA, Mayara Danyelle Rodrigues de. *Rabiscos rizomáticos sobre alegria na escola*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 210 p. ISBN: 978-85-7826-651-6.
82. OLIVEIRA, Mayara Danyelle Rodrigues de. *Rabiscos rizomáticos sobre alegria na escola*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 210 p. ISBN: 978-85-7826-652-3 (E-book).
83. SOUZA, Sandro Soares de. *Corpos movediços, vivências libertárias: a criação de confetos sociopoéticos acerca da autogestão*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 275 p. ISBN: 978-85-7826-650-9.
84. SOUZA, Sandro Soares de. *Corpos movediços, vivências libertárias: a criação de confetos sociopoéticos acerca da autogestão*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 275 p. ISBN: 978-85-7826-649-3 (E-book).